

PUCRS

ESCOLA DE COMUNICAÇÃO, ARTES E DESIGN  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM  
COMUNICAÇÃO SOCIAL

ALINE LOUISE QUEIROGA DE ARAÚJO

**IMAGINÁRIO POLÍTICO NA PÓS-MODERNIDADE – MÍDIA E NARRATIVAS SOBRE O  
COMUNISMO EM DISPUTA NAS ELEIÇÕES DE 2014 NO MARANHÃO**

Porto Alegre  
2019

PÓS-GRADUAÇÃO - *STRICTO SENSU*



Pontifícia Universidade Católica  
do Rio Grande do Sul

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

ALINE LOUISE QUEIROGA DE ARAÚJO

**IMAGINÁRIO POLÍTICO NA PÓS-MODERNIDADE – MÍDIA E NARRATIVAS  
SOBRE O COMUNISMO EM DISPUTA NAS ELEIÇÕES DE 2014 NO MARANHÃO**

Porto Alegre  
2019

ALINE LOUISE QUEIROGA DE ARAÚJO

**IMAGINÁRIO POLÍTICO NA PÓS-MODERNIDADE – MÍDIA E NARRATIVAS  
SOBRE O COMUNISMO EM DISPUTA NAS ELEIÇÕES DE 2014 NO MARANHÃO**

Dissertação apresentada como requisito para a obtenção do grau de Mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Escola de Comunicação, Arte e Design da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Orientador: Prof. Dr. Juremir Machado da Silva

Porto Alegre  
2019

## Ficha Catalográfica

A663i Araújo, Aline Louise Queiroga de

Imaginário político na pós-modernidade : Mídia e narrativas sobre o comunismo em disputa nas eleições de 2014 no Maranhão / Aline Louise Queiroga de Araújo . – 2019.

232.

Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, PUCRS.

Orientador: Prof. Dr. Juremir Machado da Silva.

1. Comunicação. 2. Imaginário. 3. Opinião Pública. 4. Eleições.  
I. Silva, Juremir Machado da. II. Título.

ALINE LOUISE QUEIROGA DE ARAÚJO

**IMAGINÁRIO POLÍTICO NA PÓS-MODERNIDADE – MÍDIA E NARRATIVAS  
SOBRE O COMUNISMO EM DISPUTA NAS ELEIÇÕES DE 2014 NO MARANHÃO**

Dissertação apresentada como requisito para a obtenção do grau de Mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Escola de Comunicação, Arte e Design da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Aprovada em: \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

BANCA EXAMINADORA:

---

Orientador: Prof. Dr. Juremir Machado da Silva (PUCRS)

---

Examinadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Li-Chang Shuen Cristina Silva Sousa (UFMA)

---

Examinadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Juliana Tonin (PUCRS)

Porto Alegre

2019

*É impossível, ou pelo menos enganoso, tentar explicar com os  
olhos e a realidade de hoje o que víamos com os olhos de  
ontem na realidade de ontem.*

Flávio Tavares

## AGRADECIMENTOS

Este trabalho é reflexo de um amadurecimento numa intensa relação pesquisa-vida-mundo e cujas dimensões ultrapassam os livros, as bibliotecas e os jornais. Por isso, são muitos a quem agradeço.

A meu orientador, Juremir Machado da Silva, pelas palavras de desafio e abertura a enxergar o que está ao nosso redor e parece óbvio, mas passa despercebido muitas vezes. Seja pela leitura de seus textos ou reuniões de orientação e pesquisa, foi fundamental para me permitir abandonar as caixinhas de ideias pré-estabelecidas e abrir-me à paixão dentro da pesquisa.

Às professoras Juliana Tonin e Li Cristina, pelas reflexões quase constantes e por contribuírem com o amadurecimento do pensar. E junto a elas, outros professores fundamentais: Antonio Hohlfeldt, Cristiane Maffacioli e Francisco Rüdiger. À Capes, apoio sem o qual esta pesquisa não seria possível.

Ao meu parceiro para tudo, Juliano Corbellini, por cada diálogo, leitura, consideração, paciência e sobretudo por cada gesto de cuidado que nunca negou. Suas palavras de incentivo e companheirismo ao longo desta jornada, que começa muitos anos antes, foram lenhas que nunca deixaram a chama da motivação me faltar.

Aos meus pais, Leônia e Manoel, por sempre confiarem e me permitir sonhar. Com eles, aprendi que ir mais longe é o sentido da nossa existência. Junto a eles, agradeço aos saudosos Adolfo, Ivonete e Maria, ao sempre forte José Felizardo, meus avós carinhosos, cujas raízes do sertão estão em mim tatuadas e que procuro ressignificar todos os dias. A Emanuel, Luís Gustavo, Karol, Pedro Lucas e Arthur por nunca faltarem com amor e atenção, mesmo à distância. Aprendi ser impossível crescer sem afeto. Aos Corbellini, em cuja morada me senti em casa.

A Aleny, Caroline, Dall, Geraldo, Ludymilla, Mariana, Natasha, Olga, Rafaela, Raphaella, Renata, Tamires, Thaís, Thayse, Vanessa e Vicente, cujos laços de amizade se reforçaram com a distância. Por ouvirem minhas preocupações, entenderem que meu pensamento está sempre com eles, apesar da minha distração constante. Obrigada por nunca me faltarem, mas mandarem calor em forma de mensagem, sempre que possível.

Aos companheiros de pós-graduação, que levo certamente para a vida, minha gratidão por tudo o que compartilhamos. Em especial a Bárbara, Cândida, Fagner,

Francisco, Larissa, Luana, Ludimila, Mariana, Mauren, Otávio, Patrícia, Paula, Wagner e Anderson. Sinto cada diálogo com vocês como momentos de grande valor.

A Flávio Dino, Carlinhos, Leandro, Liu, Camila, Daniela, Joslene, Rafaela, Márcio, Fábio, Chagas, Dionísio e demais colegas de andanças pelo Maranhão afora, ao lado de quem aprendi muito sobre o meu chão. A Claudio e Iracema, pelo suporte fundamental. Agradeço a oportunidade de crescer com vocês.

## RESUMO

Este trabalho analisa as expressões do imaginário político sobre o comunismo na mídia durante a eleição de 2014 no Maranhão, quando foi eleito o primeiro governador filiado a um partido comunista da história do Brasil. Partindo das reflexões teóricas que discutem as mudanças ocorridas nas narrativas políticas na pós-modernidade, esta dissertação considera a centralidade dos estudos sobre o imaginário para compreender a circulação de ideias, valores e sentimentos diante da esfera política nas sociedades contemporâneas. Apresentando as expressões deste imaginário político na mídia e as transfigurações eleitorais na pós-modernidade, este trabalho tensiona construção das narrativas midiáticas e a formação da opinião pública, observando os limites da intervenção dos aparatos midiáticos sobre as decisões eleitorais e ressaltando a relevância das dinâmicas do imaginário para a mobilização das ideias políticas. Considerando este ponto de vista teórico, são analisados quatro meses de noticiário e propaganda partidária para construir o cenário em que as disputas narrativas acerca do imaginário sobre o comunismo ocorreram, reunindo os principais temas e argumentações que reeditam, atualizam e ressignificam este imaginário histórica e socialmente constituído no país.

**PALAVRAS-CHAVE:** Comunicação. Imaginário. Opinião Pública. Eleições.

## **ABSTRACT**

This research analyzes the communist political imaginary on media during the 2014 Maranhão's election, when the first governor affiliated in a communist party wins an election in the Brazil's history. From the theoretical view about changes in the political narratives' changes in the post-modernity, this essay considers the importance of the imaginary's studies for understand the sharing of ideas, values and emotions in the policial sphere in contemporary societies. Introducing this imaginary's expressions on media and the electoral transfigurations in the post-modernity, a parallel is made between the media narratives and the formation of public opinion, observing the limits of the mass media on the electoral decisions. The relevance of the concept and dynamics of the imaginary is also highlighted to understand the current political mobilization of ideas and values. Considering this theoretical view, the essay analyses the media narratives and party propaganda during four months. It build a scenery of narratives contests about communist imaginary, with the most important themes and arguments wich reissue, update and give new meanings to this imaginary observed in the national history and society.

**KEYWORDS:** Communication. Imaginary. Public Opinion. Elections.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Tabela 1</b> - Subcategorias que emergem do conteúdo de <i>O Estado do Maranhão</i> , programas eleitorais do PMDB e entrevistas à TV Mirante.....	97
<b>Tabela 2</b> - Categorias aglutinadoras do imaginário sobre o comunismo .....	100
<b>Tabela 3</b> - Subcategorias que emergem do conteúdo dos programas eleitorais e das entrevistas concedidas pelo candidato comunista à TV Mirante .....	102
<b>Tabela 4</b> - Categorias aglutinadoras do imaginário sobre o comunismo na visão do comunista .....	103
<b>Figura 1</b> - Charges dos textos 263 e 110 .....	106
<b>Figura 2</b> - Charge do texto 154 .....	107
<b>Figura 3</b> - Charge do texto 124 .....	115
<b>Figura 4</b> - Charge do texto 126 .....	123
<b>Figura 5</b> - Charge do texto 197 .....	125
<b>Figura 6</b> - Charge do texto 282 .....	128
<b>Figura 7</b> - Charge do texto 96 .....	129
<b>Figura 8</b> – Reprodução do texto 321 .....	131
<b>Gráfico 1</b> - quantitativo sobre o noticiário em <i>O Estado do Maranhão</i> e o uso do termo “comunismo” como ponto central dos textos .....	136

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>15</b>
<b>2 MÍDIA E IMAGINÁRIO NA CONTEMPORANEIDADE .....</b>	<b>23</b>
2.1 O IMAGINÁRIO E AS IDEIAS EM CIRCULAÇÃO .....	24
2.1.1 Imaginário e Real .....	27
2.1.2 Imaginário, a cola do social e a ambiguidade .....	29
2.1.3 Imaginário e partilha .....	30
2.1.4 Imaginário e a dinâmica das ideias .....	32
2.2 O IMAGINÁRIO COMO BACIA SEMÂNTICA .....	34
2.3 AS TECNOLOGIAS DO IMAGINÁRIO CONTEMPORÂNEAS .....	38
<b>3 IMAGINÁRIO, MÍDIA E AS MUDANÇAS NAS NARRATIVAS ELEITORAIS.....</b>	<b>44</b>
3.1 A TRANSFIGURAÇÃO DO POLÍTICO OU O FIM DAS GRANDES NARRATIVAS .....	45
3.2 O IMAGINÁRIO POLÍTICO - EM TORNO DE UMA PARTILHA AFETUAL .....	49
3.3 A DIMENSÃO IDEOLÓGICA .....	52
3.4 COMUNICAÇÃO E POLÍTICA: DISPUTA PELA OPINIÃO PÚBLICA OU PELO AFETUAL? .....	56
3.5 DECISÕES ESPETACULARIZADAS - IMAGINÁRIO, MÍDIA E OPINIÃO PÚBLICA.....	59
<b>4 O IMAGINÁRIO COMUNISTA NA MÍDIA BRASILEIRA.....</b>	<b>63</b>
4.1 POR QUE IMAGINÁRIO COMUNISTA?.....	63
4.1.1 Em torno de um conceito ideológico .....	65
4.1.2 Raízes socioculturais do anticomunismo no Brasil .....	69
4.2 O COMUNISMO COMO ESPETÁCULO: INGREDIENTES IMAGINAIS .....	73
4.2.1 O aspecto maligno no religioso.....	75
4.2.2 Patologias na sociedade e os infiltrados.....	75
4.2.3 Ameaça à nação brasileira .....	76
4.2.4 O perigo à moralidade .....	76
4.2.5 A realidade ocultada do “inferno comunista” .....	77
4.2.6 A violência tresloucada, ou a Intentona .....	77
4.2.7 O herói que ilude.....	79
4.3 NAS PEGADAS DO IMAGINÁRIO SOBRE O COMUNISMO NO BRASIL.....	79

<b>5 O OLHAR PARA O FENÔMENO: REFLEXÕES METODOLÓGICAS</b> .....	<b>81</b>
5.1 A POLIFONIA DO SOCIAL .....	81
5.2 RELAÇÃO ENTRE O PESQUISADOR E O OBJETO .....	82
5.3 O PLURALISMO CAUSAL .....	83
5.4 A VISÃO CALEIDOSCÓPICA PARA O FENÔMENO .....	84
5.5 O PERCURSO DE DESVENDAMENTO .....	85
5.6 APROXIMAÇÃO DO OBJETO EMPÍRICO .....	86
5.7 MATERIAIS ANALISADOS .....	87
5.8 ANÁLISE TEXTUAL DISCURSIVA .....	88
<b>6 IMAGINÁRIO SOBRE O COMUNISMO NO MARANHÃO NAS ELEIÇÕES DE 2014</b> .....	<b>92</b>
6.1 BREVE ECOLOGIA DE UMA MÍDIA CONCENTRADA: O MARANHÃO EM 2014 .....	94
6.2 ANTICOMUNISMO PÓS-MODERNO: TEMAS E CATEGORIAS .....	96
6.3 RESSIGNIFICANDO A IDEOLOGIA: PRESENCAS E AUSÊNCIAS NO DISCURSO DO COMUNISTA .....	101
<b>7 IMAGINÁRIO SOBRE O COMUNISMO: REPETIÇÃO E DIFERENÇA NA ARENA DE DISPUTA DE SENTIDOS</b> .....	<b>104</b>
7.1 INTERPRETAÇÃO E CRÍTICA .....	134
<b>8 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>145</b>
<b>APÊNDICE A – JUNHO/2014</b> .....	<b>157</b>
<b>APÊNDICE B – JULHO/2014</b> .....	<b>165</b>
<b>APÊNDICE C – AGOSTO/2014</b> .....	<b>175</b>
<b>APÊNDICE D – SETEMBRO/2014</b> .....	<b>190</b>
<b>APÊNDICE E – OUTUBRO/2014</b> .....	<b>207</b>
<b>APÊNDICE F - ARTIGOS DOMINICAIS DE JOSÉ SARNEY EM O ESTADO DO MARANHÃO</b> .....	<b>210</b>
<b>APÊNDICE G – Programas eleitorais do candidato Lobão Filho (PMDB) veiculados no Horário Eleitoral Gratuito de TV</b> .....	<b>213</b>
<b>APÊNDICE H – Programas eleitorais do candidato Flávio Dino (PCdoB) veiculados no Horário Eleitoral Gratuito de TV</b> .....	<b>215</b>
<b>APÊNDICE I - Transcrição da entrevista de Flávio Dino concedida à TV Mirante, edição das 19h</b> .....	<b>218</b>
<b>APÊNDICE J - Transcrição da entrevista de Flávio Dino concedida à TV Mirante, edição das 12h</b> .....	<b>222</b>

<b>APÊNDICE L - Transcrição da entrevista concedida por Lobão Filho à TV Mirante, edição das 12h .....</b>	<b>228</b>
--	------------

## 1 INTRODUÇÃO

O campo midiático em que se desenvolvem as disputas eleitorais tem se mostrado um lugar cada vez menos receptivo às grandes narrativas ideológico-partidárias racionalizantes e constituindo-se por expressões que interpelam o societal através de um complexo sistema de imaginários e afetos coletivamente compartilhados. É o que diversos pesquisadores que se dedicam a compreender a sociedade pós-moderna, com os quais este trabalho terá intenso diálogo, têm se dedicado ao longo das últimas décadas e constatado. Ou seja, o campo midiático da disputa eleitoral é cada vez menos dominado pelas narrativas racionalizantes e passa a expressar-se através de construções afetuais, emocionais, sensíveis e imagéticas (MAFFESOLI, 1999, p. 19).

Nas sociedades pós-modernas, o campo da Comunicação tem se configurado como espaço privilegiado na disputa pelo poder político. As campanhas publicitárias durante as eleições, as matrizes do noticiário, as entrevistas concedidas pelos candidatos e os debates televisionados ou havidos pelas redes sociais são exemplos do papel central que a mídia em todas as suas extensões possui no período eleitoral no Brasil no século XXI.

Entendendo a Comunicação como importante tecnologia do imaginário na contemporaneidade (SILVA, 2003), este trabalho analisa o fenômeno midiático de caracterização, construção e disputas simbólicas em torno de um candidato comunista – o qual não se deu através de narrativas racionalizantes e programáticas, mas pelo acionamento de uma verdadeira bacia semântica (DURAND, 2002; SILVA, 2017a) composta por imagens e sentimentos social e historicamente constituídos.

Mesmo referindo-se a disputa entre diferentes propostas de governo, as eleições atuais relacionam-se permanentemente com os imaginários sociais e podem ligar-se diretamente a candidatos que disputam os espaços de poder institucionalizados. As diferentes expressões das propagandas político-partidárias e as instituições midiáticas noticiosas fazem-nos vir à tona, por diversos caminhos. É o caso dos discursos, das entrevistas e dos pronunciamentos que se mostram cheios de argumentos racionalizantes e se pretendem estritamente lógicos, mas estão envoltos por características que podem ser melhor analisadas quando observados seus aspectos afetuais e/ou

não-lógicos (MAFFESOLI, 1999, 2005) expressos nesses mesmos discursos. A dedicação e investimento que se faz na escolha das músicas (*jingles*), das cores, das roupas e do tom de voz do candidato, por exemplo, fazem parte de estratégias que recorrem a esses apelos não-rationais, podendo fazer a diferença na decisão do pleito.

Esses elementos estão contidos nas campanhas eleitorais, seja na partilha societal de uma ideologia (MAFFESOLI, 1985, 2001, 2005), seja na identificação com candidatos-heróis (SUSCA, 2007) ou pelo provocar do medo diante de vilões supostamente escondidos em discurso de mocinhos. Diversos são os exemplos ao redor do mundo, na sociedade atual, passíveis de ilustrar os imaginários políticos que percorrem os meios de comunicação e as sociedades como bacias semânticas que se movimentam formando (e transformando) sentimentos, opiniões, consensos e dissensos.

Na pesquisa que se apresenta, parte-se de tal concepção para compreender um fenômeno ocorrido no Maranhão, estado do Nordeste brasileiro marcado na segunda metade do século XX e começo do XXI pelo comando do poder estatal concentrado pelo grupo político chefiado pelo ex-presidente da República José Sarney, durando quase cinco décadas.

No ano de 2014, o poderio do comando do Executivo Estadual por esse grupo esteve em xeque diante da possibilidade de vitória de um candidato que lhes fazia oposição, o ex-juiz federal Flávio Dino. A hipótese, como se sabe, acabou se confirmando. Filiado ao Partido Comunista do Brasil (PCdoB), ele liderava as pesquisas de intenção de voto que delineavam as preferências momentâneas da opinião pública ao longo dos quatro meses de disputa oficial pelo voto.

Acompanhando esse período, uma questão fica premente diante do cenário da Comunicação naquele estado: Durante os meses em que transcorreu a campanha partidária, diferentes meios de comunicação (entre jornais impressos, programas de rádio, de TV, blogs e sites noticiosos) deram destaque a discussões em torno da ideologia comunista, tendo como abordagem predominante uma visão negativa envolvendo diversos fatores que compuseram esse imaginário, ou seja, “o museu de imagens produzidas e a serem produzidas” (DURAND, 1998, p. 6) sobre esse ideal político e sobre os indivíduos partidários dessa concepção de mundo. Tal agenda jornalística coincidia com a

estratégia propagandista de um dos candidatos, que figurava em segundo lugar nas pesquisas de opinião. Era ele Lobão Filho, filiado ao Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB), suplente de senador na vaga cujo mandatário era seu pai, Edson Lobão, e ligado ao grupo liderado pelo ex-presidente José Sarney, hegemônico até então. Este mesmo grupo detinha, no contexto local, um expressivo número de concessões públicas de rádio e TV (COUTO, 2007).

Acionando discursos, emoções e símbolos referentes ao museu de imagens e sentimentos brasileiro em torno do comunismo ao longo do processo eleitoral, grande parte das empresas jornalísticas e notadamente a campanha liderada PMDB lançaram mão do imaginário sobre o comunismo, que se constituiu negativamente no Brasil ao longo do século XX, como veremos, ao longo dos meses de campanha em 2014. O assunto esteve bastante presente na agenda da mídia noticiosa e também da propaganda partidária, que apostavam em narrativas voltadas a despertar desconfiança e medo no candidato que liderava as intenções de voto e era filiado ao PCdoB.

Apelos aos supostos usos da violência, à contrariedade diante da religiosidade, ao viés anti-democrático e à demagogia discursiva foram alguns eixos centrais que ilustraram esse imaginário historicamente dados e contemporaneamente dinamizados pelas mídias. Todos eles, como se verá (MOTTA, 2000; MARIANI, 1998), possuem raízes no imaginário político brasileiro que foi-se sedimentando em torno da ideologia comunista em todo o período republicano. E até mesmo antes disso (SILVA, 2017b).

De modo que esta pesquisa buscará, através da observação dos discursos em circulação na imprensa e na publicidade das coligações partidárias no período relativo às campanhas eleitorais de 2014, compreender a expressão desse imaginário político (MAFFESOLI, 1999, 2000, 2005) que esteve em circulação através dos diferentes tipos de mídia.

Sabendo que o imaginário calcado no sentimento anticomunista foi predominante no Brasil e em países da América Latina durante todo o século XX, faz-se necessário entender como ele voltou à tona no pleito em um Estado brasileiro, mesmo após o fim da União Soviética e do restabelecimento dos pilares democráticos na República do Brasil, findo o período da ditadura militar e seu combate ao chamado “perigo vermelho” (MOTTA, 2000). Dado isto, pode-se explicitar as divergências existentes entre a perspectiva do agendamento

mediático e o funcionamento dos imaginários políticos contemporâneos (SILVA, 2017a, 2016): eles podem ser agendados ao bel prazer do sistema midiático?

Trata-se, à primeira vista, de um paradoxo importante a ser desvelado e que merece atenção de estudos que descrevam e busquem compreender as diferentes nuances que envolveram o reaparecimento de tal imaginário nos meios de comunicação no século XXI. Ao tempo em que houve uma predominância do âmbito da mídia (na imprensa e nos conteúdos publicitários de um dos candidatos), por outro lado o tema pautado nos meios de comunicação não alterou o cenário eleitoral que se desenrolava fora da esfera midiática, não havendo oscilação nas pesquisas de intenção de votos em detrimento do candidato comunista – o que acabou se retratando no resultado final da disputa pelo Governo do Estado, com o candidato do PCdoB tendo vencido o pleito com mais de 64% dos votos válidos.

Do ponto de vista comunicacional, este fenômeno merece atenção pela hipotética ineficácia do agendamento temático (McCOMBS, 2009) da opinião pública pela mídia. Estas observações vão ao encontro do entendimento de Edgar Morin (2010) sobre o funcionamento da *dimensão noológica*, em que as ideias, uma vez em circulação, não desaparecem – podem, no máximo, perder sua força e pregnância por um certo período.

Em determinados momentos, ideias/imaginários/mitos específicos estão em voga e influenciam fortemente as concepções de mundo dos indivíduos numa sociedade. Em outros, sua circulação arrefece, mas nunca some por completo. A partir dessa compreensão, é possível entender que o aparecimento dos imaginários sobre o comunismo expressos negativamente naquela eleição podem estar diretamente relacionados com outros eventos histórico-políticos ocorridos no Brasil ao longo de todo o século XX - desde o aparecimento do Partido Comunista Brasileiro (PCB) em 1922, passando pelo Estado Novo e pela ditadura instalada em 1964.

O fenômeno aqui abordado ajuda a ilustrar, portanto, as proximidades e distâncias entre o funcionamento dos *imaginários* através da *mídia*, tensionando esses dois elementos. É possível fabricar e agendar um imaginário tendo concentrado o poder comunicacional? A opinião pública está sempre em consonância com o que esperam os detentores do poder de publicar opiniões? E, por fim, por que a escolha de um imaginário político presente na história

recente de um país não foi capaz de influenciar decisivamente uma campanha eleitoral, embora tenha havido grande mobilização da opinião publicada em reativá-lo por diversas dimensões afetuais do público?

Em torno dessas questões, esta pesquisa objetiva trazer ao debate as proposições sobre o imaginário, as tecnologias contemporâneas pelas quais ele se expressa e investigar suas relações com a conformação da opinião pública, a partir de um acontecimento concreto, colocando em perspectiva também suas consequências imediatas, vistas como o resultado da disputa eleitoral.

Com a observação de um fenômeno midiático ocorrido no pleito de 2014 no Maranhão, passa-se a aprofundar o conhecimento acadêmico sobre a utilização e a expressão dos imaginários políticos durante as campanhas eleitorais. Pela observação das narrativas midiáticas encontradas no jornalismo e na publicidade, busca-se estabelecer e descrever de que modo esse imaginário foi reacionado naquelas eleições, seus temas principais, havendo repetição ou novidade sobre os temas discutidos em outros períodos. Procedese por uma análise de discurso, a partir da metodologia da Análise Textual Discursiva, uma reconstrução dos principais argumentos emergentes desse fenômeno. Isto se dá a partir da reunião de um grande número de textos a serem integrados e colocados sob interpretação e crítica.

Nessa vertente, a pesquisa que se apresenta insere-se como estudo de manifestações midiáticas envolvendo os fenômenos políticos e os imaginários. Esta meta, portanto, contextualiza-se nos estudos acadêmicos que se dedicam a desvelar e compreender as relações entre esses três polos (mídia, imaginário e política) nas sociedades pós-modernas.

Trata-se de uma contribuição relevante para a aproximação entre os estudos da Mídia e do Imaginário (mais especificamente os imaginários políticos), interface que tem despertado um interesse crescente nos estudos das sociedades contemporâneas. Isto acontece porque os estudos acadêmicos de mídia têm levado em consideração a importância dos afetos e dos imaginários na produção, circulação e consumo de seus produtos. Por outro lado, os estudos dos fenômenos da contemporaneidade também têm revelado a necessidade crescente de investigação das ligações entre os conteúdos midiáticos e a formação da opinião pública.

Para seguir esse caminho de pesquisa e desvelamento, serão discutidos na primeira parte deste trabalho as relações entre mídia e imaginário na contemporaneidade. Para compreender a importância dos estudos do imaginário nas sociedades espetacularizadas (DEBORD, 2002), aposta-se na reflexão sobre os modos de circulação e compartilhamento de ideias, imagens e sentimentos a partir das diferentes expressões da mídia, sendo esta considerada enquanto tecnologia dinamizadora do imaginário (SILVA, 2003, 2017a).

A segunda etapa de reflexões integrará o campo das disputas político-eleitorais às concepções de tecnologias do imaginário. A partir da revisão dos principais estudos em que se discutem os fenômenos políticos nas sociedades em que as mídias possuem papel preponderante, busca-se compreender a disputa pela opinião pública em um contexto de transfiguração do político (MAFFESOLI, 1999, 2005, 2012, 2016), declínio das grandes narrativas racionalizantes (LYOTARD, 1989) e predominância do imaginário (MAFFESOLI, 1999, 2005; SUSCA, 2007) enquanto fator indispensável para a compreensão dos fenômenos políticos contemporâneos.

A partir da concepção maffesoliniana (2010, 2016) que diferencia a opinião pública e a opinião publicada, buscando trazer ao centro do debate a busca pelo que se constitui enquanto “cimento da socialidade” (MAFFESOLI, 2005, 2012) em cada tempo, mostrando a necessidade de que o pesquisador do social abandone a postura que busca o dever ser para observar “aquilo que é”. Ou seja, aquilo que as evidências da observação dos elementos sociais mostram como pontos essenciais para a caracterização da ambiência e do espírito do tempo (MAFFESOLI, 2012). Com base nessas noções, serão tensionadas a concepção de opinião publicada e as (im)possibilidades de falseamento/apagamento do cimento societal que compõe verdadeiramente determinados tempo e sociedade.

O capítulo 4 abordará o imaginário sobre o comunismo no Brasil e na mídia. Inicialmente, a partir da concepção de imaginário já brevemente mencionada nesta introdução, será explicitada a existência de um imaginário relacionado ao comunismo no Brasil, composto por suas próprias imagens significativas, afetos mobilizados e conjunto de ideias socialmente compartilhadas. Para isso, será feito um breve histórico desta ideologia no país

(MOTTA, 2008) e suas raízes do pensamento e na mídia brasileiros (MARIANNI, 1998).

O quinto capítulo da pesquisa dedica-se às reflexões metodológicas capazes de integrar a complexidade dos fenômenos do imaginário político às narrativas midiáticas que serão analisadas. Nesta fase, apresentaremos a Análise Textual Discursiva (ATD) como método de trabalho capaz de fazer o objeto falar e fazer interagir as diversas vozes em profusão no objeto em estudo.

Neste contexto, o sexto capítulo abordará especificamente o imaginário sobre o comunismo nas eleições maranhenses de 2014, durante as quais um dos candidatos a governador era filiado ao PCdoB e opunha-se ao grupo político dominante, sendo este último detentor de grande parte das concessões públicas de rádio e TV, além dos jornais impressos em circulação.

Nesta parte empírica, o trabalho traz ao campo acadêmico um inventário de expressões, imagens, textos, entrevistas, notas, charges e artigos relacionados ao imaginário comunista e que estiveram em circulação nas mídias no Maranhão no período indicado. Tais componentes foram buscados nos registros do jornal de maior circulação no Estado, entrevistas na Tv Mirante (afiliada à rede Globo) e nos programas eleitorais de ambos os candidatos – formando um verdadeiro *patchwork compreensivo* (MAFFESOLI, 2005, 2011) capaz de fazer falar o objeto de pesquisa (SILVA, 2011).

Por este caminho, a análise explicitará categorias que compõem um tal inventário (por vezes, um verdadeiro bestiário) imagético e expressivo, em que o imaginário comunista, social e historicamente constituído, funcionou enquanto base semântica ao longo dos dois últimos séculos no Brasil.

Este fato, aparentemente paradoxal, abrirá uma fenda compreensiva que levará à discussão em torno da hipótese de Silva (2003, 2017a) segundo a qual um imaginário não pode ser fabricado em laboratório (ou sumariamente exumado de tempos anteriores, sem ligação com os valores vigentes) e nem será capaz de grandes mobilizações da opinião pública caso não esteja em consonância com o espírito do tempo.

Nesta pesquisa, em que o fator da concentração midiática por um grupo político possui grande relevância, agindo diretamente na determinação da agenda da mídia, dá-se a ver um espaço profundo e privilegiado para tal discussão que nos leva a compreender os limites existentes entre o poder da

mídia e a formação da opinião pública. Afinal, tem a mídia o poder total de agendamento de ideias e emoções, de despertar e reavivar um imaginário?

## 2 MÍDIA E IMAGINÁRIO NA CONTEMPORANEIDADE

Das primeiras horas do dia até o momento do repouso à noite, sejam quais forem os meios ao alcance da mão e do clique, a mídia<sup>1</sup> em suas mais diversas formas de expressão faz parte do cotidiano de cada vez maior parte dos cidadãos na sociedade pós-moderna. Enquanto isso, no senso comum, alguns demonizam a mídia por supostamente ser um meio eficaz de manipulação de opiniões, ao tempo em que outros ovacionam seu papel de integração e de fornecimento de informações de fácil acesso, ou seja, a pretensa democratização da informação feita pela ubiquidade. Entre polêmicas de diversas ordens, a mídia pode ser entendida atualmente enquanto espaço constituído nas sociedades contemporâneas por onde se produz, se expressa e faz circular aquilo que tem-se denominado de o *imaginário*, isto é, o museu de “todas as imagens passadas, possíveis, produzidas e a serem produzidas” pela humanidade (DURAND, 1998, p. 6).

Pelas versões impressas, de rádio, televisão, cartazes de rua ou redes sociais digitais e o conjunto quase inesgotável de possibilidades que elas disponibilizam, o imaginário, esse manancial de imagens mentais surgidas ao longo de séculos, deságua nos dias correntes em cada espaço do nosso cotidiano. Para Michel Maffesoli (2012, p. 105), o imaginário é um dos dois caracteres essenciais que delineiam o nosso tempo, juntamente com a dimensão cotidiana da vida.

Esses seriam os pilares para a compreensão dos fenômenos sociais de nossos tempos, em toda sua profundidade, salientando a centralidade dessas expressões, no período que caracteriza como pós-modernidade. Esta anexa ao pensamento, para além do puramente racional, a dimensão do sensível como fator necessário para que os estudos sejam capazes de captar o *espírito do tempo* (MAFFESOLI, 1985, 2001, 2012).

Quanto ao imaginário, ele poderia ser esse céu das ideias que, de uma forma um pouco misteriosa, garante a coesão do conjunto social. É uma característica cada vez mais solicitada. A política, o marketing, a administração vão fazer referência a isso

---

<sup>1</sup> Nesta pesquisa, a palavra “mídia” é utilizada com a acepção inicial que lhe foi conferida pela tradução do inglês para o termo *mass media*. Isto é, como sinônimo de meios de comunicação, nas suas mais diversas expressões, integrando diferentes linguagens possíveis entre imprensa e propaganda.

com frequência, chamando a atenção, com isso, para o fato de que só se pode captar o real a partir do que é, aparentemente o seu contrário: o irreal (MAFFESOLI, 2012, p. 105-106).

Uma exploração das expressões desse museu de imagens e que sustenta a nossa partilha societal faz-se necessária. Para trilhar um caminho compreensivo com a função de fazer emergir as interfaces entre mídia e imaginário no século XXI, é necessário antes de mais nada precisar e aprofundar a questão primeira: afinal, o que é imaginário? E por que aqui ele está sendo atrelado à mídia?

Se aquele, segundo Maffesoli, tem a força que torna possível haver certa coesão em nos grupos heterogêneos de indivíduos das sociedades atuais, funcionando enquanto *cola do social* (MAFFESOLI, 2012, p. 92), será aqui iniciada a busca de uma noção que explicita a proeminência do imaginário nas dinâmicas da sociedade pós-moderna, bem como o seu fortalecimento enquanto campo de estudos científicos.

## 2.1 O IMAGINÁRIO E AS IDEIAS EM CIRCULAÇÃO

Nas sociedades do tempo pós-moderno, período pelo qual ora passamos, o imaginário vai ganhando maior proeminência em relação àquelas calcadas no que Durand (1998) classificou como propagadoras de um *iconoclasmo endêmico*, cujo último grande ciclo deu-se com a predominância do racionalismo moderno advindo dos pensadores iluministas.

Ao longo do século XX e continuando no XXI, tão logo os meios de comunicação de massa passaram (re)produzir imagens e narrativas em maior quantidade e difundi-las em maior extensão territorial e populacional, diversos pensadores dedicaram-se a estudar as expressões do imaginário nos tempos atuais, pelos diversos meios de comunicação. Notadamente a partir da obra *As estruturas antropológicas do imaginário*, de Gilbert Durand, cuja primeira edição foi publicada em 1960, o campo científico abre caminho para estudos avançados sobre ele.

Na obra referida, o autor afirma que o imaginário, "ou seja, o conjunto das imagens e relações de imagens que constitui o capital pensado do *homo sapiens*" (DURAND, 2002, p. 19) atua como grande denominador onde vêm-se

encontrar as obras imaginativas e simbólicas da humanidade. O imaginário se expressa como um *trajeto antropológico* que recorre a uma troca incessante “entre as pulsões subjetivas e assimiladoras e as intimações objetivas que emanam do meio cósmico e social” (DURAND, 2002, p. 41). Isto quer dizer que na constituição própria do imaginário estão contidos dois marcos fundamentais, inseparáveis, isto é, de gênese recíproca. Tanto as condições sócio-culturais quanto as naturais e psicológicas atuam concomitantemente na formação dos imaginários, conforme explica:

É, de fato, nesse encontro que se formam esses 'complexos de cultura', que vêm render os processos psicanalíticos. Assim o trajeto antropológico pode indistintamente partir da cultura ou do natural psicológico, uma vez que o essencial da representação e do símbolo está contido entre esses dois marcos reversíveis (DURAND, 2002, p. 42).

O autor falava nessa dupla dimensão que origina e suporta o imaginário em uma dada sociedade: o que há de objetivo no meio social e o que há de subjetivo nele e nos indivíduos. Nessa troca constante, algo se materializa e se dá a ver como expressão (ou expressões) do imaginário. É o que explica Maffesoli ao comentar este conceito caro à obra de Gilbert Durand, que foi seu mestre: “Nisso entra, ao mesmo tempo, algo sólido, a vida com suas diversas modulações, e alguma coisa que ultrapassa essa solidez. Há sempre um vaivém entre as intimações objetivas e a subjetividade. Uma abre brechas na outra” (MAFFESOLI, 2001, p. 80).

Desde a publicação da obra capital de Durand, muito se discutiu e pesquisou em torno do imaginário. Sua definição precisa, no entanto, não é ponto pacífico. Para Maffesoli (2001, p. 75-77), sociólogo francês cuja trajetória é dedicada a compreender os fundamentos das sociedades contemporâneas, não é possível estabelecer um conceito rígido e definitivo para o imaginário. Ele realça que os estudos dessa área devem abandonar a busca pelo aprisionamento da *definição* e abrir-se para a fluidez da *noção* para entender a verdadeira acepção deste termo, ganhando assim em heterogeneidade e polissemia possíveis a partir de diferentes metodologias de estudo (MAFFESOLI, 1985, p. 130-139). A busca neste trabalho não será por uma definição final sobre o imaginário, mas por encontrar caminhos para compreender seu funcionamento.

Maffesoli e Silva, estudiosos que deram continuidade às reflexões durandianas sobre a centralidade do imaginário, trazem novos elementos aos debates em torno dessa noção. Para o primeiro, deve-se pensá-lo sempre enquanto fator de *socialidade*, em outras palavras, como elemento capaz de integrar as heterogeneias do mundo atual. Tonin e Azubel (2016), em artigo que reflete sobre as proximidades e renovações existentes nos pensamentos de Durand, Maffesoli e Silva nas pesquisas sobre os movimentos contemporâneos, mostram que tal ponto de vista persegue as pistas do estar junto que se constrói a partir dos meios de comunicação e a organização do imaginário: “através do apego às imagens, a comunicação, a informação e o imaginário estabelecem laço, unem-se” (TONIN; AZUBEL, 2016, p. 75).

Em ensaio sobre a comunicação na pós-modernidade, Maffesoli busca radiografar o lugar da mídia como fornecedora de informação, imagens e conteúdos para a opinião pública, mas advoga que essa característica nada mais significaria que a sua tentativa constante de criar uma comunidade com interesses e emoções em comum, através de uma vibração em comum (MAFFESOLI, 2008, p. 26). Para ele, há uma troca constante entre a sociedade e os meios de comunicação, em que estes “fornecem uma torrente de material, mas cada um absorve algo, um fragmento que faz sonhar, estabelecendo-se uma comunidade espiritual. Um grupo virtual de afinidades.” (MAFFESOLI, 2008, p. 27).

Não seria oportuno falar nesta perspectiva de um imaginário estritamente pessoal, forjado por uma única pessoa, - pois “todo imaginário é social” (MAFFESOLI, 2001, p. 75), ele afirma - o que salienta o imaginário e seu *valor da partilha*. Por sua vez, Silva ressalta que as investigações dessa noção avançam no que diz respeito às expressões do imaginário, ao passo que a sua configuração própria continua ainda um campo aberto a debates, investigações e reflexões:

Uma perspectiva cautelosa levaria a afirmar: sabe-se cada vez mais sobre os temas imaginários e ainda muito pouco sobre como eles se constituem (...). Imaginário, na linguagem juvenil, se o termo juvenil não foi uma expressão de velhos, é “aquilo que cola”, que pega, que faz sentido, mas que não pode ser reproduzido como um vírus de laboratório (SILVA, 2016, p. 62-63).

Diante dessas dificuldades presentes nos estudos do imaginário e do simbólico, algumas brechas significativas se revelam ao pesquisador. Em seu trabalho mais recente, que continua o esforço de compreensão em torno dessas noções, Silva abre alguns novos horizontes. Para ele, o imaginário é o lugar em que a humanidade agrega sentidos ao vivido e, sem o qual, restaria um imenso deserto do real sem significado.

O sentido só se dá no imaginário. Funciona como uma cobertura aplicada sobre uma superfície plana. Transforma o trivial em especial. Potencializa o banal até fazer dele o inimaginável. Reveste o acontecimento com uma película de singularidade. O sentido, como imaginário realizado, é sempre hiperespetacular e irrefutável. (...) Não tem dono nem demarcação definitiva. Conceitualmente escorregadio, resiste à camisa de força da precisão definidora (SILVA, 2017a, p. 22).

Diante desta imprecisão preme de significados para o viver numa sociedade hiper-espetacularizada (SILVA, 2012, p. 19-21; DEBORD, 2010), aponta-se a seguir quatro componentes que se completam reciprocamente e que são caros para avançarmos nos debates sobre a noção de imaginário. São eles a sua relação com o real (SILVA, 2017; MORIN, 2015), sua importância enquanto elemento do social (MAFFESOLI, 2001, 2012), a partilha societal (MAFFESOLI, 1985), sua ambiguidade (SILVA, 2017; MAFFESOLI, 2012; JORON, 2016) e a efervescência das ideias na *noosfera* (MORIN, 2011), que se desenvolve a partir dos imaginários, ideias, teorias e ideologias triunfantes em um determinado período.

### **2.1.1 Imaginário e Real**

Esclarecer a interdependência entre o imaginário e realidade é o nosso primeiro passo. Aparentemente, seriam duas visões antagônicas do mundo. No entanto, há um importante desenvolvimento do conhecimento humano que passa a admitir e descrever as relações indissociáveis entre o pensamento sobre o real e sobre o imaginário, há entre eles uma relação imbricada. Nas mais recentes reflexões de Silva, esta questão salta aos olhos. Para ele, o imaginário nunca é fictício, falso ou ilusório (SILVA, 2017a, p. 39). Ao contrário, ele povoa o que chama de “deserto do real” (SILVA, 2017a, p. 36) pelo acréscimo de sentido aos fatos, funcionando como *aura*.

Em busca de uma noção que permita ao pesquisador da Comunicação transitar pelos rastros do imaginário, Silva reafirma que os fatos relatados jornalisticamente existem e que há limites para o imaginário quando se trata de estudos da mídia informativa, mas adverte que a objetividade ou neutralidade jornalística não escapa às fendas abertas pela organização de qualquer narrativa:

O olhar produz o real, mas não o produz livremente. O imaginário, como motor das ações de cada um, condiciona o olhar e distorce o objeto. Não pode, contudo, produzir o que não vê. Esse é o paradoxo da adequação entre o olhar e o real (SILVA, 2017a, p. 40).

Da mesma forma, ele defende a existência do real para que se possa refletir sobre o imaginário (2017a, p. 71). Não se vive apenas em criações imaginativas. Neste ponto de vista, o imaginário está sempre "ancorado na vida", ainda assim sendo constituído por um "tecido de lendas, excessos e mitos cotidianos" (2017a, p. 71). O real e o irreal em relação constante, alimentando-se mutuamente com vivências, olhares e sentidos.

Do mesmo modo que não seria possível separar o imaginário do vivido, este último não pode ser usado como antônimo de realidade, embora funcione enquanto acréscimo de sentido, camadas que se sobrepõem ao real e que podem ser retiradas (SILVA, 2017a, p. 32). Isso pode ser feito a partir de processos de *arqueologia do imaginário*, fazendo uma ideia falar para além da estrutura lógico-racional, articulando fragmentos de discursos por aproximação, especulação e imaginação (SILVA, 2017a, p. 31).

Ao estudar o "conhecimento do conhecimento", Morin também teoriza sobre a relação entre o real e o imaginário. Para este filósofo, há uma "unidualidade do real e do imaginário" (MORIN, 2015b, p. 122-125): as duas camadas dos fatos que se vive sendo pensadas tanto quanto integrantes uma da outra, quanto dissociadas entre si. Morin afirma ainda que os dois polos são ao mesmo tempo diferentes e opostos, vivendo uma retroalimentação complexa. Com isto, o autor permite reflexões que apontem as relações entre real e imaginário. Mesmo sendo formados e formadores de/por dois mundos antagônicos, são também complementares um ao outro, um se alimenta do outro e *compõe o mundo que o compõe* numa relação de simbiose.

Na condição do funcionamento do pensamento humano, o mundo real (aqui, utilizado no sentido de concretude das experiências) não existe sem o outro mundo imaginário (o mundo simbólico onde as vivências ganham sentido), as duas instâncias vivendo juntas numa “encruzilhada entre o passado e o presente” através de um mundo noológico<sup>2</sup> pelo qual percebemos o real.

Para fazer funcionar essa *unidualidade* intrínseca, a “máquina cerebral do *sapiens*” percebe o mundo que o cerca objetiva e culturalmente através das representações que podem ser “uma imagem mental que se projeta e se identifica com a realidade exterior no ato da percepção, mas também se duplica e torna-se fantasia no ato da rememoração” (MORIN, 2015b, p. 122).

Existindo nessa relação inseparável entre real e imaginário, o conhecimento humano chega mesmo a sentir o efeito de real no sonho, sendo o inverso também uma possibilidade constante em nossas vivências. Também vive-se o sonho, o imaginário, o simbólico, no real. Assim, complementa o autor, a convivência entre concreto e fábula na dinâmica do *cogito* humano é ininterrupta:

A humanidade, portanto, utiliza as mesmas aptidões cerebrais para desenvolver simultaneamente um conhecimento cada vez mais objetivo do universo e as mais fabulosas construções de universos imaginários; coisa extraordinária, esses dois desenvolvimentos interferem sem parar um no outro (MORIN, 2015b, p. 124).

### 2.1.2 Imaginário, a cola do social e a ambiguidade

Na mesma linha, Maffesoli (2001b, p. 74-76) afirma que “o imaginário é uma realidade”, como uma atmosfera compartilhada entre os indivíduos de um determinado conjunto social em um determinado período de tempo. Sua característica primordial é ser uma partilha coletiva, um *cimento* que conforma as mentes de uma época com um “algo mais” acrescentado ao real. O imaginário apresenta elementos ligados ao racional ou à razoabilidade, “mas também outros parâmetros, como o onírico, o lúdico, a fantasia, o imaginativo, o afetivo,

---

<sup>2</sup> Será visto adiante que, no pensamento de Morin, é fundamental a noção de noologia, significando o estudo da produção, circulação e declínio das ideias nas diferentes culturas humanas.

o não-racional, o irracional, os sonhos, enfim, as construções mentais potencializadoras das chamadas práticas.” (MAFFESOLI, 2001b, p. 76).

Vale ressaltar a sua ambiguidade interior, isto é, o imaginário não se constrói como uma narrativa retilínea e incontestável. Ao contrário, uma de suas maiores forças está no fato de se compor por meio de contradições, narrativas que se complementam, mas não se bastam a si e precisam integrar um verdadeiro caleidoscópio do social (MAFFESOLI, 1985, p. 146), remontado pelos pesquisadores por colagem e aglutinação.

Mesmo um imaginário que se remeta a um período histórico datado, finalizado, não poderá jamais ser composto por uma narrativa uniformizante, pois é composto pela *polissemia que emana do social* e é nela que encontra a sua maior força. Joron, ao fazer a crítica do pensamento uniforme e das interpretações da sociedade que não admitem espaço para zonas de sombra e mistério (que existem e não podem ser ignoradas), que apostam numa iluminação total do conhecimento, afirma que até mesmo as “tendências históricas e sociológicas nunca são absolutas ou unilaterais e encontram seguidamente movimentos contrários, obstáculos, ilhas de crispação, tentativas de reinvenção cultural que freiam sua expansão ou desviam seu curso” (JORON, 2016, p. 41).

Seu significado, na hipótese da *camada semântica* que se sobrepõe aos fatos puros e sem sentido, não é único. Não atua como a agulha hipodérmica de sentido que se incute no espectador, como o mito do pensamento comunicacional que se formulou nos fundamentos dos estudos da área. No imaginário, a polifonia do social, a duplicidade de sentidos, as afirmações paradoxais e as composições contraditórias na formação da compreensão são indispensáveis (SILVA, 2017a, p. 75).

### **2.1.3 Imaginário e partilha**

Como já sinalizado, o imaginário se forma na constante dinâmica entre as pulsões subjetivas dos homens e as intimações objetivas do mundo (DURAND, 2002) e, fazendo com que sua dimensão partilhada possua proeminência na discussão desta noção. Por não haver imaginário estritamente pessoal, trata-se de “um fenômeno coletivo, social, histórico” (LEGROS et al., 2014, p.10) e que

se relaciona com as vivências de cada sujeito. Assim, segue-se o entendimento de Maffesoli (1985, p. 196) de que o imaginário precisa agir como *partilha societal*, isto é, "uma empatia comunalizada" entre os indivíduos, elemento fundante das sociedades pós-modernas.

Para compreender os fenômenos nesse contexto, Maffesoli (2015, p. 33) aponta a necessidade de exercitar um pensamento radical, isto é, que vá às raízes do que consagra o *viver junto* atualmente: identificar as ideias comuns e quais são os valores fundadores que garantem a vida em conjunto. O imaginário, naquilo que se constitui enquanto aura compartilhada socialmente e que não se restringe ao real, mas dele participa, tem-se mostrado ao longo dos séculos XX e XXI como um dos fatores capazes de unir as tribos contemporâneas mesmo diante de todas as suas heterogeneidades (MAFFESOLI, 2009, p. 18). Deixa de ser ignorado pelo conhecimento científico e volta a fazer parte das investigações sobre o homem e a sociedade.

O mesmo salienta Durand (1998) no ensaio sobre a filosofia do imaginário. A partir dos estudos das relações entre os homens e as imagens ao longo dos séculos, este pensador vê uma alternância entre os ciclos do pensamento estritamente racionalista e iconoclasta e outro baseado na valorização da imagem e do imaginário. Para ele, vive-se hoje uma nova fase do segundo ciclo. Pois o século XX foi prenhe de reprodução de imagens, ocasionando "uma verdadeira explosão da civilização da imagem" (DURAND, 1998, p. 31) com os aparatos tecnológicos disponíveis e uma grande massa de espectadores prontos a consumi-los. O limiar do século XXI traz ainda mais imagens a compor o cotidiano.

No pensamento aproximativo entre imaginário e meios de comunicação, além da noção de fluidez do imaginário a partir do vivido e do compartilhado, há que se salientar também a grande importância dada ao fator da *agregação*. Ou, nas palavras do autor, o seu funcionamento como motor e como reservatório. A primeira imagem, nos remete à dinâmica, enquanto a segunda dá destaque à acumulação de imagens, mitos, símbolos, etc.

O imaginário é um reservatório/motor. Reservatório, agrega imagens, sentimentos, lembranças, experiências, visões do real que realizam o imaginado, leituras de vida e, através de um mecanismo individual/grupal, sedimenta um modo de viver, de ser, de agir, de sentir e de aspirar ao estar no mundo. O

imaginário é uma distorção involuntária do vivido que se cristaliza como marca individual ou grupal (SILVA, 2012, p. 11-12).

No centro da discussão sobre as sociedades contemporâneas, estaria, assim, a investigação da constituição e compartilhamento do imaginário - pois ele garante o viver junto e se sustenta enquanto cimento social. Aos pesquisadores, cabe identificar que valores, idéias, sentimentos e outros elementos racionais e não-rationais são partilhados a partir dele, em cada situação do vivido.

#### **2.1.4 Imaginário e a dinâmica das ideias**

Neste ponto, cabe ressaltar o quarto elemento mencionado para o aprofundamento dos debates sobre o imaginário e as ideias em circulação. Trata-se de sua pregnância ou, nas palavras de Morin (2010, p. 41), da *efervescência cultural* que lhes torna possível surgir como questionamento ao *status quo* vigente até então para em seguida se tornar predominantes em determinados contextos. A perspectiva aberta por este pensador permite pensar que uma ideia, uma vez existente, jamais desaparece por completo (MORIN, 2010, p. 155-158), mas podem se regenerar e voltar a ser influentes.

As ideias, sejam elas hegemônicas ou não no período estudado, circulam na ambiência que ele denomina por *noosfera* (MORIN, 2010, p. 136), o meio condutor da cultura, da linguagem, das teorias, em suma, do conhecimento humano. "A noosfera tem certamente uma entrada subjetiva, uma função intersubjetiva, uma missão transubjetiva, mas é um elemento objetivo da realidade humana." (MORIN, 2010, p. 142).

Tanto a relevância subjetiva quanto a dimensão de socialidade das ideias estão contidas nessa concepção. O compartilhamento é novamente apontado como pilar das ideias. Silva, ao falar das tecnologias do espírito-mente e sua relação com os imaginários explicita: "A noosfera é feita de imaginários." (SILVA, 2003, p. 51).

A partir do pensamento de Morin, pode-se refletir que, ao mesmo tempo em que as ideias surgem a partir de sujeitos e neles se cultivam, elas também serão compartilhadas e circularão numa função transubjetiva. O filósofo

questiona ainda quando surge uma ideia, o que a torna hegemônica em determinados espaços temporais, o que as faz perder a força mobilizadora e, por fim, o que leva ao reaquecimento social diante de uma ideia há muito abandonada.

Para ele, o (re)surgimento de uma ideia está atrelado às efervescências culturais de uma época. Na noosfera das sociedades complexas, afirma, há sempre espaço para eventual autonomia dos indivíduos e dos pensamentos, comportando pluralismo e dialógicas culturais (MORIN, 2010, p. 32-41). O que faz de uma ideia prenhe ou hegemônica depende da efervescência cultural (MORIN, 2010, p. 33), que enfraquece os *imprintings* - isto é, antigos paradigmas, doutrinas e estereótipos - e abrem caminho para as dialógicas culturais e expressão de desvios do pensamento dominante.

Os seres do espírito multiplicam-se através de mil redes de comunicação humana, via discursos, educação, doutrinação, palavra escrita, imagem. (...) Há, em contrapartida, certas condições, como a crise de uma ideia dominante, que favorecem a propagação epidêmica das ideias conservadas até então em estado de inibição, latentes, em recantos marginais (MORIN, 2011, p. 156-157).

As ideias em circulação na noosfera, uma vez que são compartilhadas, podem formar tanto o paradigma hegemônico quanto restarem latentes, mas prontas a voltarem ao centro do debate a depender da ambiência. Ao passo que, ainda que aparentemente esquecidas ou minoritárias, não deixam simplesmente de existir no mundo das ideias - e podem, ao contrário, reafirmar-se preponderantes, a depender das efervescências momentâneas.

Revela-se, neste caminho compreensivo, uma estreita relação entre os pensadores contemporâneos que refletem sobre a vida simbólica naquilo que diz respeito à relação entre o imaginário e as ideias em circulação. Discutindo inicialmente a concepção de imaginário que se sobrepõe como camada de significação ao real (SILVA, 2017a), foi salientada ainda a perspectiva do imaginário enquanto um "museu de imagens produzidas e a serem produzidas" pela humanidade ao longo dos séculos, como uma "força social de ordem espiritual, uma construção mental, que se mantém ambígua, perceptível, mas não quantificável" (MAFFESOLI, 2001, p. 75), bem como a força das ideias em circulação em um determinado tempo, em consonância com o pensamento de Morin.

Nas sociedades pós-modernas, a proeminência do imaginário ganha força com a profusão de tecnologias (SILVA, 2003) que o transformam em narrativas midiáticas, imagens, sensações e valores compartilhados. De que forma, portanto, pode-se falar nesse cimento social destacado por Maffesoli, nessa circulação de ideias descrita por Morin e no compartilhamento de sentidos para o qual dedica-se Silva? No próximo item, a noção de bacia semântica será apresentada. Ela será primordial para compreender os surgimentos, consolidações e desgaste do imaginário como partilha.

## 2.2 O IMAGINÁRIO COMO BACIA SEMÂNTICA

Foi Gilbert Durand, ao se dedicar sobre as estruturas antropológicas que subsidiam a capacidade de simbolização humana, quem inaugurou o uso do termo *bacia semântica* para descrever o funcionamento do imaginário ao longo dos períodos históricos. Em torno de mitos, símbolos, arquétipos e narrativas que se repetem em períodos históricos e culturas diferentes, o pensamento durandiano dedicou-se a mostrar os caminhos pelos quais o imaginário, como “re-presentação incontornável, a faculdade de simbolização de onde todos os medos, todas as esperanças e seus frutos culturais jorram continuamente” (DURAND, 1998, p. 117), é característico do pensamento humano.

A ideia de bacia semântica seria, em seu pensamento, a maneira mais próxima de explicar a dinamicidade que o imaginário possui ao se constituir entre as pulsões subjetivas e as intimações objetivas - isto é, nas mentes e nas culturas. Ao revisitar esse pensamento, Tonin e Azubel resumem o trajeto percorrido pelo imaginário no íterim oscilante entre subjetivo e objetivo. As autoras salientam que os imaginários “nascem durante um percurso temporal e um fluxo confuso, para depois se racionalizarem numa teatralização social” (TONIN, AZUBEL, 2016, p. 71). Observa-se, desde logo, a ideia de nascimento, fortalecimento e esvaziamento semântico dos símbolos e valores que integram essa dimensão do conhecimento.

Buscando na imagem e funcionamento das bacias hidrográficas o seu constante fluxo de (re)nascimento, formação dos rios e por fim seu desaguar, o termo pensado por Durand traz consigo as noções de percurso e de ciclo. O primeiro porque há, desde o surgimento de um imaginário, um caminho a ser

atravessado de consolidação, afirmação e declínio no mundo simbólico. Já a dimensão cíclica mostra que, do mesmo modo com que ele surge e ganha força, também vai se rarefazendo até transformar-se em deltas - sendo substituídos por novos imaginários que seguem o mesmo fluxo que ele então completou. Fátima Gutiérrez, ao escrever sobre o pensamento de Durand, explica tal concepção:

Uma bacia semântica é uma estrutura (com todo o sentido de dinamicidade que o estruturalismo figurativo dá a este termo) sociocultural, identificada por regimes específicos da imagem e mitos dominantes (que lhe dão nome e tipificam) que corresponde a um contorno comum, delimitado por uma época, um estilo, uma estética, uma sensibilidade, em suma, uma visão e, portanto, uma expressão do mundo, compartilhados.<sup>3</sup> (GUTIERREZ, 2016, p. 57).

Durand (1998, p. 100-116) indica que haveria seis fases nesse fluxo semântico. O imaginário surgiria dos *escoamentos*, em que diversas correntes em conjunto fazem firmar um novo (ou o retorno de um antigo) imaginário em certos contextos. As águas do escoamento então passariam por uma *divisão*, ocorrida em uma segunda etapa, agrupando-se em escolas e querelas. A terceira fase seria a das *confluências*, isto é, quando há reconhecimento social da corrente que se forma.

Na quarta fase, considerada como o *nome do rio*, vê-se o momento da solidificação do mito criado, geralmente em torno de um personagem real ou fictício que encarna todos os valores ali compartilhados. Passa-se à quinta fase da bacia, que é a da *organização dos rios*, momento em que observa-se a consolidação teórica e filosófica daquele modo de pensamento, de valores e mitos que foram-se agregando nas fases anteriores - chegando a apresentar exageros de parte de suas características anteriores. Por fim, a sexta fase da bacia semântica durandiana aponta para o *esgotamento dos deltas e meandros*, momento no qual a corrente enfraquece e se divide, até anunciar "os deuses do porvir" que povoarão o imaginário em novo ciclo.

---

<sup>3</sup> No original: "Una cuenca semántica es una estructura (con todo el sentido de dinamicidad que el estructuralismo figurativo le da a este término) sociocultural, identificada por regímenes específicos de la imagen y mitos dominantes (que le dan nombre y la tipifican) que corresponde a un contorno común, delimitado por una época, un estilo, una estética, una sensibilidad, en definitiva, una visión y, por lo tanto, una expresión del mundo, compartidos".

Em seu esforço em descrever os fluxos do imaginário que pudesse ser observado nas sociedades mais diversas, Durand oferece uma compreensão cíclica da pregnância dos mitos, dos símbolos e das narrativas. A importância do estudo dessa dinâmica, captando suas possibilidades de vazão e meandros de sua formação, ganha ênfase nas conclusões de sua obra principal, quando reflete sobre o lugar capital que as imagens simbólicas devem ocupar nos estudos das humanidades, formadoras de nosso estar no mundo.

Porque foi frequentemente dito, sob diferentes formas, que vivemos e que trocamos a vida, dando assim um sentido à morte, não pelas certezas objetivas, não por coisas, casas e riquezas, mas por opiniões, por esse vínculo imaginário e secreto que liga e religa o mundo e as coisas ao coração da consciência; não só se vive e se morre por ideias, como também a morte dos homens é absolvida por imagens. Por isso o imaginário, longe de ser paixão vã, é ação eufêmica e transforma o mundo segundo o Homem de Desejo (DURAND, 2002, p. 433-434).

Desde sua publicação em 1960 na França, o livro vem sendo fonte de pesquisas e debates determinantes para o aprofundamento da compreensão sobre o imaginário. O pensamento durandiano foi frutífero em apresentar novos caminhos a outros pesquisadores do cotidiano contemporâneo e dos meios de comunicação, posto que possuem inegável centralidade no dia-a-dia do homem pós-moderno - desde as grandes metrópoles e cada vez mais em cidades menos centrais, chegando até mesmo às populações habitantes dos meios rurais, em tecnologias como a TV e a internet.

Após essa abertura compreensiva, as reflexões sobre a formação e movimentação do imaginário foram se tornando alvo de debates e pesquisas dos mais diversos matizes. Também Maffesoli dedicou-se ao tema, atribuindo-lhe as noções de fluidez e dinâmica que fora descrita por seu mestre. Ao apontar e descrever as formas elementares da pós-modernidade, Maffesoli defende que o imaginário e o afetual são fatores de integração nos tempos correntes.

Também dando a ideia de ciclo à presença de um imaginário em certo período, o autor opta pela descrição desse caminho através de mais uma analogia a fenômenos naturais: "Uma pérola cresce cobrindo um grão de areia. Da mesma forma, o imaginário de uma época, a partir de uma ideia inicial, cresce com coerência, lentidão e repetição" (MAFFESOLI, 2012, p. 71-72).

Nenhuma das três noções elencadas pela frase acima aparece casualmente. O autor ressalta o surgimento e consolidação de um imaginário como fluxo, que não acontece inesperadamente ou desaparece sem deixar marcas. O imaginário de uma época repete mitos, narrativas, imagens e valores vigentes em seu próprio tempo. Precisa também de certo período de maturação e engajamento, que caracterizam a lentidão da formação de sua supremacia nos símbolos mobilizadores do social. Por fim, os dois primeiros geram a coerência desse poder imaginal, como a pérola que nasce de um grão de areia, sobreposto por camadas por muitos anos.

Dedicando-se a um estudo aproximativo entre as tecnologias (re)produtoras do imaginário no século XXI, Silva (2017a) amplia e modifica as fases apresentadas quase 60 anos antes por Durand. Em torno de uma noção para o imaginário como um excedente de significado, ele revisita a obra durandiana e faz-lhe novas proposições.

Em primeiro lugar, Silva destaca a diferença dos pressupostos compreensivos sobre o imaginário entre ele e Durand. Enquanto para o francês a ideia de bacia semântica vê já "a decadência em pleno apogeu" (SILVA, 2017a, p. 82), o pesquisador brasileiro busca na noção de imaginário como "recobrimento do banal" apontar nove etapas, "não como resultado de querelas e grupos de legitimação por lideranças, mas como fluxos e relações universais" (SILVA, 2017a, p. 82).

A primeira delas é o *vazamento*, em que um acontecimento, imprevisível, dá origem a um sentido que causa alteração no discurso dominante. Passa-se à *infiltração*, em que o vazamento contamina outros espaços - crescendo e formando uma concentração semântica, "um pequeno lago que poderá se transformar numa configuração cheia de sentido" (SILVA, 2017a, p. 83). Chega-se, então, à *acumulação*, que se forma a partir de infiltrações e chega a formar suas próprias narrativas e hagiografias: "começa como uma heresia e termina como um novo mito", diz o autor (SILVA, 2017a, p. 83).

Após o apogeu chega o fim de um certo ciclo. Assim, a quarta fase é a da *evocação*, que se caracteriza pela repetição e realimentação através de imagens e sentidos novos e variados - um procedimento da memória afetiva, seja estimulada ou voluntária. O *transbordamento* acontece quando as evocações superam o próprio acontecimento, abrindo as "turbinas de uma represa" (SILVA,

2017a, p. 84), deixando as marcas que lhe formaram submersas (para sempre ou temporariamente). A sexta fase, a *deformação*, empreende uma nova modelação ao material afetivo inicial, cedendo à pressão do excesso de significado. A *transfiguração* é a fase da nova forma, quando "o excesso de sentido torna-se o novo sentido", dependendo sempre do que o autor define como saturação significativa (SILVA, 2017a, p. 84).

Como a passagem do estado líquido para o sólido acontece a etapa da *metáfora* - que é o batismo do elemento transfigurado, que se dá a ver "por evaporações sucessivas" (SILVA, 2017a, p. 85). Por fim, chega-se à fase do *derretimento e evaporação*. O fim do ciclo de imaginários que "não são definitivos", ocorrendo quando há mudança nas temperaturas emocionais e afetivas, alterando o clima da sua circulação. É chegado, ao fim, o momento de uma nova atmosfera, que já se anunciava quando as etapas iniciadas pelos vazamentos de outros sentidos a se formarem e serem transfigurados.

Observando as nove etapas, Silva tenta encontrar no escoamento do imaginário enquanto recobrimento do banal a face mais visível que se possa apreender do imaginário que flui, que se acumula e logo estabelece relações nas sociedades contemporâneas. Sua fluidez impede que ele seja visto como um objeto estanque. Tais reflexões atualizam a ideia inicial de bacia semântica durandiana, servindo-nos de base para compreender os meandros da sua formação a partir das vibrações sociais e das tecnologias por que escoam. De modo que, os próximos passos se nortearão em busca do escoamento do imaginário nas sociedades midiáticas.

### 2.3 AS TECNOLOGIAS DO IMAGINÁRIO CONTEMPORÂNEAS

Desde que as tecnologias de produção, reprodução e difusão de produtos culturais passaram a se desenvolver e fazer parte do cotidiano de uma grande massa da população mundial, elas receberam permanente atenção do olhar questionador a partir do campo científico.

Passando de fatores técnicos altamente especializados a equipamentos tecnológicos produtores de imagens manipuláveis ao alcance da mão (como os já populares *smartphones*), os meios de geração, circulação e consumo midiático foram-se aperfeiçoando, facilitando sua utilização e se firmando como

itens indispensáveis para o dia-a-dia do homem pós-moderno. Hoje, ao mesmo tempo em que existe fácil acesso mercadológico e de operacionalização desses meios, salienta Wolton (2010, p. 22-24), há também limites impostos, como preço a ser pago por esse triunfo, como um certo *individualismo* (redução da comunicação ao compartilhamento puro, sem interação) e o *comunitarismo* (encarceramento dos indivíduos em espaços virtuais que ignoram a alteridade e o argumento contraditório)<sup>4</sup>.

Para além das discussões sobre suas possibilidades e fronteiras, passamos a discutir o papel dos meios de comunicação como tecnologias do imaginário no mundo pós-moderno. Partindo dos pressupostos apresentados nas páginas anteriores que nos fazem entender o imaginário como um motor e um reservatório de sentimentos, concepções de mundo, imagens, mitos e símbolos compartilhados entre os membros de um grupo ou uma sociedade, é necessário grifar que tais tecnologias existiram em outras roupagens ao longo da história e, atualmente, se configuram nos meios de comunicação. É o que Durand já salientava e enumerava em seus prospectos sobre o imaginário:

Outrora, os grandes sistemas religiosos desempenharam o papel de conservatórios dos regimes simbólicos e das correntes míticas. Hoje, para uma elite cultivada, as belas-artes, e para as massas, a imprensa, os folhetins ilustrados e o cinema veiculam o inalienável repertório de toda a fantástica. Por isso, é necessário desejar que uma pedagogia venha esclarecer, senão ajudar, esta irreprimível sede de imagens e sonhos (DURAND, 2002, p. 431).

Durand faz, mais do que a caracterização do imaginário, um alerta para uma sociedade em que se percebe crescentemente permeada por imagens e símbolos: importa compreender como se dá essa profusão imagética em proporções industriais e esclarecer de que forma ocorre a relação que os seres humanos estabelecem com elas. Ainda mais urgentemente porque, do tempo do qual datam seus escritos, as tecnologias atuais do imaginário se popularizaram e espalharam em escala planetária. Pode-se dizer, inclusive, que, ao contrário da diferenciação feita por Durand entre elites cultivadas e massas, hoje o

---

<sup>4</sup> Há, no entanto, grande espaço para divergência sobre o alcance, benefício e limitações à socialidade diante desses meios. Aqui, sinaliza-se pela compreensão segundo a qual os meios de comunicação são capazes de gerar agregação e sem, no entanto, abdicar da visão crítica que aponta seus limites.

repertório do imaginário em circulação é amplo, não mais possuindo a mesma relevância de outrora a diferença entre as "classes culturais".

Neste sentido, o conceito de *tecnologias do imaginário* cunhado por Silva (2003) é crucial para compreender a produção e difusão dos imaginários hoje. Porque, para além da predominância das imagens na cultura do cinema, da televisão, do *Youtube*, dos memes de internet, e tantos outros, os indivíduos estabelecem com elas uma relação de afetos e sentidos de estar no mundo.

É hora de explicitar por que tipos de mecanismo os imaginários se propagam. Ao falar em tecnologia, abordam-se produtos utilizáveis com os mais diversos fins no seio da cultura humana. No caso das *tecnologias do imaginário*, esse uso está interligado a nossa capacidade de simbolização e produção de narrativas. São os meios pelos quais o imaginário pode ser expressado, sejam eles artefatos físicos e modos de expressão.

A complementaridade dos termos "tecnologia" e "imaginário" é indispensável para pensar o mundo de ubiquidade midiática: "O imaginário é uma força; a tecnologia, um catalisador" (SILVA, 2003, p. 48). Entende-se desse modo que o imaginário e os canais pelos quais ele navega precisam ser compreendidos conjuntamente nas sociedades hiper-espetacularizadas, mas ressaltando sempre que as tecnologias são o meio propagador do primeiro. O imaginário, enquanto força de reserva/motor simbólico nas sociedades precisa, por sua vez, de tecnologias pelas quais possa ser visto, concretizado diante dos nossos olhos e para além de nossos sonhos.

Silva, assim como Durand já apontava, faz um breve memorial das diferentes tecnologias do imaginário já existentes em períodos históricos diferentes (2003, p. 67-69). Para o pesquisador brasileiro, o teatro representa a era primitiva das tecnologias do imaginário, pois "como o moinho, não arranca nada da natureza nem adultera o meio". O livro abre as portas do período pré-industrial dessa tecnologia, que se caracteriza por ser produtora de dispositivos de controle. Já o rádio, o cinema e a TV fazem parte da fase do "maquinário poluente" da produção simbólica; mais recentemente, a internet e a publicidade constituem o período pós-industrial: com baixa interpelação da natureza na sua produção, serve de instrumento de sedução e também reunindo tecnologia de ponta aos aspectos arcaicos da convivência (MAFFESOLI, 2012; SILVA, 2003).

Essa separação é meramente didática e cronológica. O importante é que, seja qual for o mecanismo de expressão, haja "a conjunção de meios, técnicas, procedimentos, veículos e formas de expressão numa técnica, a publicitária, baseada na leveza, na aceleração, no divertido e no lúdico" (SILVA, 2003, p. 70).

Cada um deles possui um modo próprio de funcionamento, são meios pelos quais a força simbólica da mente se exprime com fins de propagação. A partir da concepção aqui discutida, sobretudo na sua estrita relação com o vivido e a impossibilidade de invenção total para que ele seja pregnante no social, é mister discutir a performance das tecnologias do imaginário, dando forma e sendo formada pelas (re)elaborações mentais que se consolidam a partir do real, do vivido e do imaginado na teia do que chamamos, seguindo Durand, de pulsões objetivas. Assim o explica Silva:

As tecnologias do imaginário cristalizam no reservatório semântico a superfície da novidade, dando profundidade ao que se apresentou, um dia, como efêmero. Transformam o ar do tempo em corrente de uma época, dando consistência ao etéreo. Nesse sentido, as tecnologias do imaginário enraizam nos sentidos uma parte do vivido (SILVA, 2003, p. 43).

Outra chave compreensiva para esse tipo peculiar de tecnologia está na sua possibilidade produtiva. Silva não descarta o conceito bastante debatido de *indústria cultural*, legado da Escola de Frankfurt que se consolidou ao longo do século XX a partir de pensadores como Theodor Adorno e Max Horkheimer que teorizaram sobre o processo de massificação dos produtos da cultura humana durante o século XX e que, segundo Wolf (2008, p. 76), "condiciona por completo a forma e a função do processo de fruição e a qualidade do consumo", bem como tem por característica descrever os consumidores de mídia como agentes passivos ao processo de modificação dos bens culturais.

O legado frankfurtiano, nessa perspectiva, não é abandonado, mas considera-se a necessidade de ampliar o seu alcance, englobá-lo em um contexto em que as "tecnologias de controle" já não possuem a eficácia de outrora e são substituídas pelas persuasivas, de sedução, que fazem com que o imaginário, exatamente por seu caráter ambíguo, se capilarize no tecido social.

Para a tradição de pensamento sobre a sociedade da comunicação total, que bebe nas reflexões de Lyotard sobre a produção e circulação do conhecimento, nas sociedades contemporâneas, as narrativas positivistas,

racionalizantes e triunfalistas sofreram desgaste e um processo de saturação durante o século XX, abrindo espaço para o ambíguo, para o dinâmico, o lúdico e à adesão suave.

É num contexto completamente novo que as tecnologias do imaginário, de sedução e adesão (em oposição à restrita manipulação) se configura como o lugar em que se fabricam as mitologias pós-modernas. "Ora, se o imaginário é uma usina de mitos, as tecnologias que o engendram são fábricas de mitologias (discursos/fábulas que informam o 'trajeto antropológico' de cada um)," diz Silva (2003, p. 64).

E o que essas fábricas produzem, em especial? São os mitos pós-modernos, visões de mundo, estilos de vida, uma verdadeira "povoação do universo mental como sendo um território de sensações" (SILVA, 2003, p. 24). Se falamos até aqui na existência do imaginário e sua ligação com o real; se o compreendemos como a camada que recobre o vivido, atribuindo-lhe sentidos socialmente compartilhados, são essas tecnologias que conseguem fazer vir à tona o *espírito do tempo* em que se vive, distribuindo pistas para que o investigador de imaginários consiga captar as narrativas do vivido que contam o social e os significados que lhe são atribuídos.

Não se trata de fábricas de manipulação de um pré-concebido império cultural sobre os desejos e as consciências dos receptores supostamente inertes e indefesos. Revisita-se a ideia segundo a qual as mídias possuem um poder impositivo sobre as mentes, muito discutida e questionada ao longo do século XX, para compreender as tecnologias do imaginário (que se expressam, inclusive e não unicamente, pela mídia) como mecanismos de sedução.

Com o declínio das narrativas triunfantes sobre o destino da humanidade (LYOTARD, 1989; MAFFESOLI, 1985) e a mudança da relação entre os homens e as ideologias que se discutirá mais adiante, o mundo pós-moderno abandonou progressivamente as antigas tecnologias de controle, baseadas em discursos únicos e na busca pela dominação. Em um mundo em que o espetáculo faz parte do cotidiano, frisa Silva (2003, p. 71), as tecnologias do imaginário e suas expressões máximas, que são a internet e a publicidade, apostam na adesão, na audiência e no consumo.

Estes são obtidos, respectivamente, através da submissão voluntária, da subjugação consentida e da dominação suave e regulada. Ao descrever o

funcionamento desse novo tipo de sociedade, que aposta no consumo pela adesão, Gilles Lipovetsky, outro pensador que se dedica a compreender a publicidade contemporânea, faz um diagnóstico dessa postura de pactuação do cidadão-consumidor diante da publicidade que aposta no encantamento para gerar adesão pela leveza, pelo lúdico e pelo espetáculo:

estamos vivendo a *apoteose da sedução*. A publicidade libertou-se da racionalidade argumentativa, pela qual se obrigava a declinar a composição dos produtos, segundo uma lógica utilitária, e mergulhou no imaginário puro, livre da verossimilhança, aberto à criatividade sem entraves, livre do culto da objetividade das coisas. Ora, isso implicou uma revolução perceptiva de mão dupla: o mundo transformou-se para que pudesse atingir essa situação (LIPOVETSKY, 2008, p. 35).

É a esse mundo do poder pela sedução, pela adesão e pelo compartilhamento que as tecnologias do imaginário permitem acessar e que provocam encantamento, gerando mobilização na sociedade. O espetáculo incessante produzido pelas diferentes mídias distribui as pistas compreensivas que dão acesso às expressões do museu de imagens, mitos, símbolos e narrativas, esclarecedoras sobre a presença do imaginário no cotidiano. Por esse motivo, dedicar-se aos estudos desses meios expressivos característicos dos tempos atuais pode fazer o social falar para além do racional e o que se dá a ver superficialmente, permitindo mergulhar nas profundezas da aparência (MAFFESOLI, 2010). Isto é, a partir do que se vê na superfície do vivido, tentar acessar aquilo que está mobilizando sentimentos e que pode não ser dado explicitamente, mas gera engajamento.

### 3 IMAGINÁRIO, MÍDIA E AS MUDANÇAS NAS NARRATIVAS ELEITORAIS

A retomada do imaginário como espaço relevante na vida contemporânea, como visto nas páginas anteriores, transforma o estar-no-mundo do homem pós-moderno. Formado pela integração de fatores objetivos e subjetivos, refletindo-se em um caráter essencialmente intersubjetivo, o imaginário estabelece a forma do relacionamento de si com os outros e com o mundo ao redor.

Se, por um lado, no período de predomínio quase total do racionalismo iluminista preponderava, pelo menos em tese, a maior relevância de fatores objetivos, lógicos e concretos para o agir do homem, por outro as mudanças no espírito do tempo com a pós-modernidade (MAFFESOLI, 2012) têm apontado rumo à proeminência cada vez maior do afetual e do imaginário nas decisões tomadas pelo voto popular sobre os destinos da pólis.

Essa mudança de ciclo revela-se também na relação entre o homem, a sociedade e a esfera do político. A participação político-partidária dos cidadãos, as identificações pessoais dos eleitores levadas em consideração nas manifestações públicas (nas redes e nas ruas) ou nas urnas, passam por um processo de modificação em relação aos modelos tradicionais até aqui.

Sobre estas novas perspectivas é que este capítulo se debruçará, rumo ao entendimento das novas dinâmicas eleitorais. Parte-se da compreensão de que a presença progressiva dos meios de comunicação no dia-a-dia do homem numa sociedade espetacularizada muda também a relação dos sujeitos com assuntos por muito tempo considerados estritamente racionais e baseado em longo planejamento, como a elaboração do discurso político e a decisão do voto. Nessa nova forma de vivência, os fatores de agregação entre os indivíduos ganham notabilidade. O imaginário torna-se fator decisivo para as novas formas de relação com o político. Insere-se como mediador desta relação, ganhando centralidade.

1. O imaginário não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas mediadas por imagens.
2. O simulacro não é um conjunto de imagens, mas uma relação entre pessoas mediadas por imagens.
3. A socialidade não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas mediadas por imagens (SILVA, 2007, p. 32).

Em uma palavra: as relações entre homens e meios de comunicação, recheadas de imagem permeadas pelo poder de sedução das tencologias do imaginário, não bastam para explicar as mudanças observadas. Neste trabalho, recorre-se às expressões sociedade do espetáculo para referir-se a este momento em que a relação entre os homens possui as imagens como importantes mediadoras das relações sociais.

Mas raízes destas transformações podem ser reconhecidas em movimentos ainda anteriores à popularização das redes sociais e da crescente concentração de funções cotidianas nas telas dos *smartphones*. Ao longo das últimas décadas (LYOTARD, 1989), observou-se uma crescente desconfiança em relação às utopias e às narrativas prometeicas sobre os destinos políticos da humanidade (MAFFESOLI, 2016; DURAND, 1998). A dominância das “grandes narrativas” sobre o destino da humanidade junto aos grandes projetos de futuro aos poucos vai cedendo, então, lugar ao que é sensível em cada grupo, ao vivido conjuntamente e ao *hic et nunc*, aqui e agora (MORIN, 2010).

Esta mudança no espírito do tempo é embalada pela fluidez do viver possibilitada pelos aparelhos tecnológicos e requer que os estudos que abordem os exercícios políticos na pós-modernidade estejam atentos aos novos modos de relação entre os sujeitos e a dimensão política, em que as narrativas grandiloquentes sobre os destinos da humanidade perdem poder de agregação e mobilização. Os fatores simbólicos ganham lugar de destaque, sendo elementos fundamentais para a identificação entre o sujeito e a política. Nas próximas páginas, busca-se descrever esse momento em plena modificação e encontrar as características que se saltam nesse contexto que começa a se desenhar, e cujas consequências pode-se observar nas novas configurações político-eleitorais.

### 3.1 A TRANSFIGURAÇÃO DO POLÍTICO OU O FIM DAS GRANDES NARRATIVAS

Uma das constatações possíveis sobre o mundo do século XXI é que ele se organiza como um lugar em que as relações entre os sujeitos e sua ambiência estão permeadas por imagens e símbolos, mediando e centralizando afetos e identificações nas mais diferentes esferas da vida. Na política, a presença do

imaginário também aumenta gradativamente. Mas como essa mudança se dá a ver? Quais são as evidências que mostram que os discursos políticos antes centrados na lógica mudam de rota e tenham menos eficácia, preponderando uma forte migração para discursos baseados na busca pela identificação e pelo despertar dos afetos aproximativos entre os sujeitos e a esfera política?

Muitos são os estudos que abordam a influência dos meios de comunicação de massa (e agora os digitais) na reconfiguração da esfera política - cada novo item tecnológico forma novas maneiras de relacionamento entre os mandatários e seus eleitores. Observa-se o impacto da era do rádio no começo do século XX fazendo com que os cidadãos pudessem, milhões ao mesmo tempo, ouvir o timbre da voz e sentir a persuasão das palavras articuladas pelos políticos que disputavam sua preferência, mesmo a milhares de quilômetros de distância.

Na segunda metade do século passado, foi a vez dos aparelhos televisores passarem a compor a paisagem de grande parte dos lares brasileiros e influenciar de tal forma na arte da política (LAVAREDA, 2009; GOMES, 2007) que um dos personagens centrais das disputas eleitorais no Brasil passou a ser o marqueteiro - profissional responsável por elaborar as estratégias comunicacionais nos programas eleitorais, na formulação de discursos e não raras vezes podem ser vistos nos bastidores das entrevistas e debates dos quais os candidatos participam. O capital imagético do político passa a valer alto na disputa pelo poder, influenciando inclusive nas composições de alianças políticas.

[A imagem pública] é um conjunto de discursos (dele e sobre ele), de apresentações visuais, de atos, de configurações plásticas ou sonoras que serão decodificadas pelo público como representações, opiniões, disposições afetivas, como imagem, enfim (GOMES, 2007, p. 125).

Nos fatos observados, é clara a centralidade dos artefatos tecnológicos e da intensificação da participação dos profissionais da comunicação na esfera política, mas isto, de acordo com o pensamento aqui adotado, são indicativos de uma mudança mais profunda na relação entre os políticos e a sociedade - o que Michel Maffesoli denomina por *transfiguração do político* na pós-modernidade. As tecnologias do imaginário operam com maestria nesses novos contextos.

A modificação dessa relação faz parte do conjunto de transformações por que a humanidade passa nos dias correntes. O capítulo anterior abordou o recente novo ciclo de ascensão do imaginário como fator de religação entre os indivíduos nas sociedades midiáticas e, na esfera política, isso dá de forma a transformar discursos e relações humanas, trazendo a dimensão societal (isto é, agregadora e mobilizadora) do imaginário para o centro das ideias políticas. Na prática, é uma “mutação social que necessita de uma transmutação da linguagem. Assim é a pós-modernidade” (MAFFESOLI, 2012, p. 2), diz o sociólogo. A mudança da linguagem acontece também no âmbito político.

Assim é que é preciso observar as mudanças discursivas em operação neste instante. E ela se dá a ver pela *saturação* das grandes narrativas sobre o mundo, que estruturam um projeto de mundo a longo prazo, e pela ambiguidade discursiva.

Um dos primeiros estudos sobre essas mudanças se dá com o trabalho de François Lyotard em “A condição pós-moderna”, no qual o pesquisador francês traça o cenário das novas condições da produção de conhecimento com o advento da computadorização em escala mundial, que começava a ganhar corpo ainda nos anos 1970. Embora seja necessário pontuar que, no Brasil do século XXI, muitos desses pressupostos não fizessem (ou nem sequer ainda façam) parte da vida de milhões de maranhenses em 2014 - vivendo ainda em condições em que o analfabetismo chegava a 18,8% da população (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) e que a inclusão digital não chegasse à metade das residências<sup>5</sup>. Mesmo com números acima apontando uma necessidade de maior inclusão digital naquele momento, é certo que o público eleitor acompanhou outras mudanças no que diz respeito à relação com a política. A mesma pesquisa mostra que, em 2015, 94,5% das casas maranhenses tinham um aparelho de televisão à disposição dos moradores.

Por isso, se não se pode afirmar tratar-se de uma região de vanguarda na popularização dos mais atualizados aparelhos digitais, pode-se constatar a inserção dos meios de comunicação de massa na imensa maioria dos lares e

---

<sup>5</sup> A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), feita pelo IBGE, apontou que em 2015 apenas 33% dos lares maranhenses possuíam acesso à rede mundial de computadores. Número ainda abaixo da média nacional naquele período, que correspondia a 57,8% das casas com acesso à internet. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ma/pesquisa/44/47044>.

dos meios digitais ao alcance de aproximadamente um terço da população. É através desses meios que as mudanças na relação entre o discurso político e seus consumidores será operacionalizada.

Neste sentido, e através das modernas tecnologias da comunicação, é que o imaginário e os afetos voltam ao centro dos debates públicos, ocupando o lugar que vai sendo esvaziado pela saturação do discurso baseado na lógica estrita. Na obra “A transfiguração do político”, Maffesoli aponta como um dos elementos perceptíveis dessa mudança a substituição dos grandes discursos sobre a humanidade e das sociedades programadas que se baseiam em teorias sobre os destinos da plenitude do homem e das sociedades utópicas, sobre a espera do devir, pelas tribos presenteístas da pós-modernidade. Estas buscam na relação com a política muito mais a satisfação de necessidades no aqui e agora, fruir de uma vibração conjunta diante das vitórias cotidianas e que satisfaçam a necessidade de experimentar emoções compartilhadas conjuntamente. O amanhã importa menos que o hoje.

A sociedade atual tem mostrado, constantemente, um verdadeiro cansaço diante da espera por grandes projetos e promessas de um mundo melhor, que nunca chegam efetivamente (MAFFESOLI, 2016; MORIN, 2010). Para Maffesoli, esse “gozo adiado” reiteradamente abriu no corpo social a busca pela fruição no aqui e agora, cenário no qual as grandes narrativas passam a não mais mobilizar porções significativas da população. A política do devir sucumbe diante da política *presenteísta*, com foco no aqui e agora.

Seja à espera de um mundo em que a livre iniciativa e a igualdade de pontos de partida levem o homem e o mercado a encontrarem o ponto ótimo do liberalismo, seja em busca de uma sociedade igualitária em que não há posses individuais e em que todos contribuam para o bem comum de acordo com as suas possibilidades, do comunismo, as narrativas racionalizantes que dominaram o jogo e as estratégias políticas ao longo dos últimos 200 anos e embalaram a disputa pela hegemonia durante Guerra Fria durante a segunda metade do século XX mobilizam cada vez menos os sujeitos dessa sociedade em ebulição. No centro delas, é preciso que esteja o sentimento.

O afetual, o imaginário e a valorização do estar junto, por outro lado, mostram-se elementos fundamentais nas sociedades contemporâneas, deslocando inclusive o sentido da adesão às ideologias, que caminham para

uma visão cada vez mais identitária: a religação do indivíduo às tribos pós-modernas e seus totens. As imagens e os sentimentos perante os quais se dá a vibração comum, a vibração mobilizadora de afetos e ações.

São estes alguns dos principais pontos da transfiguração do político, que acompanha uma intensa mudança na socialidade diante de uma sociedade espetacularizada. Nos tópicos seguintes, serão aprofundados alguns dos pressupostos dessa mudança, que impactam tanto nos meios de circulação dos discursos políticos, quanto na forma e no conteúdo desses discursos, com o intuito de mobilizar a maior parte da sociedade em torno de uma ideia, de um sentimento ou de um candidato.

### 3.2 O IMAGINÁRIO POLÍTICO - EM TORNO DE UMA PARTILHA AFETUAL

Um aparente paradoxo se estabelece quando reflete sobre as relações entre o imaginário, conforme descrito nas páginas anteriores, e o mundo da política - terreno em que a ação, a argumentação parlamentar e a coerção pelo poder formaram as bases desse pensamento durante a modernidade (HABERMAS, 2003). Diante disto, como seria possível pensar a existência de um imaginário político, posto que a política se fundamenta em ideologias racionalizantes e explicativas sobre o mundo? E as disputas nesse mundo acontecem em torno desse projeto? Para entender alguns fenômenos políticos no mundo atual, é preciso caminhar ao encontro das reflexões sobre o imaginário político e sua capacidade de formar um *ethos* de partilha, caras ao entendimento das expressões políticas na pós-modernidade.

São significativos os exemplos espalhados mundo afora de fenômenos eleitorais que se fundamentam predominantemente na profusão de imagens e no apego às emoções como estratégias eleitorais. Embora haja, no campo da Ciência Política, uma forte corrente de pensamento ancorada no “voto racional”, ou que reforça a possibilidade de “convencimento do eleitorado” a partir da falsificação da informação (chamada muitas vezes de hipóteses de manipulação dos espectadores) ou na decisão eleitoral baseada em argumentos persuasivos, este trabalho busca as pegadas compreensivas do pensamento pós-moderno, ao entender que as relações entre os eleitores e a esfera política se dão hoje predominantemente através dos meios de comunicação de massa e, mais

recentemente, os meios digitais. O que eles têm em comum é a intensa relação com as imagens, discursos e emoções, positivas e negativas. Funcionam como tecnologias do imaginário, mobilizando através da sedução e ultrapassando a ideia de manipulação.

O lugar das emoções nas disputas eleitorais cresce e numerosos são os manuais de campanha política que abordam este tema<sup>6</sup>. As estratégias de marketing utilizadas nas definições das estratégias políticas entram como grande força e diferencial na formação das equipes de campanhas eleitorais das democracias pós-modernas. *Slogans, jingles*, símbolos, peças publicitárias, cores predominantes, todos os detalhes são programados para estarem concatenados com a “cola do social” que impera em cada momento. Essas mudanças podem ser observadas com intensidade, no Brasil, após término do período da ditadura militar, quando as campanhas eleitorais nas rádios e TVs passaram a ter papel determinante para o sucesso ou fracasso de candidatos (GOMES, 2007, p. 112), enquanto o domínio obtido pela força coercitiva seguiu caminho inverso.

Assim, é possível perceber o movimento de integração entre discurso político baseado em propostas e planos de governo e os afetos nas estratégias do mundo político contemporâneo. Operadas pelas tecnologias do imaginário, baseadas nas operações de sedução (em oposição à ideia estrita de manipulação), as estratégias políticas atualmente mesclam o racional e os afetos em busca dos resultados eleitorais, aglutinando sentimento partilhado (fator de socialidade) em favor de um líder ou de uma agremiação partidária: a vitória nas urnas, conquistando espaços de poder no Executivo ou Legislativo.

Para Maffesoli (2005), a dimensão política do mundo acompanha as mudanças no espírito do tempo observadas nas mais diversas instâncias, fazendo com que o discurso político antes baseado na razão estrita incorpore outros elementos que reforcem a dimensão imaginária e emocional, em busca da “re-ligação” (MAFFESOLI, 2005, p. 30) com as massas, ou a cola do social, juntando-se os pressupostos comuns da vida em sociedade. Um desses

---

<sup>6</sup> Esta linha de pensamento sobre as estratégias eleitorais pode ser encontrada em vasta literatura especializada. Citamos como referência de grande circulação no país as obras de Antonio Lavareda, Duda Mendonça e João Santana, profissionais do setor que influenciaram grande parte da construção de imagem política no século XXI.

pressupostos caracteriza-se pela valorização do imaginal e do afetual, formando o que se chama de *imaginário político*, o excesso que se acrescenta ao real (SILVA, 2017a, p. 24) para criar significados que agreguem sentidos ao estar-no-mundo contemporâneo.

O imaginário político trabalha a argumentação através de um arsenal de mecanismos emocionais, como os símbolos de um partido, as datas que devem ser comemoradas, os heróis e mitos que devem ser lembrados, os ritos que precisam ser atualizados. O marketing, em política, resume o cruzamento da razão - o planejamento publicitário racional - com a valorização do emocional (MAFFESOLI, 2001, p. 78).

Na mesma linha de estudos sobre as expressões do imaginário político na pós-modernidade, Susca (2007) faz importantes descrições práticas em torno de figuras públicas que navegaram no imaginário e obtiveram sucesso eleitoral recentemente. O autor usa três casos emblemáticos para fazer a sua prospecção sobre a interface entre política e imaginário, nas campanhas do governador americano Arnold Schwazenegger, do ex-presidente italiano Silvio Berlusconi e dos franceses Le Pen. Como resultado, Susca (2007, p. 76) observa que vive-se atualmente em uma comunidade *transpolítica*, em que o simbólico e o imaginário transbordam para as decisões eleitorais por meio da indústria cultural e pelos meios de comunicação.

O que une esses três personagens é que, na construção de suas imagens públicas, todos buscaram legitimar-se através de estratégias que reforçassem as paixões e imagens comuns da sociedade que representam. A análise dos três perfis, sobretudo o do estadunidense, aponta para o fato de que todos eles "estabelecem e gozam de um legado subterrâneo coletivo" (SUSCA, 2007, p. 78) calcado no imaginário que está "no coração da sociedade espetacular" (SUSCA, 2007, p. 80). O autor defende, em seu ensaio sobre a política nos limites do imaginário, que acompanhamos uma "uma confusão entre o político e as máscaras do espetáculo":

Com as custódias, as formas e linguagens da indústria cultural, longe de exprimir uma revolução ou de testemunhar uma abdicação, restitui por ora simplesmente o sinal da impossibilidade de continuar a governar, a ter em conta as democracias modernas sem ceder aos pactos - até se mascarar - com as substâncias do imaginário coletivo, lá onde a ideologia, o político, a razão abstrata perderam a centralidade a favor da

emoção, da ética, do *loisir* e da coligação com aquilo que é atual e cotidiano (SUSCA, 2007, p. 74).

Os exemplos trazidos pelo autor são reveladores da constatação de que as ideias pregnantes no imaginário coletivo e as paixões retornam com força ao centro do debate público e definem os rumos políticos de cidades, estados e países. Mas já vimos que, para prosperar, o imaginário com que as estratégias dialogam precisam estar em sintonia com a cola do social - sob pena de não serem compreendidas ou assumidas enquanto um verdadeiro elemento catalisador das paixões e das mobilizações populares.

O imaginário político recobre a aridez da exposição sobre a gestão governamental, da fundamentação da ideologia, da apresentação de argumentos racionais, com camadas sucessivas de símbolos, narrativas mitológicas e de elementos que carregam consigo o onírico, o lúdico e a emoção - mobilizando ideias e sentimentos humanos na sociedade do espetáculo.

A dimensão societal, isto é, a capacidade de ser elemento agregador e de afeto compartilhado através dos imaginários políticos, mostra-se, portanto, relevante para os estudos das estratégias políticas no mundo atual. A capacidade de partilha de um sentimento comum está no centro da dinâmica eleitoral na pós-modernidade.

### 3.3 A DIMENSÃO IDEOLÓGICA

Junto à preponderância do imaginário, a transfiguração do político também passa pelo deslocamento da relação entre as ideologias e o pensamento comum da maioria das pessoas. No uso corriqueiro, o termo faz referência a uma determinada visão sobre o mundo e sobre a sociedade, podendo significar por vezes uma forma de ocultar uma verdade incômoda (SILVA, 2017a, p. 125). Em outros casos, é utilizado como sinônimo de ilusão partidarizada ou falsa consciência (BOBBIO, 1991, p. 585), chegando muitas vezes a virar uma espécie de “acusação” em debates acalorados. “Você está sendo ideológico!”, bradam alguns. Pode ser também relacionada como o oposto a decisões governamentais pragmáticas (BOBBIO, 1991, p. 588).

Nas reflexões de Karl Marx, ideologia significaria um outro tipo de ilusão: aquela a que os donos do poder recorrem para manter seus privilégios perante

a classe trabalhadora. Outra possibilidade de utilização do termo é na definição sobre “como uma sociedade deve ser” ou como um indivíduo “deve se comportar” de maneira moralmente aprovável para um grupo de pessoas que comungam de uma mesma fé ou uma mesma forma de viver a vida.

Com tantos semantismos possíveis, o certo é que a origem do termo data da pretensa construção filosófica de Destutt de Tracy, que visava empreender um estudo geral sobre as ideias humanas e os símbolos por elas utilizados, ainda no século XVIII. Mas partindo desta pluralidade de significados possíveis na atualidade, as próximas reflexões buscarão desenhar o quadro em que os homens e as ideologias se relacionam no mundo em que a política transfigurada e os afetos estão em grande sintonia.

Esta breve explanação sobre os diferentes significados relacionados ao termo *ideologia* é reveladora dos sentidos mobilizadores que esta palavra carrega nas sociedades ao longo dos séculos – o que demonstra sua importância como um “conservatório do querer-viver social” (MAFFESOLI, 1985, p. 90). Reúne significados, mobiliza paixões. Para a finalidade deste estudo, que dedica-se a compreender um fenômeno político nas sociedades pós-modernas (ou em processo de inserção constante nessa forma nova de estar no mundo), a aproximação entre ideologia e as dimensões míticas e imaginárias (MAFFESOLI, 1985, p. 91) abre portas para melhor compreender a relação entre os sujeitos e a política.

Aqui, vê-se novamente uma cisão entre a modernidade e o pós-moderno. Ao longo do primeiro período as identidades pessoais eram vistas como opções quase estanques e as agremiações políticas quase sempre correspondiam a pontos de vista inegociáveis ao longo da vida. Associar-se a um partido ou a uma corrente de pensamento que apontasse a melhor forma de viver em sociedade foi, por muito tempo, uma decisão individual com base em argumentos racionais e a partir de uma dedicação de ordem filosófica.

Mas na relação do homem pós-moderno, o relacionamento com as ideologias possui mais maleabilidade na gestão das ideias. Aderir a uma determinada corrente partidária deixa de ser um contrato quase vitalício. É o que Maffesoli define como “identificações sucessivas”, conjugadas às emoções partilhadas em cada momento, como visto no item anterior. Adere-se a uma ideologia por paixão convicta, mas não de forma peremptória.

Neste cenário é que se pode falar em um deslocamento da relação entre sujeitos e as ideologias nas sociedades contemporâneas. Se estas já foram por muito tempo vistas como amarras a ideias e a modelos de pensamentos prontos e de difícil mudança, Maffesoli apresenta uma visão mais branda dessa relação, destacando a relevância que elas possuem para a mobilização das emoções, que no Brasil se aquecem a cada período eleitoral (ou períodos de alta intensidade de mudanças políticas que, no contexto atual, acompanham também o calendário judicial e policiaisco). Para ele, o termo é ambivalente e possui uma potência produtora de sentidos, mesmo que baseada inicialmente em critérios racionais.

A capacidade das ideologias de dar explicações e de possuir respostas a quase todas as perguntas é vista ao mesmo tempo como uma fragilidade da perspectiva da relação com o cotidiano, mas também como a sua maior força agregadora. Isto porque, respondendo a quase todas as questões sobre o mundo, as ideologias carregam consigo a possibilidade constante de tornarem-se irrazoáveis, imponderáveis, conectando-se por isso com a força mobilizadora das paixões.

As ideologias são fatores geradores de empatia entre membros de um conjunto de indivíduos pós-modernos, que podem ter muitas diferenças entre si, mas possuem também um elo ideológico que os congregue. Pelas identificações sucessivas, eles podem optar não pela adesão total a sua filosofia e moral, mas adotar convicções parciais que correspondam a suas expectativas políticas: “para motivar, convencer ou iludir é sempre necessário recorrer a uma ideologia” (MAFFESOLI, 1988, p. 95) – isto é, a uma explicação sobre o mundo. Esta, para atingir sua finalidade explicativa, muitas vezes recobre fatos ou temas que revelariam a falibilidade das ideias de base ou seus pontos de partida. Entretanto, é através desta estratégia que ela se faz elemento de agregação e socialidade.

Assim é que se vê os sentidos das ideologias sendo responsáveis por grandes mobilizações, desde que não se desprenda da cola do social que são a base dos imaginários preponderantes em uma determinada sociedade. Nessa perspectiva, ideologia e imaginário possuem suas diferenças e pontos de contatos. Sempre atento à necessidade de dar maior precisão às investigações sobre as expressões do imaginário, Juremir Machado da Silva faz aproximações

e diferenciações entre as ideologias e o imaginário político, que ajudam o pesquisador a aproximar-se dos imaginários expressados em fenômenos políticos.

Acontece que o imaginário é um excedente de significado que não necessariamente busca a reprodução de um estado de coisas nem tenta obrigatoriamente o encobrimento de uma verdade incômoda. O imaginário pode ser o contrário, o ponto de ruptura com uma realidade dissimulada ou evidente, o excesso de sentido acumulado como um depósito contra uma deformação intencional ou "providencial" do "real". (...) Não há como confundir imaginário e ideologia. (...) O imaginário não é feito de ilusões, mas de sentidos agregados que podem, inclusive, arrancar os indivíduos de sua zona de conforto (SILVA, 2017a, p. 125-126).

Em suma, o ponto de maior diferenciação entre imaginário e ideologia é a ancoragem que a segunda possui no viés racional (ainda que muitas vezes recubra-se de ilusões) enquanto a primeira se caracteriza por ser um elemento mobilizador, agregador, motor, sendo também "a aura de uma ideologia, pois, além do racional que a compõe, envolve uma sensibilidade, um sentimento, o afetual" (MAFFESOLI, 2001, p. 76) – influenciando os modos de vida individuais e coletivos.

O ponto de vista ora adotado acompanha as reflexões sobre a política na era do espetáculo, que admite o papel central das emoções e do imaginário nas pulsões individuais e trans-individuais, inclusive sobre as adesões ideológicas. Tratadas muitas vezes como preferências pessoais ou de grupos, as ideologias são também banhadas pelas ondas da emoção, do lúdico, do sonho e do irracional que compõem os diferentes círculos da vida contemporânea.

É necessário ressaltar que elas somente terão efetividade em provocar emoções (mobilizando ideias de positividade ou negatividade) se corresponderem às pulsões subjetivas e objetivas de cada momento histórico. Se estiverem em sintonia com o imaginário da época em que circulam. As ideologias, nesse sentido, serão capazes de gerar mobilização se estiverem em ponto de efervescência na noosfera (MORIN, 2010) naquele momento, banhando-se na vida cotidiana dos homens e mulheres a quem são apresentadas. Estando, por fim, em sintonia com o imaginário de uma época.

Sua pregnância está também vinculada aos pressupostos adotados por este trabalho sobre a impossibilidade (ou grande dificuldade) da fabricação de imaginários em experimentos de laboratório totalmente desvinculados das verdadeiras preocupações do cotidiano comum. E, se em casos concretos essa tentativa for feita, elas podem não gerar o efeito mobilizador esperado.

### 3.4 COMUNICAÇÃO E POLÍTICA: DISPUTA PELA OPINIÃO PÚBLICA OU PELO AFETUAL?

Todas as mudanças acima delineadas sobre a relação entre os homens, o imaginário, o mundo político e as ideologias acontecem no seio das sociedades em que os meios de comunicação são centrais, formando a sociedade hiper-espetacularizada. Portanto, as investigações sobre as disputas eleitorais que se dão nesse novo contexto observam possíveis descompassos existentes entre as narrativas presentes nos jornais e os programas eleitorais oficiais e o sentimento comum na ambiência vivida.

Muitas disputas partidárias passam, dessa forma, a ser travadas no campo das emoções, modificando a tradicional percepção sobre o espaço de debate público como ambiente em que predomina o argumento racional. E as narrativas que se desenvolvem nesse espaço público, para que sejam capazes de mobilizar ideias e sentimentos, dificilmente chegarão a tal intento se ignorarem os sentimentos e os pensamentos comuns (MAFFESOLI, 1985; SILVA, 2012). O mundo observa uma importante mudança na organização da esfera política, que se torna lugar de reunião em torno de elementos do imaginário com a presença do lúdico, do onírico, dos afetos, da teatralidade.

Para dar início às reflexões sobre esta mudança em operação, é necessário remeter a um dos trabalhos seminais da área, “Mudança estrutural da esfera pública”, em que Jurgen Habermas expõe como se estruturou a formação da opinião pública nas sociedades modernas. A partir da esfera pública, como local de confronto de ideias, as revoluções burguesas modificam a relação entre o homem e o poder central. Entra em cena a influência da opinião pública, representada sobretudo pelas ideias em circulação nos jornais impressos que carregavam as principais polêmicas, contestações e até mesmo defesas diante dos poderes instituídos.

Essa mudança será operada no seio da esfera pública burguesa, descrita por Habermas como o lugar da troca pública de razão e tendo como consequência a influência do poder decisório e o questionamento do poder despótico: “A tarefa política da esfera pública burguesa é a regulamentação da sociedade civil” (HABERMAS, 2003, p. 69), tornando-se a expressão da opinião pública naquele contexto. Ela significava uma mudança no fundamento das decisões sobre o mundo, em que o poder monárquico e concedido pelo poder divino era substituído pelo poder instituído a partir da troca de argumentos racionais e defensáveis publicamente, no início da republicanização das dezenas de nações.

Sua decadência ocorreria à medida em que o poder do capital privado passava a ganhar importância, admitindo que interesses privados se sobrepusessem ao interesse público, seja na tomada de decisão, seja na circulação das informações e opiniões. Os jornais, outrora nascidos como ambiente do embate de ideias, passava a ser defensor de interesses dos donos ou financiadores dos negócios da empresa jornalística.

As reflexões aqui interpostas apontam para um aprofundamento do problema diagnosticado pelo pensamento habermasiano. Com a condição pós-moderna modificando o modo de produção de conhecimento e também das decisões políticas ao redor do mundo, ela faz com que nasçam novas experiências na formação da opinião pública nas sociedades do espetáculo. Maffesoli (2010, 2016) apontará para uma importante atualização necessária a estas reflexões: a *opinião pública* não pode mais ser confundida com a *opinião publicada*.

Fazer esta diferenciação será necessário para entender por que, mesmo em cenários onde há concentração midiática nas mãos de agentes políticos, é possível que homens e mulheres comuns se neguem a agir em conformidade com opinião emitida pela imensa maioria dos jornalistas e outros atores sociais que possuem espaço nos meios de comunicação.

Para Maffesoli (2016, p. 80), tal descompasso é bastante comum atualmente, posto que há, por parte dos intelectuais (categoria nas quais inclui os estudiosos, os políticos, os especialistas e também os jornalistas), uma tendência a dizer ao mundo como tudo deve ser, esquecendo-se de tentar compreender o mundo tal como ele é. Isto é, deve-se buscar na observação da

vida em sociedade os fundamentos dos fatores que realmente mobilizam os sujeitos, o fundamento do estar-junto, do elo entre os indivíduos e o que os faz moverem-se num mesmo sentido juntos.

Assim, as opiniões publicadas pelos jornais e outros meios de difusão de conhecimento podem ser emitidas a partir de pontos de vista muito próprios a um círculo fechado de pessoas e que, não raro, está a uma enorme distância do conhecimento elaborado na vida cotidiana na grande maioria das pessoas. A opinião publicada muitas vezes não reflete outras opiniões mais amplas, que circulam silenciosamente no cotidiano das massas. O autor chama a atenção para esta diferenciação necessária para compreender as mudanças na ambiência pós-moderna:

Especialmente em nossa época, confundimos opinião pública com opinião publicada. A publicada é realmente uma *opinião*, mas pretende ser um saber, uma *expertise* ou até mesmo uma ciência, enquanto a pública tem consciência de sua fragilidade, da sua versatilidade, logo da sua humanidade. Seria isso que Maquiavel chamava 'o pensamento da praça pública'? (MAFFESOLI, 2010, p. 10).

Já a opinião pública teria nesta perspectiva um significado mais abrangente. Ela é a opinião que se forma silenciosamente nas comunidades da pós-modernidade, trazendo consigo toda a importância já descrita de elementos como o imaginário, a experiência cotidiana e os fatores lúdicos que a ela possam se agregar. São componentes que juntos geram efervescência de sentimentos e ideias, levando à ação (no caso em tela, em ações com resultados políticos). A opinião pública da pós-modernidade já não se dá apenas considerando os fatores objetivos e a troca de argumentos racionais expostos publicamente, como ocorrera na consolidação da esfera pública burguesa descrita e atualizada por Habermas.

Nas decisões políticas, o afetual, o ambiente específico no qual um grupo de pessoas compartilha emoções e preferências (MAFFESOLI, 2010, p. 22) também ganha importância. A política tradicional, se não atualizada aos rituais deste contexto, perde em capacidade de agregação e mobilização, em uma palavra, perde em capacidade de convencimento. Há grande possibilidade de perda, portanto, nas urnas, seu objetivo principal.

A teatralização - ou seja, a adoção de caracteres imaginários pelo mundo político - será necessária para a articulação entre o terreno árido da política e as necessidades de ludicidade da vida contemporânea (MAFFESOLI, 2010, p. 36). A forma de emitir a opinião no mundo do espetáculo precisa estar em consonância com a cola do social em vigor. Para além do conteúdo, também a forma precisa fazer sentido, corresponder ao imaginário vigente, cimentar-se no social.

Assim é que a opinião publicada nas páginas dos jornais (ou emitidas pelos meios de comunicação tradicionais e digitais) não mais funciona como sinônimo de opinião pública. As duas podem estar ou não em harmonia. É possível que a opinião pública não ceda aos diferentes apelos vindos da opinião reiteradamente publicada. É possível relativizar e até mesmo contestar a ideia de manipulação da mídia diante de um público dependente dos emissores. O poder de manipulação dos grandes emissores é colocado em xeque por esses momentos de ruptura.

Trata-se de casos emblemáticos sobre a autonomia da opinião pública que ilustra que "longe de ser manipulada, a massa determina-se por conta própria. Ou, ao menos, segue modas que não obedecem somente aos simples cálculos racionais e preditivos de autoridades dominadoras" (MAFFESOLI, 2005, p. 89). De nada adiantando, portanto, que haja eficiência na teatralização e na forma, se o conteúdo nada significar diante do público.

### 3.5 DECISÕES ESPETACULARIZADAS - IMAGINÁRIO, MÍDIA E OPINIÃO PÚBLICA

Parte-se agora para as reflexões sobre a mudança que é fruto das transfigurações do político, da ambivalência das relações em torno da ideologia e da prevalência do imaginário no mundo político das sociedades espetacularizadas. Todo o caminho unindo teoria e observação do cotidiano, feito nas páginas anteriores, leva a consolidar a visão aqui exposta sobre os modos pelos quais a proeminência do espetáculo vem substituindo a centralidade das narrativas políticas baseadas em premissas estritamente lógico-racionalistas.

A mudança na formação da opinião pública, que pode muitas vezes ignorar a opinião publicada pela mídia tradicional, também acompanha essa transformação no espírito do tempo, importando aos pesquisadores do imaginário político estarem atentos às paixões comuns. Isto abrirá portas para compreender alguns paradoxos aparentes que sobrevêm importantes reflexões que nortearam os estudos da política durante muito tempo.

Como explicar, por exemplo, que massas de eleitores desconsiderem as narrativas da opinião publicada, que alertam para perigos iminentes em algumas disputas pelo voto? Ou de que forma é possível compreender por que estratégias baseadas em argumentos convincentes, ou que tentem dialogar com imaginários historicamente conhecidos em uma dada sociedade, simplesmente deixem de fazer sentido e, portanto, percam efeito agregador? Deve-se por isso refletir de que modo as transfigurações da relação sujeito - política - sujeitos em sociedade podem impactar no desenrolar das disputas eleitorais.

Muito além da transposição dos discursos políticos das ruas e dos palanques em praças para os palanques da radiodifusão, das ondas de TV ou das mídias digitais, a esfera do político (assim como outras dimensões da vida contemporânea) incorpora paulatinamente a suas construções narrativas de fórmulas e discursos os usos da dinâmica do espetáculo, carregando-se de imagens, de símbolos, de referências mitológicas e de elementos que dialoguem com a busca pelo lúdico - característica dos tempos atuais.

A partir das discussões aqui empreendidas, é possível constatar uma profunda mudança no lugar da política tradicional, das narrativas sobre o mundo do poder e, sobretudo, na relação entre os indivíduos e as ideologias. A sociedade espetacularizada adere às fórmulas de tributo às imagens, aos afetos e ao imaginário para tentar estabelecer relações na esfera política.

No entanto, mesmo que o espetáculo aconteça com imagens que mediam a relação entre as pessoas, nem todo imaginário e nem toda imagem são fatores de agregação e mobilização, estando sujeitos ao espírito do tempo e às condições socioculturais em que são utilizadas. Repise-se, dependem de estar em consonância com o espírito do tempo para funcionar.

Novamente, está-se diante do reforço da impossibilidade da fabricação / ativação dos imaginários por meio de “laboratórios”. Isto é, por meio de um ímpeto manipulador de mentes e sentimentos produzidos por profissionais da

comunicação, conforme defendido pela linha de estudos do imaginário referida no capítulo anterior. A menos que haja, por outro lado, fator de intersecção entre a vontade desses profissionais e os elementos que embalam a socialidade entre as pessoas na sociedade em questão.

As premissas aqui aprofundadas permitem compreender ainda um deslocamento da dimensão ideológica na sociedade contemporânea: se outrora ela se baseava em uma construção racional sobre o futuro da humanidade, sempre distante e uma busca nunca usufruída pelos sujeitos, atualmente as ideologias políticas passam a ser o lugar das identificações sucessivas entre indivíduos. Estes não mais lidam com as ideologias enquanto adesões permanentes e totais, senão com relações mais brandas e instáveis - interferindo na construção das maiorias eleitorais no seio das sociedades pós-modernas.

Nesse íterim, o predomínio do racional contido nas adesões ideológicas dá lugar ao imaginal, ao sensível. As identidades estanques e quase imutáveis (como definir-se como um liberal ou um comunista), dão lugar às identificações sucessivas - em que os sujeitos colocam em primeiro plano aquilo que lhe aproxima dos líderes e dos símbolos que eles dinamizam ao seu redor, naquele momento em específico.

Assim é que também a formulação da ideia de opinião pública pode estar se dissociando a passos largos de uma opinião publicada pelos intelectuais e jornalistas. Estes apostam no poder de convencimento a partir de artigos publicados em jornais de grande circulação ou de informações veiculadas por canais de TV e rádio. No entanto, a opinião publicada muitas vezes distancia-se da verdadeira opinião pública que se encontra no cotidiano dos sujeitos contemporâneos.

Como pontuou Maffesoli (2016), esse descompasso é grávido de significados que apontam para que mesmo com uma ferrenha oposição da mídia tradicional a determinados candidatos a governante, estes caem nas graças dos eleitores que fazem ouvidos moucos aos discursos baseados em argumentos que desprezam o centro das decisões políticas nos dias de hoje: as identificações sucessivas entre eleitor e imaginário político, transformar as expectativas de um futuro promissor em fruição aqui e agora.

Todas essas mudanças experimentadas vão trazer ao centro das escolhas das preferências políticas os elementos acima listados. São eles que,

na sociedade do espetáculo, serão os formadores da opinião pública já delineada. O imaginário e sua dinâmica de socialidade ocupa o centro do debate público. E, como já foi visto, ele rejeita o falseamento por só fazer sentido quando está com os pés fincados no vivido e no cotidiano.

## 4 O IMAGINÁRIO COMUNISTA NA MÍDIA BRASILEIRA

Nas sociedades hiper-espetacularizadas, as corridas eleitorais da disputa pelo comando do poder estatal não ficam de fora do espaço midiático em que se desenrolam os principais temas e tramas do mundo pós-moderno. Nesse espaço privilegiado, onde são produzidos e circulam grande parte dos imaginários na contemporaneidade, as ideologias ganham nova roupagem, tornando-se mais dinâmicas, adaptáveis e com privilégio do aspecto afetual compartilhado (MAFFESOLI, 1985, 2005).

Este capítulo aproxima-se mais do objeto empírico ao investigar a relação entre a mídia, a política e os imaginários. Nas expressões midiáticas durante as eleições abarcadas por este trabalho, interessa desvelar os discursos jornalísticos, propagandísticos e partidários sobre uma ideologia e, nas palavras de Silva (2003, 2017a) fazê-los falar para que possam contar ao pesquisador do cotidiano o que pode estar oculto nesse excedente de significado que é o imaginário.

No caminho reflexivo trilhado, será necessário dar conta das origens do imaginário sobre o comunismo no Brasil, realizando um breve memorial da palavra “comunismo” e seus derivados, bem como dos afetos que historicamente se aglutinaram em seu entorno neste país. Em seguida, será o momento de aproximar a ideia anteriormente debatida de identificações passionais e passageiras com as ideologias na pós-modernidade e seu consequente atrelamento à dinâmica do espetáculo (DEBORD, 2002).

### 4.1 POR QUE IMAGINÁRIO COMUNISTA?

Mesmo antes da revolução bolchevique no antigo Império Russo em 1917, pulularam no Brasil referências a esta matriz ideológica nos espaços de disputa de ideias. Com a publicação do *Manifesto do Partido Comunista* em fevereiro de 1848 pelos filósofos Karl Marx e Friederich Engels na Alemanha, seu tratado político despertou controvérsias na esfera de discussão pública ao redor do mundo. Em nosso país não foi diferente.

Um dos primeiros debates sobre mudanças na sociedade brasileira que faz referência negativa a tal ideologia político-econômica ocorre no período em

que aqui se discutia a possibilidade de libertação das mulheres e homens em situação de escravidão, finalmente (e tardiamente) abolida no papel em 1889.

Na obra *Raízes do Conservadorismo Brasileiro* (2017b), além da radiografia do discurso sobre a abolição no tempo de suas controvérsias, Juremir Machado da Silva observou a presença da argumentação carregada de significados negativos referidos à "importação" das ideias desses alemães para o Brasil. Pensadores, jornalistas e políticos defensores da concessão de liberdade imediata aos seres humanos vindos da África, aprisionados em fazendas, casarões e outros expedientes da minoria branca, foram acusados de comunismo. O argumento foi usado à exaustão neste e em outros períodos de grande mudança na sociedade:

Nenhum espantalho seria mais evocado, diante de qualquer tentativa de avanço social, do que o comunismo. Quantas vezes os brasileiros seriam assustados com a ameaça vermelha? Quem poderia imaginar que, já nas lutas em torno da abolição da escravatura, o fantasma comunista fosse agitado, como seria em 1954 e em 1964, para tentar frear o ímpeto dos progressistas ou as aspirações da população? (SILVA, 2017b, p. 57).

Mariani (1998, p. 107-223), em um exaustivo estudo sobre a representação e a evocação sobre o comunismo e seus seguidores na imprensa brasileira chegará a constatação semelhante. Em sua tese de doutoramento, a autora analisou a presença desse imaginário nos jornais brasileiros entre 1922 (ano da fundação do Partido Comunista Brasileiro, o PCB) e 1989, ano da primeira eleição presidencial com voto direto depois da ditadura militar. Segundo a autora, ao longo dessas décadas foi possível observar que "hegemonicamente, a produção de sentidos para 'comunista' gira em torno de 'inimigo', o outro indesejável" (MARIANI, 1998, p. 107), sustentando o "efeito de negatividade" que reverberou nos anos seguintes (MARIANI, 1998, p. 113).

A autora percebeu ainda que, no período que vai da fundação da sigla até a redemocratização, houve um "apagamento da discussão política em torno do PCB", isto é, deixou-se de discutir os preceitos ideológicos, filosóficos e partidários propostos pelos comunistas brasileiros para dar espaço hegemonicamente à construção conotativa, adjetiva, produtora de sentidos negativizantes em torno dos agentes desse partido.

Com uma silhueta que se desenha já em meados do século XIX, este tema será trazido à baila pejorativamente em outros momentos cruciais para o Brasil. Suas origens estão ligadas a episódios políticos reais, a debates ideológicos acalorados e a discursos veiculados pela mídia.

Após revisar as expressões jornalísticas que compuseram as fases cruciais no período pré e pós golpe militar, lentamente gestado e finalmente perpetrado em março de 1964, Lorangeira (2015) afirma ser "imprescindível para a criação da ambiência favorável ao salvacionismo redentor forjar e hiperdimensionar inquietações e relacioná-las ao inimigo público" (LORANGEIRA, 2015, p. 130), aproximando-se dos interesses dos "senhores da alta sociedade" e legitimado pelo discurso midiático, paulatinamente.

Acompanhando a compreensão segundo a qual o imaginário não se opõe ao real, mas se alimenta dele e acrescenta-lhe camadas de interpretações, valores e significados socialmente compartilhados, cabe apontar neste momento alguns elementos da história e da cultura brasileiras que subsidiam a carga de negatividade repetidamente associada a tal ideologia no país.

#### **4.1.1 Em torno de um conceito ideológico**

Foi apontado na discussão teórica a mudança de perspectiva sobre as ideologias com o advento das sociedades pós-modernas, passando pelo que Maffesoli (1985, 2012) denomina por *enraizamento dinâmico*. Ou seja, ao mesmo tempo em que as narrativas ideológicas, como explicações totalizantes sobre o mundo, se tornam um valor pétreo no coração dos afetos que impulsionam as mobilizações da sociedade no mundo contemporâneo, as ideologias perdem em seu uso cotidiano aquela característica que a definiu no auge do período moderno: a pretensão à racionalização total do social, uma explicação argumentativa com base em pressupostos logicamente demonstráveis e que seriam capazes de explicar o funcionamento do mundo, levando-o a uma inelutável evolução pelo "melhor caminho".

Por esse motivo, segue-se por uma breve apresentação dos fundamentos filosóficos da ideologia comunista por três pensadores que a observaram em diferentes momentos da sociedade para, em seguida, continuar nossa busca pela identificação dos pontos de infiltração do afetual numa doutrina de raiz

racionalizadora, a partir de preceitos científicos, com pretensões à lógica pura. Serão consultados o fundador da doutrina comunista moderna, Karl Marx, passando pelos filósofos Antonio Gramsci (primeira metade do século XX) e Norberto Bobbio (segunda metade do século XX) para realizar essa rápida radiografia ideológica.

Autores do Manifesto do Partido Comunista, os alemães Karl Marx e Friederich Engels são responsáveis pela publicação das ideias sobre o comunismo fundado a partir da classe proletária, cujo poder deveria suplantar a classe burguesa. Esta última, triunfante após as revoluções industriais e liberais que transformaram os países europeus, teria se tornado progressivamente um oponente na histórica (e no pensamento marxista, inelutável) luta de classes.

Uma nova organização da sociedade deveria ser gestada nessa luta, que deveria ser gestada pela suplantação dos meios de produção concentrados nas mãos dos industriais e na consciência de classe que esclarecessem os trabalhadores industriais sobre as péssimas condições de trabalho a que eram submetidos. O fundamento dessa disputa, diz Marx, em todo o mundo deverá ser o questionamento da propriedade privada.

A internacionalização da luta operária, seria assim, apoiada por todos os partidários dessa ideologia: "em toda a parte os comunistas apoiam o movimento revolucionário contra as ordens sociais estabelecidas" (MARX; ENGELS, 2001, p. 83). Do mesmo modo, a clareza sobre as suas intenções seria fundamental para a obtenção dos objetivos mencionados, negando-se a dissimular os propósitos do combate à propriedade privada e à organização social ao modelo burguês, que deveriam ser colocados em prática violentamente, mas com a união e "entendimento dos partidos democráticos de todos os países" (MARX; ENGELS, 2001, p. 83). Seguindo essa receita, os comunistas e trabalhadores nada teriam a perder, "exceto seus grilhões".

Na obra que reúne os principais tópicos do pensamento gramsciano (LIGUORI; VOZA, 2017), não é possível encontrar o verbete dedicado exclusivamente ao comunismo. Para o pensador italiano que dá base à obra, as palavras mais utilizadas com o sentido que aqui procuramos são "socialismo" e "socialitas". O primeiro termo é referenciado como a "cidade futura" em que prevalece a liberdade aos homens e o mínimo de coerção.

Seu princípio seria da organização da liberdade para todos, a partir de um Estado tipicamente proletário. Para chegar a esse estágio de uma pretensa evolução da vida em sociedade, seria requerida a participação de todos os cidadãos num engajamento junto a uma alta classe intelectual já consciente da luta de classes sociais e que seria responsável pela educação das massas para o esclarecimento sobre a nova sociedade em gestação. Quando passa a utilizar o termo "comunismo" é da perspectiva do universalismo do social, um modelo de sociedade que seria "capaz de dar forma a toda a humanidade".

Gramsci também critica a *praxis* do socialismo em seu tempo e os "socialistas" merecem um verbete próprio no dicionário aqui referido. Ele enxerga um engessamento do pensamento marxista no Partido Socialista italiano e classifica os "socialistas" de seu tempo como sucessores ou variantes dos burgueses. Embora elogie seu empenho na maturação das ideias revolucionárias, Gramsci acusa os socialistas de seu tempo de confundirem as ideias e os fins da doutrina socialista, observando a pouca efetividade do partido na prosperidade de uma revolução capaz de realizar a "nova civilização".

Já Norberto Bobbio, em seu *Dicionário de Política*, faz um traçado do desenvolvimento da concepção comunista de mundo. Para ele, tal ideal tem suas raízes primeiras no pensamento de Platão que, no texto *A República*, exprime um "modelo de cidade ideal" (BOBBIO et al., 1991, p. 204) na qual haveria o fim da propriedade, do interesse privado e da família "a fim de que os afetos não diminuam a devoção para o bem público". O politólogo italiano apresenta, no caminho até a concepção marxista e seus críticos, outras raízes importantes para a consolidação do pensamento comunista.

Entre eles, está o "comunismo evangélico" baseado em preceitos bíblicos do Novo Testamento que apresentavam ideais e "posições que, com o mundanizar-se da Igreja e com o seu progressivo identificar-se com as instituições sociais e políticas dominantes, são assumidos pela espiritualidade popular e pelos movimentos heréticos" (BOBBIO et al., 1991, p. 205). Estes seriam baseados nos evangelhos dos apóstolos cristãos Mateus, Marcos e Lucas onde encontram-se textos em que a riqueza é considerada má e o reino celestial seria dedicado aos pobres.

Outras utopias passam a se constituir com a chegada da Idade Moderna: é o caso dos escritos de Thomas Morus, Tommaso de Campanella e Jean

Jacques Rousseau (séculos XVI, XVII e XVIII) que, no raiar da sociedade burguesa, formulam ideias de organização social e política de natureza comunista, na visão adotada por Bobbio et al. (1991). Tais ideias influenciam também escritos que inspiram as revoluções Inglesa e Francesa, ao criticar os sistemas políticos que, “em pleno processo de mutação da sociedade ocidental, não são capazes de corrigir as desigualdades do sistema econômico” (BOBBIO et al., 1991, p. 206). Aparecem nesse período as escolas socialistas e comunistas que antecedem os escritos de Karl Marx no século XVIII, entre as quais estão o planejamento de comunas autossuficientes de Charles Fourier e Robert Owen. Este último, chegou a levar suas ideias à prática, mas segundo Bobbio et al. (1991), tais comunidades faliram em poucos anos.

Por fim, referenciam as ideias de Karl Marx e Friederich Engels que, segundo o ele, possuem “como fundamento essencial a organização industrial do mundo moderno”. No verbete da teoria marxista, além de mostrar a importância dada pelo pensamento de Marx às revoluções burguesas e sua capacidade transformadora do mundo feudal em ruínas, estabelece um esquema dicotômico entre classes. A sociedade de inspiração burguesa e liberal que há poucos séculos começara a se estabelecer precisaria, por evolução calcada no materialismo histórico, ser superada para que o mundo chegasse enfim à possibilidade de dar “a cada um segundo as próprias capacidades e receberá segundo as suas necessidades. Para atingir esse objetivo, é necessário que as forças produtivas atinjam o máximo desenvolvimento e suas fontes de riqueza social produzam com toda sua plenitude” (BOBBIO et al., 1991, p. 210).

Importante acrescentar que neste mesmo dicionário é possível encontrar também o verbete dedicado ao Anticomunismo que, segundo esses pesquisadores, passa a existir com maior respaldo após a Revolução Bolchevique na Rússia. Para eles, tal noção pode ser definida como um “fenômeno complexo, ideológico e político ao mesmo tempo explicável, além disso, à luz do momento histórico, das condições de cada um dos países e das diversas origens ideais e políticas em que se inspira” (BOBBIO et al., 1991, p. 34).

Eles o dividem em dois planos: interno e internacional, sendo o primeiro de origem reacionária e fascista que tende a “tachar de comunismo qualquer

oposição de base popular" (BOBBIO et al., 1991, p. 35) ou como "critério discriminante" para a formação de alianças partidárias em democracias consolidadas, que acontece normalmente em países onde há forte presença comunista na sociedade. Já o anticomunismo de vertente internacional, seria subdividido em apostas na "contenção do influxo dos Estados socialistas" e na "interferência nos negócios internos dos países (...) a fim de prevenir e/ou reprimir os movimentos de inspiração comunista" (BOBBIO et al., 1991, p. 35).

Vê-se, na formação dialógica destes dois conceitos cruciais para a formação do imaginário político no mundo que sucede a Segunda Guerra Mundial, que há uma nutrição fortemente interrelacionada entre a formulação teórica desta ideologia embrionada desde os primórdios da tradição ocidental e os eventos históricos ocorridos no cenário mundial e também nacional.

Tendo em vista a relação intrínseca entre o imaginário e o real, seguindo também os passos compreensivos abertos por Bobbio para a interpretação local da formação do sentimento anticomunista em cada país por diferentes vieses imbricados na tradição e nos eventos locais. Nas páginas seguintes, serão abordadas as origens socioculturais brasileiras dessa bacia de semantismo e de afetos que, no Brasil, formou-se em torno de uma ideologia política.

#### **4.1.2 Raízes socioculturais do anticomunismo no Brasil**

Discutindo as raízes do imaginário político sobre o comunismo no Brasil, Motta (2000) apresenta três fatores como suas principais matrizes ideológicas: o nacionalismo, o catolicismo e o liberalismo. Perpassar essa composição social, cultural e histórica brasileira auxilia a desvelar o trajeto antropológico do imaginário político no Brasil no que concerne ao fenômeno estudado. Afinal, como foi salientado no pensamento de Bobbio, a negativização afetual da ideologia ou o fenômeno do anticomunismo deu-se de maneiras diversas em cada país. Aqui, interessa as raízes do caso brasileiro.

Antes de iniciar essa breve contextualização das raízes mais consistentes da negativização da dimensão ideológica do comunismo no Brasil, deve-se referenciar que ela não se deu apenas no campo da oposição política e conservadora.

Houve e há também, embora minoritário, o anticomunismo vindo da oposição à esquerda, destacando-se a oposição sobre a influência nos movimentos sindicais e operários (caso do Partido Trabalhista Brasileiro que disputou as bases trabalhadoras com o PCB no século XX), na crítica às alianças partidárias ou na oposição ao programa imperialista soviético. É momento de passar, portanto, às três maiores influências da oposição política e afetual à ideologia comunista que pode ser resumida pelo lema integralista “Deus, Pátria e Liberdade”, embora tal síntese não seja de modo algum exclusivista.

Fenômeno observado mundialmente durante o século XX, o nacionalismo entendido nesta abordagem como um fenômeno político que enxerga a nação como o povo e o território brasileiros, elementos indissociáveis e puros, marcou também o espaço político do Brasil. Motta (2000, p. 50) revela que, aqui, ele apresentou aspecto conservador apostando na defesa de lemas como a ordem, a integração, a centralização e contra as forças consideradas propagadoras da "desordem". Essa visão de mundo costumava, segundo Motta (2000, p. 51), rechaçar as ideias marxianas de internacionalismo da classe trabalhadora e do discurso proveniente da Rússia em favor da "pátria soviética" enquanto a verdadeira nação dos trabalhadores, por exemplo. O que, seguindo essa visão, tornava os adeptos da ideologia comunista grandes traidores da pátria.

Neste sentido, os comunistas seriam elementos “deletérios”, pois instigavam a divisão e a própria destruição do “corpo” nacional, à medida que insuflavam o ódio entre as classes. (...) A atuação política dos comunistas era execrada, pois eles incentivavam a divisão ao enfatizarem as lutas opondo os grupos sociais. A nação, na concepção organicista dos conservadores, deveria ser preservada em sua integridade (MOTTA, 2000, p. 50).

Por outro lado, o nacionalismo apregoado pela força política comunista que foi marcada na América Latina pela denúncia do imperialismo europeu e norte-americano era considerado "falso ou de fachada", servindo para enganar os verdadeiros defensores do Brasil. Os riscos trazidos, além da submissão da nação aos interesses de Moscou, estariam também na profanação de símbolos como a bandeira e, ao sabor do momento político, "sendo muito apreciada pelo governo" (MOTTA, 2000, p. 57), pois ajudava a formar um clima favorável à

edição de medidas excepcionais em nome do combate ao inimigo de fora, a força alienígena, representada pelo comunismo.

As raízes liberais do anticomunismo brasileiro são o segundo. Para Motta (2000), a origem não do anticomunismo brasileiro não está no liberalismo clássico do século XIX ou na liberal-democracia que inspirou os regimes democráticos do século XX. Aqui, a inspiração estaria mormente associada aos aspectos autoritários que acompanharam o desenvolvimento do país desde o fim do período imperial. Sobretudo no século XX, o país teve variadas e prolongadas "pausas democráticas", a exemplo do Estado Novo getulista (1937-1945) e da Ditadura Militar (1964-1984).

Isso se refletia nos discursos e nas nomenclaturas dadas aos anticomunistas, que eram considerados democratas pelo simples fato de se oporem ao regime soviético. Sem, no entanto, defender os valores da liberdade política e econômica que baseiam o pensamento liberal. Analisando discursos políticos, páginas de jornais, livros e panfletos que circularam nos dois períodos de maior intensificação do anticomunismo no Brasil, o autor da tese conclui:

A democracia que tão sofregamente se pretendia proteger não tinha conteúdo, seu sentido era vago. Não se tratava de afirmar a participação popular em contraposição ao autoritarismo, mas de opor a ordem à "ameaça revolucionária". No fundo, democrata significava simplesmente o oposto de comunista, quer dizer, anticomunista, o que era uma licenciosidade conceitual muito conveniente, pois permitia usar o simpático adjetivo para designar grupos que nada tinham de democráticos (MOTTA, 2000, p. 63).

Ele alerta ainda para os aspectos internacionais que influenciaram a aproximação frágil do liberalismo à brasileira e o combate à ideologia comunista. O alinhamento ao bloco capitaneado pelos Estados Unidos, país de tradição liberal e democrática, foi aspecto fundamental para uma automática equiparação entre o anticomunismo e a defesa dos valores democráticos, embora tenha sido visto que esse igualamento não se reproduzia na prática, vendo surgir de seu seio medidas autoritárias de governo e grupos paramilitares.

A esse aspecto deve ser acrescido também o interesse relatado por Larangeira (2014) e Silva (2016) de intervenção estadunidense na política interna dos países latino-americanos, notadamente no Brasil, resultando em intervenções militares baseadas na premissa discursiva que reivindicava a

defesa contra o “perigo vermelho”. Motta advoga ainda que o engajamento das classes empresariais sempre foi reclamado pela mídia, por representantes das Forças Armadas e pelo clero ligado ao combate contra os comunistas como sendo incipiente. Embora tenham sido pilar do tripé, inclusive financiador da política de combate ideológico, o empresariado foi instado em público a participar mais ativamente e a reconhecer os perigos nascidos da “infiltração comunista” nos interesses nacionais. Suas demonstrações de rechaçamento não eram suficientes para os setores amis exaltados pela guerra ideológica.

A terceira raiz do anticomunismo no Brasil encontra fundamento nos aspectos religiosos, sobretudo o forte catolicismo. Visto como uma ameaça aos valores cristãos por grande parte da Igreja, o comunismo viu crescer a apreensão contra si à medida em que a expressividade eleitoral do PCB se alargava. Ao mesmo tempo, as lideranças partidárias procuravam dissociar-se da pecha do ateísmo para vencer as resistências do eleitorado - contexto que levou clérigos a reagirem com a divulgação de textos, livros e cartilhas que tentavam revelar as hipotéticas incoerências dessa posição. As discordâncias giravam em torno também de setores progressistas dentro da própria Igreja, segundo argumentos que revelavam que a maioria não poderia

partilhar dos ideais de reformismo social; segundo, porque a esquerda católica descuidava do combate ao comunismo, priorizando a luta pelas reformas. A reação foi dura. O crescimento do “progressismo” em setores do clero e do laicato foi apresentado como resultado da mais recente ofensiva de Moscou, que pretendia dividir e enfraquecer a Igreja. A denúncia desta suposta infiltração comunista no seio da fortaleza católica foi muito recorrente nos anos 60, 70 e 80, o que de certo facilitava o trabalho repressor do Estado, já que se trataria de comunistas travestidos e não verdadeiros militantes católicos (MOTTA, 2000, p. 43).

As notícias oriundas da URSS também não eram animadoras para os religiosos, visto que nos primeiros anos do regime bolcheviques, de fato, ocorreram e foram noticiados desfiles populares contra a Igreja Ortodoxa, majoritária naquele país, e, como será visto adiante, o questionamento de tradições familiares, da doutrina básica religiosa e dos costumes morais validados pelo credo católico. A este argumento, unia-se a ideia de perseguição ao cristianismo, historicamente embasado por eventos remontados à proibição de seus rituais pelo Império Romano ou pelo questionamento profundo da

Reforma Protestante, por exemplo. O comunismo seria, nesse sentido, mais um inimigo a combater na longa história dos seguidores da fé do Vaticano.

Os estudos de Pereira (2010) sobre a produção jornalística e cultural em São Luís sobre o comunismo mostram que o Maranhão, estado base para esta pesquisa, não passou imune a esses eventos sociais, históricos e culturais observados nos demais estados. Os mesmos ingredientes puderam ser vistos em seu estudo, que analisou jornais e panfletos.

Observando esse cenário propício a um ambiente belicoso quanto a ideologia comunista no Brasil, é possível agora passar ao detalhamento das expressões do imaginário sobre o comunismo no Brasil. Sobretudo a que remete ao "combate ao perigo vermelho", amplamente majoritário nas tecnologias do imaginário que circularam no Brasil ao longo do século XX, com relíquias encontradas até mesmo na segunda metade do século XIX, como na história da abolição da escravatura. Esses traços foram observados por pesquisadores da História, da Sociologia ou da Comunicação, e serão esmiuçados nas páginas seguintes.

#### 4.2 O COMUNISMO COMO ESPETÁCULO: INGREDIENTES IMAGINAIS

Na composição do imaginário anticomunista no Brasil, Motta apresenta alguns elementos que se destacaram no adicional de carga negativa a esta ideologia no país. O trabalho ao qual faz-se referência recorta dois momentos históricos de maior efervescência social que tiveram esse ingrediente ideológico como tempero predominante, que se concentram entre 1935 e 1937 após a eclosão da conhecida "Intentona Comunista"<sup>7</sup> comandada por Luiz Carlos Prestes, e 1961 e 1964, momento em que o Brasil foi governado pelo presidente

---

<sup>7</sup> Revolta militar ocorrida em 1935, período do Estado Novo em que o Brasil foi dirigido por Getúlio Vargas. Por se oporem à política do presidente e terem identificação com as diferentes forças políticas de esquerda no país, os revoltosos ficaram conhecidos todos por comunistas - embora outras forças de esquerda tenham feito parte da revolta que durou quatro dias. Por ter sido comandada por Luís Carlos Prestes (militar tenentista de orientação comunista) e pela rapidez com que aconteceram os atos que não lograram êxito, a revolta recebeu ao longo do tempo a alcunha de "intentona", significando uma tentativa frustrada de golpe. Motta (200, p. 105) advoga que o caso teve o potencial para tornar-se um mito moderno. Isto é, fato capaz de provocar mobilização, narrativas e afetos diversos na sociedade.

João Goulart, defensor de um programa reformista<sup>8</sup> ao qual logo foi atribuído o adjetivo "comunista".

Os dois momentos históricos aos quais o pesquisador dedicou especial atenção a partir de livros, cartas, pronunciamentos políticos, documentos oficiais de instituições civis e religiosas, artigos opinativos e produção noticiosa apresentaram-se como o palco de maior circulação de afetos negativos em relação ao comunismo, seus seguidores e as consequências obtidas pela execução desse ideário por alguns países, notadamente União Soviética, China e Cuba.

Consultando uma farta documentação escrita e imagética produzida nos dois períodos, o autor chega à conclusão de que houve no país "uma forte tendência à regularidade, ou seja, à permanência ao longo do tempo de imagens, ideias, mitos" (MOTTA, 2000, p. 12) que se alimentaram do real e o realimentaram com o acréscimo de significado vagarosamente sobreposto a cada novo texto publicado ou imagem repercutida. Embora, como já tenha sido assinalado por Mariani (1998), toda esta construção optasse por deixar de lado as discussões programáticas e filosóficas sobre a ideologia. Isto é, já abandonando seus aspectos racionais e apostando na dimensão afetual.

Segundo Motta, sete foram os grupos de representações sobre o comunismo que alimentaram o imaginário negativizado: serem "demônios" contra a Igreja, agentes patológicos, uma ameaça estrangeira contra o Brasil, um desafio à moral cristã, apresentação do "inferno soviético", a "intentona" comunista e seguir o "cavaleiro da desesperança".

Já foi visto que a repetição, a lentidão e a coerência (MAFFESOLI, 2012) são ingredientes necessários para a consolidação de um imaginário como partilha societal em um determinado tempo histórico. Por esse motivo, serão abordados cada um desses sete aspectos que formularam a "guarda contra o perigo vermelho" brasileira.

---

<sup>8</sup> Nas obras de Larangeira (2014) e Silva (2016), é possível acessar os meandros da política janguista pelas reformas de base. Seus discursos e iniciativas que faziam menção à justiça social e ao aproveitamento produtivo das terras ociosas em latifúndios foram consideradas pelos partidos opositores, por grande parte da imprensa e dos grupos golpistas nas Forças Armadas como uma ameaça à Democracia brasileira, considerado como perigo à sucumbência aos interesses da URSS.

#### 4.2.1 O aspecto maligno no religioso

A comparação direta com as forças malignas é o primeiro tema. Diretamente ligado às raízes do pensamento católico conservador, os comunistas foram definidos "crias de Satanás" como outrora foram os inimigos da fé professada pelo Vaticano. Em documentos produzidos pela Igreja nesse período, o autor encontrou acusações contra os comunistas por supostamente "traçarem 'planos diabólicos', possuírem "astúcia diabólica" e arte diabólica, utilizarem "artifícios diabólicos" etc. (MOTTA, 2000, p. 75).

Seguindo a mesma linha, os adeptos da ideologia marxista eram ornados nesses discursos com imagens teriomórficas, isto é, animalizadas. São adjetivados e/ou comparados a serpentes, polvos, ratos, hiena, hidra, lobo, abutre. Cada qual, carregando em seu arquétipo valores como traição, tentativa de domínio universal, sujeira, oportunismo, asco, ataque a seres indefesos, serem possuidores de veneno. Motta, a esse propósito, observa que a aproximação *comunista-demônio-animal* aconteceu no Brasil sobretudo nos círculos religiosos, poucas vezes repercutindo por meio de outras vezes publicadas (MOTTA, 2000, p. 75). Essa argumentação, entretanto, esteve mais presente no período prestista que no janguista.

#### 4.2.2 Patologias na sociedade e os infiltrados

A sua caracterização por semelhanças com agentes patológicos, por outro lado, já passava a integrar discursos exteriores ao catolicismo, bem como ser evocado durante os dois períodos catalogados por Motta. Nesse grupo de imagens, os comunistas são definidos a partir de composições frasais que contêm palavras como peste, praga, bacilo, veneno, vírus ou câncer.

A associação com temas de nocividade é evidente e está, segundo o autor, relacionada diretamente à ideia de "infiltração" em grupos nacionais com o intuito de debilitá-los (MOTTA, 2000, p. 80), tudo isso amparado em fatos como a aliança e participação do PCB no governo de João Goulart e a propagação de manuais produzidos pelos Estados Unidos durante o período da Guerra Fria que davam destaque a métodos de "combate à infiltração comunista" (MOTTA, 2000, p. 80).

### **4.2.3 Ameaça à nação brasileira**

O terceiro grupo temático apontado por Motta apresenta o comunismo como uma "ameaça estrangeira", uma relação muito próxima ao ponto anterior que o comparava a agentes patológicos, "colocando em risco a integridade da nação" (MOTTA, 2000, p. 81), podendo esta sucumbir aos interesses de Moscou. "Por trás das generosas promessas de redenção da humanidade estaria escondido um objetivo oculto, inconfessável, de conquista do mundo" (MOTTA, 2000, p. 81).

O antissemitismo também foi um componente forte adicionado a este tema, seguindo a argumentação de que os judeus seriam responsáveis pela formulação da ideologia e espalhamento comunista "por serem, supostamente, anticristãos, materialistas e internacionalistas, e a sua motivação seria o desejo de controlar o mundo" (MOTTA, 2000, p. 85), incluído neste caldeirão um suposto caráter anticristão e apátrida dos seguidores da Torá.

Este segundo ponto da ameaça estrangeira, no entanto, foi diluído com o fim da Segunda Guerra e a descoberta dos horrores provocados pelo anti-semitismo que desaguou no Holocausto. O acento xenofóbico contra os chamados "países satélites" da URSS, por outro lado, permaneceu.

### **4.2.4 O perigo à moralidade**

A quarta linha indica que o comunismo seria um verdadeiro "atentado à moral" capaz de expor os brasileiros a novos hábitos, considerados indecentes e inadequados à tradição católico-cristã. As notícias vindas da Rússia de liberalização diante de alguns tabus eram o ponto de partida.

"Divórcio, libertação da mulher, educação sexual e aborto, estas medidas adotadas pelos bolchevistas serviam para conferir verossimilhança às afirmações de que o comunismo visava destruir a família e solapar a moral", observa Motta (2000, p. 93), o que levou à constante atribuição de adjetivos como imorais, sedutores, devassos e inimigos da família por seus opositores.

Neste ponto também salienta-se a responsabilização dos comunistas e sua ideologia pela ascensão do tráfico e consumo de entorpecentes no país, bem como foi a partir desta linha que se baixou uma série de censuras impostas

pelo Estado a espetáculos, músicas e obras de arte que pudessem carregar conotações sexuais ou apologéticas à crítica dos costumes.

#### **4.2.5 A realidade ocultada do “inferno comunista”**

Quanto ao considerado "inferno soviético", apontam-se duas nuances. Enquanto a propaganda russa destacava avanços sociais e estruturais que levaram o país a ter o primeiro homem a chegar ao espaço sideral ou da busca pelo igualitarismo de uma política socialista, a opinião publicada em terras brasileiras procurou “destruir o mito do 'paraíso socialista', opondo-lhe uma contra-imagem, a do 'império do mal' ou “inferno vermelho” (MOTTA, 2000, p. 97).

A tal ponto esse era um tema crucial que durante o Estado Novo, o Departamento Nacional de Propaganda (DNP) distribuiu livro à imprensa com coletânea de artigos opostos ao governo bolchevique. "Pode-se dizer que o grosso das representações anti-soviéticas concentrava-se em torno de quatro temas principais: moral, ateísmo, violência e condições sociais", diz Motta (2000, p. 100) ao que se segue.

O autor afirma ainda que foram envidados grandes esforços para atribuir a esse regime a fama de perseguidores cruéis da religião, relegando seu povo à miséria em favor da ideologia, além de uma intensa corrupção da infância e da família.

Afirmava-se que as crianças e jovens eram arrancados do convívio familiar, para serem mais bem adestradas e controladas pelo Estado soviético. Cenas terríveis eram relatadas, como histórias dando conta da existência de milhões de menores abandonados vagando pela URSS, marginais que os comunistas deixavam largados à própria sorte. Dos novos padrões morais dizia-se que estariam levando à formação de uma geração de monstros, para quem nada seria proibido nem existiriam regras (MOTTA, 2000, p. 101).

#### **4.2.6 A violência tresloucada, ou a Intentona**

Os dois últimos pontos dizem respeito ao levante militar revolucionário de 1935 e à aproximação da figura de Luiz Carlos Prestes do "cavaleiro das trevas".

Bebendo diretamente no real de um fato histórico que ocasionou mortes numa tentativa frustrada de rebelião fardada e na personificação do mito de um comunista pouco a pouco sendo construído como elemento perigoso à sociedade.

O autor revela a importância desses dois elementos no imaginário sobre o comunismo no Brasil porque "forneceram argumentos para solidificar as representações do comunismo como fenômeno essencialmente negativo" (MOTTA, 2000, p. 105). A começar pelo uso da palavra "intentona"<sup>9</sup> para referir-se a esse episódio, vocábulo utilizado para outros eventos históricos no Brasil como uma sublevação dentro do exército em 1932 e o golpe integralista de 1938.

Ainda assim, com as repetições narratológicas relacionadas à ideia sobre o comunismo ao longo das décadas, a alcunha "intentona" passou a ser rapidamente associada ao levante promovido por Prestes em 1935, cujo resultado final foi fracassado e culminou na morte de 60 a 100 pessoas, segundo estimativas avalizadas por Motta (2000, p. 111).

O episódio e os relatos que se formaram a seu redor tinham todos os preceitos indicativos de consolidação de um imaginário de confronto. Por isso, o governo de Getúlio Vargas apostou em eventos que lembrassem os "mortos pelos vermelhos" ao mesmo tempo em que fontes anticomunistas ressaltavam atributos dos sublevados que variavam entre crueldade e traição aos interesses da pátria, formando-se um caldo significativo para o estabelecimento do temor contra o "perigo vermelho":

As vantagens embutidas na exploração propagandística da "Intentona" são evidentes: tratava-se de um caso real, ocorrido no Brasil, e não de informações relativas a terras longínquas. O comunismo deixava de ser uma abstração e adquiria perfil definido, concreto e próximo da realidade brasileira; o anticomunismo passava a ter um apelo forte, sensibilizando setores significativos da sociedade que até então não davam ouvidos às advertências sobre o "perigo vermelho". A "Intentona Comunista" possuía característica típica dos mitos modernos, a capacidade de provocar a mobilização social (MOTTA, 2000, p. 105).

---

<sup>9</sup> Significado: Plano insensato; ataque imprevisto; conspiração para motim (Minidicionário Houaiss da língua portuguesa, 2012).

#### 4.2.7 O herói que ilude

Já a figura de Luiz Carlos Prestes, de cavaleiro da Esperança que comandava a Coluna Prestes pelo Brasil contra os "carcomidos", isto é, contra as elites que permaneciam no poder por anos durante o Regime Republicano, a ser chamado de "Cavaleiro da desesperança". A mudança acontece após a sua filiação ao PCB (sigla até então pouco relevante no cenário nacional) para onde carregou junto a si o mito construído pela Coluna e pelos ideais modernistas.

A representação de figura passou então a ser bastante disputada, entre pontos positivos e negativos - este último, aumentando com a sua partida e estadia na União Soviética entre 1931 e 1935. Foi chamado de covarde e comparado a trejeitos tresloucados e satânicos (cavaleiro da lua, cavaleiro do apocalipse), acentuadamente depois de sua prisão pós-Intentona e com a extradição ordenada por Vargas de sua esposa Olga Benário para os campos nazistas, causando-lhes acusações de ser traiçoeiro e inconfiável.

Ele seria totalmente "vendido ao ouro de Moscou". Prestes, como figura mítica do comunismo no Brasil, agregou com o passar dos anos os adjetivos remetidos aos comunistas por seus opositores no Brasil - saciando a necessidade existente nas *bacias semânticas*, como foi apontado nas obras de Durand e Silva, de dar nome e forma personificada aos mitos contemporâneos.

Na verdade, a personagem que está em Prestes é a corporificação do protagonista enganador, traiçoeiro e que se esconde atrás de um discurso de bom moço, mas que deve ter sua face oculta revelada para o bem de todos.

#### 4.3 NAS PEGADAS DO IMAGINÁRIO SOBRE O COMUNISMO NO BRASIL

As expressões do imaginário sobre o comunismo e o anticomunismo no Brasil ao longo do século XX que foram apontadas neste capítulo serão primordiais para que esta pesquisa avance no objetivo de dar a ver, mostrar, desvelar os modos pelos quais houve uma tentativa de reaproveitamento pelo jornalismo e pelas estratégias de marketing nas eleições gerais em 2014, que culminou com a vitória do candidato comunista para comandar o Governo do Estado do Maranhão.

Nas próximas páginas, serão apresentadas as ferramentas metodológicas que se integrarão ao arcabouço teórico visto até aqui e que subsidiarão a organização da pesquisa em torno do imaginário comunista. As categorias conhecidas nesta sessão servirão de base para a organização da análise textual discursiva, que explicitará as estratégias do discurso das mídias para tentar recolocar um imaginário outrora preponderante no centro de um debate público de ideias e sentimentos.

Observando os modos pelos quais esse imaginário é expresso nos diferentes produtos comunicacionais em 2014 no Maranhão, esta pesquisa poderá avançar nas reflexões das hipóteses inicialmente levantadas sobre as expressões da esfera do político estarem em consonância com o imaginário de uma época para que possam ser fator de mobilização e conquista do eleitorado.

## 5 O OLHAR PARA O FENÔMENO: REFLEXÕES METODOLÓGICAS

### 5.1 A POLIFONIA DO SOCIAL

Acompanhar as expressões do imaginário a partir da mídia nas sociedades contemporâneas, na visão adotada por este trabalho, requer a adoção de um procedimento metodológico aberto ao pluralismo de vozes que se formam em torno do objeto. Para isto, deve-se seguir apontaremos alguns preceitos de pesquisa para nortear o olhar para o fenômeno da disputa, pretensamente ideológica, que se deu pela mídia, nas condicionantes da relação entre os indivíduos, o imaginário e as mídias na pós-modernidade.

Antes de passar à análise do caso propriamente dito, serão indicados pressupostos investigativos para dar conta desse fenômeno considerado, desde logo, como um acontecimento complexo - e, portanto, portador de múltiplas facetas que não podem ou devem ser esfaceladas, separadas, sob pena de "perda de complexidade, de realidade e de verdade" na organização do conhecimento (MORIN, 2015b, p. 91).

Pesquisar, reflete Silva (2010, p. 58), é realizar os procedimentos capazes de tirar as camadas sucessivas de superfaturamento simbólico existentes no fenômeno que se estuda, fazendo emergir o contexto original em que foi produzido, bem como a pluralidade de causas (MAFFESOLI, 1985, p. 216) que lhe sustenta.

É um processo que envolve a retirada das "vendas" do pesquisador para que possa enxergar da forma mais clara possível o que há de verdadeiro nas expressões (aqui midiáticas) do social. A cada camada, uma voz e um tema se dá a ver.

Muito além do *correto* (que pode ser uma explicação parcial encontrada para os questionamentos feitos diante do objeto que se pesquisa), o *verdadeiro* é formado por várias premissas corretas e está imerso em camadas que "recobrem sua origem e produzem o efeito que o caracteriza" (SILVA, 2010, p. 49), sendo estas camadas constituintes daquilo que temos denominado por imaginário.

## 5.2 RELAÇÃO ENTRE O PESQUISADOR E O OBJETO

Para fazer vir à tona (SILVA, 2010, p. 15) o que se encontra oculto mesmo na superfície do cotidiano, o pesquisador e seu objeto devem passar por um processo que envolve três etapas de relacionamento com o fenômeno que está investigando.

Em primeiro lugar está o *estranhamento* existente diante do objeto, ampliando a lente do essencialmente subjetivo e "sair de si mesmo para tentar ver com as lentes dos outros" (SILVA, 2010, p. 39), ou seja, das reflexões feitas anteriormente pelo campo de pesquisa, que geram novas teorias e novos olhares.

A segunda fase consiste no *entranhamento* no objeto, no fenômeno em tela, fazendo-lhe perguntas que ampliem nosso campo de visão para "descobrir" algo novo durante o processo de pesquisa. Por fim, chega-se ao *desentranhamento*, voltando dessa jornada de conhecimento com uma visão nova sobre ele e que seja explicitadora das hipóteses, análises e conclusões a que se chegou.

Tendo isto em vista, o que este trabalho busca, sobretudo, fazer uma análise dos textos em circulação na mídia. De discursos emitidos por meio das diversas plataformas discursivas que se contrapõem, se justapõem e por vezes podem se complementar. São textos, entremeados por discursos, que foram elaborados para combaterem e negarem um ao outro, mas que por vezes beberam na fonte do oponente para contradizê-lo.

A perspectiva, a de pesquisadores do imaginário, é que essa análise se caracteriza por "fazer um discurso falar, obrigá-lo a contar aquilo que ele esconde na sua linguagem opaca" (SILVA, 2017a, p. 112). Tal empreitada de pesquisa, embasada nas estruturas filosóficas, sociológicas e arqueológicas do imaginário, será feita no intuito de "tentar provisoriamente capturá-lo em frases ou fórmulas contraditoriamente sentenciosas e insuficientes" (SILVA, 2017a, p. 114). Estes procedimentos de análise serão realizados com a contemplação da maior pluralidade de vozes e causas possível.

### 5.3 O PLURALISMO CAUSAL

Este trabalho opta por não adotar uma perspectiva da explicação de causalidade única baseada nos interesses políticos e econômicos inerentes à disputa eleitoral que será narrada. Claro que este fator é decisivo para a existência do fenômeno descrito, ele auxilia à compreensão dos aspectos materiais que estiveram em jogo, mas está-se buscando uma expressão ainda mais reveladora do *superfaturamento simbólico* existente na utilização de um imaginário carregado de força negativa, que no Brasil transita entre o que seria o comunismo.

Isso será feito a partir de um processo aberto à *polifonia do social* (MAFFESOLI, 1985), pela composição de *cacos* de fatos midiáticos repletos de significado gerar *pontes de sentido* (SILVA, 2017a, p. 101) que possibilitem apresentar o fenômeno que ora se investiga. O que se persegue nessa análise de discursos segue as reflexões maffesolinianas, para quem as pesquisas dos fenômenos contemporâneos devem fugir de

contentar-se em mostrar de dedo em riste o caminho certo para os extraviados. Precisa escutar o social, mergulhar nos imaginários, penetrar nas contradições, aceitar o "contraditório", a coincidência dos opostos, a harmonia conflitual. (...) Precisamos de intelectuais que vibrem quando há vibração e identifiquem o que cimenta o social (MAFFESOLI, 1999, p. 23).

Por esse motivo, os esforços serão direcionados à construção de uma pesquisa que identifique os diferentes pontos e integre a polifonia existente nos movimentos observados. Entende-se, para isso, que cada voz identificada no fenômeno social revela-se como uma camada de significado em um acontecimento do mundo da comunicação total.

O que poderá ser mostrado ao pesquisador e ao leitor curioso, ao fim desse procedimento arqueológico de retirada de camadas, será como uma "retomada de consciência tardia" (SILVA, 2017a, p. 111) dada pela identificação de atores, de símbolos, de mitos e de narrativas que se agregam em uma eleição, como camadas de superfaturamento simbólico. Todos esses elementos vistos a partir da polissemia inerente aos bens simbólicos em circulação. Uma reconstituição narrativa repaginada pela integração de conhecimentos aos fatos midiáticos colhidos durante o pleito de 2014 no Maranhão.

#### 5.4 A VISÃO CALEIDOSCÓPICA PARA O FENÔMENO

A noção proposta por Maffesoli (1985, p. 205) de *patchwork reflexivo* tem muito a contribuir nessa caminhada, pois apresenta ao pesquisador dos imaginários a possibilidade de juntar *cacos compreensivos* nas narrativas, nas imagens e nos símbolos e reposicioná-los construindo uma nova trama que seja capaz de fazer emergir do objeto pistas sobre a presença do imaginário no mundo pós-moderno, enxergando o que está oculto. É um procedimento que investiga para além de discursos pinçados (e apartados) ou encaixotados em gavetas especializadas (e separadas). Mas que, ao contrário, integra-os.

Uma das maneiras possíveis de alcançar tal objetivo é analisar os fenômenos sociais que tenham como ponto de partida os meios de comunicação, ao mesmo tempo em que está conectado a outros aspectos da realidade que o compõem. Os estudos sobre os imaginários expressos através das mídias deverão, neste trabalho, interseccionar outros campos dos saberes, como a Ciência Política, a Sociologia, a Literatura e a História. Estas são áreas do conhecimento humano que já alimentaram este trabalho com pistas compreensivas imprescindíveis para nos permitir *desencobrir* o objeto.

Desta forma, são acompanhados os apontamentos de Silva (2010, p. 43) para descobrir o que, nos discursos expressos através das mídias, é deixado subentendido, as operações e fundamentos das narrativas criadas, os nexos realizados diante do público, mas não claramente explicitados nos textos e imagens em circulação. Essas são, entre os objetivos de pesquisa possíveis na análise de produtos de mídia, algumas possibilidades de descobrimento a que se chega quando se pratica a metodologia para o *desvendamento* do olhar do pesquisador e do leitor diante de um fenômeno social hiper-espacularizado e o *desencobrimento* do que está oculto na superfície do objeto pesquisado.

Entende-se que os passos compreensivos dados até aqui fazem parte do *desvendamento*, na tentativa de "cercar o objeto para descobri-lo" (SILVA, 2010, p. 46) a partir da integração, diálogo e tensionamento de diferentes campos do conhecimento.

Abrir o olhar é também buscar os referenciais teóricos capazes de fazer o objeto falar, enxergando além do óbvio, enxergando as fronteiras abertas nas disputas simbólicas. Para trilhar diante do entendimento do objeto empírico que

segue, foi necessário ter percorrido um caminho teórico capaz de nos descortinar horizontes de integração entre o real e o fantástico nos capítulos anteriores.

Mesmo sabendo que essa retroalimentação entre real e imaginário acontece num contexto social que abarca essencialmente uma disputa pelo poder político (eleitoral e governamental) - o evento do qual se poderia esperar ser o ápice de uma troca de argumentos e razões planejados para o convencimento racional, - o caso, no entanto, lança mão de grandes batalhas simbólicas (e em muitos momentos fantásticas) entre dois lados antagônicos.

## 5.5 O PERCURSO DE DESVENDAMENTO

Foi elaborada, de início, a discussão sobre a prática do nosso próprio *desvendamento* para acompanhar e atualizar as relações entre a mídia e o imaginário na contemporaneidade, explicitando os diversos pontos de conexão entre o simbólico e as narrativas sobre o mundo através dos meios de comunicação.

Depois, seguiu-se adiante por um olhar sobre as mudanças na esfera pública em que se debatem e se decidem as disputas eleitorais nas democracias contemporâneas, mudança de perspectiva sobre o lugar da ideologia nas disputas pelo poder na atualidade.

A pesquisa assumiu o olhar segundo o qual as ideologias, que se pressupõem racionalizadoras, preenchem-se cada vez mais de um sentimento partilhado entre seus adeptos, que se reúnem em tribos. Foram ressaltados os limites e críticas existentes na compreensão do agendamento midiático e da oposição feita por Maffesoli entre o tradicional conceito de opinião pública e a sua crítica ao que denomina por opinião publicada.

O que essa caminhada de desvendamento revelou foi - inspirados nos estudos de Silva sobre os discursos emanados do social em momentos de ruptura, - um verdadeiro "entrelaçamento de fatores, de instituições, de interesses, de concepções, de ideias, de personalidades, de contradições, de projetos e de condicionantes" (SILVA, 2017b, p. 352). Nenhuma dessas variáveis pode ser descartada ou negligenciada para que se avance sobre o que está oculto na profundidade das aparências. Avançar sobre os significados latentes nos textos que serão analisados.

Assim, chega o momento de passar para outras duas etapas diretamente relacionadas ao objeto empírico escolhido, trabalhando agora com o descobrimento possível desse fenômeno eleitoral observado a partir do desvelamento inicial.

## 5.6 APROXIMAÇÃO DO OBJETO EMPÍRICO

Na primeira delas, faz-se necessária uma breve contextualização da ideologia comunista, em torno da qual os discursos antagonistas duelavam em busca da vitória eleitoral. Assim, será necessário tentar aproximar-se do que realmente quer dizer "comunismo" no Maranhão, estado brasileiro, à luz da *sensocomunologia*.

Se nos últimos séculos esta ideologia significou um dos apogeus do pensamento crítico e racionalista, por outro nutriu um imaginário negativizante em alguns países, dentre os quais o Brasil. Entender o porquê histórico e social desta constatação, fundamental para a disputa discursiva que se está acompanhando, será um passo além nessa empreitada que leva em consideração a mudança já sinalizada no processo de desvendamento na discussão sobre a transfiguração do político e o momento atual em que há forte adesão de carga emocional às ideologias.

Por fim, será explicitado o contexto social, político e eleitoral do Estado do Maranhão em 2014, ano da eleição que está em análise. Ressaltando o aspecto fundamental para este estudo, que se trata de uma hegemonia quase total dos meios de produção de mídia por grupos políticos confrontados pelo candidato comunista. Será desenhado, desta forma, um cenário aproximado do "espaço público" maranhense no período em tela.

Ao passo em que se descreve tais condições, caminha-se adiante no mergulho em relação ao objeto de estudo para compreender em que medida a relação existente entre a mídia e a caracterização ideológica do comunismo nessa eleição confronta a opinião publicada diante da opinião pública, da profundidade da *sensocomunologia* proposta por Maffesoli.

Assim, perpassaram-se diferentes pontos que subsidiarão a visão adotada sobre o fenômeno analisado, a fim de estabelecer uma *harmonia conflitual* entre os diversos fatores que compõem um fenômeno, admitindo no

*corpus* analisado elementos que não sejam necessariamente coerentes e, assim, dando conta da complexidade existente nos fenômenos políticos que não devem ser analisados apenas racional, mas abarcando toda a sua carga afetual.

## 5.7 MATERIAIS ANALISADOS

Esta pesquisa privilegiará a reunião do maior número possível de discursos que possibilitem enxergar, descrever e compreender a tentativa de acionamento de um determinado imaginário político pela opinião publicada, embora pouca pregnância tenha sido observada sobre ela na opinião pública.

Para isso, será utilizado o material midiático recolhido ao longo do período eleitoral de 2014 no Maranhão. O arquivo a ser utilizado foi colhido durante os meses de junho a outubro do ano pesquisado e é composto por jornais impressos, três entrevistas na TV e programas publicitários de TV veiculados no horário eleitoral gratuito. Atinge-se, assim, um dos objetivos apontados por Roque e Galiazzi:

O ciclo da análise textual aqui focalizado é um exercício de produzir e expressar sentidos. Os textos são assumidos como significantes em relação aos quais é possível exprimir sentidos simbólicos. Pretende-se, assim, construir compreensões a partir de um conjunto de textos, analisando-os e expressando a partir dessa investigação alguns sentidos e significados que possibilitam ler. Os resultados obtidos dependem tanto dos autores dos textos quanto do pesquisador (ROQUE e GALIAZZI, 2007, p. 14).

É nesse caminho que todo o material, referente ao tema eleitoral naquelas eleições, passará por clivagem para selecionar apenas os que dizem respeito ao imaginário político sobre o comunismo presentes nas narrativas.

A maior parte desse conjunto de discursos integra o arquivo pessoal desta pesquisadora, reunido ao longo as eleições de 2014. Outros, porém, estão disponíveis nos canais oficiais dos dois candidatos que disputaram a eleição, sobretudo no Youtube. Embora já tenha sido visto que os imaginários compõem os diversos âmbitos da sociedade, sendo a dimensão midiática apenas uma das tecnologias do imaginário na contemporaneidade, optamos pela utilização das expressões encontradas na imprensa e na publicidade dedicadas à disputa pelo

voto por se tratar de um recorte relevante para uma pesquisa de mestrado no âmbito das Ciências da Comunicação.

A partir do Horário Gratuito de Propaganda Eleitoral (HGPE), serão observadas as principais estratégias discursivas dos dois candidatos em relação ao imaginário e à ideologia comunista. Pode-se focalizar por meio deles as mobilizações de afetos com abordagens positivas ou negativas, que contribuem para a elaboração e o ativamente de imaginários pensados pelo centro de cada uma das campanhas. Isso se dará a partir de seus programas de TV veiculados duas vezes ao dia, três vezes por semana. Tal observação nos dará a dimensão estratégica do discurso dos dois candidatos e suas relações com o imaginário (anti)comunista.

Entre os jornais impressos, será analisado o noticiário de *O Estado do Maranhão*, de junho a outubro. Trata-se do jornal de maior circulação no Estado. E por pertencer à família da então governadora, Roseana Sarney, filiada ao PMDB, a partir de suas páginas será possível enxergar as principais estratégias discursivas na imprensa em torno desse imaginário.

A reunião, a seleção e a sistematização desse material permitirá delinear os caminhos da incursão midiática pelos imaginários políticos nessa eleição, principalmente no recorte ideológico do comunismo que se destacou na cobertura, dentre tantos outros. E, como parte-se da concepção de que o imaginário existente sobre essa ideologia naquele período ganhou grande repercussão no âmbito comunicacional, será possível conferir os modos pelos quais ele se expressou e as camadas de significação que lhe foram adicionadas.

## 5.8 ANÁLISE TEXTUAL DISCURSIVA

Como método de pesquisa capaz de englobar as várias nuances dos argumentos políticos acima listados, será utilizada a Análise Textual Discursiva (MORAES, 2003). Trata-se de um recurso metodológico em sintonia com as premissas da Sociologia Compreensiva, por dar subsídios para que o pesquisador estabeleça, de forma qualitativa, interconexões entre unidades textuais que podem estar incluídas em textos diferentes, mas que se complementam como uma narrativa coerente.

A metodologia consiste em quatro etapas que permitem, ao fim, a construção de um metatexto que faça emergir novas compreensões sobre o fenômeno. A primeira delas é a unitarização ou desmontagem do texto, seguida da categorização, da captação do novo emergente e, por fim, da auto-organização do metatexto.

Entendemos que a análise textual parte de um conjunto de pressupostos em relação à leitura dos textos que examinamos. Os materiais analisados constituem um conjunto de significantes. O pesquisador atribui a eles significados sobre conhecimentos e teorias. A emergência e comunicação desses novos sentidos e significados é o objetivo da análise (MORAES, 2003, p.193).

O primeiro ponto, da unitarização, deve ser feito a partir da seleção rigorosa do *corpus* a ser analisado, da leitura dos textos e da sua posterior desconstrução, isto é, sua divisão em unidades de análise, de significado ou de sentido (MORAES, 2003, p. 195). Feita a unitarização, cada uma das unidades deverá ser codificada para em seguida serem agrupadas em torno de ideias que as aglutinem. Esta fase consta dos apêndices.

Cada grupo deve ser denominado a partir de uma letra ou número que os identifique. Organizados desta maneira, o pesquisador poderá proceder a uma leitura cuidadosa e aprofundada do *corpus* delimitado fazendo, assim, surgirem “condições para a emergência de interpretações criativas e originais, produzidas pela capacidade do pesquisador estabelecer e identificar relações entre a parte e o todo” (MORAES, 2003, p. 196).

Na segunda etapa, o pesquisador deve proceder pelo estabelecimento de relações com a criação de categorias - que são formadas a partir de conjuntos mais complexos que as unidades anteriores, construindo gradativamente significados para cada categoria, através de métodos dedutivos, indutivos ou intuitivos.

Nesta pesquisa, trilha-se pela integração entre os processos de dedução e indução. A primeira utiliza categorias a priori, que surgem a partir dos referenciais teóricos trazidos anteriormente. Pela indução, pode-se criar novas categorias que se complementem às primeiras, visto que o imaginário constitui-se por ser um objeto em dinâmica criativa constante e que pode haver novos sentidos dele emergentes em épocas diferentes.

Com a indução, baseada em informações contidas no *corpus* escolhido e que privilegia a abertura a novas compreensões que surgem a partir dos elementos encontrados. Essa integração preza pelo olhar qualitativo, que se baseia nos dados objetivos - os segundos sendo propulsores do primeiro. Cada uma das categorias criadas deve orientar-se pela homogeneidade, isto é, que mesmo sendo plurais comunguem do mesmo princípio, ressaltando-se que uma mesma unidade pode compor duas ou mais categorias diferentes. Este é mais um passo fundamental na construção de uma visão dialética entre as várias partes que compõem nosso *patchwork compreensivo*.

Uma vez construídas as categorias, estabelecem-se pontes entre elas, investigam-se possíveis consequências em que poderiam ser organizadas, sempre no sentido de expressar com maior clareza as novas intuições e compreensões atingidas (MORAES, 2003, p. 202).

Ainda sobre esta fase, é necessário que se criem argumentos em torno das categorias estabelecidas, explicitando os principais *insights* surgidos ao longo da leitura, da unitarização e da reorganização textual (MORAES, 2003, p. 200). Essa reunião de argumentos é o primeiro passo rumo à formação da estrutura dos metatextos finais - reunindo argumentos que se aglutinarão na fase de finalização.

Aqui, afloram-se as hipóteses de trabalho e argumentos para defendê-las, esse processo "constitui um dos elementos essenciais de uma análise textual qualitativa. Em vez de números, característica de abordagens quantitativas, é preciso fazê-lo com argumentos" (MORAES, 2003, p. 201) que levarão da explicação parcial à visão global do fenômeno em tela. Assim, inicia-se a construção de um novo texto, que beberá nos originais, expressando seus sentidos e significados conjuntamente.

O terceiro foco da análise dá continuidade a esse tópico, desta vez expressando as compreensões emergentes dos procedimentos anteriores. Isso deve ser feito com descrição e interpretação. O autor enfatiza que a qualidade desse novo texto dependerá tanto da contabilidade dos dados, quanto do pesquisador assumir-se como autor dos argumentos elaborados na etapa anterior, utilizando-se tanto da descrição quanto da interpretação - sendo esta última operada através de um maior afastamento e maior abstração.

Por isso, o pesquisador deve esforçar-se em expor os argumentos aglutinadores rumo à tese central, articulando os sentidos e significados que surgiram no processo de aproximação entre pesquisador e textos analisados.

A descrição aconteceria pela apresentação das categorias e subcategorias com uma interlocução constante com os textos originais. Já a interpretação seria construir novos sentidos e compreensões a partir da teorização possibilitada pela impregnação com os sentidos do texto, estabelecendo uma interlocução com autores do referencial teórico utilizado, "estabelecendo pontes entre os dados empíricos com que trabalha e suas teorias de base" (MORAES, 2003, p. 204).

Por fim, a quarta e última etapa será a auto-organização, "que se utiliza da desordem e do caos, para possibilitar a emergência formas novas e criativas de entender os fenômenos investigados" (MORAES, 2003, p. 207), que reúne todos os passos anteriores para a explicitação dos metatextos finais, que poderão ser compostos de também por esquemas, tabelas ou figuras.

Os metatextos serão responsáveis por articular os diferentes discursos em torno dos argumentos descobertos nos processos de unitarização e categorização, construindo uma condensação do que há de mais central nos textos discursivos, articulando-os numa costura narrativa integradora dos argumentos centrais identificados.

A partir deles, a pesquisa será capaz, por fim, de fazer desentranhar da imersão feita nos textos e discursos emergentes. Surgirão desse *patchwork compreensivo* os elementos de base para a nossa interpretação acerca da manifestação do imaginário sobre o comunismo ao longo do período eleitoral. Assim, sob a luz dos referenciais teóricos anteriormente apresentados, a pesquisa poderá fazer vir à tona os sentidos e os caminhos percorridos pela bacia semântica do imaginário sobre o comunismo no século XXI, bem como suas repercussões (ou não) como cola do social.

## 6 IMAGINÁRIO SOBRE O COMUNISMO NO MARANHÃO NAS ELEIÇÕES DE 2014

Os procedimentos de retirada das vendas do pesquisador (e do leitor), bem como de arqueologia do imaginário a partir das camadas que recobrem o objeto em estudo, realizados até aqui, abrem caminhos de compreensão para analisar o fenômeno midiático. Neste capítulo, serão realizadas as etapas de análise propriamente dita, reunindo os discursos sobre o comunismo, sobre o candidato comunista, as ideias e os afetos que lhe circundam dentro das narrativas midiáticas a partir do método da Análise Textual Discursiva (ATD). Este é um processo constituído de quatro procedimentos, que se seguem.

A primeira etapa, de unitarização ou desmontagem textual, consta dos apêndices, que foram desta forma organizados: Cada texto recolhido no noticiário recebeu uma numeração e a ordem estabelecida é a cronológica. Já as etapas dois e três seguem-se no item 6.2 e capítulo 7, como parte do esforço de reorganização dos argumentos centrais que emanam dos textos originais. São elas a categorização e a produção de metatextos emergentes dos procedimentos anteriores.

A seleção das reportagens, notas, editoriais, charges e artigos foi procedida privilegiando os textos cujo enfoque estivesse centrado no candidato do PCdoB, Flávio Dino, bem como na busca por sua caracterização enquanto agente político filiado a um partido comunista concorrendo ao governo do Estado.

Os apêndices A, B, C, D e E correspondem, cada um, a um mês do noticiário do jornal *O Estado do Maranhão* a partir de junho e finalizando em outubro, no dia 6, edição da manhã seguinte ao pleito. Para o material impresso, foi utilizada a seguinte organização: ordem cronológica, gênero jornalístico, a ocorrência ou não das palavras “comunista”, “comunismo” ou “PCdoB” ao longo do texto, revelando a reiteração ou não da aproximação ideologia-imaginário.

O apêndice F diz respeito aos artigos dominicais assinados pelo ex-presidente e ex-senador, presidente de honra do PMDB nacional e proprietário do EMA, José Sarney. O mesmo critério de enfoque para a seleção feita acima foi estabelecido para a categorização destes artigos, publicados na parte inferior da primeira página do jornal.

Os apêndices G e H referem-se à unitarização dos programas eleitorais televisionados do candidato do PMDB e do PCdoB, respectivamente. Por fim, os apêndices I, J e L correspondem às transcrições das entrevistas concedidas à *TV Mirante*, afiliada à rede Globo. Por serem espaço de destaque da emissora de TV com maior audiência, entende-se que elas são capazes de revelar as principais formulações discursivas e foram pinçadas entre as demais entrevistas concedidas durante o pleito.

A terceira etapa será da construção dos metatextos a partir dos significados emanados da categorização. Trata-se de produções textuais que reúnem as compreensões da pesquisadora, agregando os principais significados emergentes da leitura, unitarização e categorização realizadas anteriormente.

Neste processo, procede-se pela reescrita dos sentidos emanados na leitura, nas categorias e nos *insights* ocorridos nos processos anteriores, conforme a metodologia adotada. Os metatextos misturarão as diversas vozes em circulação no processo eleitoral. Cada um conterá núcleos de sentido captados, expressando “por meio da linguagem as principais ideias emergentes das análises e apresentação dos argumentos construídos pelo pesquisador em sua investigação” (MORAES; GALIAZZI, 2007, p. 94). Os novos textos produzidos compõem o capítulo 7 e contêm citações diretas colhidas nos textos originais.

A última etapa se dará com a descrição e crítica dos novos significados emergentes e já comunicados através dos metatextos, a partir dos pressupostos teóricos acompanhados nos capítulos anteriores. Encadeando os entendimentos em torno do imaginário às suas expressões nas eleições maranhenses de 2014, a pesquisa possibilitará uma interpretação articulada de discursos em torno do imaginário sobre o comunismo, compondo uma verdadeira arena de disputa de sentidos.

Nesta fase, articulam-se os textos emergentes dos processos anteriores ao contexto em que eles foram expressos, numa tentativa de explicitar, de forma mais elaborada, os elementos que compõem os discursos analisados e dar a ver os significados que emergem de sua ambiência (MORAES; GALIAZZI, 2007, p. 132).

São esses os passos a serem dados em busca de uma compreensão polissêmica sobre tal imaginário político. E, num exercício de diferença e

repetição (SILVA, 2017b), observar as expressões desse imaginário por meio de discursos articulados para fazer emergir novos sentidos explícitos ou latentes nos textos naquele período. Para isto, é necessário realizar uma incursão inicial no universo midiático maranhense à época analisada.

## 6.1 BREVE ECOLOGIA DE UMA MÍDIA CONCENTRADA: O MARANHÃO EM 2014

Uma das principais características do objeto em estudo está na concentração da propriedade dos meios de comunicação nas mãos de um mesmo grupo político-partidário. Este elemento é responsável por acentuar o poder de agendamento de temas eleitorais do interesse dos proprietários da mídia, como fica claro no cruzamento das estratégias dos programas partidários ao noticiário político.

Sabendo que a análise deve caminhar sempre com a integração com o contexto em que os textos foram produzidos e circularam, precisa-se esclarecer quais as circunstâncias de produção midiática em que o objeto está inserido. Para melhor compreensão da ambiência é necessário, portanto, que se entenda a ecologia dos meios de comunicação no Maranhão em 2014 e o modelo em que essas tecnologias do imaginário estão organizadas e disponíveis ao consumo na sociedade.

O cenário, no Maranhão, permanece de forte concentração da propriedade de mídia pelas famílias que ascenderam a posições político-partidários. Nas eleições em estudo, dois dos principais canais de TV, as emissoras de rádio de maior audiência e o jornal impresso com maior circulação na capital e no interior têm em seus quadros proprietários personagens diretamente interessados nas disputas eleitorais.

A *TV Mirante*, afiliada da *Rede Globo*, tem em seu quadro acionário Roseana Sarney, então governadora, filiada ao PMDB e ao final de seu 4º mandato no comando do Executivo, em sociedade com seus outros dois irmãos – José Sarney Filho e Fernando Sarney. A família também é dona da emissora de rádio de maior audiência, a *Rádio Mirante*, e do periódico matinal *O Estado do Maranhão*, que atualmente possui tiragem que oscila entre 10 mil e 16 mil exemplares (SOUSA, 2018, p. 3). Demonstrando a amplitude de tal sistema de

comunicação, Couto (2007, p. 137) relaciona ao menos 13 concessões de rádio e TV no Maranhão registradas em nome de familiares do ex-presidente Sarney.

A TV Difusora, retransmissora da programação do Sistema Brasileiro de Televisão (SBT) em programação aberta, bem como as rádios AM e FM homônimas, pertencem a Edison Lobão, então ministro das Minas e Energia filiado ao PMDB. A empresa, no ano em questão, era administrada pelo próprio Lobão Filho, candidato à sucessão de Roseana, com quem divide a sigla de filiação partidária.

Todos os meios de comunicação citados possuem programação regional própria e também retransmissoras em cidades menores. Assim, no entendimento de Couto (2007, p. 161), os veículos organizam sua programação de modo a consolidar as estratégias eleitorais de seus proprietários. Eles funcionam como suportes de propagação de discursos que embasam a ação política de seus acionistas e diretores, que exercem cargos políticos desde meados da década de 1950, quando José Sarney assumiu pela primeira vez o posto de deputado federal em 1955 e fundou, em 1959, o *Jornal do Dia* – posteriormente sendo rebatizado de *O Estado do Maranhão*.

A estrutura descrita para a ligação entre meios de comunicação e poder político reforça-se, como salienta Couto (2007, p. 167), pelas verbas publicitárias concedidas pelos poderes, seja estadual ou municipal. Propriedade privada e financiamento estatal combinam-se para reforçar as ações políticas de importantes personagens das disputas pelo poder (COUTO, 2007, p. 165) e servir como plataforma de um fazer híbrido de jornalismo-publicidade (SOUSA, 2018), com algumas diferenciações importantes:

O jornalismo da televisão tem menos espaço para ser político (embora o noticiário televisivo também seja político, com nuances mais leves). Já o jornal é completamente livre de amarras externas. A narrativa política elaborada pelo jornal é apropriada pelo noticiário da televisão (em menor intensidade) e pela cadeia de rádios (com maior intensidade e maior alcance, por ser a mídia que mais se aproxima de seu público – que não precisa saber ler para ter acesso a ele) (SOUSA, 2018, p. 3).

Mas eles não povoam sozinhos a ambiência das tecnologias do imaginário no Maranhão. Embora o modelo de circulação de conteúdo na mídia tradicional em outros meios de comunicação replique o quadro acima, há que se

notar a existência de alguns meios que não seguem a estrutura de reforço do discurso do grupo político representado pela candidatura de Lobão Filho e de resistência ao crescimento eleitoral do candidato comunista.

Três deles eram o impresso *Jornal Pequeno*, cuja editorialização é tradicionalmente contrária ao grupo liderado por José Sarney, o sistema *TV Cidade*, reprodutora do conteúdo da Rede Record nacional e a *TV Guará*. A *Cidade* também possui abrangência estadual, chegando ao interior do Estado, e de cuja sociedade participa o senador Roberto Rocha (PSB) que, naquela eleição, concorria ao cargo na chapa encabeçada pelo PCdoB. Já a *TV Guará* é a mais nova dentre as emissoras e retransmite conteúdo da Rede Record News. A TV vem de concessão pública recente e é de propriedade do empresário Roberto Albuquerque, cuja família não possui filiação partidária.

Junto a esta ecologia das mídias tradicionais une-se como importante lugar de busca por informação a ascensão dos blogs e redes sociais. No capítulo dedicado à descrição das novas configurações das disputas políticas no mundo contemporâneo, já salientamos um aspecto importante da nova esfera de discussão política com o advento das redes sociais e blogs.

Embora não façam parte do objeto empírico a ser investigado, faz-se necessário registrar que neste ambiente também houve a reprodução ou a releitura das estratégias do discurso político presentes no noticiário tradicional e nos programas eleitorais. Com a reprodução do conteúdo tradicional ou com a produção de seu próprio conteúdo, blogs e redes sociais também compuseram essa ambiência de circulação de narrativas, mitos e imagens relacionadas ao comunismo no século XXI no Maranhão.

## 6.2 ANTICOMUNISMO PÓS-MODERNO: TEMAS E CATEGORIAS

Conhecendo o espaço de circulação dos imaginários nas eleições investigadas, passa-se agora à etapa de investigação do objeto. A ATD será o ponto de partida para conhecer as expressões do imaginário pela mídia.

O material já apresentado foi desconstruído a partir do processo de *unitarização*, reordenado com a fase da *categorização*, fazendo a partir disto surgir as categorias que articulam os principais argumentos existentes na mídia em análise. Elas foram divididas nos apêndices em três emissores discurso

diferentes (jornal impresso, entrevista e propagandas partidárias) e que, em interlocução constante, dimensionam a guerra entre as categorias do imaginário em torno do comunismo, a reprodução de significados já vistos anteriormente e conhecidos no capítulo em que foram revisitados os principais imaginários que se repetiram ao longo do século XX em torno desta ideologia no Brasil.

É assim que, a partir das fases acima descritas, foi possível fazer emergir 49 subcategorias compreensivas dos textos do jornal *O Estado do Maranhão*, das entrevistas concedidas pelos dois candidatos à *TV Mirante* e dos programas publicitários dos candidatos do PMDB e PCdoB que foram ao ar entre 1º de junho de 2014 e 2 de outubro subsequente, organizadas na tabela a seguir:

**Tabela 1** - Subcategorias que emergem do conteúdo de *O Estado do Maranhão*, programas eleitorais do PMDB e entrevistas à TV Mirante

Nº	Subcategorias que emergem dos textos do corpus
1.	Flávio Dino foi um administrador corrupto, despreparado e incompetente
2.	Administrações da mudança são lesivas ao erário público
3.	Flávio Dino tem aliados corruptos e incompetentes
4.	O comunismo do passado é atroz como Stálin, Mao Tsé Tung e Hitler
5.	O comunismo atual é atroz, com a Venezuela de Chávez
6.	Comunistas são capazes de tudo pelo poder
7.	Flávio Dino está sempre na mira da Justiça e tem muito a explicar
8.	Os financiadores de Flávio Dino estão ligados ao trabalho escravo
9.	O projeto de mudança é falso e corresponde a um fracasso administrativo
10.	Os comunistas são ateus
11.	Comunistas trabalham contra a religião e tentam esconder
12.	Flávio Dino é burguês disfarçado de comunista e age para privilegiados
13.	Comunistas aparelham o Estado para atingir seus objetivos
14.	Comunistas são falsos moralistas
15.	Comunistas são incoerentes
16.	Comunistas costumam decepcionar quem acredita neles

N°	Subcategorias que emergem dos textos do corpus
17.	Comunistas usam instituições idôneas para atingir seus próprios interesses
18.	Os comunistas têm marqueteiros que camuflam seu verdadeiro projeto de poder
19.	Comunistas assediam e tentam cooptar pessoas incautas para seu projeto de poder
20.	Os comunistas não cumprem acordos e compromissos
21.	Os comunistas sempre têm um discurso demagógico para tirar da manga
22.	Comunistas adotam estratégias para se dar bem (esconder-se de questionamentos e sabotar ações dos adversários)
23.	O comunista esconde sua família desestruturada
24.	Os comunistas atacam a família de seus adversários
25.	O comunista expõe sua família para se beneficiar no jogo político
26.	As ações dos comunistas não têm ética
27.	Comunistas agem com oportunismo
28.	Flávio Dino não respeita o próprio partido e tem postura furta-cor ideológica
29.	Comunistas censuram, atacam liberdade de expressão e o bom jornalismo
30.	Coincidência entre pesquisas eleitorais e atos de violência
31.	Comunistas trazem estrangeiros/forasteiros para atuar no seu projeto de poder
32.	Comunistas representam o passado e um fóssil
33.	Maranhão é atacado para beneficiar seu projeto de poder
34.	Os opositoristas só sabem falar mal do Maranhão
35.	Os comunistas não representam a verdadeira esquerda
36.	Não reconhecem a boa realidade do Maranhão e mentem para iludir
37.	Os comunistas adulteram informações e pesquisas eleitorais
38.	Os comunistas atacam seus adversários
39.	Os comunistas possuem aliados ocultos, dos quais se envergonham
40.	Os comunistas possuem interesses superiores ocultos

N°	Subcategorias que emergem dos textos do corpus
41.	Comunistas respondem a chefes ocultos e um projeto maior
42.	Comunistas são aproveitadores e não merecem confiança
43.	Comunistas traem e submetem seus aliados, pois só pensam em seu projeto de poder
44.	Os chefões do comunismo estão por trás de graves atos de violência
45.	Comunistas infiltram aliados em movimentos idôneos e na sociedade civil
46.	Comunistas estão infiltrados no sistema de Segurança do Estado
47.	Comunistas são semeadores do caos
48.	Comunistas são dissimulados
49.	Flávio Dino perde o controle quando vê se projeto ameaçado

Fonte: A autora (2018)

As subcategorias configuram-se como chaves de compreensão fornecidas pelos textos pinçados ao longo dos meses de junho, julho, agosto, setembro e início do outubro. Elas são ideias que aparecem, reaparecem e repetem-se ao longo dos meses de observação dos textos políticos contidos no matinal maranhense.

Elas se caracterizam por expressarem ideias emergentes da leitura dos textos e, em seguida, devem ser reagrupadas em conjuntos maiores que congreguem algumas dentre elas. Na ATD, contudo, deve-se caminhar no sentido de uma integração ainda maior das ideias centrais que emergem dos textos. Estabelecem-se, desta forma, as categorias gerais que se constroem a partir da aglutinação das subcategorias, que podem ser estabelecidas a priori ou emergirem da análise textual, reunindo o que há em comum entre as compreensões emanadas dos textos.

[A categorização] Corresponde a simplificações, reduções e sínteses de informações de pesquisa, concretizadas por comparação e diferenciação de elementos unitários, resultando em formação de conjuntos de elementos que possuem algo em comum (...) possibilitando o início de um processo de teorização em relação aos elementos investigados (MORAES; GALIAZZI, 2007, p. 75).

Para tanto, os passos teóricos realizados até aqui possibilitaram o estabelecimento de algumas categorias a priori, visto que pertencem aos estudos do imaginário sobre o comunismo no Brasil. A partir das leituras realizadas nos capítulos anteriores, estabelecem-se sete categorias do imaginário sobre o comunismo observadas historicamente no país.

No entanto, os processos de unitarização e reordenação fazem emergir duas novas categorias cruciais para compor o fenômeno analisado: o comunista corrupto e o fracasso administrativo. Em consonância com as subcategorias e com o percurso teórico-metodológico descrito até aqui, encontram-se organizadas em nove temas gerais:

**Tabela 2** - Categorias aglutinadoras do imaginário sobre o comunismo

Nº	Categorias a priori e emergentes
I	O discurso demagógico ou o herói que decepciona
II	O ateísmo fantasiado ou o falso religioso
III	Uma patologia social
IV	A violência como <i>modus operandi</i> verbal e de ação
V	O anti-maranhense, os infiltrados e a ameaça ao estado
VI	A realidade escondida
VII	Contra a moral e os bons costumes
VIII	A corrupção que ameaça
IX	Não funciona no capitalismo: a farsa da mudança comunista

Fonte: A autora (2018).

São estas categorias aglutinadoras que nortearão o produto final da ATD, ou seja, a produção de metatextos responsáveis por reunir os principais argumentos que compõem o conjunto sob análise. Os metatextos originados pela pesquisa dialogam diretamente com o arcabouço teórico visitado nas páginas anteriores em torno do imaginário político sobre o comunismo no Brasil. Por diferença e repetição, faz também emergir a novidade dentro de cada novo texto.

Um ponto em relação ao qual toda repetição faz diferença: todo imaginário é diferença na repetição e repetição na diferença. (...) é uma narrativa que se repete como diferença. Jamais é o mesmo. Reinventa-se ao repetir-se. Repete-se ao renovar-se. Não se pode atualizar o imaginário sem gerar, ao mesmo tempo, essa sensação de eco e de novidade. Aquilo que ecoa soa como uma nova mensagem (SILVA, 2017a, p. 86-87).

Não apenas surgem duas novas categorias, como também integram-se novas formas de comunicar antigas expressões desse imaginário. Adiante, vê-se de que modo o comunista buscou atribuir novos significados (e reativar afetos pouco explorados no Brasil), com viés positivo, à filiação, ao partido e à ideologia da sigla.

### 6.3 RESSIGNIFICANDO A IDEOLOGIA: PRESENCAS E AUSÊNCIAS NO DISCURSO DO COMUNISTA

A disputa pelos significados no entorno do imaginário sobre o comunismo também passa pela construção do discurso do próprio candidato da sigla. Buscando a polifonia do social que baseia as produções sobre o imaginário político na contemporaneidade, a análise adentra também no centro do discurso de Flávio Dino sobre o comunismo. Para compreender o fenômeno da maneira mais global possível, é necessário desvelar de que modo o discurso sobre o comunismo integrava a estratégia de seu próprio representante.

Para isto, foram analisados os programas eleitorais televisionados da coligação *Todos pelo Maranhão*, encabeçada pelo PCdoB, bem como duas entrevistas concedidas à *TV Mirante*. Os textos podem ser consultados, respectivamente, nos apêndices H e J e que passará pelo mesmo procedimento de unitarização, tematização e análise utilizado no item 6.2.

A primeira característica relevante deste conjunto de discursos é a ausência completa da referência direta ao comunismo, ao partido ou à ideologia, diferentemente do que ocorrera com o jornal impresso e programas eleitorais de seus oponentes. A ausência de qualquer referência pode apontar para várias reflexões, que o conjunto de textos fará emergir.

Mas mesmo sem referência direta, o diálogo com o imaginário social e histórico sobre o partido no Brasil permeou as estratégias discursivas por meio

de referências que, discretamente, buscaram negar as características negativizantes desse imaginário. Afinal, para além do agendamento temático, é preciso salientar que não muitos anos antes o Brasil viveu anos de intensa campanha contra a ideologia comunista e o PCdoB e outras siglas de esquerda chegaram a ficar na clandestinidade, devido à proibição pela ditadura militar de todas as manifestações políticas ligadas à ideia de comunismo e de socialismo.

É neste quadro que o discurso de Flávio Dino, embora não abertamente, procura refutar o imaginário negativizante sobre o comunismo. As principais ideias que surgem a partir do acompanhamento dos programas e das entrevistas podem ser reunidos em 12 subcategorias. A sua numeração complementa a sequência das subcategorias da tabela 1.

**Tabela 3** - Subcategorias que emergem do conteúdo dos programas eleitorais e das entrevistas concedidas pelo candidato comunista à TV Mirante

Nº	Subcategorias emergentes da participação de Flávio Dino
50.	Ser comunista é tornar comum, comungar, um princípio cristão
51.	Projeto da mudança reúne todos os que torcem pelo Maranhão
52.	Flávio Dino representa um projeto de justiça e igualdade social
53.	A biografia pessoal de Dino desfaz todas as investidas dos oligarcas
54.	União para derrotar um poder monárquico
55.	A mudança para o Maranhão é feita pelo diálogo
56.	O candidato possui uma vida de fé e ligada à família
57.	Flávio Dino tem uma trajetória de atuação em nome das causas sociais
58.	O combate à corrupção foi um lema de sua vida
59.	Flávio Dino tem muitos anos de vida pública e é ficha limpa
60.	As ações de Flávio Dino são legais e em defesa do regime democrático
61.	Todos estão incluídos no projeto de mudança pelo Maranhão

Fonte: A autora (2018).

É importante salientar que o processo global de análise teve como foco conteúdos que estivessem de acordo com a perspectiva do imaginário sobre o

comunismo e suas nuances, deixando de lado outros elementos que compõem o texto geral, como programa de governo, crítica social, agenda do candidato, pesquisas e outros elementos constantes dos discursos emitidos pelo conjunto de programas de TV.

Também nesta fase, as subcategorias com argumentos emergentes geram, segundo a ATD, categorias gerais que aglutinem estratégias centrais. Assim, a partir dos 12 itens listados acima, confluem-se três categorias gerais que resumem a estratégia do comunista para desvencilhar-se das caracterizações do imaginário sobre sua ideologia, construída com reiteração.

**Tabela 4** - Categorias aglutinadoras do imaginário sobre o comunismo na visão do comunista

N°	Categorias emergentes da participação de Flávio Dino
X	Comunista cristão, graças a Deus
XI	Um projeto de todos: união para derrotar um poder monárquico
XII	Uma biografia pessoal em defesa da democracia e da justiça

Fonte: A autora (2018).

Reunindo as 12 grandes categorias que disputam afetos e sentidos na esfera política, a partir dos meios de comunicação já elencados, a última fase desta pesquisa passará para a construção de textos que reúnem as ideias principais de cada categorias. O objetivo é explicitar os sentidos emergentes e disputas havidas em torno deles, compondo um *patchwork compreensivo* sobre as expressões do imaginário sobre o comunismo no contexto analisado. O próximo capítulo integrará textos, imagens e *insights* em torno dos sentidos explicitados nestas páginas.

## **7 IMAGINÁRIO SOBRE O COMUNISMO: REPETIÇÃO E DIFERENÇA NA ARENA DE DISPUTA DE SENTIDOS**

Os metatextos a seguir são produzidos num esforço para unir os argumentos sistematizados pelo noticiário e programas eleitorais, buscando novas compreensões dos discursos em análise. Como uma costura desse *patchwork*, integram-se recortes dos textos que compõem o corpus da pesquisa à intervenção da pesquisadora, cuja única finalidade é melhor integrar os argumentos.

Em sua composição, as frases grafadas em itálico foram retiradas literalmente dos textos originais posto que, para a melhor elucidação dos sentidos, Moraes e Galiuzzi (2007) argumentam que a inserção dos trechos originais são elementos que conferem rigor e confiança ao processo metodológico. A ordenação dos textos segue números romanos, segundo a ordem de aparecimento nas tabelas 2 e 4.

Por fim, o item 7.1 traz a interpretação e crítica originadas da produção dos metatextos que integrarão o que se está aqui denominando por arena de disputa de sentidos sobre a ideologia e os partidários do comunismo.

### **I - Lobo em pele de cordeiro: o discurso demagógico dos comunistas**

Nesse comunista não dá para confiar. Ele não tem palavra e utiliza dos anos de estudo que teve para tentar ludibriar a população maranhense, com promessas fáceis e projetos mirabolantes. Não podemos confiar nas coisas que ele fala, nos seus discursos pelo interior do Estado, em que usa todo o seu conhecimento para enganar o eleitor. Na verdade, não passa de um aproveitador que é capaz de tudo pelo poder.

*Um traço do comunista Flávio Dino tem ficado cada vez mais evidente neste período pré-eleitoral. Ele tem uma incrível capacidade de ignorar acordos, quaisquer que sejam eles. E essa postura tem incomodado os aliados (texto 30).*

Ele é comunista e todos sabem que comunistas não gostam nada de religião. Sua verdadeira face é aquela que coloca o seu partido acima de todos os interesses maranhenses. Mas, para enganar o eleitor e alcançar aquilo que

mais quer, ele até anda se denominando por aí um “servo do senhor”! *Na tentativa de mudar a imagem com a qual os comunistas são vistos pela comunidade religiosa, Flávio Dino tomou outra atitude de mudança nas últimas semanas. Ele trocou a tradicional camisa vermelha característica dos membros do PCdoB por outras em tom azul ou cinza, mais palatável (texto 53).* Nada mais incoerente e com cheiro de fraude!

Mas não é só para conseguir os votos dos religiosos que eles estão operando as suas artimanhas. Na verdade, eles não revelam exatamente o que querem e podem estar operando algo muito perigoso, sempre à espreita. E os sinais de que algo grave pode acontecer são muitos, veja o que aconteceu recentemente: *Mau humor, descontrole (...) e reações zangadas nas redes sociais. Alguma coisa muito grave deve estar acontecendo com o equilíbrio do candidato do PCdoB (texto 260).*

Suas estratégias ocultas estão por toda parte. Basta ter olhos para ver. Suas pesquisas são fraudadas, escondem a realidade e, quando institutos sérios e a imprensa livre ousa lhe desdizer, acontecem repentinamente atos de violência muito fortes. O seu oponente *está convencido de que as fugas e tentativas de rebelião ocorridas na semana passada, mais os incêndios a veículos, estão relacionados e são parte de uma estratégia com objetivos políticos (texto 257).*

Sua ganância é enorme. Tem uma verdadeira fome de poder. Para isso, afasta-se dos antigos amigos, coloca seu próprio pai em *exposição despudorada feita pelo candidato comunista, da condição de saúde do pai dele, numa tentativa de se vitimizar (texto 55)*, e engorda... engorda muito, pois não admite dividir o que ganha com quem mais precisa!

**Figura 1** - Charges dos textos 263 e 110



Fonte: Jornal *O Estado do Maranhão* (2014)

E essa gente é feita de grandes aproveitadores! Vejam só o que fazem com seus aliados. *Furta-cor em suas relações com os candidatos a presidente, o comunista vai precisar explicar ao eleitor como pretende governar o Maranhão. Motivo: cada um dos presidentiáveis tem um projeto próprio para o país, mas Dino quer apenas aproveitar-se deles eleitoralmente. É exatamente a forma como o comunista vê o futuro do Maranhão que torna seu projeto pouco confiável. E se mantém relação com todos os presidentiáveis, Flávio Dino acaba por enganar uma boa parte de eleitores (texto 60).* Aécio Neves é seu braço forte, *ele é um tucano-comunista (texto 97)*, mas quer passar-se por aliado de Dilma. *Furta-cor na disputa presidencial, o comunista quer se aproveitar dos bônus de todos os candidatos presidenciais, sem querer assumir o ônus de suas escolhas (texto 141).*

**Figura 2** - Charge do texto 154



Fonte: Jornal *O Estado do Maranhão* (2014)

Eles têm o DNA da traição. E por é forte a antipatia que os eleitores mais aficionados do ex-governador Jackson Lago nutrem pelo comunista (**texto 24**). Em vida, Lago não o tolerava e depois jamais aceitaria que o partido se submetesse ao vexame de ser humilhado, como foi por Dino e ainda e dobrar para apoiá-lo (**texto 29**). Hoje o comunista posa de bom moço, com outros aproveitadores da sua estirpe, mas a verdade sempre vem à tona. Veja-se, por exemplo, que o próprio irmão de Jackson Lago confirma ter sido assediado por comunista para desistir de sua candidatura (**texto 70**).

E o que fazem com a memória de Eduardo Campos? Jamais se viu na história política recente do país o uso abusivo e desrespeitoso de um morto com o objetivo claro e indiscutível de pedir votos (...). Os exploradores passaram a impressão de que desconhecem ou interpretam errado o conceito de ética (**texto 165**).

Mesmo comunista, ele esconde pecados que são muito capitalistas! Flávio Dino é a velha oposição conservadora, que tem um discurso ruim, posições ruins e aliados ruins. É um projeto pessoal, que só representa ele mesmo e seus aliados (**texto 99**).

Tenta fazer crer, e isso parece absurdo, que todos os que estejam a ele ligados são imunes a abordagens ou a ações na Justiça. Não será surpresa se, após um pileque de vinho branco, Márcio Jerry for pego numa blitz e sair denunciando “perseguição política” (**texto 211**).

Brada aos quatro ventos combater a corrupção, mas além dele próprio não conseguir explicar suas gestões investigadas pela Justiça e denunciadas pelo Ministério Público, seus aliados são o que há de mais velho e corrupto na história do Maranhão. *Um candidato que não tem estrutura para enfrentar críticas políticas teria estrutura para governar o Maranhão?* (**texto 158**). Diz que luta contra uma oligarquia, mas grande parte desses “oligarcas” faz parte da sua aliança política, e conta sempre *com a cantinela de coitadinho que usa sempre para tentar esconder os ataques de sua turma* (**texto 139**).

Os mais inteligentes, aqueles que conseguem olhar com sagacidade através de seus discursos vazios e *cheios de chavões surrados, mas que pouco revela sobre seu projeto de governo* (**texto 40**), sabem que ele nada mais é do que um velho político que se esconde atrás do discurso fácil da “mudança”. Mas essa “mudança” só tem consigo *a vitrine do fracasso e com alianças oportunistas* (**texto 148**).

Como o *grande chefe do comunismo pouco afeito a críticas e contradições* (**texto 204**), o tal Flávio Dino, tem uma turma *que seguem as ordens dos assessores de Flávio Dino* (**texto 175**) para atacar quem ouse não rezar na sua cartilha. *Essa turma precisa entender, definitivamente, que numa campanha eleitoral num país que vive sob o estado democrático de direito, veículo de comunicação de massa não tem o dever de servir de palanque* (**texto 175**).

São muitas contradições para quem o olha bem de perto. A *suspeita maior é de que o candidato do PCdoB tem medo de enfrentar questões incômodas que o envolvem* (**texto 153**). Mas observar suas atitudes revela seu verdadeiro caráter.

## II - O ateísmo fantasiado

A doutrina comunista e a negação da religião andam de mãos dadas. É de conhecimento público e os exemplos na história do mundo são muitos, mas no Maranhão o que se vê é *a confusa postura religiosa que ele tem publicamente, apesar de professar o comunismo como ideologia* (**texto 157**). A religião nada representa para os comunistas senão uma maneira de ganhar voto fácil, enganando católicos e evangélicos por todo o Maranhão. *Ateu, filiado ao*

*PCdoB, cujos preceitos pregam a rejeição a qualquer religião, o comunista maranhense desdobra-se para parecer um cristão, não um ateu (texto 132).*

Ele foi flagrado em um vídeo, pedindo votos enquanto chamava-se a si próprio de servo de Deus. *Não é à toa que o candidato comunista luta para evitar que as questões religiosas e de fé venham à tona nesta campanha. E também por isso ele já se declarou “servo do senhor” em eventos e anda com uma cruz de madeira pendurada no pescoço, numa clara tentativa de amenizar o efeito da ideologia comunista (texto 36).*

Ora, nada mais demagógico e escancaradamente absurdo que essa desfaçatez! *Ficaram apenas dúvidas se Dino estava negando que seja “servo do Senhor”, por ser comunista, ou escondendo dos comunistas o fato de se apresentar como “servo do Senhor” (texto 7).* Toda essa falsa pregação foi revelada em vídeo do comunista se declarando “servo do Senhor” e pedindo votos a eleitores evangélicos. *Por pedir votos fora do prazo, o Ministério Público o acusa de ter cometido crime (texto 129).* Aproveita-se de incautos e usa retórica evangélica para tentar conquistar votos no interior do Estado. (...) *A ação do comunista fantasiado de cristão é mal vista até por aliados deles (texto 18).*

*Quem acredita em Deus não tem ódio, não planeja vingança, não persegue, não insulta, não diz dos outros o que não deseja que se diga dele próprio, não usa o Seu santo nome em vão. Acreditar em Deus não se precisa dizer, se vive, se pratica, respeitando seus mandamentos - e não faz os programas eleitorais sujos que tem se visto (texto 304).*

Sua fuga dos convites dos jornalistas que não rezam na sua cartilha é mais uma de suas estratégias para não responder a temas incômodos, como é sua incoerência postura de “cristão novo” ou explicar casos muito estranhos envolvendo sua família. Seria ela de fachada? E não é mesmo de se estranhar um comunista se reunir com evangélicos e se declarar “filho de Deus”, e exibir pendurada no pescoço uma cruz de madeira só usada por católicos fiéis praticantes? *Francoamente, não dá para entender essa ridícula embromação ideológico-religiosa (texto 15).*

*Como comunista, como é que o senhor vai convencer, por exemplo, a Igreja Católica, os católicos a votar no senhor e apoiar esse projeto? Então é bom esclarecer que a partir do momento que se é comunista fica idéia de que não é bem assim... (texto 310).* Afinal, sabemos que comunistas são ateus.

O que o comunista maranhense faz é vestir uma fantasia religiosa. O que chega a ser um acinte a quem tem a *fé natural, que vem de berço desde os primeiros momentos de sua formação* (**texto 45**). Essa é a maioria do povo maranhense, gente de fé e que respeita os preceitos do cristianismo.

Sua única ligação com a religião tem como objetivo conseguir votos. Não passa de uma *fé arranjada, construída de última hora no calor de uma disputa por voto* (**texto 45**). E o verdadeiro cristão se afasta de quem utiliza a palavra de Deus *para um projeto de poder. E nesse projeto ele é o epicentro de tudo. Isso vem ficando cada vez mais claro, apesar de seu esforço inglório para parecer humilde* (**texto 219**).

Quem não respeita nossos valores morais, ameaçados pela violência e por uma sociedade que perde em ideologias ultrapassadas e fracassadas, continua a solta fazendo-se de lobo em pele de cordeiro e *aqui veio pregá-la, como se o Maranhão fosse o fóssil político do Brasil e agora é o 'novo' dos 200 anos!* (**texto 300**). *A indiferença teatral do candidato comunista é uma demonstração indiscutível* (**texto 109**) de que o assunto é uma revelação que o abala.

Passam-se pelo bom, *mas na prática está cercado e incensado por figuras cujas biografias são marcadas por manchas ostensivas e indelévels* (**texto 294**). Essas pessoas são responsáveis por denegrir tudo o que temos de bom... são verdadeiras bocas vindas do inferno! *A coligação Boca do Inferno que caminhe para lá* (**texto 301**).

### III - Uma patologia social chamada comunismo

A sociedade cristã não deve ceder aos ataques vindos daqueles que passam por cima de toda a moralidade, dos nossos costumes e das nossas crenças para conquistar o poder. *O comunista, aquele que faz cara de bonzinho, mas não é homem de fé* (**texto 309**) e *nesse povo do comunista não dá para confiar* (**texto 310**).

Esses indivíduos e sua ideologia fóssil *são infiltrados* (**texto 252**) nos lares, nas famílias, em instituições idôneas e tudo com o intuito de alcançar lugar de proa na política que sempre foi levada a sério pela gente de bem do

Maranhão. *Para tudo na vida tem o lado bom e o ruim. Este aqui é o lado bom e lado de lá é o ruim (texto 103).*

*Tem até um pivete que se infiltrou na política que fez disso profissão. E coitado do nosso estado, é difamado, insultado, vilipendiado e manchado no seu conceito. O que para nós era e é motivo de orgulho, tornou-se vilipêndio (texto 301).*

Nosso estado sempre foi muito bem representado e não pode sucumbir a esses infiltrados *Por que esses Bocas do Inferno vivem a botar o Maranhão para baixo? Compare-se eles com os nossos estadistas, os que fizeram nossa glória e lutaram por nós. Por que esse vício de falar mal do Maranhão?! (texto 301).*

Veja este exemplo. *Os ataques continuam mesmo depois do pronunciamento da Justiça Eleitoral (texto 235), proibindo-o e desmascarando-o, junto a sua turma.*

Jovens vândalos se travestem de estudantes para insuflar barbaridades pelas ruas. *Vinda de jovens do PCdoB coincide com atos de vandalismo. Prédios públicos amanheceram pichados ontem (texto 251).*

Nosso patrimônio público está sob risco. *O Palácio de La Ravardière, sede da prefeitura de São Luís, foi um dos imóveis atingidos pelos vândalos, que agem principalmente durante a madrugada. (...) O acirramento dos ânimos entre os militantes jovens coincide com a chegada de pelo menos quatro lideranças jovens importadas (texto 251).*

Tá na cara que isso é mais uma trama para se beneficiar eleitoralmente. *Um pouco, só um pouco mesmo, de inteligência leva à conclusão de que pode tratar-se de uma armação da turma do próprio alvo (texto 252).* O candidato do PMDB acredita também que a ação de bandidos em São Luís tem relação com interesses eleitorais (texto 259). O caos em Pedrinhas parece também mais uma montagem de gente que se acha muito esperta.

*Não há como interpretar essa sequência ilógica de fatos sem observar que eles dificilmente ocorreriam por ações exclusivas dos detentos. Logo, fica cada vez mais óbvio que os problemas registrados desde o início da semana passada são parte de uma ação coordenada e concebida por grupos interessados no "quanto pior melhor" (texto 253).*

Foram detectados outros infiltrados entre gente muito séria. Os jornalistas já andam assustados com eles. *Para desmoralizar, ridicularizar e intimidar*

*jornalistas que não rezam em sua cartilha, Flávio Dino usa blogueiros e gente disposta a criar perfis falsos nas redes sociais. O mais grave é que esses agentes comunistas se infiltram até mesmo nos grupos privados. São infiltrados, segundo o grupo que divulgou Nota de Repúdio contra Flávio Dino (texto 199).*

*A prática do comunista revela o caráter autoritário e sua intolerância em relação à liberdade de expressão (texto 28).*

*Implantar infiltrados em instituições idôneas como o jornalismo, ou mesmo a Ordem dos Advogados do Brasil, é prática comum dessa gente. A tentativa de apropriação do movimento da OAB é feita sorrateiramente, com disseminação de informações sugerindo que Dino e sua turma são politicamente puros (texto 223).*

*Esse e outros eventos foram parte de uma articulação mais desdobrada dos últimos tempos. Parece modus operandi de marqueteiro famoso para inserir o pré-candidato em eventos de cunho político. É sim algo que soa como o fato mais estranho do mundo (texto 39).*

*A falta de pudor chega também aos laços familiares. Já é sabido que os comunistas em nada prezam pelas instituições e se infiltram nelas para atingir seu intento de poder. Todo mundo no Maranhão sabe quem foi que criou factoides contra a candidatura de Jackson Lago. Todos sabem quem é que teve a campanha financiada por um agiota e andou de jatinho de um lado para o outro. O representante deles é o que mais se parece com um coronel e não aceita o voto livre, que não aceita a liberdade (texto 70).*

*Sua religião é uma fantasia (texto 18) de mau gosto e o mesmo se pode dizer da família. Como todos os comunistas que não cuidam da sua casa, tentou, com o discurso, preencher a lacuna de não poder apresentar aos convencionais uma família estruturada e unida. Até alguns aliados seus admitem que esse é um dos seus vários calcanhares de Aquiles (texto 41). Conheça um pouco do seu histórico, para saber quem é quem.*

*Advogado e professor universitário, foi juiz federal, presidente da Associação Nacional dos Juizes Federais, deputado federal e presidente da Embratur. Foi candidato a prefeito de São Luís em 2008 e a governador do Estado em 2010, perdeu as duas eleições. É separado e teve três filhos com a primeira mulher - mas um faleceu há três anos. Atualmente mantém um relacionamento do qual resultou um filho. Vive a estranha condição de comunista que se diz cristão (texto 51).*

*Como nada é tão ruim que não possa piorar, entendo que, também, pode, algum dia, melhorar, ainda que o preço seja caro, como já pagou a sociedade brasileira, que, lamentavelmente, parece ter esquecido os idos de março de 64. Conhecer a história brasileira, a Revolução Russa, a Revolução cultural da China, a Segunda Guerra Mundial e outros exemplos do preço que a população paga pela ambição de falsos profetas poderia ajudar o eleitor a decidir com clareza (texto 297).*

#### **IV - A violência envergonhada e logo escancarada**

Para colocar em prática o seu projeto de poder e fazer triunfar uma ideologia nefasta em nosso Estado, os comunistas possuem estratégias que colocam a todos nós em risco permanente através de uma *execução de uma ação articulada dos chefões do crime com terceiros com o objetivo de desestabilizar o complexo e criar embaraços ao Governo do Estado no curso final da campanha eleitoral (texto 253).*

Sua principal arma é a violência, verbal e física, que eles tentam esconder com muita desfaçatez e perspicácia. Veja assuntos *também devem ser esclarecidos, já que atingem diretamente a população:*

1 – *O que fazia em Pedrinhas um carro de som de Raimundo Cutrim, aliado de Flávio Dino, logo após a fuga de 36 presos?*

2 – *Por que, ao invés de condenar, Flávio Dino preferiu explorar politicamente os incêndios a ônibus em São Luís?*

3 – *Por que dois assessores de Flávio Dino mostraram conhecimento e comemoraram os incêndios no Anil e nos ônibus? Tem gente do Dino comemorando o terror nas ruas e dizendo, sem nenhum pudor, quem está fazendo isso.*

4 – *Não é demais lembrar a coincidência desses tumultos sempre que Flávio Dino e seus aliados disputam eleições (texto 319).*

*Não parece ser coincidência que tais problemas de segurança se intensificaram com a proximidade das eleições. E se ainda restavam dúvidas de que as ações ocorridas nas últimas semanas em São Luís haviam sido articuladas com fins políticos, às vésperas do pleito, a volta dos ataques a ônibus*

torna mais evidente o caráter eleitoral de cada um desses crimes. Eles têm mostrado claramente a tentativa de denegrir a imagem dos administradores públicos e gerar efeitos políticos em meio à opinião pública (**texto 292**).

Não há coincidências e sim uma orquestração que são utilizadas sempre que está sendo feita uma pesquisa pelo Instituto Ibope ou quando há fatos que desfavoreçam a campanha adversária. Faz todo sentido (**texto 289**).

O que está claro para todos é que, a cada vez que existe uma pesquisa eleitoral que seja desfavorável ao comunista, eclodem repentinamente problemas na Segurança. Desde a pesquisa Ibope, o comunista parece ter perdido o eixo de sua campanha (**texto 237**). Basta sair uma pesquisa eleitoral negativa e aparecem ônibus queimados pelas ruas ou estranhamente ocorrem rebeliões nos presídios maranhenses.

#### *Ligações... perigosas... e criminosas*

Pode parecer coincidência, mas sempre que há uma pesquisa Ibope sobre a sucessão no Maranhão, fatos estranhos começam a ocorrer em São Luís. Sábado foi a mesma coisa: antes da divulgação dos números, bandidos devidamente orientados incendiaram quatro ônibus em vários bairros, e fizeram arrastões. E em Pedrinhas, uma nova tentativa de rebelião não passou de ensaio.

Chamou atenção nos problemas de sábado o movimento feito em frente da Penitenciária, no início da manhã, por parentes de presidiários. Um grupo formado por cerca de 50 pessoas, a maioria mulheres, gritou, esmurrou o portão e interditou a BR-135 sob o argumento de que seus parentes corriam risco dentro do presídio. Uma investigação minuciosa concluiu que era tudo armação.

Vale lembrar que a própria Polícia já interceptou conversas telefônicas de agentes ligados ao PCdoB orientando ações de bandidos dentro de Pedrinhas. E que, além disso, o PCdoB mantém em São Luís militantes importados de vários estados do Brasil. E essa importação de militantes coincidiu com a eclosão de atos de vandalismo em prédios públicos nos últimos dias (**texto 257**).

Por mais que o comunista se esforce para demonstrar o contrário, fica cada vez mais evidente a participação política em ações do cotidiano que lhe favorecem. Há sempre indícios ligados ao comunista. Seja por meio de aliados, seja por ligações com o próprio Dino, os indícios levam à suspeita de uso de

*influência com interesses eleitorais (texto 272). Eles conhecem muito bem como o sistema funciona e trabalham para desestabilizá-lo.*

*O surgimento de um vídeo em que um detento, identificado como André Escócio de Caldas, acusa Flávio Dino (PCdoB) de comandar uma quadrilha especializada em assalto a bancos e tráfico de drogas, mudou ontem o rumo do debate político-eleitoral no Maranhão. No vídeo, divulgado inicialmente em blogs, mas depois disseminado por redes sociais e aplicativos de troca de mensagens, e que chegou também à mídia tradicional, Escócio - que foi preso no dia 18 de fevereiro por assalto à mão armada - revela o que seria uma operação para divisão de dinheiro fruto de um assalto a um carro-forte (texto 262).*

*Inicialmente, a coligação "Todos pelo Maranhão" tratou o caso como "manipulação grosseira". Em coletiva, lideranças da chapa encabeçada por Flávio Dino e advogados do candidato condenaram a divulgação das imagens. Para eles, tudo havia sido montado. Para justificar a suposta montagem, relembrou a história do antigo caso Reis Pacheco, surgido nas eleições de 1994 (texto 262). Para se dar bem e não prestar contas, fraudou certidão da polícia para se livrar de acusações do detento (texto 280). Como se vê, suas práticas são antigas.*

**Figura 3 - Charge do texto 124**



Fonte: Jornal O Estado do Maranhão (2014)

*Eles também são perseguidores e aparelham o Estado chegando a ser acusados de usar instituições para benefício eleitoral na campanha. Ação de*

*agentes da Polícia Federal, que revistaram o avião usado por Lobão Filho, será investigada pelo Ministério da Justiça (texto 279).*

São muitos os casos de censura a jornalistas e a jornais que ousam questioná-los. A violência contra a liberdade de expressão é assim antes que ele tome o poder e pode aumentar caso ele vença as eleições!

Sua verborragia e ataques constantes aos adversários, ao Maranhão e aos maranhenses sempre traz um toque de descontrole, de violência verbal. *O comunista tem usado a Justiça Eleitoral para censurar institutos, jornais e blogs que divulgam pesquisas. Já foram dois os levantamentos proibidos esta semana (texto 46).*

Mal-educados, eles são descorteses com seus adversários (texto 286), seus importados demonstram *arrogância no trato com jornalistas. Tanto que, ao ouvir da equipe de O Estado que o candidato do PCdoB é o único que não fala com a imprensa, saiu-se com esta: Duvido que outro candidato perca tempo com vocês (texto 71).*

Também atuam entre os jovens, infiltrando chefões que vieram ao Maranhão com o objetivo de criar uma situação de tensão e de confronto com grupos de jovens de outros partidos. Os quatro chefes "importados" infiltrados no movimento estudantil estão atuando nos bastidores, mobilizando e orientando estudantes "desarmados" (texto 255).

*Claro que não se deve excluir a hipótese de terroristas radicais praticarem e estimularem atos de vandalismo por motivações políticas, como ocorreu e ocorre no Rio e em São Paulo. Fim de campanha eleitoral é hora de nervosismo. Mas os líderes não podem perder a cabeça e criar um clima de terrorismo, que só favorece o banditismo e a selvageria.*

*Duas coisas matam o estado de direito e a democracia, e foram os instrumentos dos dois ditadores mais cruéis que teve a humanidade: Hitler e Stalin. Qual eram esses dois instrumentos que utilizaram? A polícia política - a Gestapo e a KGB. Elas criaram o medo e o terrorismo e extinguiram a liberdade. A partir daí, foi possível os campos de extermínio, o Holocausto. Esse episódio de Imperatriz é um exemplo e grave. Começa assim. Se antes de ser governador e ganhar eleições se procede com essa violência e intolerância, calcule o que pode ocorrer depois, se tiver o poder na mão - o que certamente o povo não permite (texto 307).*

## V - O anti-maranhense, os infiltrados e a ameaça à nação

Representantes da velha política, acusados de crimes graves, infiltrados nos movimentos idôneos e financiadores escusos reúnem o grupo de aliados que revelam a verdadeira face do chefão do comunismo no Maranhão. É rodeado por esse tipo de pessoas que Flávio Dino, com seu discurso demagógico, diz que pretende mudar o Maranhão.

Seus aliados, que ele vive a esconder, são a demonstração do caminho que o Maranhão deve trilhar se for entregue às garras dos comunistas nessas eleições. Os sinais são claros: dizem que um de seus financiadores é *tido como um dos maiores agiotas do Maranhão (texto 203)*. É preciso ter *cuidado com os aproveitadores de última hora (texto 208)*.

O interesse pelo poder está acima de qualquer interesse maranhense. É assim que pensa e age o comunista que quer governar o nosso estado. *Deputados classificam de antidemocrática a postura do candidato comunista ao governo (texto 158)*.

Ele não demonstra apreço ao estado que nós pertencemos. Suas atitudes maculam tudo o que temos de melhor, seu discurso vazio se dedica a falar mal de nosso estado e até fabrica informações falsas para vender a ideia de que aqui na presta, nada funciona. *O uso do discurso contra o próprio Maranhão é um dos pontos mais fortes da oposição maranhense, que não se preocupa em baixar a auto-estima, menosprezando os potenciais do estado e a capacidade de trabalho do povo do estado. Foi exatamente esta postura antimaranhense que o deputado do PTB usou como reflexão (texto 47)*.

Essa atitude menospreza o Maranhão e os maranhenses, vendendo-nos para todo o Brasil como símbolo do atraso.

Mas a verdade não é bem essa e os verdadeiros números mostram. Veja um exemplo: *O IBGE mostrou que as informações dadas por Flávio Dino são mentirosas, com percentual quase 35% menor do que o apresentando por Dino. Essa não é a primeira vez que Flávio Dino usa dados falsos em sua campanha eleitoral. Para valorizar sua gestão à frente da Embratur, o comunista apresentou números desmentidos posteriormente pelo Ministério do Turismo (texto 254)*.

O que este tipo de atitude demonstra cabalmente é que, para os interesses do comunista serem atingidos, vale tudo. E quem paga um alto preço

é o Maranhão e os maranhenses. O discurso é velho e seus aliados já andaram espalhando pelo Brasil falsas informações, dizendo aos quatro cantos que somos pobres. Como? Se temos a 16ª economia do Brasil?

Usam o IDH, *criado pelos países ricos para abrir frentes de serviço para os países imperialistas, criado na década de 90, para as multinacionais entrarem para o setor de educação, universidades, como já ocorre no Brasil, fazer gigantescas obras de saneamento, entrar no setor de saúde e etc., estabeleceu que o desenvolvimento de um país se mede por ele, IDH. Sua criação é recente, data de pouco mais de 10 anos. O Brasil, por exemplo, pelo índice com que os países ricos se medem a eles mesmos, o PIB, que é a soma de todas as riquezas nele produzidas, é a 6ª economia do mundo. Há séculos foi assim. Pois o Brasil tem o 81º IDH, atrás de Gana, Iraque, Nicarágua e etc. Pois é esse índice que alardeiam quando querem falar mal do Brasil e pior do Maranhão, que é bandeira de luta da frente Boca do Inferno, que se diz mudança. É séria essa gente? (texto 301).*

Atacando-nos, gerando caos e violência, os comunistas crêem que assim podem alcançar seu intento. Seu discurso demonstra falta de amor à nossa nação Maranhão, falta de amor ao nosso povo sempre tão menosprezado.

*Tudo hipocrisia e desejo de que sejamos Venezuela. O Maranhão comunista, é a mudança que desejam. Uma doutrina que tem 150 anos e já morreu. Deixem o comunismo em paz, com a utopia dos que a sonharam. A coligação Boca do Inferno que caminhe para lá (texto 301).*

*Colocam a liberdade sob risco e a gente séria não pode omitir de externar de externar sua indignação diante dos riscos à liberdade de expressão embutidos na maioria dos pedidos de direito de resposta formulados por Flávio Dino (texto 173).*

Recentemente, deram para importar militantes com a única intenção de gerar o caos, plantar discórdia e confundir os eleitores. *Vieram ao Maranhão com o objetivo de criar uma situação de tensão e de confronto com grupos de jovens de outros partidos. Os quatro chefes "importados" infiltrados no movimento estudantil estão atuando nos bastidores, mobilizando e orientando estudantes "desarmados" (texto 255).* O que essa gente tem a contribuir? Será que não somos capazes de produzir coisas boas? Não somos bons o suficiente para os intentos comunistas?

Assim, eles também aparelham o Estado. Em vez de fazer com que o serviço público cumpra seu papel, eles apinham os espaços de poder que ocupam em prefeituras para dar espaço a membros do seu comitê político. O que não está claro são as intenções que há por detrás dessa tática de aparelhamento. *E mais... São cada vez mais fortes as suspeitas de que o caos em Pedrinhas tem dedo político de fora (texto 253)*. Resta saber a que interesses servem.

## VI - A realidade sob ataque

Falar a verdade é um desafio hercúleo para eles. A turma do comunista *está extrapolando todos os limites da ética e do bom senso e cometem distorções de fatos, demonstrando por elas onde podem chegar. Disseminam desinformação (texto 140)*. Isto porque eles só conseguirão executar seu projeto de poder se todos acreditarem que a realidade é muito pior do que é. *Centra seu discurso num Maranhão que só tem problemas que, fora das suas potencialidades naturais, nada tem que possa estimular o desenvolvimento. O futuro desse estado dependerá da sua “genialidade” como gestor (texto 52)*.

Por isso, eles apelam para mentiras contra o Maranhão, contra seus adversários, ataques a todos os que pensem diferente deles e escondendo seus defeitos para parecerem heróis, que na verdade não são. Um trabalho minucioso sobre os seus discursos revela a farsa por farsa.

Para satisfazer suas intenções, os comunistas pintam um Maranhão pobre e sem virtudes. *Tentam gerar factóide nacional (texto 226)*. Nada mais absurdo, para quem sabe que temos hoje a 16ª economia do Brasil (texto 303), um parque industrial em construção e uma rede de hospitais públicos que dão inveja a todos os estados.

*Sem consistência e com um discurso já cansado de combate à oligarquia, o candidato comunista nada apresentou de proposta. Voltou a atacar o seu adversário político e utilizar o já batido jargão de que representa o “novo e a mudança” (...) mas não conseguiu apresentar um só caminho para isso. Ficou só no gogó (texto 83)*.

Sobre sua vida pessoal é o mesmo esquema. *O comunista tenta criar factóides para dar brilho a sua trajetória. Sem nenhum cuidado, assessores*

*parecem não se dar conta da incoerência das informações sobre sua carreira como professor. (...) Grosso modo, os tais 21 anos de sala de aula se resumem a no máximo oito. Seria bem mais prudente contar a história verdadeira do que querer vender gato por lebre (texto 69).*

Recentemente, órgãos de imprensa nacional fizeram-lhe passar uma grande vergonha ao demonstrar que sua propaganda mentia sobre a casa dos maranhenses. Para vender uma conversa fiada de que nosso povo vive na pobreza, ele inventou simplesmente que metade da população não tem água em casa. Mas uma rápida busca em dados oficiais mostram que isso está longe da verdade. *A população do Maranhão amadureceu e não vai aceitar esse discurso camuflado contra o Maranhão avalizado pelo comunista (texto 61).*

Mas eles passaram de todos os limites ao dizer que construiriam o primeiro Hospital do Câncer, quando todos sabem que esse hospital já existe, a *Justiça Eleitoral proíbe ataques de Flávio Dino ao Hospital do Câncer*, mas a *inverdade continua no site comunista (texto 211)*! Tal promessa ou demonstra falta de conhecimento ou de caráter... *Mais mentira: esta foi mais uma vez que uma informação repassada pelo PCdoB à imprensa é desmentida publicamente (texto 216).*

*Foi criticado ontem, ao haver-se desequilibrado depois de ter contestada, durante o debate da TV Mirante, sua proposta de dobrar o número de policiais (...) O descontrole do comunista ficou evidenciado (texto 288). Falácia: o candidato comunista volta a fazer promessa que ele próprio sabe que não poderá cumprir. Segundo sua assessoria, ele promete que dobrará o número de policiais. Não há a menor possibilidade de o Estado contratar mais 10 mil em quatro anos (texto 57).*

Caráter não é o seu ponto forte. Em cada passo, ele dá a ver traços de uma face verdadeira. Quem hoje é seu aliado, pode deixar de ser a qualquer momento por pura vaidade dele e de seus aliados. Até um *vereador do PTC previu traição dos comunistas! (texto 4)*. Ele abandona aliados, despreza os mais necessitados e vende um discurso de falsa mudança, quando o que ele realmente representa é a velha política. *Tutor de Edivaldo, Dino agora se esconde (texto 5).*

Por trás das realidades por ele ocultadas e seus números falsos, está a constante fraude em pesquisas eleitorais, que tem sido outra marca dessas

mentiras. Institutos de origem duvidosa, controlados pelos comunistas, têm sido usados para manipular a opinião pública. *A todo custo: De lá para cá, ele já divulgou tantas pesquisas - e tem outras tantas registradas - que talvez até ele próprio tenha perdido a real situação em que se encontra. Tudo para forjar a ideia de que lidera com folga a sucessão maranhense, apesar de o Ibope desmentir completamente sua versão (texto 237).*

Assim, escondendo a realidade do Maranhão, fatos de sua vida profissional e pessoal, manipulando os números eleitorais, vai construindo uma realidade paralela, disposto a mudar fatos para conseguir o que querem: o poder! Por isso, *conhecer a história brasileira, a Revolução Russa, a revolução cultural da China, a Segunda Guerra Mundial e outros exemplos do preço que a população paga pela ambição de falsos profetas (texto 297).*

## VII - Não respeita os valores tradicionais

O que se pratica na vida pessoal se reflete nas práticas públicas. *Nos seus discursos, Flávio Dino fala de um governo limpo. Mas como realizá-lo se ao seu lado estão figuras que desprezam a ética, as regras do serviço público, o respeito pela sociedade e praticam atos que, apurados, certamente serão classificados como crime? (texto 295).*

A honradez da palavra também está fora de seu vocabulário. *A cada aparição do comunista Flávio Dino com um candidato diferente, o eleitor questiona quanto aos projetos dele (texto 63). Ele age como alguém sem palavra e constante quebra de acordo (texto 30). Sobram inverdades e chilikues (texto 174) para tentar esconder sua falta de ética.*

*O comunista voltou ontem com a cantilena de coitadinho que usa sempre para tentar esconder os ataques de sua turma de aliados. Voltou a reclamar de ataques pessoais a ele, quando, na verdade, é Lobão Filho e sua família que sofrem, há semanas, toda sorte de agressões (texto 139) feitas por aqueles que não respeitam valores como a família. Por isso, vem sendo processado por muitos pela prática de crimes de calúnia e difamação (texto 271), usual de quem não preza pela palavra.*

Por detrás do discurso de moralidade e de uma pretensa mudança, o candidato comunista oculta um total despudor quando se trata de sua trajetória

política, vida pessoal, desconstituição de valores como família e religião e desrespeito aos seus adversários. Na verdade, ele é um falso moralista, como todo comunista que o mundo já conheceu. *Desvios de conduta como pessoa, como cidadão, como político e como chefe de família têm que ser trazidos à tona (texto 10).*

*O comunista estreou na TV com um programa em que fez de tudo para se mostrar um homem de família. Só que no programa suprimiu toda a parte familiar, não dizendo uma só palavra sobre o assunto, o que causou estranheza. Zumzum não confirmado circulou dando conta de que a mudança se deu porque o programa foi muito criticado (texto 163).*

*O seu calcanhar de Aquiles (texto 41) é mesmo a família desestruturada. Pelo discurso, tenta compensar a falta de uma família estruturada. Convocou o pai, o ex-deputado Sálvio Dino, para, diante dos presentes, abraçá-lo e beijá-lo para demonstrar uma relação afetiva e carinhosa entre pai e filho. Quem conhece a família Dino sabe que nem sempre foi assim (texto 41).*

*Muita dúvida gira em torno da sua relação com o pai e que agora, de repente, passou a ser usado pelo comunista como discurso político. Para quem não sabe, Sálvio Dino é pai de Flávio Dino, tem sua própria história e é merecedor do mais profundo respeito. Principalmente do candidato, que deveria poupá-lo de exposição gratuita (...). Para o comunista, Sálvio pode ser um ancião atingido por um AVC, mas para muita gente ele é um cidadão digno, lúcido e merecedor de todo respeito (texto 55). Nada mais que uma mentira, fazendo-se de vítima e degradando a imagem do próprio pai.*

*Outros problemas na sua relação familiar também aparecem, embora ele se contorça para esconder. E o eleitor sempre cobra dos seus candidatos sobre quem os acompanha na vida pessoal - e qual a relação do casal (texto 310). Enquanto seu adversário é casado, pois filhos, um neto, é familiar e não bebe, não fuma, é atleta e é avesso a festas. É católico praticante (...) O comunista é separado e teve três filhos com a primeira mulher - mas um faleceu há três anos. Atualmente mantém um relacionamento do qual resultou um filho. Vive a estranha condição de comunista que se diz cristão (texto 51).*

*Foge da imprensa ao menor sinal de ser confrontado com esse tema porque sabe que os maranhenses jamais admitiriam que um homem que não preza pela família seja responsável pelo Estado.*

Afinal, quem não sabe cuidar da casa tem que moral para cuidar dos rumos do Estado? Isso não é igual ao que os comunistas sempre fizeram? Quem não lembra das famílias fragmentadas pelo regime comunista na União Soviética?

**Figura 4 - Charge do texto 126**



Fonte: Jornal *O Estado do Maranhão* (2014)

Naquele país onde o regime comunista foi implantado e sucumbiu, os valores de uma religião tradicional foram suprimidos pela ideologia. E por mais que tente esconder sua condição de comunista, os que não são demagogos revelam: *Comunista defende a legalização do aborto e abre debate sobre o tema (texto 122)*. É a mesma ideologia, esse fósil, que enquanto Dino esconde, os que não são *comunistas de grife* revelam. Mas esse que tenta operar disfarçadamente *mostra contradição ao tratar do comunismo em entrevista (texto 176)*.

*Ao contrário da imagem de democrata e defensor das liberdades asseguradas pelo estado democrático de direito, que tenta passar, o candidato do Partido Comunista do Brasil (PCdoB) vem dando seguidas demonstrações de que entende muito pouco de democracia. Revela-se um sujeito autoritário, que usa e abusa de instrumentos legais para conseguir o que quer (texto 173)*. O partido estava acima de todos os interesses nacionais, acima das pessoas, pois já se vê que *escravagistas fazem nova doação a Dino (texto 244)*. Também

utiliza reiteradas vezes a prática de *censura, contra nossa liberdade (texto 107)*. Que interesses estariam por trás dessas ações?

A falta de ética se deixa ver no seu falso moralismo. Ele conhece muito bem, através de seus marqueteiros, as estratégias para convencer o eleitor. São assuntos muito *polêmicos, como o grande número de investigados em seu palanque, a relação com o pai e com a família, além da confusa postura religiosa que ele tem publicamente, apesar de professar o comunismo como ideologia. E esses são aspectos do candidato, juntamente com o seu plano de governo, que o eleitor toma para formar seu juízo de valor em relação a quem vai dirigir o destino de seu estado. E não adianta fugir (texto 157)*. E o que se vê é um falso moralismo sem pudor que, quando é confrontado com fatos, acaba perdendo o controle!

### **VIII - A corrupção comunista que ameaça o Maranhão**

Ele está sempre na mira da Justiça. Sua vida pregressa como presidente da Embratur revela a verdadeira face da corrupção que o comunista se *esquiva da Justiça. Para não responder a processo criminal (texto 06)*. Muitos são os sinais, que a gente completa: *Franca pergunta, sem ofensa: de onde o PCdoB, que é um partido comunista e historicamente sem grana, está tirando tanto dinheiro? (texto 93)*

Investigações feitas por instituições idôneas mostram que sua primeira e única experiência como gestor foi permeada por problemas. A *CGU reprovou Flávio Dino no comando da Embratur e abriu processo contra ele. Em seu primeiro teste como gestor público, o comunista se enrolou em contratos que levantaram suspeitas dos órgãos de fiscalização (texto 79)*.

Os sinais são antigos. *Há suspeitas de que o comunista tenha usado operações da Embratur em benefício da sua pré-campanha (texto 82)*, é o que já revelou um deputado federal, que lidera as denúncias ao candidato do PCdoB.

Mas ele se esconde: *O comunista tem tentado evitar, ou pelo menos adiar o julgamento da ação, no qual figura como réu. No dia 9 de maio, oficial de Justiça já havia tentado localizar o comunista, sem obter êxito. (...) Apesar de os oficiais de Justiça não o encontrarem, o candidato do PCdoB tem participado ativamente de atos políticos de sua campanha (texto 06)*.

Quando fala, aposta numa versão sem nenhuma base *para tentar se defender e adultera documentos (texto 170)*, mas os órgãos responsáveis já afirmam que *Dino é o único responsável pelo superfaturamento (texto 170)*. O *superfaturamento de 4.554% em contratos pago por Dino é recorde histórico! (texto 104)*.

A *sua turma da pesada* é também assim, em seus eventos *ficha-suja tem presença marcada na fileira da frente (texto 180)*.

*Durante a sua campanha, o comunista Flávio Dino pregou a "mudança" e que se eleito imprimirá uma nova forma de fazer política no Maranhão. (...) Nos seus discursos, Flávio Dino fala de um governo limpo. Mas como realizá-lo se ao seu lado estão figuras que desprezam a ética, as regras do serviço público, o respeito pela sociedade e praticam atos que, apurados, certamente serão classificados como crime? (texto 294)*.

Isto mostra que não passa de mais uma farsa o *discurso cansativo e de chavões surrados (texto 40)* da mudança. Essa mudança, que tem cheiro de fraude, tem sido desaprovada por onde aconteceu.

**Figura 5** - Charge do texto 197



Fonte: Jornal O Estado do Maranhão (2014)

Os *aliados de Flávio Dino estão na mira da Justiça (texto 23)*. Por isso, muita gente *classifica Flávio Dino de incoerente e oportunista eleitoral (texto 86)* e até de *malandragem política (texto 115)*.

É o que a população das cidades onde aliados do comunista elegeram-se prefeitos segue atestando nas pesquisas e nas ruas. O comunista *está com os prefeitos que têm a pior avaliação do estado. (...) Ou seja, aqueles que estão do lado dele, comprovadamente não conseguiram apresentar nada de mudança, a não ser o discurso (texto 85).*

Ele não tem envergadura administrativa, é seguido por fracassos retumbantes, que pioram a vida das pessoas. *Corruptos que estão com Flávio Dino irão governar com ele (..) não acredita em tese de que só alguns terão privilégios - argumento que é utilizado nos bastidores por alguns aliados do comunista (texto 152).*

O chefe comunista Flávio Dino amargou notícias desagradáveis, que atingiram núcleos de sua campanha no interior. (...) Um coordenador foi exonerado de secretaria por estar na lista de fichas sujas do TCU. Pior foi a notícia envolvendo o coordenador comunista no litoral, que foi preso por corrupção (texto 74).

Vejam se não é de se desconfiar de sua primeira proposta. *Em suas inserções partidárias, o comunista voltou a defender a venda da casa de veraneio do Governo do Estado em São Marcos. O que chama atenção é o valor avaliado por ele próprio: R\$ 20 milhões. Dino tem falado com tanta insistência na venda da casa - em área hipervalorizada de São Luís - que já tem gerado desconfiança (texto 35).* A quem interessa essa venda? Há algo de estranho no ar... *Resta saber a que interesses o comunista atenderá anunciando tão antecipadamente a intenção de se desfazer de um patrimônio público em área tão valorizada (texto 18).*

Na lista dos candidatos deste ano, chama a atenção os milionários que pertencem ao PCdoB, partido que tem a característica de membros que não acumulam fortunas devido aos preceitos da legenda ser contra o acúmulo de riquezas. *Eles contribuem para fazer do PCdoB um partido de milionários, com mais de R\$ 7 milhões em bens (texto 66).*

Para se beneficiar, busca sempre *iniciativa que ganha jeitão de artimanha de pivete, porque não faz sentido pedir ajuda para "derrotar" Sarney se Sarney não é candidato a nada. Tudo leva a crer que Flávio Dino tenta usar o nome do senador José Sarney para justificar doações de origem suspeita. Dino até hoje*

*não explicou porque recebeu meio milhão de uma empresa quase falida e de perfil tão sujo (texto 102).*

Desrespeita o Estado e repete uma constante nos políticos ligados ao comunismo, que é aproveitar-se do que é público para seus objetivos pessoais. *Repercutiu muito mal o fato de que um alto funcionário da prefeitura de São Luís, o ex-candidato a prefeito Ednaldo Neves, foi um dos primeiros a doar para a campanha de Flávio Dino (PCdoB). As doações são de livre iniciativa de quem deseja fazê-lo, mas as relações de Ednaldo podem sugerir aparelhamento da campanha via município. Vale acompanhar quantos funcionários mais doarão para Dino (texto 128).*

Seja ocupando cargos importantes sem terem a verdadeira preparação para o exercício, seja usando o patrimônio público para fazer campanha política, essa é uma prática comum na história dos ditadores que se aproveitaram do pensamento de Marx e Engels para implantar maldades, como Hitler e Stálin (texto 308).

A corrupção não se limita ao ataque aos cofres públicos e ao desrespeito à da nossa Democracia. Eles também corrompem algo ainda mais inconfessável: eles corrompem a verdade. *Em resumo, despidoradamente, a turma de Flávio Dino faz exatamente o que diz que outros fazem, sem se preocupar que é muito fácil identificar a origem do escorregão - até porque entre eles há os que gostam de falar muito (texto 140).*

Além destas, já vimos como ele deu muitas provas de que não merece confiança. Se observarmos bem a relação com seus aliados, com os quais sempre protagoniza cenas de traição, perceberemos que ele não possui retidão de caráter. Na família não é diferente, pois já vimos reiteradas vezes como ele mascara suas relações para se beneficiar eleitoralmente. Nada está imune à sua fome pelo poder.

## **IX - Não funciona no capitalismo: a farsa da mudança comunista**

Extremamente dependentes da velha política, os comunistas não têm experiência para gerir um estado e gerar prosperidade para os maranhenses. É o que se pode ver em cada uma das cidades onde prefeitos foram eleitos com o apoio do comunista e hoje vivem em caos administrativo. *Aliados em baixa:*

curiosamente, os municípios governados por aliados dele enfrentam problemas sérios, estando os prefeitos liquidados em termos de opinião pública. O caso mais evidente é o prefeito de São Luís. Politicamente tutelado por Dino, foi apresentado como o caminho para o futuro (...). Usam o discurso político para segurar as insatisfações. Agora, o comunista faz que não vê (**texto 95**). Nessas cidades, nada funciona.

**Figura 6 - Charge do texto 282**



Fonte: Jornal *O Estado do Maranhão* (2014)

Com seu discurso demagógico, tentam esconder as experiências frustradas nas prefeituras, mas são apenas *incoerentes e oportunistas eleitorais* (**texto 86**). *Amordaçados, aliados acabam sucumbindo aos interesses dos chefes comunistas e são orientados a deixar de contrapor-se a prefeitos fracassados* (**texto 16**).

Por ser comunista e sempre seguir uma vida ligada ao poder público e à velha política, Dino não tem expertise gerencial. Um dos programas eleitorais, Lobão Filho *mostrou-se um empreendedor - gerando mais de mil empregos em suas empresas - e pontuou que o comunista nunca gerou nenhum. A Dino restou ponderar que suas emendas parlamentares resultaram em obras que geraram emprego. Não convenceu* (**texto 162**).

Todas as informações que ele traz sobre sua única experiência administrativa, como presidente da Embratur, são falsas e visam apenas fazer com que ele não responda sobre seu despreparo para governar um Estado rico como o Maranhão. *Mau gestor, com tropeços administrativos do comunista na*

*Embratur, mostram o fracasso em sua primeira experiência. Um gestor com esse perfil no comando de uma empresa pública terá sérias dificuldades no comando de um estado como o Maranhão. Outro exemplo é a sua desorganização financeira de suas contas de campanha. No cotidiano de vida, este tipo de pessoa é chamada simplesmente de perdulária (texto 138).*

Sua trajetória mostra que, em vez de buscar melhorias para a vida das pessoas, utilizam o espaço público para aparelhar seus projetos políticos e abusar da boa fé alheia.

**Figura 7** - Charge do texto 96



Fonte: Jornal *O Estado do Maranhão* (2014)

*Sem consistência e com um discurso já cansado de combate à oligarquia, o candidato comunista nada apresentou de proposta. Voltou a atacar o seu adversário político e utilizar o já batido jargão de que representa o “novo e a mudança” (...) mas não conseguiu apresentar um só caminho para isso. Ficou só no gogó (texto 83).*

Isto porque ele é capaz de tudo para conseguir a sua grande obsessão que é tornar-se governador. Vimos com os episódios de violência orquestrados, greves manipuladas e pesquisas fraudadas. Sua obsessão é, na verdade, implantar um projeto que ele mantém oculto e sobre o qual ele decidiu ocultar do conhecimento dos maranhenses.

Seu maior plano deve ser trazer para o nosso estado uma ideologia que a História já mostrou que não funciona, está falida, é um fóssil político a agonizar em experiências desastrosas, como a que vemos na Venezuela. Seus

opponentes dizem que protótipos de mudança mostram a falência do sistema de Dino (**texto 148**).

Falseia dados sobre sua passagem como administrador. O episódio expôs toda a incompetência do comunista para lidar com o patrimônio público. Ainda assim ele segue firme no seu propósito de ser governador e percorre o Maranhão pregando um moralismo e uma eficiência administrativa que não foram notadas em sua passagem pela Embratur, marcada por um fracasso retumbante (**texto 134**).

Somos uma Democracia. Vivemos sob as regras de um ocidente livre do comunismo derrotado. Mas ele tergiversa sobre ser cristão e comunista ao mesmo tempo e considera perseguição o fato de ser interpelado sobre o estatuto de seu partido. Segundo Dino, se for eleito, não aplicará nada do que prevê seu partido, porque esta forma estaria desrespeitando a Constituição (**texto 176**). Não é hora de dar mais um passo em direção ao passado, que Flávio Dino tenta a todo custo nos relegar.

## **X - Comunista cristão, graças a Deus**

O sistema de comunicação de meus adversários insiste em dizer que não é possível ser comunista e ter fé em Deus ao mesmo tempo. Mas, para eles, eu indico a leitura da Bíblia. *Eu sugiro a você ler o livro do Ato dos Apóstolos, capítulo 04, versículo 32, que define bem o modo de vida dos cristãos. E como quem é comunista defende a comunhão, a comunidade, e é contrário ao império da ditadura do dinheiro* (**texto 343**).

Sempre tive uma *vida de fé, justiça e honestidade* (**texto 322**), seguindo os ensinamentos cristãos que aprendi em casa, na excelente convivência que sempre tive com meus pais. E essas são as ideias que levo para a política, para transformar a vida das pessoas. *Ser cristão é também se indignar com a pobreza, o sofrimento, o abandono de qualquer pessoa. (...) E com fé em Deus, todos os filhos do nosso Maranhão vão poder desenhar e colorir um Maranhão mais feliz, mais decente, de todos nós* (**texto 326**).

Por isso, levo a minha religião para a prática em cada área da minha vida. E isso também tem uma dimensão política, porque penso que política é serviço em nome dos que mais precisam.

*Eu como cristão, quando rezo o pai nosso, pão nosso, é porque eu acredito na dimensão do nosso. Uma coisa enorme, grandiosa como essa, não pode ser de uma pessoa só. O Maranhão é de todos nós (texto 340).*

Os cristãos também estão comigo porque sabem que esse caminho é pelo bem do nosso estado e da nossa gente.

*Flávio Dino se encontrou com 120 lideranças evangélicas no lançamento da campanha “Sou cristão, voto Flávio Dino. É um cristão como nós, por isso nós estamos juntos (texto 331).*

Deputada e pastora Eliziane Gama: *Flávio Dino é um homem de fé e que eu não tenho dúvida será grande um governador (texto 327).*

Essa prática da fé faz parte da minha formação e da minha atuação, quando fui recebido pelo Papa Francisco como presidente da Embratur. Por essa dimensão social, ser comunista para mim é construir um Maranhão de partilha, um Maranhão de igualdade. E contra fatos, não adiantam os ataques.

**Figura 8** – Reprodução do texto 321



Fonte: Canal do candidato na plataforma *YouTube*<sup>10</sup>.

---

<sup>10</sup> Canal do candidato Flávio Dino no *YouTube*:  
<https://www.youtube.com/watch?v=7rFI0HWWsR0&t=259s>

## **XI - A derrota da monarquia - igualdade social, projeto de mudança e todos juntos**

Nosso projeto representa uma mudança histórica para o Maranhão . *Alguns chamam do fim da oligarquia, outros simplesmente de monarquia (texto 327)*. O certo é que o Maranhão está unido em torno da mesma ideia. E isso não pertence a uma pessoa ou um partido. É uma conquista de todos nós.

*É preciso ter humildade pra saber que sozinho não se chega a lugar nenhum. E coragem para liderar esses milhões de Davis contra Golias. (...) Mudar esse modelo perverso de concentração de riquezas. Eu acredito no Maranhão, nas suas belezas, nas suas riquezas. e elas pode, sim, levar Justiça para todos. Se essa for a vontade de Deus e do nosso povo, e se chegarmos juntos ao governo do Estado, o Maranhão vai respirar melhor, vai olhar seu futuro com mais confiança, vai ser mais feliz (texto 333)*.

Para conduzir esse processo, é preciso ter *um homem democrático que vai governar ao lado do povo do Maranhão (texto 326)*. Sua proposta reúne vários partidos, mas todos tem um objetivo só: *que é encontrar uma saída para combater a pobreza, diminuir a desigualdade social e fazer justiça (texto 340)*. É ele quem vai trazer a democracia de verdade, substituindo a perversa concentração de renda que hoje impera: *enquanto uns tem todo o conforto, outros carecem do básico para viver (texto 336)*.

Esse conforto para poucos tem origem num modelo de concentração de riquezas e de corrupção, cujas denúncias *batem às portas do Palácio dos Leões*. Como numa monarquia, *os sobrenomes se repetem, manchetes que mancham a história do Maranhão também. Basta! Isso não pode mais continuar! (texto 331)*. *A história vai mudar, pode acreditar, não tenha medo. 50 anos cansou, agora a alegria vai chegar (texto 338)*.

Para isso, estamos unindo toda a força possível, pois derrotar um império não é tarefa fácil. *Flávio Dino está unindo todo o Maranhão. Ele conversou com movimentos sociais, agricultores, estudantes e participou do debate com empresários na Federação das Indústrias do Maranhão (texto 335)*. Com as mais diferentes formas de ver o Estado, do trabalhador ao empresário, é possível construir um caminho que supere as nossas desigualdades. *Nessa nova história, o povo é que vai ser rei (texto 340)*, não haverá mais oligarcas ou donos do

poder.

*Eu acredito no Maranhão e em suas riquezas. Por isso, eu não aceito que haja tanta injustiça. Minha candidatura é muito mais que ser contra esse grupo está aí há 50 anos. Ela é, sim, a favor de um Maranhão mais justo, em que todos vivam com dignidade (texto 334).*

*É hora, portanto, de nós caminharmos com o povo. Por isso, peço a vocês, caminhem conosco. Vocês são os líderes dessa vitória do Maranhão (texto 333).*

## **XII - Biografia ficha limpa em busca da igualdade**

Para derrotar o grupo que age como uma monarquia, de pai para filha, da filha para os amigos, o Maranhão precisa de alguém preparado e ficha limpa. E Flávio Dino reúne as melhores condições para comandar esse processo. Ele foi *o líder estudantil que lutou contra a ditadura, o advogado do povo, o professor dedicado, o juiz honesto que combateu o crime organizado e a corrupção. O deputado federal ficha limpa, eleito um dos quatro mais influentes do Congresso Nacional, o competente presidente da Embratur no governo da presidenta Dilma que ajudou o Brasil a bater recordes na geração de emprego (texto 32)*. É uma trajetória de luta e sucesso.

Sua carreira foi marcada por uma série de atuações que combateram a corrupção e sua atuação sempre esteve pautada na ética. Sua vida é de respeito à Democracia e às leis brasileiras.

Desde pequeno, cultivou aprendizado político e sempre do lado dos menos favorecidos. Já na adolescência, *na casa em que morou, passava a passeata, teve confronto de estudantes com a polícia. “Aos 11 anos tive essa experiência com a história da minha cidade, do meu estado, e isso influenciou muito a minha vida, né?” (texto 330)*. Ele permaneceu nesse caminho, *conhece as leis, criou a lei anti-nepotismo e foi um dos autores da lei da Ficha Limpa (texto 332)*.

No entanto, os ataques vindos dos adversário buscam desqualificá-lo com mentiras e agressões contra ele e sua família. Inclusive um vídeo foi forjado para tentar incriminá-lo, mas sua trajetória é seu escudo.

*Eu construí a minha trajetória ao lado da lei, fui juiz federal, combati organizações criminosas e quadrilhas, colocando muitos bandidos na cadeia. Essa é a minha história, que todos*

*vocês conhecem. Para terminar, eu quero dizer a vocês, meu amigo, minha amiga, que não acredito em vale tudo para ganhar eleição. Nós vamos continuar juntos. Não dê ouvidos às mentiras às mentiras que eles vão inventar, pois eles estão desesperados (texto 338).*

Eles já fizeram isso outras vezes, montaram tudo para continuar no poder, e por isso as acusações contra Dino não têm credibilidade. O Maranhão já conhece essa história (texto 337) e não se deixa enganar. Já para Flávio Dino, é diferente: “A palavra é o patrimônio que eu tenho. Enquanto eles têm um império do outro lado, eu tenho o compromisso e a palavra e os compromissos” (texto 329). Estamos diante de um homem ético, que vai governar com justiça e honestidade (texto 332).

o nosso objetivo é fazer uma grande aliança, uma grande união em favor do Maranhão. O que o nosso estatuto diz é que os partidos políticos, que são garantidos e assegurados pela constituição, têm a sua importância na democracia, mas nenhum governador pode ser governador de um pequeno grupo, de uma família ou de um partido. Você tem que se governador de todos. E esse é o nosso compromisso. Garantir que a lei seja cumprida. O nosso programa é a nossa referência. E há um aspecto muito importante. Eu não sou candidato de 1 partido, eu sou candidato de 9 partidos (texto 342).

O mesmo eles fazem para dizer todo o tipo de inverdades sobre a oposição e seus líderes. Usam seus meios de comunicação para atacá-lo e isto reforça ainda mais sua bravura, pois é capaz de enfrentar um império em nome dos que mais precisam.

*Pode ter certeza, eu vou lutar com todas as minhas forças para promover justiça e igualdade em nossa terra. As riquezas de nossa terra podem levar prosperidade e justiça para todo (texto 341).*

## 7.1 INTERPRETAÇÃO E CRÍTICA

A investigação do imaginário sobre o comunismo nas eleições de 2014 no Maranhão através das expressões nos programas eleitorais, entrevistas de TV e jornal impresso mostrou, em primeiro lugar, a repetição de temas e caracterizações direcionadas ao candidato comunista, que dialogam diretamente com o mesmo imaginário político nos contextos das décadas 30 e 60 do século XX. No pleito que elegeu o primeiro governador comunista da história do Brasil, as narrativas midiáticas que a ele se opunham reavivaram as setes categorias

temáticas observadas pelos referenciais historiográficos em que se baseiam as reflexões teóricas deste trabalho, sobretudo na tese de Motta.

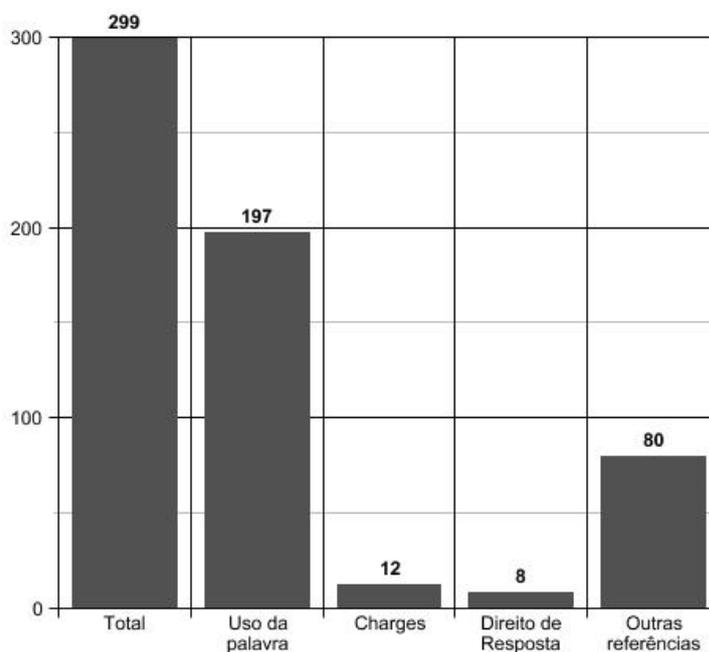
Nas páginas anteriores, foram elencadas as categorias que historicamente estiveram ligadas à caracterização dos políticos ligados ao comunismo no Brasil: religiosidade, o perigo à nação; e à sociedade, a ameaça à moralidade; o ataque à verdade; a violência; e o herói com discurso demagógico.

No entanto, no movimento de investigação sobre o imaginário que exercita a diferença e a repetição, observou-se que junto à caracterização do candidato comunista, duas novas categorias surgiram: a ligação com processos de corrupção, bem como a inaptidão ao trabalho e à administração pública surgem no novo contexto brasileiro e dão-se a ver nas mídias maranhenses durante aquela eleição.

Essas constatações gerais compõem o quadro em torno do qual se desenha o argumento geral da investigação acerca do imaginário sobre o comunismo nas eleições de 2014 no Maranhão. Naquele período, o agendamento midiático girou em torno da repetição de temas ligados à caracterização dos comunistas na história do Brasil e agregou dois novos argumentos a esse imaginário, gerando diferença em relação às expressões anteriores.

Para ter-se a dimensão quantitativa da exploração do termo comunista nas páginas do periódico, o seguinte gráfico demonstra que a palavra “comunista” ou “comunismo” estiveram presentes em mais de 2/3 do noticiário. Além disto, o aparecimento deste imaginário político se deu através de charges e foi respondido por meio de Direitos de Resposta emitidos pela candidatura comunista. Estes, embora não utilizem a palavra em questão, estão sempre a tentar rebater ou desvencilhar-se dos itens negativizantes seguindo as estratégias de ressignificação mencionadas.

**Gráfico 1** - quantitativo sobre o noticiário em *O Estado do Maranhão* e o uso do termo “comunismo” como ponto central dos textos



Fonte: A autora (2018).

Assim é que no jornal de maior circulação, o comunista é caracterizado com intensa carga negativa. O periódico dedica-se ao longo dos quatro meses analisados, cruciais para o agendamento sobre os principais agentes políticos no pleito, à busca de alertar sobre o suposto perigo que a entrega do poder ao comunista maranhense poderia representar.

Aparecem nessa caracterização tanto a crítica pessoal quanto críticas à ideologia que lhe subsidiaria a ação política e de seu grupo de apoiadores. Os processos de categorização e reunião dos argumentos centrais em textos aglutinadores dos principais temas emergentes demonstram que as ideias de **perigo** e de **engano** permeiam a argumentação geral do discurso do jornal impresso e do noticiário retratado nas três entrevistas de TV recolhidas.

Neles, o comunista representaria um perigo ao Maranhão, às instituições e aos valores morais que resguardam a sociedade. Suas críticas aos mandatários do governo até então foram categorizadas como negação da verdade com o intuito de enganar o eleitor. Versões sobre atos de violência urbana foram consideradas atos políticos, orquestrados por agentes

partidarizados e ideologicamente guiados por terceiros, com interesses pessoais acima da tranquilidade da comunidade.

A recusa em tratar dos temas da vida particular e familiar como pauta pública foi transformada em recusa em prestar explicações sobre temas relevantes pelos jornalistas e pela linha editorial do jornal. Isto foi considerado um indicativo da pouca valorização da instituição “família”. Este argumento está diretamente ligado à expressão do imaginário sobre o comunismo em outros momentos históricos, como foi visto, em que as instituições familiares estariam em risco caso houvesse o triunfo desta ideologia.

Suas críticas ao grupo Sarney, ao governo do Estado e seu programa de governo foram indicados como parte de uma construção de discurso demagógico, preparado para enganar os eleitores em torno de pautas que não condizem com a realidade. Seja em suas atitudes, seja nos discursos que profere nas mídias e nos eventos políticos, bem como nos esclarecimentos que envia aos questionamentos feitos pelo jornal pertencente aos seus adversários, suas palavras estão sempre postas naquele jornal sob o manto da desconfiança pública.

O periódico aposta na intensa carga de negatividade sobre a dimensão ideológica do candidato. Uma das marcas desse fenômeno é a tentativa constante de relacionar candidato, ideologia e afetos negativos reunidos nas “estratégias enganadoras” que deixariam em perigo o Estado.

Nos apêndices que reúnem a unitarização dos textos, de onde foram pinçados os trechos relacionados à caracterização do comunista, vemos que o uso da palavra “comunista” é predominante, para referir-se ao candidato que liderava a oposição ao governo de Roseana Sarney, ao fim de seu quarto mandato no Poder Executivo. Mas a utilização da palavra isoladamente não basta para dar conta de outras expressões do imaginário sobre o comunismo que tornam-se recorrentes.

As charges são demonstrações dessa impossibilidade de recortar o objeto apenas nos textos em que as palavras “comunismo” ou “comunista” estejam presentes. Por meio da caracterização gráfica, elementos importantes saltam aos olhos, como é o caso da charge referente ao texto 126, em que o jornal faz menção ao mito do “comunista que colocam crianças em perigo”. Posteriormente, o próprio jornal faz menção a este imaginário recorrente em nota

de esclarecimento, quando protesta no texto 173 contra o Direito de Resposta alcançado na Justiça Eleitoral pela coligação de Dino.

Outras charges expressam graficamente as referências ao imaginário sobre o comunismo ao longo da história. A foice e o martelo estão presentes na maioria delas, sempre carregados de negatividade e significando a volta a um passado pesado, ogro, repressor. Essa volta ao passado é retratada como um perigo ora aos trabalhadores, ora às famílias e ora à administração pública, que entraria em caos com o fracasso representado pelos inexperientes representantes da mudança.

Esse agendamento de negatividade nos noticiários esteve em intensa conexão com o agendamento da propaganda eleitoral do candidato do PMDB. Com menor ênfase, e com tom mais bem humorado, o programa eleitoral de Lobão Filho também utiliza em diversas peças a palavra “comunista” relacionada ao perigo e à submissão dos eleitores ao engano, retratado no discurso da personagem “Maria”, que está sempre ao telefone conversando sobre política com a amiga “Gorete”. A personagem está presente em grande parte dos programas do PMDB, como se pode ver no apêndice I.

Nessa mesma conexão é que, nas duas últimas semanas do processo eleitoral (da edição de 22 de setembro a dia 05 de outubro, dia das eleições), esse perigo se materializa nas relações feitas no impresso e na propaganda de TV entre os problemas da Segurança Pública do Estado e o comunista. Nas páginas dos jornais, editoriais, artigos assinados e nos programas eleitorais do PMDB, os crimes violentos que acontecem nas ruas da capital, embalados pela crise no sistema penitenciário que se alastra desde o mês de janeiro, estariam sendo orquestrados pelos perigosos comunistas, capazes de tudo para alcançar o comando do Executivo.

Assim, as representações de perigo, de ser um agente que sempre carrega uma face que esconde do conhecimento público, que se esquivava de dar respostas aos questionamentos da imprensa e sobre quem sempre paira o manto da desconfiança tem como desenrolar narrativo a revelação final de que ele estaria ligado a crimes de assalto a banco e formação de quadrilha.

O surgimento da denúncia do presidiário, levada às páginas dos jornais como mais uma dúvida relacionada ao discurso demagógico do comunista e sua constante postura violenta, figura como o desenlace e a comprovação das várias

suspeitas que rechearam as páginas do jornal até então. E, mesmo com a descoberta posterior de que o depoimento do vídeo fora forjado para prejudicar o candidato<sup>11</sup>, o estabelecimento de relação entre violência e interesses ocultos dos comunistas permanece até o último dia, o domingo da eleição, com o artigo de capa assinado por José Sarney:

E as maldades que fazem? Será que essa intranquilidade e esse medo que os bandidos provocam às vésperas das eleições, queimando ônibus, espalhando o terror, são gratuitos? O que há por trás disso? E as greves para provocar revolta? Pense, descubra a mentira e não odeie sua terra por causa desses homens que são piores que os bandidos, porque mandam cometer essas atrocidades pensando que o medo ganha votos (texto 308).

A construção da imagem do comunista em constante diálogo com o imaginário anteriormente constituído busca integrar a carga de negatividade historicamente construída ao candidato a governador do PCdoB. As duas categorias emergentes no processo de identificação de novos sentidos atualizam a caracterização com o acréscimo de outros afetos negativos à descrição do candidato, demonstrando que as experiências comunistas que podem ter representado esperança, hoje não passam de frustrações com a corrupção e com o fracasso administrativo.

Em um primeiro olhar, é possível afirmar que trata-se de mais uma estratégia político-eleitoral de crítica a um candidato ao qual um meio de comunicação ou um grupo político se opõem. No entanto, o que o cruzamento entre a pesquisa das raízes históricas e sociais apresenta como novidade é que o candidato comunista é retratado com adjetivos e símbolos singulares, repetições de um imaginário corrente no século XX no Brasil e que gestou, como visto no trabalho de Larangeira, um ambiente favorável à eclosão de um golpe militar sob o argumento de defesa contra os perigos representados pelos

---

<sup>11</sup> Uma intensa disputa judicial e policesca descobriu, na última semana de setembro, que o depoimento fora forjado por agentes penitenciários que prometeram ao apenado relaxamento de pena e regalias em troca da gravação do vídeo contendo depoimento em que incriminasse o candidato do PCdoB de estar ligado a crimes de assalto no Piauí. Para agregar veracidade ao depoimento, o detento falou sobre um assalto a banco que realmente ocorrera meses antes, mas no qual não foi comprovada sua participação. Os agentes penitenciários envolvidos no caso foram afastados e processados após investigações da Polícia Federal para esclarecer as circunstâncias da gravação.

comunistas. E, como visto no trabalho de Silva sobre a abolição da escravatura, o comunista também já aparecia como perigo ao desenvolvimento nacional.

Por isso é que, numa visão mais aprofundada, é possível enxergar além. É possível dar a ver as camadas de superfaturamento simbólico que envolveram a disputa eleitoral e a caracterização de um candidato filiado ao PCdoB. A articulação dos discursos sobre o candidato comunista, sua caracterização, os temas recorrentes, as adjetivações adotadas e os enredos entrelaçados a seu entorno mostram que houve, na imprensa e nas estratégias da propaganda partidária contrária ao PCdoB, uma agregação de sentidos negativizantes, como a articulação dos metatextos foi capaz de explicitar.

E, para isto, o processo de mescla dos mais diversos textos publicados em datas diferentes dá a noção da intensidade com que as narrativas foram-se entrelaçando com o passar do tempo. O movimento de integração de textos espalhados ao longo dos meses ajudou a construir uma linha de sentido repetido em momentos diversos.

O candidato Flávio Dino não foi retratado apenas como um oponente eleitoral do PMDB, mas adotou-se em seu entorno uma série de categorias agregadoras de camadas simbólicas que se estabeleceram na história brasileira e latino-americana. Vê-se, desta maneira, a tentativa de recriação agendada pela mídia das pulsões objetivas (DURAND, 2002) de um período histórico datado no século XX, em que o imaginário negativizante sobre o comunismo foi bastante determinante nas decisões políticas e nas mobilizações sociais ocorridas nas décadas de 1930 e 1960 no Brasil. No entanto, pelo resultado das urnas, é possível refletir que sem as pulsões subjetivas necessárias para a mobilização de afetos em torno de um imaginário geram apenas repetição, sem reforço de sentido.

No movimento de diferença e repetição, encontrou-se também novas caracterizações negativizantes sobre o candidato comunista, sempre fazendo uso das palavras "comunista", "comunismo" ou "filiação ao PCdoB" como importante recurso de referência. Aliadas às imagens e ideias buscadas no imaginário histórico, as ideias de corrupção e má gestão ganham tons de perigo e desconfiança perenes. Ora, se o comunista não tem caráter confiável, possui interesses e aliados ocultos e não respeita os valores tradicionais, ele também representa um perigo à nação quando supostamente é apto a utilizar-se do poder

público em benefício pessoal e trazendo constantemente problemas à administração pública.

O fracasso administrativo que o comunista do Nordeste brasileiro representa anda de mãos dadas com o colapso da União Soviética, a queda do muro de Berlim e as notícias nada positivas vindas recentemente da Venezuela pós-Hugo Chavez. Os três casos são emblemáticos para a construção da narrativa em que os interesses comunistas estão sempre ligados à decepção social frente ao fracasso administrativo dos heróis com discurso demagógico. Não por acaso, eles permearam notas e artigos assinados pelo ex-presidente e fundador do jornal, José Sarney. Estão em consonância com as categorias do fracasso administrativo e do herói que futuramente decepciona seus seguidores.

Já quando observa-se a agenda dos programas eleitorais de Flávio Dino e seu relacionamento com a dimensão ideológica, a construção é bem menos explícita. O primeiro dado que salta aos olhos é não haver menção aos aspectos partidários em sua narrativa. Em nenhum momento dos programas eleitorais as palavras "comunismo", "comunista", "PCdoB" ou até mesmo "socialismo" foram mencionadas. De fato, a agenda discursiva da campanha comunista optou por um caminho em que a dimensão ideológica teve espaço lateral. O centro de sua estratégia temática era a mudança de ciclo político no Maranhão e na sua biografia pessoal.

Como este trabalho dedica-se exclusivamente à análise dos aspectos relacionados ao imaginário sobre o comunismo no Maranhão, mesmo que este não estivesse na primeira ordem do discurso do candidato, é preciso também explicitar o modo pelo qual, ainda que implícito, a campanha capitaneada pelo PCdoB buscou contrapor-se ao temário negativizante que lhe foi atribuído pelo noticiário e pela campanha oponente.

Ao longo de seus programas eleitorais e nas entrevistas observadas, o reforço da ligação entre os preceitos do cristianismo e sua atuação política foi fartamente utilizado. Nos 20 programas, referências ao catolicismo e à fé cristã foram recorrentes. Em suas falas, Dino constantemente reforça a ideia de comunismo como partilha do pão de Cristo e chega, na entrevista à TV Mirante, a citar passagens bíblicas para responder aos questionamentos sobre uma hipotética dificuldade de relacionamento entre comunistas e igrejas. Como foi visto, este foi um dos elementos de maior força na constituição histórica

negativizante desse imaginário político. Por outro lado, viu-se nas pesquisas de Bobbio que o aspecto cristão tem raízes históricas na consolidação filosófica desta ideologia no mundo ocidental, embora pouco tenha sido explorada em outros momentos no contexto brasileiro.

O comunista também está ao lado do papa Francisco, em uma foto utilizada reiteradas vezes na constituição de sua biografia pelos programas eleitorais de TV. Ao mesmo tempo em que está ao lado de uma personalidade de reconhecimento internacional e que acompanhou parte de seu trabalho como presidente da Embratur, a imagem reflete também uma tentativa de explicitar a aproximação com a igreja católica. Neste sentido, o seu programa de 8 de setembro retrata a campanha "Sou cristão, voto Flávio Dino", mais um reforço a esta agenda temática.

Dino utiliza outros recursos para relacionar-se com esse imaginário, como referenciar-se à dona de casa Maria, personagem do seu programa eleitoral cujo tema era segurança pública, e lembrar que aquele era o nome da mãe de Jesus. Ou no programa do dia 29 de setembro, em que num diálogo com o telespectador Dino ressalta a sua condição de cristão, sem fazer referência ao imaginário em questão:

Eu, como cristão, quando rezo o pai nosso, pão nosso, é porque eu acredito na dimensão do nosso. Uma coisa enorme, grandiosa como essa, não pode ser de uma pessoa só. O Maranhão todo aqui, o Maranhão é de todos nós (texto 340).

Ressalte-se também a intensa utilização da biografia pessoal e profissional, sempre frisando aspectos de sua trajetória como juiz federal, o combate à corrupção, ter sido deputado que defendeu a lei da ficha limpa e os resultados do turismo internacional no Brasil nos períodos da Copa do Mundo de 2014 e da Jornada Mundial da Juventude Católica em 2013. Mais uma vez, agora com a construção de uma biografia pessoal, em vez de ideológica ou partidária, o discurso da campanha comunista relaciona-se lateralmente com o agendamento midiático feito sobre o candidato majoritário.

O imaginário em torno do fracasso administrativo, aliado ao perigo ao empresariado, também mereceu atenção em seus programas eleitorais. As peças de propaganda trazem no dia 17 de setembro o tema empreendedorismo e a parceria entre Governo e empresários como mote central. Em sua própria

narrativa, o governo seria parceiro do empresários e articulador de um ambiente favorável aos negócios, ao contrário da narrativa de seu oponente que, como empresário, buscava mostrar a incongruência entre os interesses da iniciativa privada e um governo comunista.

Ao analisar as temáticas abordadas pela campanha de Dino sob a perspectiva deste trabalho, vê-se uma aposta na agenda da religiosidade, mostrando proximidades entre o candidato e a fé cristã. Para além disto, em seu discurso, o candidato comunista busca aproximar preceitos bíblicos aos preceitos ideológicos a partir da ideia de comunhão - que seria o ponto de interseção entre o sagrado e a ideologia. A aproximação com aspectos revolucionários seria, apenas, com o triunfo da mudança que derrubaria o grupo político no poder há 50 anos - ora denominado de oligarquia, ora comparado à deposição de uma monarquia em busca da igualdade de oportunidades.

Se não é possível afirmar se a adoção de tal estratégia foi pensada como uma tentativa de contraposição ao agendamento midiático ou se já comporia o arcabouço temático do candidato comunista, a Análise Textual Discursiva permite dar a ver o modo como as disputas em torno deste imaginário político se deu no campo midiático. E este é o ponto principal, pois é aquilo que chega aos consumidores de mídia através dos meios de comunicação disponíveis.

De fato, ao agregar os componentes da imprensa e das propagandas partidárias, confrontando estratégias, esta pesquisa explicita um campo de constituição de superfaturamentos simbólicos sucessivos em torno da ideologia comunista. Seja com o intuito de fazer-lhe críticas, seja com o intuito de agregar a esta ideologia novos sentidos não observados na sua formação histórica brasileira, mas pertencentes a sua construção filosófica.

Pelo viés do reforço do imaginário sobre o comunismo e as categorias com carga negativa, viu-se a repetição das categorias historicamente consolidadas em torno dessa ideologia e o surgimento de duas novas camadas simbólicas. Também evidencia-se uma forte aproximação entre as agendas das empresas de jornalismo pertencentes aos políticos das famílias Sarney e Lobão à agenda da propaganda eleitoral do candidato do PMDB, Lobão Filho.

Já pelo viés da propaganda comunista, vê-se uma total ausência de referência direta à ideologia partidária. A prioridade dada pela narrativa é uma tentativa de ressignificação dos temas da agenda negativa ligada a este

imaginário, buscando o reforço de características pessoais e profissionais do candidato isoladamente, nunca referindo-se ao partido e à ideologia. Embora seja preciso salientar que a agenda mudancista, reforço de políticas sociais com foco na população carente e a reiterada comparação entre a situação política do estado e a derrocada de uma “monarquia” trazem traços importantes de uma retórica histórica e conceitualmente ligada à fundamentação da ideologia comunista, como visto na formação filosófica desta ideologia.

## 8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

*O afetual e a concentração midiática: impossibilidade radical de agendamento?*

Os movimentos de diferença e repetição são procedimentos que fazem ver como se constitui um imaginário em diferentes períodos históricos. Esta pesquisa buscou, ao longo de uma determinada disputa eleitoral, encontrar nesses movimentos as expressões do imaginário sobre o comunismo no Brasil. Para isso, foi preciso seguir os passos reflexivos sobre o que pode ser o imaginário e como acontece a circulação das ideias nas sociedades contemporâneas, sua relação com a esfera do político em tempos de espetacularização do mundo e observar, especialmente, de que modo esse imaginário foi expresso em outros períodos históricos.

Este foi o caminho percorrido para uma compreensão de um fenômeno em tempos de complexidade. Afinal, seria ainda possível falar do imaginário sobre o comunismo no Brasil (ou mais especificamente no Maranhão) mesmo após o fim da ditadura militar, das narrativas oficiais explícitas sobre o “perigo vermelho” e do ocaso das principais potências comunistas no mundo, representadas pela União Soviética e a Alemanha Oriental, ou da abertura de mercado operada pela China comunista? E, caso possível fosse falar, ele agregaria sentidos e mobilizaria sentimentos, funcionando como cimento do social nos dias correntes? Quais eles seriam?

O percurso desta caminhada reflexiva em torno de um fenômeno ocorrido na mídia revelou que, sim, houve uma reiterada referência a narrativas, imagens e mitos que buscavam como fonte um imaginário historicamente construído em torno dos políticos identificados como comunistas. Houve, também, o surgimento de novos sentidos atribuídos à ideologia e seus seguidores, observados nas páginas do jornal *O Estado do Maranhão* e nos programas eleitorais que contestavam o discurso do candidato comunista, que liderava as pesquisas.

Explicitando suas estratégias discursivas em metatextos, vislumbrou-se os conflitos simbólicos ocorridos na arena de disputa de sentidos. Com a integração dos discursos antagônicos interpostos, foi possível observar a harmonia conflitual existente em torno de uma ideologia, cuja polissemia fica clara com a organização e distribuição de diversos discursos operados por

agentes políticos que disputavam uma eleição em busca do comando do Estado. Colocados lado a lado discursos antagônicos, foi possível observar como se organizou uma operação de superfaturamento simbólico que tentasse abarcar a dimensão ideológica do comunismo no contexto brasileiro.

Portanto, é possível falar em imaginário sobre o comunismo naquele contexto, agregando imagens e narrativas em torno de um candidato, com antigas e novas roupagens. Um caminho que revelou a operação de superfaturamento simbólico que foi realizado em torno de uma candidatura e de uma ideologia. No entanto, outra questão salta: se houve intensidade no uso de argumentação e tematização negativizantes em torno de um candidato, buscando para isso um arcabouço histórico e socialmente representados, por que ainda assim esta intensa utilização das tecnologias do imaginário para sua reprodução não foi capaz de reverter o quadro eleitoral favorável ao comunista?

É neste ponto que as reflexões teóricas sobre as mobilizações nas sociedades contemporâneas mostram-se cruciais para o entendimento deste fenômeno. A diferenciação entre a opinião pública e opinião publicada é uma delas. O reforço da dimensão ideológica como pauta constante do noticiário e da propaganda apresentam uma agenda sistemática pautada pela opinião publicada. Por outro lado, não parece estar em consonância com os sentimentos que embalam a opinião pública de fato, que se integra a partir do que se denominou aqui por cimento do social.

E, no entanto, este assunto não aparece explicitamente nas expressões do próprio candidato do PCdoB - senão apenas quando instado a falar diretamente sobre o tema por jornalistas, como ocorrido na entrevista à *TV Mirante*. Em vez da pauta ideológica, manobrou e pôs em evidência a pauta religiosa como um contraponto às acusações sobre perigo moral recebidas.

Assim é que pode-se observar o imaginário sobre o comunismo navegando na *ambiguidade*, oscilando entre uma construção carregada de aspectos e afetos negativos relacionados a sua dimensão ideológica, mas ao mesmo tempo sendo resignificado em uma visão mais próxima de um discurso que entrelaça aspectos da igualdade de direitos numa sociedade democrática, do embasamento cristão para seus argumentos e da correição ética do seu principal representante naquele Estado.

Alguns apontamentos surgem do caminho compreensivo trilhado. O primeiro deles gira em torno da dimensão ideológica. Por um lado, há uma aposta na sua negativização por parte do noticiário e da propaganda do PMDB, reforçando uma construção afetual negativa em torno do pensamento comunista e seus representantes.

Já no polo oposto, o discurso do comunista sobre sua própria identidade política busca desviar-se do reforço dos debates racionalizantes sobre a ideologia, apostando em articulações com outras dimensões do vivido, como é o caso do reforço do discurso mudancista e de derrota de um ciclo político caracterizado como oligárquico, da referência reiterada aos aspectos pessoais e religiosos, bem como da construção de uma imagem eivada de caracteres que evocam valores de justiça e ética.

O espaço midiático dedicado à construção positiva do imaginário sobre o comunismo a partir das palavras do próprio candidato, seja nos programas eleitorais, seja no noticiário hegemônico pela concentração dos meios de comunicação nas mãos do grupo Sarney, era evidentemente menor. Resumiu-se aos programas eleitorais e aos direitos de resposta vez ou outra alcançados por meio de ações judiciais.

E isto poderia ser um fator decisivo para que as eleições findassem com uma derrota nas urnas do candidato do PCdoB. No entanto, tomando por um sinal do que corresponderia à opinião pública naquele momento, como um exercício do voto sobre que projeto político melhor corresponderia a seus anseios naquele momento, revela-se um descompasso entre ela (a opinião pública expressa no voto) e aquilo que está publicado pelos meios de comunicação tradicionais.

O fato é revelador a respeito de uma das primeiras inquietações ocorridas nesta pesquisa. Se o agendamento constante de um imaginário existente social e historicamente foi possível, por que a opinião pública não refletiu os apelos da opinião publicada naquele momento?

Ainda que tenham sido repetidamente acionados elementos que compuseram esse imaginário nos momentos de alta frequência notológica, como ocorreu durante o período militar brasileiro, eles não estiveram no centro do debate público – contrastando com a “opinião publicada” (MAFFESOLI, 2010, 2016). Neste sentido, este estudo aproxima-se cada vez mais das reflexões de

Silva (2003, 2017a), quando aponta a impossibilidade de se “fabricar em laboratório” imaginários e impô-los por uma agenda midiática.

Embora tratando-se de trazer ao centro das discussões na mídia os mais diferentes componentes de um imaginário corrente na história do país, a tentativa de reativação, ou re-narrativização, por parte dos diferentes meios no pleito de 2014 não surtiu o efeito de desconstrução que se tenha esperado. Isto é, ainda que o candidato comunista tenha sido amplamente caracterizado de forma negativa em propagandas e noticiários, sobretudo no que tange à caracterização ideológica, o resultado das eleições confirmou o que as pesquisas de intenção de voto delineavam - a preferência do eleitorado pela candidatura comunista.

É então que o entendimento sobre a construção, a consolidação e a organização dos imaginários nas sociedades contemporâneas podem ampliar o debate para além das fronteiras sobre a hegemonia da mídia, a manipulação do leitor/espectador e apontar horizontes em que a ambiência e a vida das ideias no corpo do social ganham relevo nos fenômenos das sociedades pós-modernas. Volta-se à ideia da bacia semântica como elemento norteador da pregnância (ou não) dos imaginários em cada contexto.

As reflexões teóricas sobre o retorno do imaginário ao centro da vivência nas sociedades contemporâneas foram capazes de iluminar o paradoxo existente entre a abrangência do reforço de uma agenda temática focada num imaginário político socialmente constituído no Brasil e a ineficácia eleitoral de sua utilização depois de um certo período em que ele não mais está no centro do debate político. Foi visto no capítulo 2 que os imaginários operam como *recobrimento do banal* (SILVA, 2017a), dando aos acontecimentos cotidianos uma dimensão fantástica.

No caso em tela, trata-se de todas as operações simbólicas para tentar explicar (positiva ou negativamente) ao cidadão em que poderia consistir a presença de um líder comunista no comando do Governo do Estado. As camadas que recobrem o banal foram apresentadas em forma de metatextos, condensadores dos argumentos gerais em disputa na arena midiática.

Na discussão sobre a difusão dos afetos nas sociedades pós-modernas, viu-se que as tecnologias do imaginário são responsáveis pelo enraizamento de sentidos, mas que estes possuem os pés fincados no vivido. Neste sentido, não seria possível falar em fabricação de sentidos mobilizadores a partir de um

laboratório do imaginário, (re)criando narrativas descoladas do *hic et nunc* da vida contemporânea. Para mobilizar, os imaginários postos em circulação devem fazer parte da cola do social no momento em que se apresentam.

As tecnologias do imaginário, aqui representadas pela imprensa e pela propaganda televisionada, apostaram fortemente no reforço de camadas de superfaturamento simbólico da ideologia comunista. Na construção dos metatextos, como produtos condensadores dos discursos centrais emitidos ao longo dos quatro meses de acompanhamento, foi possível observar a organização e profusão de centenas de textos que consistiam em acúmulo simbólico em torno do candidato, revelando pelo menos nove camadas de significação negativa na construção de imagem perante o público.

Os indícios buscados na mídia, sistematizados e apresentados nesta pesquisa corroboram a ideia de imaginário discutida no primeiro capítulo, segundo a qual ele, ainda que existente em períodos anteriores, segue um ciclo que composto de ambiguidade e repetição ao longo do tempo. Pode-se, a partir disto, buscar entender por que aquele imaginário político tão bem enraizado na história do Brasil não foi capaz de agregar mobilizações em torno de si.

No Maranhão de 2014, os resultados demonstraram que imprensa e propaganda agendaram intensamente um imaginário com raízes sociais e históricas no Brasil. Também atribuíram-lhe novos sentidos. No entanto, ao concatenar os resultados obtidos nesta pesquisa ao próprio resultado final do pleito, vê-se que o agendamento do imaginário político sobre o comunismo, a hegemonia midiática e seus vários traços negativos tiveram pouca relevância como definidores do voto.

Funcionando como uma bacia semântica, que carrega significados que inicialmente são minoritários, os imaginários passam de um apogeu de pregnância no social e sucumbem à força de novos imaginários que surgem e se consolidam. Isto também acontece com os imaginários políticos, cuja força está relacionada à capacidade de ser *cola do social*, aos afetos que mobiliza em torno de si.

Não basta a eles serem repetidos e utilizados ao sabor da vontade dos produtores de discurso. E o caso ora estudado reforça essa hipótese exploratória, tendo em vista o paradoxo logo assinalado entre agendamento e eficácia comunicativa nos discursos eleitorais.

Para este entendimento, as fases do imaginário e seu percurso enquanto bacia semântica são fundamentais. A análise histórica da expressão do imaginário sobre o comunismo no Brasil foi capaz de revelar sua importância como fator mobilizador de eventos importantes em períodos de ruptura, como o golpe militar de 1964 e gerar apoio popular. No momento a que este trabalho analisa, entretanto, ele não apresenta a relevância social capaz de gerar grandes mobilizações.

Sua utilização por parte dos sistemas midiáticos aqui apresentados pode ser entendida como uma das fases dessa bacia semântica integradora de sentidos, em que um imaginário outrora pujante passa a ser pouco mobilizador. A fase da teatralização de um dado imaginário, forma em que ele é racionalizado e sistematizado, já revela também o seu esgotamento - durante o qual a mera repetição de fórmulas antes frutíferas, já não é capaz de mobilizar sentidos e ações no seio da sociedade. Em uma palavra, não são mais capazes de agregar sentidos que cimentem o social.

Foi visto que força de uma ideia é potencializada quando em consonância com a efervescência do social. A mera teatralização de fórmulas do imaginário, assim como sua fabricação em laboratórios de discurso, revela-se método insuficiente para valer-se dos imaginários como fatores manipuláveis e submisso à vontade dos detentores do poder de agendamento. Como tecnologias da sedução, as tecnologias do imaginário precisam ser compostas de fatores que se tornem atraentes ao público (neste caso, de eleitores).

A concepção de estudos sobre os fenômenos da comunicação política a partir das lentes do imaginário amplia o debate para além do agendamento numérico ou da hipótese da força manipuladora dos meios de comunicação. O caso analisado mostra, assim, que a união de esforços dedicados a um imaginário historicamente estabelecido e o uso do poder de concentração midiática não é suficiente para que os afetos que um dia foram evidentes forças voltem a circular com intensidade, influenciando diretamente as eleições. É preciso que as ideias e afetos em torno de um imaginário sejam capazes de “colar” no social naquele momento. E não foi o caso do imaginário negativizante sobre o comunismo, naquele momento histórico.

Por fim, é preciso salientar que, mesmo que neste caso o resgate do imaginário político sobre o comunismo tenha tido relevância inversamente

proporcional a seu agendamento pela mídia, isto não o invalida peremptoriamente. Não se trata de uma decretação de morte permanente. Os mesmos valores e ideias que deixaram de mobilizar em um determinado contexto, podem em outras circunstâncias passar a circular trazendo toda a carga significativa de outrora. Viu-se que os caminhos do imaginário e da força das ideias são cíclicos. O que este trabalho traz à tona é apenas o retrato de um momento do ciclo deste imaginário no Maranhão.

E entender como acontecem o surgimento, a consolidação e o esgotamento é também abrir as portas para compreender que os imaginários momentaneamente pouco pregnantes podem, como uma onda, retornar com força de ressacas que se preparam para surgir em meio a aparentes calmarias.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Denize Correa; CONTRERA, Malena Segura (org). **Teorias da Imagem e do Imaginário**. São Paulo: Compós, 2014.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido se desmancha no ar: A aventura da modernidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfrancesco. **Dicionário de Política**. Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília, 1991.

COLLING, Leandro. Agenda-setting e framing: reafirmando os efeitos limitados. In: **Revista Famecos**, Porto Alegre, n. 14, p. 88-101, 2001.

COUTO, Carlos Agostinho Almeida de Macedo. **Estado, mídia e oligarquia: poder público e meios de comunicação como suporte de um projeto político para o Maranhão**. São Luís: UFMA, 2007.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. São Paulo: Contraponto, 2010.

DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

DURAND, Gilbert. **O Imaginário: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem**. Rio de Janeiro: DIFEL, 1998.

GOMES, Carla Reis. Origens do conceito de opinião pública: um diálogo com Hannah Arendt e Jurgen Habermas. **Comunicação e Sociedade**, v. 28, n. 46, p. 43-56, 2006.

GOMES, Wilson. **Transformações na política na era da comunicação de massa**. São Paulo: Paulus, 2007.

GOMES, Wilson. MAIA, Rousiley. **Comunicação e Democracia: Problemas e perspectivas**. São Paulo: Paulus, 2008.

GUTFREIND, Cristiane Freitas (org). **Mídia e tecnologia: relatos críticos de pesquisa**. Porto Alegre: Sulina, 2016.

GUTFREIND, Cristiane Freitas; SILVA, Juremir Machado da (orgs.). **Guy Debord: antes e depois do espetáculo**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007.

GUTIÉRREZ, Fátima. Gilbert Durand: un pensamiento libre. In: TONIN, Juliana; AZUBEL, Larissa (orgs). **Comunicação e Imaginário**. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2016.

HABERMAS, Jurgen. **Mudança estrutural da esfera pública**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.

HOHLFELDT, Antonio. Hipóteses contemporâneas de pesquisa em comunicação. In: HOHLFELDT, Antônio; MARTINO; Luiz Claudio Martino; FRANÇA, Vera Veiga. **Teorias da comunicação: Conceitos, escolas e tendências**. Petrópolis: Vozes, 2011.

JORON, Phillipe. A sacralização do cotidiano na mídia. **Revista Contemporânea**, Rio de Janeiro, n. 11, p. 16-27, 2008.

JORON, Philippe. Espectro heterológico da imagem à sombra de Gilbert Durand. In: TONIN, Juliana; AZUBEL, Larissa (orgs). **Comunicação e Imaginário**. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2016.

LARANGEIRA, Álvaro Nunes. **A mídia e o regime militar**. Porto Alegre: Sulina, 2014.

LASSWELL, Harold D. **A linguagem da política**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1979.

LAVAREDA, Antonio. **Emoções ocultas e estratégias eleitorais**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2009.

LEAL, Ranielle; HOHLFELDT, Antonio Carlos. Veja e a formação da opinião pública favorável ao Regime Militar. In: XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2014. **Anais...** Foz do Iguaçu: Intercom, 2014.

LEGROS, Patrick et al. (org). **Sociologia do Imaginário**. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2014.

LIGUORI, Guido. VOZA, Pasquale (org). **Dicionário gramsciano**. São Paulo: Boitempo, 2017.

LIMA, Luiz Costa (org). **Teoria da Cultura de Massa**. 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

LIPOVETSKY, Gilles. Sedução, publicidade e pós-modernidade. In: MARTINS, Francisco Menezes; SILVA, Juremir Machado da. **A genealogia do virtual: comunicação, cultura e tecnologias do imaginário**. Porto Alegre: Sulina, 2008.

LIPPMANN, Walter. **Opinião Pública**. Petrópolis: Vozes, 2008.

LYOTARD, François. **A condição pós-moderna**. 2. ed. Lisboa: Gradiva, 1989.

MAFFESOLI, Michel. **A conquista do presente**. Natal: Argos, 2001.

MAFFESOLI, Michel. **A transfiguração do político: A tribalização do mundo**. Porto Alegre: Sulina, 2005.

MAFFESOLI, Michel. **Apocalipse**. Porto Alegre: Sulina, 2010.

MAFFESOLI, Michel. **O conformismo dos intelectuais**. Porto Alegre: Sulina, 2016.

MAFFESOLI, Michel. **O conhecimento comum**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

MAFFESOLI, Michel. **O mistério da conjunção: ensaios sobre comunicação, corpo e socialidade**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo retorna: Formas elementares da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

MAFFESOLI, Michel. O imaginário é uma realidade. **Revista Famecos**, Porto Alegre, v. 8, n. 15, p. 74-81, 2001.

MAFFESOLI, Michel. Pesquisa como Conhecimento Compartilhado. **Educação e Realidade**. Porto Alegre, v. 36, n. 2, p. 521-532, 2011.

MARIANI, Bethania. **O PCB e a imprensa: os comunistas no imaginário dos jornais (1922/1989)**. Rio de Janeiro: Revan, 1998.

MARTINS, Francisco Menezes; SILVA, Juremir Machado da. **A genealogia do virtual: comunicação, cultura e tecnologias do imaginário**. Porto Alegre: Sulina, 2008.

MARX, Karl. ENGELS, Friederich. **O Manifesto do Partido Comunista**. Porto Alegre: LP&M, 2001.

McCOMBS, Maxwell. **A Teoria da Agenda: a mídia e a opinião pública**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

MORAES, Roque. Uma tempestade de luz: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva. **Ciência e educação**, Bauru, v. 9, p. 191-211, 2003.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Porto Alegre: Sulina, 2015a.

MORIN, Edgar. **O método 3: o conhecimento do conhecimento**. 5. ed. Porto Alegre: Sulina, 2015b.

MORIN, Edgar. **O método 4: as ideias: habitat, vida, costumes, organização**. 6. ed. Porto Alegre: Sulina, 2010.

MOTTA, Rodrigo Pato Sá. **Em guarda contra o perigo vermelho: O anticomunismo no Brasil (1917-1964)**. São Paulo: USP, 2000.

NAPOLITANO, Marcos. Recordar é vencer: as dinâmicas e vicissitudes da construção da memória sobre o regime militar brasileiro. **Revista Antíteses**, v. 8, n. 15, p. 9-44, nov. 2015.

ROBIN, Régine. **A Memória Saturada**. Campinas: Editora Unicamp, 2017.

ROQUE, Moraes; GALIAZZI, Maria do Carmo. **Análise textual discursiva**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2007.

RÜDIGER, Francisco. **As teorias da comunicação**. Porto Alegre: Penso, 2011.

SILVA, Juremir Machado da. Michel Maffesoli: por uma política da transfiguração. **Revista Famecos**, Porto Alegre, n 10, p. 17-23, jun. 1999.

SILVA, Juremir Machado da. **1964: Golpe Midiático-Civil-Militar**. 4. ed. Porto Alegre: Sulina, 2016.

SILVA, Juremir Machado da. **A hipótese do excedente de significação**. Porto Alegre: Sulina, 2017a.

SILVA, Juremir Machado da. **As tecnologias do Imaginário**. 3. ed. Porto Alegre: Sulina, 2003.

SILVA, Juremir Machado da. **O que pesquisar quer dizer: como fazer textos acadêmicos sem medo da ABNT e da CAPES**. 3. ed. Porto Alegre: Sulina, 2010.

SILVA, Juremir Machado da. **Raízes do Conservadorismo Brasileiro: A abolição na imprensa e no imaginário social**. São Paulo: Civilização Brasileira, 2017b.

SILVA, Thayane Soares da. **Discurso comunista dirigido aos cristãos: sentidos, história e memória no discurso político-eleitoral de Flávio Dino (MA/2014)**. 2017. 84 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2017.

SOUSA, Li-Chang Shuen Cristina Silva; PINHO, Stephany Rodrigues. Jornalismo, política e coronelismo: o uso do jornal O Estado do Maranhão como ferramenta de construção do capital político nas eleições para o governo do Estado em 2014. In: VI Congresso da Associação Brasileira em Comunicação Política, 2015, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: Compolítica, 2015. Disponível em: <http://www.compolitica.org/home/wp-content/uploads/2015/04/GT2-Sousa-e-Pinho.pdf>. Acesso em: 15 maio 2017.

SOUSA, Li-Chang Shuen Cristina Silva. Os governos Roseana Sarney e Flávio Dino nas manchetes de O Estado do Maranhão. **Revista Famecos**, Porto Alegre, v. 25, n. 1, 2018.

SUSCA, Vincenzo. **Nos limites do imaginário: O governador Schwarzenegger e os limites do imaginário**. Porto Alegre: Sulina, 2007.

TAVARES, Flávio. **Memórias do esquecimento**. Porto Alegre: L&PM, 2017.

TONIN, Juliana; AZUBEL, Larissa (orgs). O trajeto antropológico do imaginário na Comunicação. In: **Comunicação e Imaginário**. Porto Alegre: EdIPUCRS, 2016.

VENTURA, Zuenir. **1968: o ano que não terminou**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira: 1988.

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

WOLTON, Dominique. **Informar não é comunicar**. Porto Alegre: Sulina, 2010.

## APÊNDICE A – JUNHO/2014

### CORPUS 1 - O ESTADO DO MARANHÃO NAS ELEIÇÕES DE 2014 / MÊS DE JUNHO<sup>12</sup>

Texto	Data	Gên.	Pal.	Temas	Título
1.	01	C		Discurso; Mudança; Flávio Dino; Prefeitura; Frustração; Fracasso administrativo; Incompetência.	Mudança
2.	01	R	x	Prefeitura de São Luís; responsável; fracasso administrativo; criador; rejeição; aliado oculto; campanha 2012; discurso demagógico; redes sociais; críticas; Edivaldo Júnior; beneficia Flávio Dino; mudança; afastamento; marqueteiros; apoio político; abandono.	Tutor da eleição de Edivaldo, Dino agora se esconde
3.	02	C		Lobão Filho responsável; inverso do adversário; irresponsabilidade; gazetear para campanha; má-gestão; flagra; agenda; Dilma; decepção.	Responsável... ..por outro lado
4.	03	R	x	PCdoB; Afastamento da prefeitura; Interesses ocultos; Agente que atrapalha; Rompimento de parceria; Perigo; Culpa dos comunistas; Fracasso administrativo; relação azeda; Vingança futura.	Vereador do PTC previu traição dos comunistas
5.	04	R		Só falam mal; Oposição; Ataques aos maranhenses; Ataque ao grupo Sarney; Não ajudam o Estado; Discurso demagógico; Falsa realidade; Força do maranhense; Mudança; Pessimismo; Ódio; PIB; oportunidades;	Lobão Filho critica na TV opositoristas que “só falam mal” do Maranhão

<sup>12</sup>A = artigo de opinião; AC = abre coluna; C = coluna; CC = chamada de capa; Ch = charge; DR = Direito de Resposta; En = entrevista; Ed = Editorial; M = manchete; N = nota; R = reportagem.

Texto	Data	Gên.	Pal.	Temas	Título
				José Sarney; Ataque pessoal; IDH contestado; riqueza; campanha difamatória; derrubar o Maranhão; Oposição nada produz.	
6.	06	R	x	Comunista; crime; réu; calúnia e difamação; Esconde-se; PCdoB; processo criminal; estratégias; redes sociais; mentiroso; artifícios para escapar da Justiça; Diálogos pelo Maranhão; atos político-partidários; aliados do comunista; Direito de Resposta; trabalho escravo; campanha 2010; financiamento irregular; ligação com criminosos; não se explica.	Flávio Dino se esquia da Justiça para não responder a processo criminal no Maranhão
7.	06	C	x	Mentiroso; culto religioso; pedido de voto; servo de Deus; discurso demagógico; blogs revelam a verdade; nota oficial; esdrúxula; ateísmo e comunismo; esconde-se; traição.	Irmão I / Irmão II
8.	06	R		Lobão Filho; ataques; reação; oposição; Flávio Dino; aliados do comunista; Lobão Filho ficha suja; processo criminal; certidão negativa; perseguição; seguidores do adversário; desesperado; dificuldade de vencer; gritam; xingam; propaganda; pesquisas eleitorais; crescimento de Lobão Filho; instituto nacional; credibilidade.	Candidato vê desespero em ataques
9.	07	R		Lobão Filho; fracasso administrativo; mudança; aliados do comunista; diálogo com economistas; discurso demagógico; renovação; pesquisas internas; rejeição de prefeitos opositores; greve de ônibus; vida pessoal de Lobão Filho; propostas de Lobão Filho; preparado para governar; grupo Sarney; 50 anos; contesta oligarquia; aliados de Flávio Dino.	“Modelo de gestão da mudança foi reprovado pelo povo”, diz Lobão Filho

Texto	Data	Gên.	Pal.	Temas	Título
10.	08	AC CC		Lobão Filho; força; reação; civilidade; repor a verdade; reparação judicial por excesso; político sem manchas, falhas e dúvidas; trajetória pessoal; figura pública; questionamentos; provocações; preparado; empresário e político íntegro; desvios de conduta reprováveis; família; incisividade.	Jogo duro, mas limpo  Lobão Filho avisa que jogará duro contra as agressões
11.	08	R	x	Justiça; trabalho escravo; financiamento irregular; flagra na empresa; condenação; trabalho degradante; campanha 2010; ligação com criminosos; maranhenses sofrem; não explica;	Empresa do grupo Infinity, que fez doação a Dino, volta à "lista suja"
12.	08	N	x	Nunca recebeu doação da empresa; trabalho escravo; acusação infundada; Direito de Resposta; contas aprovadas; legalidade; Justiça; insistência; família Sarney; donos da mídia; eleições 2014; derrota	Resposta do Sr. Flávio Dino
13.	09	C	x	Redes sociais; Flávio Dino; ataques contra adversários; ficha suja; agressão; violência; finge-se de vítima.	Ataques
14.	09	C	x	"Anticomunismo ultrapassado"; discurso demagógico; evangélicos; cruz no pescoço; católicos; oportunismo; ateísmo; ideologia; religião.	Embromação
15.	10	C	x	Chefe comunista; submissão; censura; interesses partidários	Amordaçado
16.	11	C	x	Discurso demagógico; fracasso administrativo; prefeitura; redes sociais; PCdoB; Aumento de passagem de ônibus	E agora?

Texto	Data	Gên.	Pal.	Temas	Título
17.	12	C	x	Insistência, venda da casa de veraneio; interesses ocultos; patrimônio público	Por quê?
18.	14	C	x	Discurso demagógico; revelação; mentiroso; pedido de voto; retórica jurídica; blogs revelam a verdade; ateísmo; fantasia de cristão; mal vista; linguagem evangélica; servo de Deus; esconde-se.	Servo... ..do Senhor
19.	15	R	x	Investigação; Justiça; corrupção; prejuízo; prejuízo; patrimônio público; contrato irregular; responsável pela corrupção; Eduardo Campos; Roberto Rocha; Aécio Neves; aliança com tucano; Carlos Brandão.	Gestão de Flávio Dino na Embratur é alvo de três investigações do TCU
20.	15	N		Processo; Embratur; auditoria; controle interno; contratos.	Resposta do Sr. Flávio Dino
21.	15	C	x	Esclarecimento; pré-campanha; advogados; Alexandre de Moraes; participação da sociedade; informação inverídica; evangélicos.	Sobre frase
22.	17	CC AC	x	Flávio Dino; Justiça; aliados do comunista  Bloqueio de bens; Weverton Rocha; irregularidades; Jackson Lago; Flávio Dino; corrupção; José Reinaldo Tavares; algemado; Polícia Federal; estradas fantasmas; aliados escusos; ataques dos comunistas; discurso demagógico; não se explica.	Grupo que segue Flávio Dino na mira da Justiça  Aliados da pesada
23.	18	C	x	Jackson Lago; PCdoB; relação azeda; Flávio Dino; perda de apoio.	Antipatia

Texto	Data	Gên.	Pal.	Temas	Título
24.	18	AC	x	Oposição; PDT; Carlos Lupi; Renato Rabelo; PCdoB; eleições; Jackson Lago; enfraquecimento do partido; quebra de acordo; acordo oculto; PSDB; arrogância; humilhação de aliados.	Humilhação consumada
25.	18	C	x	Cartilha comunista; redes sociais; críticas; arrogância; aliados do comunista.	Desprezado
26.	19	AC	x	Revelação; perda de aliados; insatisfação; submissão; aliança partidária	Problemas em casa
27.	19	C	x	Justiça; processo; censura; jornalistas; intimidação; cartilha comunista; autoritarismo; liberdade de expressão.	Censura
28.	20	C	x	Quebra de acordo; insatisfação; mentiroso; Dilma; falta de compromisso; aliados locais.  Disc. demagógico; PDT; humilhação; má-fé; submissão; perda de apoio.	Sem palavra / Desmanche  Conversa
29.	20	C		Verdadeira esquerda; PSOL e PCB; discurso demagógico; marxismo-leninismo; fim da propriedade privada; proletariado; burguês disfarçado.	Sem aliança / Babaquice
30.	21	R	x	PCdoB, pesquisa eleitoral; jornal; Justiça; liminar; redes sociais; verdade ocultada; Flávio Dino cai nas pesquisas; advogados; proibição.	PCdoB censura pesquisa pela segunda vez
31.	23	AC	x	Aparências; convenção fracassada; apagar incêndios; arraial partidário; controle; insatisfação; chefes de partidos pequenos; alianças; turbulência;	Tremores no arraial de Dino

Texto	Data	Gên.	Pal.	Temas	Título
				atropelamento; tragados.	
32.	23	R	x	Flávio Dino; Aécio Neves; aliança oculta; Dilma Rousseff; Eduardo Campos; contra o Bolsa Família; coordenação da campanha; temor; Lula; redes sociais; assessoria; esconde aliados; críticas de Lula; postura criticada; decepção de Dilma; apoio ao PSDB; traição.	Flávio Dino reafirma seu apoio a Aécio
33.	24	AC		Censura; pesquisas eleitorais; queda; PCdoB; realidade ocultada.	Números? Nem pensar!
34.	25	CC R	x	Lobão Filho vítima; ataques comunistas; violência; desespero verbal; discurso demagógico; censura; pesquisas eleitorais; desonestidade; certidão negativa; Lobão Filho ficha suja; perda de apoio, fracasso; novos ataques virão; corrupção; falso moralista; Demóstenes Torres; reação contra pesquisa; Aécio; FHC; Dilma com Lobão; críticas na Assembleia; venda da casa de veraneio; postura patética; incoerência; Edivaldo Júnior; tutelado; falsas promessas; fracasso administrativo.	Agredido, Lobão Filho diz que Dino 'está em crise'  Vítima de ataques de Dino, Lobão Filho diz que adversário "está em crise"
35.	25	C		Propaganda; venda da casa de veraneio; desconfiança.	Que comprar?
36.	25	C	x	Religião; evita debate; discurso demagógico; servo de Deus; expressão evangélica; cruz; símbolo católico.	Evangélicos II
37.	26	C	x	Discurso demagógico; Marcelo Tavares; José Reinaldo; venda da casa de veraneio; mentiroso; hospital do Câncer.	Calou / Vazio

Texto	Data	Gên.	Pal.	Temas	Título
38.	26	R	x	Justiça; crime; pedido de voto; denúncia; procuradoria eleitoral; propaganda antecipada; multa; redes sociais; blogs revelam a verdade; advogados; pré-campanha; servo de Deus; desvirtuou evento; esconde-se; mentiroso; censura; jornalismo; flagra; abraço fraterno.	Flávio Dino é acionado por crime eleitoral
39.	27	C		Caxias; empresários; pré-campanha; marqueteiro; oportunismo; evento tendencioso; equidade; articulação oculta; cooptação de apoio; crime; uso de instituições idôneas; imoralidade.	Papo político
40.	30	AC	x	Discurso demagógico; aliados; não empolga; atraso; bordões; ataques ao grupo Sarney; sem projeto; administração pública; oposto de Lobão Filho; antisarneysismo; frases repetidas; candidato cansado; agitação.	Chavões surrados
41.	30	R	x	Convenção; candidatura confirmada; aliados; reunião; sem imprevistos; discursos; ataque ao grupo Sarney; palavras de ordem comuns; estudantes; movimentos sociais; esconde aliança.	Em convenção, PCdoB oficializa candidatura de Flávio Dino ao governo
42.	30	C		Discurso; todas as famílias; problemas familiares; moral; aliados; pai; Sálvio Dino; afeto; simulação.	Calcanhar / Afagos
43.	30	C		Barriga; descontrole; aumento do peso.	Pesos pesados
44.	30	C	x	Aliança oculta; Aécio; Dilma; oportunismo; foto; redes sociais; mentira; montagem de vídeo; manipulação; falta de ética; perda de votos	Acusando... ..o golpe

<b>Texto</b>	<b>Data</b>	<b>Gên.</b>	<b>Pal.</b>	<b>Temas</b>	<b>Título</b>
45.	30	C	x	Coluna social; Lobão Filho; fé; não arranja e construída; interesse pelo voto; natural; vem de berço; recepção ao Papa João Paulo II; comunhão; santificado.	Em nome de Deus

## APÊNDICE B – JULHO/2014

### CORPUS 2 - O ESTADO DO MARANHÃO NAS ELEIÇÕES DE 2014 / MÊS DE JULHO

Texto	Data	Gên.	Pal.	Temas	Título
46.	01	R	x	Partido; censura; pesquisas eleitorais; Justiça; proibição; verdade oculta; liberdade de imprensa; multa; estranha coincidência; queda.	PCdoB tem trabalhado para censurar pesquisas
47.	03	R		Discurso demagógico; contra o Maranhão; adversários; avanços do Governo; verdade ocultada; fracasso administrativo; prefeitura; aliados questionáveis; abandono; saber governar; diminuir auto-estima do maranhense; estratégia antiga; agressividade; desqualifica o Estado; José Reinaldo; propaganda; prisão; Polícia Federal.	Pedro Fernandes condena discurso de opositoristas contrários ao Maranhão
48.	04	AC	x	Convenção; propaganda Aécio; Dilma; Eduardo Campos; mentiroso; apoio de todos; aproveitador; apropriação indébita; oposto do PT; decepção; ataques agressivos; consentimento; traição.	Uso indevido
49.	04	C	x	Traição; Flávio Dino; PDT; PSDB; chapa majoritária Perda de confiança; submissão.	Outro golpe Outra vez, não!
50.	05	R		Lula; Dilma; traição; política comunista; campanha; Aécio; críticas; falta de ética; ingratidão; furta-cor; decepção; enganação ao eleitor.	Postura "furta-cor" de Flávio Dino foi criticada por Dilma e por Lula

Texto	Data	Gên.	Pal.	Temas	Título
51.	06	AC	x	<p>Carreiras que não se cruzam</p> <p>Flávio Dino: Advogado; professor; juiz; carreira política; separado; teve 3 filhos; relacionamento do qual resultou um filho; estranha condição de comunista cristão.</p> <p>Lobão Filho: empresário bem sucedido; político por afinidade; casado, 2 filhos, 1 neto; familiar; não bebe, nem fuma; atleta; avesso a festas; Estado transparente; ágil e eficiente; católico praticante.</p>	Quem é quem na disputa
52.	08	AC	x	<p>Opõe biografias; discurso; estado em movimento x estado problema; fantasia; salvador da pátria.</p> <p>Lobão Filho: empresário e político; experiência; entende o Maranhão; salto de desenvolvimento; sem salvador da pátria.</p> <p>Flávio Dino: discurso; advogado e servidor público; Maranhão de problemas; sem desenvolvimento; estado personalista; realidade ocultada; transparência; discurso opaco; bordões; oposição à oligarquia.</p>	Duas visões do Maranhão
53.	08	C	x	<p>Contraponto; evangélicos; foto inusitada; evento católico; redes sociais; lugar-tenente; Dino de joelhos; bênção de padre; enganação; imagem negativa; abandona o vermelho; azul ou cinza; aliança; Aécio.</p>	<p>Católico?</p> <p>Mudança</p>
54.	09	C	x	<p>Lobão Filho faz crítica; discurso; relação com o pai; campanha eleitoral; família; evangélicos; pedido de voto; censura; liberdade de expressão; Justiça; redes sociais; aliados; discurso demagógico.</p>	<p>Incoerência I</p> <p>Incoerência II</p>

Texto	Data	Gên.	Pal.	Temas	Título
55.	09	AC CC	x	Responsabilidade; trajetória pessoal; exposição da família; intimidade; paternidade; respeito; exposição gratuita; idade e doenças; explorador; sem pudor; candidatura; vitimização; pai lúcido; cargo público; dignidade; respeito; visão do filho sobre o pai.  Família; campanha eleitoral; discurso.	Em nome do pai  Flávio Dino traz tema família para a campanha
56.	09	R	x	Propostas; programa de governo; prevê ações; mobilização social; metas objetivas; Diálogos pelo Maranhão; debate; realidade social e econômica; falta de água; saneamento básico.	Comunista registrou propostas
57.	09	C	x	Demagogia; promessa enganosa; dobrar policiais; fora da realidade.	Falácia
58.	10	AC		Nota Sálvio Dino: ataques; pai e filho; exoneração do cargo; política acima do pessoal; respeito mútuo; liberdade de pensamento; respeitáveis famílias Sarney e Lobão. / EMA: Não fez ataque a ninguém; não julgou a relação familiar; pedido equivocado; não manifesta desrespeito; embate político normal.	Nota e reparos
59.	10	C	x	Alianças ocultas; Eduardo Campos; Marina Silva; aproveitador; PSDB; benefício próprio; esconde-se; apropria-se da agenda.	Só o bônus  Apropriação
60.	11	C	x	Furta-cor; partidária presidentes; projetos diferentes; pouco confiável; propostas antagônicas; engana eleitores.	Enganação I  Enganação II

Texto	Data	Gên.	Pal.	Temas	Título
61.	12	AC	x	Discurso; estratégia antiga; Pedro Fernandes faz crítica; vEduardo Campos; ataques ao grupo Sarney; críticas aos governos de oposição; discurso camuflado; anuência de Flávio Dino.	Contra o Maranhão
62.	12	C	x	Projetos antagônicos; oportunismo; Dilma; Aécio; esconde-se.	Furta-cor
63.	12	C		Censura; liberdade de imprensa; contradições; ideologia; religião; fé; servo de Deus; Justiça; liminares negadas; contradições.	Derrotado
64.	12	R	x	Furta-cor; aproveitador; postura inadequada; presidenciáveis; sem identidade; enganador; pastor evangélico; troca de favores.	Zéluís critica comunista: "Político tem que ter lado"
65.	12	R	x	Críticas; discurso da mudança; apresenta-se como opção única; retrocesso; mudança para poucos; práticas administrativas; diálogo; democracia e respeito à soberania popular.	Lobão Filho diz que votar em Flávio Dino representa apenas "mudar por mudar"
66.	13	R	x	Declaração de campanha; burguesia disfarçada; enganador; incompatível com partido "que não acumula fortunas"; quase milionário; bens pessoais; R\$ 930 mil.	Comunistas têm mais de R\$ 7 milhões em patrimônio
67.	13	AC	x	Presidenciáveis; furta-cor; incoerência; situação inusitada; aproveitador.	Lula vem aí
68.	13	C		Sálvio Dino; desmente nota; relações familiares; problemas; expõe o pai na campanha; famílias Sarney e Lobão manifestam respeito.	Versão final I, II e III

Texto	Data	Gên.	Pal.	Temas	Título
69.	14	C	x	Face oculta; trajetória; 21 anos como professor; incoerência; faltou ao trabalho; outros cargos; história mentirosa; gato por lebre.	Na sala de aula?! I, II e III
70.	15	R	x	Trapaça; manobra política; desconfiança; Jackson Lago; aliados do comunista; candidato impugnado; estratégia; desestruturar adversários; deslealdade; massacre; mentiroso; covarde; engana pessoas de boa fé; discurso demagógico; má-fé; factóide; grupo comunista; aliados questionáveis; vítima; compra de votos; crime; verdadeira oposição; ameaça ao projeto comunista; trajetória de vida.  Assédio; proposta indecorosa; laranja; postura ética; financiamento irregular; agiota; jatinho; coronel; não aceita voto livre; contra liberdade.	Zeluis Lago atribui a Flávio Dino manobra contra sua candidatura  Candidato confirma ter sido assediado por comunista
71.	16	C	x	Assessoria; chegada de estrangeiros; enquadramento de jornalistas; peão; nome de bruxo; importado; arrogância; candidato não fala com a imprensa; perda de tempo com jornalistas.	Crise  Mesma postura
72.	16	C	x	PT; Suplicy; enganador; Lula; uso indevido; incoerência.	Desmascarando
73.	17	R	x	Articulador de comunista; corrupção; Polícia; Justiça; posou para foto; aliados do comunista; pedido de apoio; fichas-suja; mudança; discurso demagógico; alianças; prisão; Operação Navalha; José Reinaldo; aliados ocultos.	Articulador de Flávio Dino é preso por corrupção
74.	17	C	x	Chefe comunista; aliados fichas sujas no interior; braço maranhense do PCdoB; discurso demagógico; desapego à pobreza; ricos; milionários	Fichas sujas

Texto	Data	Gên.	Pal.	Temas	Título
					Comunistas
75.	19	C	x	Disfarce; demagogia; religião; orações por eleições limpas; igreja evangélica; púlpito; paz de Cristo	Cristão?
76.	19	R		Fracasso administrativo; Embratur; corrupção; Justiça; contratos irregulares; superfaturamento; auditoria; prejuízo ao erário; abuso.	Senado aceita pedido para investigar contrato milionário da Embratur
77.	19	R		Furta-cor partidária; incoerência; enganador; Dilma; Aécio; disputa pelo apoio do PT; afastamento; esconde-se	Pedrosa critica uso de vídeo de Suplicy e fala de palanque triplo no MA
78.	19	R		Fracasso administrativo; prefeituras; modelo de gestão; falta de compromisso; população paga; críticas ao discurso da mudança; mudança de verdade; Lula e Dilma; políticos de balela; discurso demagógico; contra o Maranhão.	Lobão Filho faz críticas a gestão oposicionista
79.	20	R	x	Fracasso administrativo; candidato; suspeito; contratos irregulares; Justiça; gastos; turismo; auditoria; prejuízo ao erário; operações suspeitas; problemas sérios.	CGU reprovou Flávio Dino no comando da Embratur e abriu processo contra ele
80.	20	R		Denúncias; Zeluís; Lobão Filho; Suplicy; desautorizado; Dino recua; não explica; silêncio do comunista; recuo; postura polêmicas; assédio a candidato; ação oculta do comunista; aliados do comunista; covardia; Jackson Lago; pressões do comunista; financiamento irregular; crime;	Denúncias envolvendo candidatos marcam início da campanha eleitoral

Texto	Data	Gên.	Pal.	Temas	Título
				agiotagem; Direito de Resposta.	
81.	20	C	x	Fracasso administrativo; investigação; contrato irregular; suspeito; propaganda; público em benefício privado; igual aos outros; aliados questionáveis; Senado investiga; clarear suspeitas;	Embratur Os pares Investigação
82.	21	C	x	Suspeita sobre o comunista; financiamento irregular; danos ao erário	Embratur
83.	21	C	x	Despreparo; ataques ao grupo Sarney; sem proposta; mudança; jargão batido; não conhece o Maranhão; fica só no discurso.	Só no gogó
84.	22	C	x	Aliado de Aécio e Eduardo; engana eleitor; comitê Dino e Dilma	Factoide
	23	R		Campanha; aliado de Aécio e Eduardo; palanque duplo; neutralidade; sem posição; falta de identidade; sem constrangimento.	Flávio Dino admite que não pedirá votos para Dilma no maranhão
85.	23	R CC	x	Fracasso administrativo; aliados questionáveis; projeto de mudança; crítica; rejeição; sem ação; só discurso.  Cercado de políticos; salvar mandatos; velha política.	"Dino só tem apoio dos mal avaliados"  Lobão Filho diz que Dino está rodeado de "derrotados"

Texto	Data	Gên.	Pal.	Temas	Título
86.	24	R	x	Oportunismo; incoerência; demagogia; furta-cor partidária; enganador; presidenciais; benefício próprio; tudo pelo poder; Dilma; tática comunista; confunde o eleitor; agressividade; oposição; caminho equivocado; aproveitador; postura repudiada; velha política; atraso; contraditório. Clandestino; Justiça; neutralidade; sem compromisso.	Presidente do PT classifica Flávio Dino de incoerente e oportunista eleitoral  Comitê pró-Dino é clandestino
87.	24	C	x	Comitê clandestino; PT; aliados questionáveis; não gosta de trabalhar; bon vivant.	Figuras
88.	25	C	x	Uso indevido; Dilma; enganador; falso comitê; clandestino; denúncia.	Desautorizado  Desmonte
89.	25	R	x	Justiça; Embratur; corrupção; contratos suspeitos; denúncia; pedido de explicações; auditoria; superfaturamento; argumentos de defesa rejeitados; PCdoB; danos ao erário.	Senado formaliza pedido ao TCU para realização de auditoria na Embratur
90.	26	DR <sup>13</sup>		Justiça; decisão; verdade; coligação; superação da oligarquia; seriedade, transparência e verdade; vídeo Suplicy; notícias falsas; acusações injustas; agressões pessoais; campanha adversária; compromisso com a ética; agressões e inverdades no passado; defesa de todos	Direito de resposta concedido pela Justiça Eleitoral

<sup>13</sup> As linhas que indicam a presença do Direito de Resposta concedido ao candidato comunista estão hachuradas ao longo dos apêndices com o intuito de demarcar a expressão direta desta personagem nas páginas do jornal analisado.

Texto	Data	Gên.	Pal.	Temas	Título
91.	26	C	x	Discurso repetitivo; candidato cansativo	Coisa velha
92.	27	R		Contrato irregular; corrupção; Embratur; Justiça; Senado; investigação; cobrança; ressarcimento; auditoria; responsabilidade pelo caso; danos ao erário; condições desvantajosas; investigação	CGU cobra devolução de R\$ 1,7 milhão pagos em contrato da Embratur
93.	27	C	x	Declaração oficial; campanha; gastos; suspeita; historicamente sem grana; financiamento oculto.	De onde sai?
94.	27	C	x	Adulteração; sem projeto; mal feito; propaganda; montagens grosseiras.	Cópias
95.	27	AC		Críticas a prefeituras; mudança; aliados do comunista; politicamente tutelados; tropeços e desatinos; descabro; protestos; campanha; decepção; decadência; greves; discurso; insatisfações; Flávio Dino esconde-se; modelo; frustração.	Aliados em baixa
96.	28	Ch		Trabalhadores; foice e martelo; foice no pescoço; enganação; caminho para a foice; fila; camisa "Maranhão de Tolos"	-
97.	28	C	x	Aécio; alianças escondidas; furta-cor partidária; enganação, comitê	Tucano-comunista
98.	28	C		Conservador; não-confiável; verdadeira esquerda; discurso demagógico; projeto pessoal; não representa o Maranhão; benefício aos aliados.	Conceito

Texto	Data	Gên.	Pal.	Temas	Título
99.	28	R	x	Furta-cor partidária; mentiroso; Aécio; desconfiança; Direito de Resposta; PT; alianças às escondidas; sem apoio; Dilma; Eduardo Campos.	Flávio Dino insiste em apoio do PT e confunde eleitor maranhense
100.	29	C	x	Poder a qualquer custo; verdadeira esquerda; luta de classes; privilégio aos poderosos; mudança; velhas práticas; igual a todos.	Comunista?
101.	30	Ch		Flávio Dino; Josivaldo Correia; partidos comunistas; foice e martelo do trabalhador; foice e martelo de juiz; cartola; terno e gravata; privilégio; luta de classes; arrogância; disputa; verdadeira esquerda; enganador.	-
102.	30	C		Site; arrecadação; derrota de Sarney; suspeita; golpe; benefício próprio; artimanha de pivete; doações de fora; uso indevido do nome de Sarney; justificativa para doações suspeitas; trabalho escravo; eleições 2010; esconde-se; dinheiro vivo; perfil sujo.	Grana I Grana II
103.	30	C	x	Bem contra o mal; lado bom e lado ruim; Lobão Filho; José Sarney.	O lado bom
104.	31	R		Corrupção; gestão fraudulenta; repete demais matérias sobre mesmo tema.	Dino superfaturou em 4.554% contrato de serviços da Embratur

## APÊNDICE C – AGOSTO/2014

### CORPUS 3 - O ESTADO DO MARANHÃO NAS ELEIÇÕES DE 2014 / MÊS DE AGOSTO

Texto	Data	Gên.	Pal.	Temas	Título
105.	02	R	x	Novos documentos; corrupção; contas desaprovadas; irresponsabilidade; gastos; fracasso administrativo; Justiça; prejuízo; erário; auditoria; devolução do dinheiro; ilegalidade; Copa; despesas.	Flávio Dino não explica à CGU gastos acima do permitido na Embratur
106.	02	C		Política; eleições; discurso da mudança; enganação; aliados; PCdoB	Enganação
107.	02	C	x	Comando; esconde-se; liberdade de expressão; pesquisas eleitorais; ações ocultas Censura; PCdoB; aliados; esconder realidade; engana o eleitor; pesquisa	Tentou, levou Censura
108.	03	R	x	Investigação; exclusividade; candidato; contas do comunista; contratos; corrupção; certidão falsa; sem processo; defesa rejeitada; gestão; superfaturamento	CGU confirma ressalvas nas contas de Flávio e diz que certidão não o isenta
109.	04	C		Doações; ilegalidade; crime; derrotar o Sarney; discurso falso	Estelionato
110.	04	Ch		Gordo; comida; prato cheio; foice	-
111.	04	C	x	Chefão comunista; insatisfação; fracasso administrativos; cidades;	Muleta

Texto	Data	Gên.	Pal.	Temas	Título
				apropriação de obras do Governo.	
112.	04	C	x	Chefão comunista; flagra; pesquisas eleitorais; ilegalidade.	Comemorou...?
113.	05	D		Contra o Maranhão; discurso; crítica; contra o orgulho do Estado.	-
114.	05	R	x	Repete as demais temáticas relacionadas a corrupção; explicação não convence.	Deputados cobram de Flávio Dino explicações sobre superfaturamento
115.	06	R	x	Furta-cor; enganação; presidenciáveis; malandragem; confunde o eleitor; furta-cor partidária; críticas; Jackson Lago; traição; assédio; submissão.	Zelúis chama de "mandragem política" as alianças de comunista
116.	06	R CC	x	Gestão comunista; certidão inválida; repete as demais temáticas.	TCU e MP abrem processos para apurar contrato de Flávio Dino na Embratur
117.	06	C		Esconde-se; redes sociais; raiva; emissário.	Márcio Jerry
118.	06	C	x	Cópia; sem proposta para mulheres; família; discurso demagógico.	Só cópia
119.	06	DR		Indignação; termos baixos; pivete; advogado; professor; deputado; biografia; seriedade e decência; eleições limpas; sem agressões; debate	Direito de Resposta

Texto	Data	Gên.	Pal.	Temas	Título
				de ideias.	
120.	07	CC AC		Estratégia; discurso; promessas irreais; número de policiais.	Flávio Dino faz promessa que não tem base  Fora da realidade
121.	07	C	x	Aliados ocultos; discurso demagógico; Sarney; apoio; Embratur; face oculta; desconfiança.	Fato histórico
122.	07	R	x	Josivaldo Correa; PCB; moralidade; saúde pública; pressão da Igreja; tabu; aborto; clínicas clandestinas; provocação a adversários; perda de votos; defesa da maconha; venda e consumo; combate ao tráfico; comunismo de grife; mudança de cor.	Comunista defende a legalização do aborto e abre debate sobre o tema
123.	07	C	x	Comparação; Josivaldo Correa; posicionamento; ideologia; verdadeiro comunismo; fraqueza.	E o PCdoB?
124.	07	Ch		Dinossauro; foice; medo; passado; sombra; violência.	-
125.	08	CC R	x	Descontrole de gastos; doações irregulares; aparelhamento	Flávio Dino declara despesa de R\$ 3,4 milhões, dez vezes maiores que sua arrecadação

Texto	Data	Gên.	Pal.	Temas	Título
126.	09	Ch		Fantasma; foice e martelo; violência; infância; perigo; sombra; família; "Papai, tô com medo".	-
127.	09	C		Arrogância; coordenação; cúpula; falta de diálogo.	Salto alto
128.	09	C		Doação suspeita; aparelhamento do estado; PCdoB; relações.	Doação
129.	09	C		Religião, discurso demagógico, crime; denúncia; Justiça.	"Servo do Senhor"
130.	09	DR CC		Justiça; Direito de Resposta; Sarney; arrecadação legal; legalidade; desmentido; domínio do Maranhão.	Direito de Resposta concedido pela Justiça Eleitoral
131.	09	AC	x	Verdade ocultada; obras de Roseana; inegável; vontade de Dino.	Dino acusa o golpe
132.	09	C	x	Ideologia; religião; incoerência; convencer eleitorado; Justiça; censura; esconde-se; revelação; disfarce.	Ateu I Ateu II
133.	09	C		Verdadeira esquerda; PCdoB; discurso demagógico; igual a todos.	Críticas
134.	09	E	x	Investigação; incompetência; corrupção; Embratur; fracasso; erário em risco; moralismo; prefeitura de São Luís; abandono da educação.	Inaptidão, abandono, energia e tiros

Texto	Data	Gên.	Pal.	Temas	Título
135.	10	R	x	Descontrole de gastos; desorganização; doações; campanha eleitoral.	Prestação de contas de comunista mostra desorganização financeira
136.	10	CC R	x	Fracasso administrativo; farsa; imagem falsa; contratos; suspeição; graves denúncias; doações ilegais; argumentos repetitivos; não explica.	Processos contra Dino abrem debate na disputa eleitoral
137.	11	C	x	PCdoB; imposição; liberdade de expressão; estratégia; exigências; esconde-se.	Tema Livre I Tema livre II
138.	11	C	x	Descontrole de gastos; desorganização; desqualificado; empresa pública; críticas; despreparo; problemas administrativo; Embratur	Mau gestor Perdulário
139.	11	C	x	Vitimização; repetição; esconde-se; ataque; face oculta; redes sociais; aparelhamento do Estado; prefeitura de São Luís; blogs aliados	Ataques
140.	12	AC		Falta de ética; ataques; redes sociais; turma orientada; extrapola limites; bom senso; mentira; canalhice; factóide; surrado mito da Guerra Fria; comunista come criancinha; manto sombrio; silhueta de Flávio Dino; foice e martelo; tosco; criança; distorce fatos; provoca desinformação; sem pudor.	Jogo baixo nas redes
141.	12	C	x	Propaganda; esconde-se; vermelho; aproveitador; bônus; furta-cor	Desencarnado

Texto	Data	Gên.	Pal.	Temas	Título
				ideológica; presidenciáveis.	Furta-cor
142.	12	C		Manipula fatos; verdade ocultada; ataques denunciados; redes sociais; revolta e indignação; ataques à família; filha e esposa; jogo sujo.	Manipulação I Manipulação II
143.	12	CC R	x	Repete temáticas anteriores.  Ataques à família: repúdio; internet; adversário; falsa nota; injúria e difamação; fraude de imagens; filha de 13 anos; esposa; passar dos limites; causa revolta; mentiras; morte; tática; Jackson Lago; eleições de 2010; desqualificar.	Lobão Filho critica prefeito Edivaldo Júnior e diz que 'mudança' fracassou em São Luís
144.	13	D	x	Furta-cor; aproveitador; comportamento questionável; engana eleitor	-
145.	14	DR		Sarney; Edinho Lobão; arrecadação correta; leis; Justiça; rechaça estelionato.	Direito de Resposta
146.	14	R		PCdoB; críticas; falsa oposição; dissidentes da oligarquia; oportunismo; aliados ocultos.	"Grupo de Dino não é oposição"
147.	14	R	x	Pesquisas eleitorais; censura; verdade ocultada; presidenciais; Justiça; esconde-se; argumentos vazios.	Pesquisa censurada por Flávio Dino revela empate técnico com Lobão Filho

Texto	Data	Gên.	Pal.	Temas	Título
148.	15	CC R	x	Fracasso administrativo; falência; não são confiáveis; críticas; administrações desastrosas nos municípios; oportunista; presidencialistas; alianças ocultas; discurso demagógico; conversão religiosa; conversão política; mesmas práticas	“Gestão da mudança” tem resultados quase nulos, diz Pedrosa
149.	15	C	x	Fracasso administrativo, prefeitura de São Luís; Educação; greve; falsa mudança; prefeituras em caos	Fracasso I Fracasso II
150.	15	C		Turma ligada a Flávio Dino; mentem; fingimento; desrespeito; chiadeira; preocupados; aliados tentam esconder; presidencialistas; furta-cor	Desrespeito Motivos
151.	16	C R		Indicação à Embratur; disfarce; face oculta; Sarney; agradecimento; revelação; desafio.  Submissão política; mentira; Michel Temer; Dilma; desafio; contestação; verdade.	Foi sim I Foi sim II Sarney: “Flávio Dino foi me agradecer por Embratur”
152.	16	CC R C	x	Corruptos; aliados do comunista; governo; privilégios; desigualdade; fracasso administrativo; PCdoB; descaso com trabalhadores; esconde-se; intenções não reveladas.	Corruptos governarão com Flávio Dino, diz Saulo Arcangeli Rejeição Turma Pesada

Texto	Data	Gên.	Pal.	Temas	Título
153.	17	CC R C	x	Fuga, debate; liberdade de expressão; não se explica; PCdoB; imposição; desrespeito; assessoria; tática; acusações infundadas; autoritário; covarde; falso discurso da mudança; contradição; sem diálogo; impõe sua vontade; veto a jornalistas; alinhamento ao projeto pessoal; outros debates; anti-democrático; contra a liberdade.  Suspeita; questões incômodas; estranheza.	Mesmo após indicar regras, Flávio Dino foge de sabatina na Rádio Mirante  Amarelou?  Não cola
154.	17	Ch		Presidenciáveis; enganação; furta-cor; oportunista; aproveitador.	-
155.	17	E	x	Não é democrata; fuga; debate; esconde-se; estratégia velha; face oculta; autoritário; flerte com a censura; vários episódios de censura; não rezam na cartilha; entulha redações; Direito de Resposta; não sabe explicar; verdadeiro caráter político.	Fuga, prisão, descaso e boa nova
156.	18	C CC	x	Lugar-tenente; chefe comunista; imagem negativa; covarde; autoritário; fuga; redes sociais; repercussão negativa; esconde-se; desculpa estapafúrdia; cartilha comunista.	Fuga  Formato  E mais...
157.	18	AC CC	x	Biografia; esconde-se; face oculta; discurso demagógico; amordaçar jornalistas; cartilha; imposição; fuga; chefe comunista; corrupção; Embratur; relação com o pai e com a família; confusa postura religiosa; comunismo; ideologia; confundir o eleitor.	Candidato teme confronto sobre temas de sua biografia  O eleitor quer saber

Texto	Data	Gên.	Pal.	Temas	Título
158.	18	R	x	Omisso; condenável; fuga; anti-democrático; não debate; imposição; incoerência; confunde o eleitor; contradições; furta-cor.  Condenação; postura errada; despreparo; avesso a críticas; postura pequena; covardia; desrespeito.	Candidatos condenam fuga de Flávio Dino de sabatina realizada pela Mirante AM  Lideranças condenam fuga de Dino de entrevista
159.	19	AC		Gera confusão; postura dúbia; oportunismo; furta-cor; confunde eleitor.	O fator Marina Silva
160.	19	C	x	Fuga; aliados questionáveis; oportunismo; pressão sobre imprensa; negatividade; reprovação; reclames; nova fuga.	Esconde-esconde  Fujão
161.	20		x	Fuga; esconde-se; aliados questionáveis; fracasso administrativo; sem diálogo; modelo de gestão; greve; autoritarismo; professores; omissão; sem autoridade.	Flávio Dino foge de debate sobre educação para poupar Edivaldo Jr.
162.	20	C		Geração de emprego; empreendedor; sai do eixo; não convenceu; discurso	Emprego
163.	21	C		Propaganda eleitoral; família; estranheza; crítica.	Meia-volta
164.	21	C		Gestão; desastre; greve; Educação; indicação; contragolpe.	Racha
165.	21	C		Propaganda; Eduardo Campos; abuso de imagem; desrespeito; oportunismo; aproveitador; correligionários; abuso; voracidade; estratégia;	Uso e abuso

Texto	Data	Gên.	Pal.	Temas	Título
				eleitoreiro; falta bom senso; exploradores; falta de ética.	Fim de farra Oportunistas
166.	21	C		Aliado; partido; pai; relação familiar; falsidade; ascendência partido.	Onipresente
167.	21	Ch		Espelho; sombra; prefeito de São Luís; fracasso administrativo; modelo.	-
168.	22	DR		Prestação de contas; legalidade; regularidade; correto; honesto; transparente.	Direito de Resposta
169.	22	DR		Pauta inexistente; ofensa à honra; esclarecimento de contratos; auditoria; redução de valores; vida sem acusações; ficha limpa; provas; cristalino; indiscutível.	Certidão da CGU desmente acusações contra gestão de Flávio Dino
170.	22	R	x	Repete acusações anteriores; escândalo.	CGU: Dino é único responsável pelo superfaturamento de 2012
171.	22	R	x	Religião; ateu; filiação partidária; preceitos antirreligiosos; ofensiva; mudança de imagem; oportunismo; desconfiança; evangélicos; incoerência; Bíblia; contradição aparente; incômodo; dubiedade; programa eleitoral; mãe; engajamento religioso; padre; homilia.	“Cristão Novo”, Dino prepara ofensiva por voto evangélico
172.	22	CC	x	Regime comunista; capitalismo; Brasil.	À TV Mirante, Josivaldo

Texto	Data	Gên.	Pal.	Temas	Título
		R		Popular; dívida pública; implantar; estatização de empresas; professor.	defende ideais do comunismo Josivaldo defende comunismo como sistema de governo
173.	23	E	x	Antidemocrata; imagem oculta; autoritário; Direito de Resposta; charge; abuso; absurdo e mau gosto; mito dos anos 50; Guerra Fria; comunistas comiam criancinhas; espectro; foice e martelo; gritando; confronto ideológico; precedente perigoso; Justiça; censura; crítica; imposições; riscos à liberdade de expressão.	Liberdade sob risco
174.	23	C	x	Entrevista; mentira; furta-cor; mentira; sem provas; verdade ocultada. Redes sociais; ataques; liberdade de imprensa; contraditório; cara de ditadura militar; desrespeito.	Inverdade Chilique
175.	23	AC		Vitimização; face oculta; liberdade de expressão; perguntas incômodas; contradições; natureza pessoal; contradição entre comunismo e religião.	Nenhém da falangeta
176.	23	CC R	x	Pcdob; face oculta; esconde-se; furta-cor ideológica; alianças partidárias; não seguirá o partido; vitimização; 'desrespeito à Constituição; estatuto do partido.	Flávio Dino mostra contradição ao tratar do comunismo em entrevista
177.	23	R	x	Enganação ao eleitor; oportunista; denúncia; montagem de situação; partidarismo; aparelhamento; estudantes; gera insatisfação	Estudantes repudiam Flávio Dino em nota

Texto	Data	Gên.	Pal.	Temas	Título
178.	23	Ch		Justiça; Direito de resposta; vítima de agressões; perseguição; ditadura militar; nação democrática; ataques vis e baixos; pluralismo político; lei como escudo.	Direito de Resposta concedido pela Justiça Eleitoral
179.	24	AC		Propaganda política; PCdoB; repica jargões; promete mudanças; chefes políticos controvertidos; incoerência; furta-cor partidária.	A primeira semana.
180.	24	C	x	Fracasso administrativo; esconde-se; engana o eleitor; propaganda eleitoral; aliados indesejáveis; crise; cacos. Aliados do comunista; ficha suja.	Excluiu? Na pior O ficha-suja
181.	24	CC R		Revelações; face oculta; enganação; direito de resposta; Justiça; negativa; magistrados; corrupção; Embratur; superfaturamento; repete anteriores sobre mesmo tema.	Justiça Eleitoral confirma veracidade de denúncias contra Flávio na Embratur
182.	25	C	x	Discurso; propostas; patéticas; demagogia; sem sentido.	Para calar
183.	26	CC AC		Estranheza; verdade ocultada; oportunismo; não fala a sério; dissimulado; malabarismo verbal; acintoso; chocante; debochado; subestima o eleitor.	Discurso de Dino sobre saúde parece surreal Difícil de ouvir
184.	26	C	x	Criticado; incoerência; face oculta; furta-cor; aliados ocultos; artimanha;	Qual deles?

Texto	Data	Gên.	Pal.	Temas	Título
				engana eleitores; precisa falar a verdade; não sabe em que acredita	Antagonismo
185.	26	C	x	Verdadeiro comunismo; farsa; face oculta; horrorizados	Alerta
186.	26	R	x	Debate; despreparo; desconhecimento; discurso demagógico; corrupção; discurso da mudança; fracasso de gestão; denúncias; CGU; pessimismo; baixa a auto-estima do maranhense; Maranhão grande.	Lobão Filho afirma em debate que Flávio Dino não conhece o Maranhão
187.	27	R C	x	Oportunismo; fracasso administrativo; discurso da mudança; decepção; estratégia; caos; programas eleitorais; verdade ocultada; projeto de mudança; aliados indesejáveis.  Vídeos; redes sociais; eleições de 2012.	Flávio Dino exclui Edivaldo Júnior de seus primeiros programas eleitorais  Provas
188.	27	R	x	Traição; filho de oligarquias; interior; face oculta; aliados questionáveis; prefeituras; assédio.	Zeluis: Flávio Dino traiu Jackson Lago para se beneficiar em 2010
189.	27	C		Falta de educação; despreparado; moral; gestos	Descortesia  Traição
190.	28	C	x	Sujeita; uso indevido; propriedade alheia; Justiça.	-
191.	28	C	x	Falácia; proposta impossível; número de policiais; propaganda.	Conversa

Texto	Data	Gên.	Pal.	Temas	Título
192.	28	R CC	x	Documentos desqualificados; dano; repete temáticas anteriores.	TCU já tem parecer sobre irregularidades da gestão de Flávio Dino na Embratur
193.	29	C		Fracasso administrativo; aliados; prefeituras; protótipos; arrependimento.	Na capital No interior
194.	29	C		Crime; propaganda eleitoral; estratégia; realidade ocultada; Hospital do Câncer; mentiras	Crime Tática
195.	29	C	x	Furta-cor; não é confiável; dá as costas aos aliados; oportunista.	Tudo ou nada
196.	29	C	x	Liberdade de expressão; jornalistas; censura; investigação; Polícia Federal.	Repúdio
197.	29	Ch		Repetição; discurso; cansaço; sombra; sem novidade.	'Mudança' de discurso no horário eleitoral
198.	29	R	x	Justiça; Direito de Resposta; textos difamatórios; injuriosos; vitimização; fuga; sem argumento; mente; esconde-se; críticas da postura; não deve ser censurado; jornal não falseia; magistrado; confirma denúncias; CGU.	Justiça barra duas novas tentativas de censura de Flávio Dino a O Estado
199.	30	C	x	Jornalistas; liberdade de expressão; abuso; intimidação; ridicularizar profissionais; discordância; desmoralização; agentes comunistas;	Repúdio I

Texto	Data	Gên.	Pal.	Temas	Título
				infiltrados; mensagens privadas; delação.	Repúdio II
200.	30	AC		Marqueteiros; história mirabolante; Bolsa família; ataques e revides; mentira; cópia; personagem loira; classe média; diferente da média dos beneficiários; mudança criticada; promessas não cumpridas; Maranhão não é o inferno; pintados pelos adversários.	Bateu, mas levou muito
201.	30	CC C	x	Discurso demagógico; discurso desmontado; propaganda eleitoral; fracasso administrativo; falsidade.  Discurso desconstruído; Edivaldo; fracasso; prefeituras aliadas; discurso contra o Maranhão; estado melhor; críticas destrutivas; projeto de poder fantasiado de mudança; objetivo oculto; denegrir; tira orgulho do estado.	Desmontado falso discurso da "mudança"  Pancada  Orgulho
	31	C	x	Fracasso administrativo; medo; contrariar os chefes comunistas	Comunista

## APÊNDICE D – SETEMBRO/2014

### CORPUS 4 - O ESTADO DO MARANHÃO NAS ELEIÇÕES DE 2014 / MÊS DE SETEMBRO

Texto	Data	Gên.	Pal.	Temas	Título
203.	02	R C	x	Helicóptero; vermelho; campanha; aliados suspeitos; prestação de contas; Justiça; face oculta; dependência de empresários; flagra.	Flávio Dino volta a usar helicóptero de Dedé Macedo em campanha  Pelos ares
204.	02	AC	x	Governo do Estado; propaganda eleitoral; Saúde; reconhecimento; chefão; não admite a realidade; destino dos maranhenses; discurso demagógico; fala bobagem; mentira; revelação.	Saúde passada a limpo
205.	02	Ch		Mudança; caminhão; trancos e barrancos; São Luís; fracasso administrativo; Flávio Dino e Edivaldo.	-
206.	04	AC	x	Programa eleitoral; desconstrução; discurso da mudança; pregação; prefeitos; crias do comunista; símbolos; fracasso administrativo; desastre; crise; falsa revolução; obras inacabadas; abandono; esconde-se.	Mudança em desmanche
207.	04	C	x	Incoerência; programas de governo; ataque; denúncias;	Incoerência

Texto	Data	Gên.	Pal.	Temas	Título
				aparelhamento do estado; estrutura a favor da campanha; decepção; arrogância; discurso ensaiado; longe da população.	Isso não Decepção
208.	04	R	x	Presidenciáveis; incoerência; desconfiança; furta-cor; cooptação; denúncias; aproveitador; benefício próprio; esconde-se.	'Dino tem um presidente em cada esquina', diz Zeluis
209.	04	R	x	Aparelhamento do Estado; aproveitador; denúncia; estrutura pública; assessoria; ministro dos Esportes; ilegal; propaganda; Justiça; uso indevido; prefeitura de São Luís; apuração; flagra.	Flávio Dino se beneficia da estrutura da Prefeitura para fazer campanha
210.	04	R	x	PSTU; aliados ocultos; propaganda eleitoral; tática; sindicalista; admiração; críticas à família Sarney; Edivaldo; discurso da mudança; ação paralela.	PSTU preserva comunista no horário eleitoral
211.	05	C	x	Pode tudo; arrogância; abordagem policial ao irmão; blitz; punição a policiais; perseguição; vitimização; imunidade; Márcio Jerry; presidente do partido; toma pileque; vinho branco; denunciado.	Intocável? Arrogância
212.	05	R	x	Sede do partido; coletiva de imprensa; irmão do candidato; Imperatriz; blitz; carro vistoriado; materiais de campanha; desqualifica polícia; vitimização; falsa denúncia; manifestações estranhas; não estão acima da lei; normalidade; falsa	PCdoB tenta criar factóide após abordagem policial ao irmão de Flávio Dino

Texto	Data	Gên.	Pal.	Temas	Título
				perseguição; intimidação; revoltados; intimidação.	
213.	06	R		Governo; Segurança Pública; abordagem do irmão do candidato; operação policial; suspeitas; compra de voto; crime; caixas no veículo; material de campanha; nada encontrado; suspeição; reclamação; PCdoB reclama; vitimização; assessoria; mentira; ouviu reclamações; investigações abertas; PM; roda de rotina; pretensa imunidade; coronel defende atuação; cidadão comum; ninguém está acima da lei; ação regular.	Secretário de Segurança desmente PCdoB e diz que não repudiou ação de PM
214.	06	R	x	Anti-Maranhão; sem prioridade; programa eleitoral; denúncia; não trabalha pelo estado; atua por outros estados; Embratur; convênios; perseguição a adversários; imagem desconstruída; face oculta.  Esconde seus aliados; oligarcas; responsáveis	Gestão de Flávio Dino na Embratur não priorizou investimentos no Maranhão
215.	06	C	x	Campanha comunista; departamento de maldades; difamação; Márcio Jerry.	Nos bastidores
216.	06	C	x	Falso discurso; vitimização; mentira; secretário de Segurança; pretensa imunidade; factóide político; rotina; informações falsas repassadas; falsos apoios.	Mentira Mais mentira

<b>Texto</b>	<b>Data</b>	<b>Gên.</b>	<b>Pal.</b>	<b>Temas</b>	<b>Título</b>
217.	06	C	x	Josivaldo Correia; autêntico; cultura popular; sem mercado; valorização; verdadeiro comunismo.	Cultura comunista
218.	07	C	x	Cópia; falso; cara dura; sem pé nem cabeça; proposta inviável; PT; críticas da mídia; vendeu; ideia original; farsa.	Cópia
219.	07	E	x	Pesquisas eleitorais; faz lambança; mentiras; divulgação; vitória irreal; projeto de governo x projeto de poder; inglório; face oculta; parecer humilde; arrogância.	Ibope, mudança, gás e igreja
220.	09	C	x	Queda; presidenciáveis; Aécio; Marina; fracasso; desconfiança; muda de posição; aproveitador; Márcio Jerry; guru para comunicação.	Distância Mudando
221.	10	R		Propostas; cópia; sem experiência; desconfiança; desconhecimento; plágios de adversários; falsa novidade; falsa autoria; estratégia; aproximar-se de Dilma.	Metade das propostas de Governo do Flávio Dino é plágio de outras
222.	10	C	x	Enganação; falso apoio; ludibria presentes; vereadores.	Posicionados
223.	10	C	x	Apropriação indevida; OAB; eleições limpas; tentativa sorrateira; dissemina informações falsas; politicamente puros; turma; financiamento irregular; trabalho escravo; esconde-se.	Sem dono De novo?

<b>Texto</b>	<b>Data</b>	<b>Gên.</b>	<b>Pal.</b>	<b>Temas</b>	<b>Título</b>
224.	11	R CC	x	Justiça; realidade ocultada; revelação; Direito de Resposta; discurso desconstruído; programa eleitoral; informação falsa; disseminação; mentira; insistência; tenta desqualificar adversário; desesperado.	Justiça Eleitoral proíbe ataques de Flávio Dino ao Hospital do Câncer
225.	11	DR		Reafirmação; prédio alugado; tratamento de câncer; programa eleitoral; Governo do Estado esconde verdade.	Direito de Resposta
226.	11	R	x	PCdoB; ataques; Justiça; insinuações; fraude nas eleições; licitação; transporte das urnas; pesquisas eleitorais; factóide; questionamentos ao TRE; sem relação entre candidato e empresa; cancelamento de contrato.	PCdoB ataca TRE e tenta gerar factóide nacional
227.	11	AC	x	Gera mal-estar; antipatia; surpresa; jornal do Sudeste; constrangimento; TRE; história usada pelo comunista; contra empresário bem-sucedido; concorrência nacional; sem argumentos; pesquisas eleitorais; ação irrefletida; levantada suspeita sobre instituições; jamais se viu nada parecido; descalabro; voto seguro; antipatia de empresários.	Mal-estar e antipatia
228.	11	C	x	Grupos ligados; carga; ataques; pesquisas eleitorais; contra o Maranhão; contra os líderes do Estado; empresa contratada; desconstrução de imagem; Brasília; agentes externos; Embratur; revelação; debate; falso sucesso; surpresa; platéia falsa; ensaio; falso desempenho.	Ataques I Ataques II Clac

<b>Texto</b>	<b>Data</b>	<b>Gên.</b>	<b>Pal.</b>	<b>Temas</b>	<b>Título</b>
229.	12	R		Justiça; licitação; voto eletrônico; pesquisas eleitorais; empresários maranhenses; falsa gravidade; acusações sem prova	TSE nega pedido do PCdoB e mantém licitação para transporte de urna no Maranhão
230.	13	CC R	x	Programas eleitorais; fracasso administrativo; mudança; insatisfação; críticas; prefeitos; ancorada; pessoas em dificuldade; falsas promessas; rejeição; símbolo de fracasso; discurso demagógico; não sabe gerir.	Lobão Filho volta a criticar prefeituras usadas por Dino como exemplos de mudança
231.	13	C		Família; esposa; importância; cobrança do eleitor; relação de casal; vida pessoal.	Equilíbrio
232.	14	C	x	Manipulação; fúria; pesquisas eleitorais; falsas informações.  Pregação; discurso demagógico; exemplo de honestidade; falsidade; desconfiança; obrigação; suspeita.	Manipulação  Indecisos  Honesto?
233.	15	R	x	Falsidade; Embratur; fracasso administrativo; relatório oficial; turismo; Governo Federal; flagrante; mentira; falsa realidade; informações falsas; Copa do Mundo; falso marco histórico; comemoração falsa; número falseado.  Processos; investigação; corrupção.	Governo Federal desmente Flávio Dino sobre suposto "recorde" na Embratur  Flávio Dino enfrenta dois processos no TCU

<b>Texto</b>	<b>Data</b>	<b>Gên.</b>	<b>Pal.</b>	<b>Temas</b>	<b>Título</b>
234.	15	C		TRE; licitação; repercussão negativa; empresariado; fracasso; voto eletrônico; estupidez política.	Tiro no pé
235.	16	C	x	Programa eleitoral; humor grotesco; ataques; falsa suspeição; agressividade.	Atacando
236.	16	C		Mudança; fracasso administrativo; serviços piores; prefeitura; desmascarado.	Desmascarou
237.	16	C	x	Tudo pelo poder; pesquisas eleitorais falsas; manipulação; fora do eixo; situação real; ideia forjada; desmentido; versão falsa.	A todo custo
238.	16	CC R	x	Esconde-se; Embratur; informação falsa; desmascarado; Governo Federal; desmentido; revelação; falsa competência; não explica; vitrine; Poder Executivo; fracasso administrativo; denúncias; números forjados	Flávio Dino silencia sobre desmonte da farsa que criou sobre recorde no Turismo
239.	17	CC R	x	Condenação; crime; propaganda antecipada; casa de veraneio; PCdoB; irregularidade; ; proposta; Hospital do Câncer; mentiras; Justiça; Direito de Resposta; engana eleitor; propaganda irregular; falsa ideia; R\$ 20 milhões pela venda; interesses ocultos; esconde-se.	Flávio Dino é condenado pela Justiça Eleitoral por propaganda antecipada

<b>Texto</b>	<b>Data</b>	<b>Gên.</b>	<b>Pal.</b>	<b>Temas</b>	<b>Título</b>
240.	17	C		Oposicionista; falso líder; auto-proclamação; controvertido; projeto pessoal	Líder?!
241.	17	R	x	Entrevista; fracasso administrativo; abandono; desconfiança; esconde-se; entrevista; apoios ocultos; falso discurso; mudança; apoiadores; velha política; governará com todos.	Flávio Dino evita falar de distanciamento do prefeito Edivaldo Jr.
242.	17	D		Sarney; adversários; discurso; contra o Maranhão.	-
243.	17	R	x	Ataques; denúncia; desespero; pesquisas eleitorais; críticas; agressividade; redes sociais; factóides; informações falsas; fracasso administrativo; São Luís; abandono; aliados questionáveis; oligarcas.	Lobão Filho denuncia ataques de Flávio Dino
244.	18	CC R	x	Trabalho escravo; doações irregulares; aliados ocultos; revelação; eleições 2010; intenções ocultas; exploração; investigação;	Escravagistas fazem nova doação a Dino
245.	18	C	x	Violência; estranhas ligações; caos; torcida; coincidências; desconfiança; caos; prisões; ligações ocultas; bandidos.	Coincidência?
246.	18	C	x	Programa eleitoral; desconhece o Estado; mentira; discurso demagógico.	Conversa fiada

<b>Texto</b>	<b>Data</b>	<b>Gên.</b>	<b>Pal.</b>	<b>Temas</b>	<b>Título</b>
247.	18	C	x	Pesquisas eleitorais; ataques; desqualificação; estratégia; mentira.	Ibope
248.	18	E		Sistema penitenciário; estranha coincidência; sucessivas crises; indícios; agentes externos; causadores de agitação; interesses políticos; fuga; túnel; observação atenta; episódios estimulados; greve dos agentes carcerários; polícia atenta; demissão de secretário; bastidores; comentários; boicote ao secretário; bom histórico; focos de tensão; prisão sem recuperação; intenções ocultas; desgastar governo; ação dissimulada; grupos interessados; carro de som; candidato do PCdoB; evidências; Polícia Federal; investigação.	Pedrinhas, problemas e solução à vista
249.	19	E		Mais evidências; crise; sistema prisional; fugas; associação criminosa; alta periculosidade; trama; internos; funcionários; quadrilhas; tráfico; estranha coincidência; movimento inoportuno; agentes penitenciários; exploração; campanha eleitoral; Polícia Federal; investigação; fortes indícios; carro de som; envolvimento de candidatos; fuga; situação de risco; eleições; lei federal; crime por partidos e candidatos; respostas rápidas; busca de entendimento entre governo e entidade dos agentes.	Para passar a limpo
250.	19	R		Polícia Federal; apuração; paralisação de agentes; relação; interesses políticos; ocultos; denúncia; desconfiança; aliados do candidato; integram partido; estímulo a fugas; desestabilização; punições; intuito verdadeiro; fuga de presos; agentes de braços cruzados; carros de som; apoio a manifestantes	Deputado oficializa pedido de investigação policial

Texto	Data	Gên.	Pal.	Temas	Título
251.	20	CC R	x	Militantes; vandalismo; pichações; patrimônio públicos; PCdoB; acusações; esconde-se; agentes de fora; campanha; acirramento dos ânimos; estudantes; bancados pelo partido; atos de vandalismo; registro; jovens detidos; palavras de ordem; ataques a candidatos; políticos maranhenses; agem durante a madrugada; ataques aos partidos; jovens de outros estados; ligados aos comunistas; juventude; vistos; repúdio; insinuações	Vinda de militância do PCdoB coincide com atos de vandalismo
252.	20	C	x	Estranheza; desconfiança; vandalismo; falsa vítima; armação; subestima adversário; grafiteagem; prédios cuidados pelo PMDB; burra e grosseira; indícios; revelação; verdadeiros vândalos.	Tá na cara I Tá na cara II
253.	21	E C		Intenções ocultas; baderna; violência; interesses políticos; ações orquestradas; Governo do Maranhão; turma do quanto pior, melhor.	Incêndios, tumulto e determinação
254.	21	R C	x	Números falsos; esconde a realidade; propaganda; informações falsas; postura mentirosa.	Flávio Dino apresenta mais uma vez dados falsos em seu programa eleitoral
255.	21	C	x	PCdoB; infiltrados; importados; criar confusão; juventude	Armando
256.	22	C	x	Debate; descompostura; trata mal jornalistas; descontrole; agressões verbais; tensão.	Desequilíbrio

Texto	Data	Gên.	Pal.	Temas	Título
257.	22	C	x	Coincidências; pesquisa; fatos estranhos; repetição; bandidos orientados; incêndios a ônibus; rebelião; sistema prisional; chama a atenção; movimento dos parentes dos presidiários; violentos; murros; investigação; revelação; armação; polícia; interceptação; sindicatos; ligados ao PCdoB.	Ligações... perigosas... e criminosas...  Tirando o seu
258.	23	CC C		Violência; ataques; investigação; revelação; armação; polícia; interceptação; sindicatos; ligados ao PCdoB; militantes importados; eclosão de vandalismo; esconde-se.  Entrevista; acusações de Lobão Filho; convencido; fugas e rebeliões; incêndios; estratégia; objetivo político; investigação; polícia; esclarecer.	Morte e motin levam tensão para Pedrinhas  Dedo político
259.	23	R	x	Programa eleitoral; descontrole; debate; confronto; interrompe adversários; imposições; atitudes do comunista; repreendidas; palavra cortada; tenta desqualificar; desrespeito à democracia; atravessa adversários; dominar o tempo; ignora regras; sem disciplina; não respeita regras; questionado; alianças políticas; programas que pretende implantar; caos em Pedrinhas; irmão secretário; caos; percurso maior; Raimundo Cutrim; programa eleitoral; críticas; desvia do foco; ódio; em nada contribui.	Programa de Lobão Filho mostra descontrole de Flávio Dino em debate
260.	23	C	x	Mau humor; descontrole; reações zangadas; redes sociais; ação incompreensível para líder; algo grave; escondido; vídeo; sujeito algemado; nitroglicerina pura; sem assinatura; investigação; polícia;	Estranho  Vídeo

Texto	Data	Gên.	Pal.	Temas	Título
				origem; identificar nome e local; conteúdo.	
261.	23	C	x	Fuga; entrevista; Mirante AM; pouco civilizado; nada republicano; sem compromisso; assessores.	Fuga
262.	24	CC R		Revelação; quadrilha; roubo a banco; carro-forte; acusação; aliados do comunista; “cabeças” de crimes; surgimento de vídeo; bandido identificado; André Escócio; comando de quadrilha especializada; assaltos a banco; tráfico de drogas; muda rumo do debate; blogs revelam; redes sociais; mídia tradicional; preso; assalto a mão armada; operação; divisão de dinheiro; dinheiro veio para o Maranhão; dividido no Piauí; conhecimento de causa; detento explica; serviços; transporte de armas; versão; advogados e lideranças condenam; montagem; justificativa; Reis Pacheco; tese; identidade revelada; admite existência; garantia de vida ao preso; usado para forjar denúncia; polícia não se manifestou; coligações pedem investigação; caso de polícia; casos de terrorismo	Vídeo que envolve Flávio Dino em quadrilha altera o debate da campanha  Coligações cobram investigação
263.	24	Ch		Programa eleitoral; bolo; divisão do bolo; gordo; não divide; saliva.	-
264.	24	C		Hostilidade; coletiva; chefes; convocação; pronunciamento oficial; vídeo; preso de Justiça; acusação; ligado a quadrilha especializada; roubos a banco; espetáculo bizarro; prepotência; porta-vozes; Márcio Jerry; irritado; destrata; jornalista; dignidade; admissão; vídeo não é montagem; desqualificação; garantia de vida.	Hostil I Hostil II Jogada

Texto	Data	Gên.	Pal.	Temas	Título
265.	24	R	x	Desmentido; versão oficial; autenticidade; vídeo; preso; vídeo a ser analisado; admite autenticidade; cita comunistas; aliados de comunistas; cabeças; empresário; acusado de agiotagem; tráfico; articulados; proprietário de boate; bens indisponíveis; helicópteros usados.	SSP desmente aliados de Dino sobre autenticidade de vídeo
266.	25	CC R	x	Incompetente; juiz; gestão fracassada; Embratur; ataques; violência; ligação partidária; terroristas; crimes; onibus queimados; comércio fechado; prédios públicos; medo; face oculta; situações estranhas; paralisação de onibus; vandalismo; relações ocultas; tudo pelo poder; falso delegado; causa revolta; vídeo; presidiário; investigação; conhecimento público	Lobão Filho diz que Dino “foi um juiz medíocre”  “Ataques em São Luís têm motivação política”, diz Lobão
267.	25	R	x	Vídeo; autêntico; preso; acusações; comunistas distribuem material; bandido nega; quadrilha especializada; interrogado por diretor; tentativa de desqualificar; Márcio Jerry; edição grosseira; preso identificado; admite vídeo; vitimização; certidão nada consta; constituição de provas; versão contraditória; sigilo; interrogatório; informações não confirmadas; pressiona; preso recua; nova versão; ingerência; investigação; suposto novo depoimento; presidiário diz ter recebido suborno.	Secretaria de Segurança confirma autenticidade de vídeo com acusações a Dino
268.	25	AC	x	Impacto; meio político; presidiário; assalto a mão armada; suposto esquema de assaltos; quadrilha; ligada a Dino; vídeo; estremeceu; assessores reagem; fazem troça; tentativa de desqualificar; mudança de tom; zanga; indignação; mau humor; reconhece autenticidade; investigação; Dino deve explicações; é citado por	Vídeo e desdobramentos

Texto	Data	Gên.	Pal.	Temas	Título
				bandidos; Lobão Filho nada tem a ver; esfera policial; repercussão política.	
269.	25	C	x	PCdoB; distribui material; cópias de depoimento; muda versão; vídeo; dúvidas; polícia; como foi parar nas mãos do PCdoB; algo errado; em torno do assaltante; tirou sono; Marcelo Tavares; Brasília; tarefa inócua; PGR; investigação; garantias de vida; perda de tempo; caso esclarecido.  Cúpula; meandros; sistema prisional; informações; pólvora.	De onde saiu?  Para nada  E mais...
270.	26	CC R	x	Explicações; polícia política; busca em carros e avião; apuração; Polícia Federal; instrumento político; constrangimento; delegado; ligações políticas; busca de valores; trama; nada encontrado; rendição de passageiros; secretário de Justiça; gravação irregular; programa eleitoral; abuso de poder político; apoio explícito; estranhas coincidências.	Lobão Filho cobra explicações para ação da PF em Imperatriz
271.	26	R	x	Fuga; calúnia e difamação; crime; esquiva-se; Justiça; estratégia; tribunais; redes sociais; agressão; desonra; ataques. Uso de vídeo; fins eleitorais; tenta envolver adversários; acusação falsa; proveito eleitoral; Justiça; contradição; falsificação do vídeo; desentendimento; sem indícios; montagem por aliados de Dino; benefício da candidatura; reta final.	Lobão Filho processa Flávio Dino por crimes de calúnia e difamação
272.	26	C	x	Vídeo; presidiário; envolvimento com criminosos; nova versão; advogado e delegado tutelam preso; pressão; ligados ao PCdoB;	Sem explicação

Texto	Data	Gên.	Pal.	Temas	Título
				mudança de versão; evidências; envolvimento político; ataques; violência; delegado federal; polícia política; interesses eleitoreiros.	Ao redor dele
273.	27	CC R		Dilma; repúdio ação; polícia política; passado; ditadura; busca e apreensão.	Dilma condena uso político - eleitoral da PF: "É volta atrás"
274.	27	DR		Certidão; justiça; desmentido; insistência; contratos; nenhuma acusação; acusação falsa; redução de preço; ficha limpa; cristalino; indiscutível.	Certidão da CGU desmente acusações contra gestão de Flávio Dino na Embratur
275.	27	R	x	Acusações; Embratur; CGU; corrupção; repete temáticas anteriores	CGU: Dino é único responsável pelo superfaturamento de 2012
276.	27	C	x	Propaganda eleitoral; defensiva; discurso; carta de seguro; informações irrefutáveis; baliza para eleitor; morbidez; redes sociais; ataques a ônibus; ligações ocultas; bandidos; incendiários; agentes 65; prazer mórbido; membros do politiburo; vídeos; acusações; polícia; informações; armação.	Baliza Morbidez Quem foi?
277.	27	CC R	x	Programa eleitoral; atos criminosos; acusações; estranhas coincidências; ataques a ônibus; alerta; polícia; caos; reta final; troca de mensagem; assessores comemoram; loucos; agentes 65; deboche; carro de som; Raimundo Cutrim; sistema prisional; fuga; jingles de campanha; em meio ao caos; motim; influência; agiotas; helicóptero; muito a explicar; aponta dedo; milícia; prevê atos; reta	Lobão Filho aponta coincidências entre atos em São Luís e campanha

Texto	Data	Gên.	Pal.	Temas	Título
				final; comitê militar; polícia política.	
278.	28	C	x	Programa eleitoral; mentiras; documentos adulterados.	Forja
279.	28	R	x	Aparelhamento do estado; polícia política; perseguição; intimidação de adversários; Polícia Federal; infiltrados; repercussão negativa; investigação.	Dino é acusado de usar instituições para benefício eleitoral na campanha
280.	28	R		Fraude; realidade ocultada; ligações ocultas; face oculta; vídeo forjado; depoimento de detento; recebeu favores dos diretores para gravar; vídeo não foi montado; certidão da Secretaria; advogado explica; gera confusão; censura à imprensa; TRE; direitos de resposta; documentos desqualificados; Embratur.	Dino fraudou certidão da polícia para se livrar de acusações do detento
281.	29	R	x	Justiça; vídeo presidiário; pressão; atuação de bastidores; investigação; mentor intelectual; motivo da gravação; depoimento modificado; repentinamente; mais esclarecimento; diretores aliados; polícia política; calúnia e difamação; falsa acusação; quadrilha; criar fato político; benefício; estranha coincidência; fraude de documentos; mentira.	Reta final de campanha é marcada por disputa judicial
282.	30	Ch		Mudança; carroça de burro; guia da mudança; segurado por dinossauro; foice e martelo.	-
283.	30	R	x	Mentiras; programa eleitoral; inventa histórias; ataques; vídeo	Na TV, Lobão Filho destaca

Texto	Data	Gên.	Pal.	Temas	Título
				detento; acusação; ação da PF em avião; documentos alterados; polícia política; chefe da PF; declaração de apoio; inconsistência de dados; inexperiência administrativa; realidade ocultada; universidades; hospital do câncer; mentiras; insistência; informações falsas; imagens falsas; esconde-se.	mentiras de Flávio Dino ao longo da campanha
284.	30	R	x	Antonio pedrosa; PSOL; boatos espalhados por comunistas; falsa acusação; desespero.  Grupos ligados; jogam sujo; Pedrosa; agressivos; treslocados; turma; investigados; agentes 65; investigação.	Pedrosa reage à acusação de atuar como "laranja"  Jogo sujo  Na mira da PF
285.	30	C	x	Pesquisas eleitorais; não identificada; denegrir adversários; clandestino; não-autorizados; informações falsas; intimidação; constrangimento; manipulação; coligação nega; investigação.	Eleitores denunciam ligações de pesquisa

## APÊNDICE E – OUTUBRO/2014

### CORPUS 5 - O ESTADO DO MARANHÃO NAS ELEIÇÕES DE 2014 / MÊS DE OUTUBRO

Texto	Data	Gên.	Pal.	Temas	Título
286.	01	C	x	Debate; religião; discurso demagógico; jogo duplo; desconfiança; violência; esconde-se.	E mais...
287.	01	C	x	Maus modos; costumes; educação.	Deselegância
288.	02	R	x	Descontrole; despreparo; falsa realidade; incompetência; proposta; irresponsabilidade; discurso demagógico; erário;	Polêmica sobre número de policiais marcou debate
289.	02	R	x	Programa eleitoral; desconfiança; acusação; vandalismo; violência; vídeo de Pedrinhas; ataques; estranha coincidência; incêndios; ligações criminosas; violência; agiotagem; financiamento ilegal; trabalho escravo; ligações telefônicas; cartazes rasgados; números falsos; eleitor enganado.	Lobão Filho volta a alertar para coincidências entre ataques a ônibus e eleição
290.	02	C		Complô; Pedrinhas; fontes; polícia; investigação.	E mais...
291.	02	C	x	Agentes externos; interesses; pesquisas suspeitas.	Cúpula
292.	02	E		Violência; complô; ideologia; religião; combate ao crime; população desprotegida; Iraque; assalto a banco; caos nas eleições; interesses ocultos; tráfico; medo; assassinato de aluguel; estranha coincidência; fins	Rigor contra o crime

Texto	Data	Gên.	Pal.	Temas	Título
				políticos; caos planejado; guerra contra o crime.	
293.	03	CC		Crime; coação do Estado; denúncia; aliados do comunista; interferência; democracia sob risco	Lobão Filho denuncia Edmar Cutrim por coação a prefeitos
294.	03	EC	x	Falsa mudança; aliados questionáveis; corrupção; retrocesso devastador; discurso demagógico; falta de ética; ataques ao serviço público; crimes; esconde-se.	Nova política?
295.	05	C	x	Cooptação; aliados questionáveis.	Tiro no pé
296.	05	E		Eleições; abandono de um ciclo virtuoso do Estado; eleitor ludibriado; projetos inviáveis; eleitor deve ser racional; frustração; voto de risco; saudável (LF); bom senso contra impulsos.	O poder do voto e a festa da democracia
297.	05	A		Eleições; acusações; corrupção; conhecimento do eleitor; esquecimento de 1964; história brasileira; revolução russa; revolução chinesa; II Guerra; preço a ser pago; falsos profetas	Carências do processo eleitoral (Carlos Nina)
298.	06	R	x	Eleições 2010; derrotado; dobro de votos; vitória; primeiro governador do PCdoB; advogado e professor; 1º lugar para juiz; concurso; deputado; apoio da máquina; furta-cor ideológica.	Comunista Flávio Dino elege-se em primeiro turno governador do MA
299.	06	R	x	Entrevista coletiva; mudança na história; confiança; inclusão; diálogo; entrada no século XXI; virada de página; modernização pública; estado em	Eleito diz que modernizará o

Texto	Data	Gên.	Pal.	Temas	Título
				destaque.	Maranhão

## APÊNDICE F - ARTIGOS DOMINICAIS DE JOSÉ SARNEY EM O ESTADO DO MARANHÃO

### CORPUS 6 - ARTIGOS DOMINICAIS DE JOSÉ SARNEY EM O ESTADO DO MARANHÃO

Texto	Data	Gên.	Pal.	Temas	Título
300.	29/06	A	x	Propaganda; o outro; queda nas pesquisas eleitorais; representante do atraso; fica para trás; falsa novidade; comunismo; antigo; Marx e Engels; 200 anos; fracasso; morte; tirania; Stalin; Venezuela; Chávez; fóssil político; falsidade; falso novo; tudo passa pelas suas mãos.	De convenção em convenção
301.	20/07	A	x	Inferno; Antigo; estratégia política; pivete; infiltrado na política; discurso contra o Maranhão; vilipêndio; verdade ocultada; discurso demagógico; anti-nacionalismo; a favor do imperialismo; IDH; desenvolvimento real; riqueza; falta seriedade; Maranhão rico; força política; referência nacional; cultura erudita; botar o Maranhão para baixo; hipocrisia; vício; Venezuela; Maranhão comunista; mudança; doutrina antiga; utopia; dorme; sonho; caminho para o inferno.	Boca do Inferno
302.	03/08	A		Violência; insanidade; sociedade sem valores; drogas; niilismo; morte; atrocidades; massacres; rotina; desmoronamento espiritual; religião e família em perigo; droga; doenças mentais; jovens vítimas; vigiai; não sabem o valor da vida; direito divino à vida; legislação falha; crítica aos direitos dos presidiários; homicídios; repressão insuficiente; cruzada de todos.	Violência insana
303.	10/08	A		Maranhão produtivo; orgulho; Estado rico; destino do povo; discurso demagógico; tristeza diante do sucesso do Estado; verdade ocultada;	Maranhão na liderança de alimentos

Texto	Data	Gên.	Pal.	Temas	Título
				Roseana e confiança do empresariado.	
304.	31/08	A		Campanhas eleitorais; repetição; tudo pelo poder; baixaria; ignóbil; comunistas ofensivos; fé; Deus; oposto do ódio; perseguição e insultos; discurso demagógico; cristianismo fajuto; sem julgamentos (referência ao juiz); campanha suja; ONU; sem Deus; fariseus; face oculta.	O bem e o mal
305.	07/09	A	x	Ressentidos; sermão aos Peixes; Padre Antonio Vieira; mentira; maldizer; caluniar; denegrir; difamar; contra a honra; traidores e aproveitadores; Maranhão rico; verdade oculta; prisão; Justiça; perseguição; regime militar; Sarney como protetor de comunista; maus maranhenses; ingratos.	A arte de denegrir
306.	21/09	A		Democracia; Sarney democrata; partidos clandestinos; legalização; PCdoB; aliado; postura incoerente; anistia a sindicatos e centrais; Sarney democrata.	A transição para a Democracia
307.	28/09	A		Religião; onda de intranquilidade; pânico; boatos; irresponsabilidade; acusações graves; vilania; aliciamento de bandidos; terrorismo; radicalismo; motivações políticas; intenções ocultas; agitação social; selvageria; contra Democracia e Direitos; ditadores; crueldade; Hitler, Stálin; polícia política; Gestapo e KGB; medo; fim da liberdade; extermínio; Holocausto; sinais de perigo; acusações injustas; Sarney democrata; exemplo para o Brasil; precisamos de paz.	Hora de paciência e água benta
308.	05/10	A	x	Mudança; discurso demagógico; enganação; verdade é ocultada; redes sociais; palavra de Deus em dúvida; Pilatos; mentir; enganar; Sermão aos	A hora de julgar

Texto	Data	Gên.	Pal.	Temas	Título
				Peixes; mentira nas eleições; Maranhão rico; progresso e crescimento; ressentimento; verdadeira mudança; governo José Sarney; liberdade; escravidão; tronco; correntes; escolas; 50 anos; mentem; Cristo; perdão; IDH da China; culpa de Mao Tsé Tung; História; maldades; intranquilidade; medo; bandidos; terror; fogo em ônibus; greves; contra o ódio; contra o Maranhão; atrocidades; interesses ocultos; medo para angariar votos; Democracia em perigo.	

**APÊNDICE G – Programas eleitorais do candidato Lobão Filho (PMDB)  
veiculados no Horário Eleitoral Gratuito de TV**

Nº	Data	Pal.	Temas
309.	25/08	x	Face oculta; fracasso administrativo; religiosidade do candidato do PMDB
310.	27/08	x	Face oculta; esconde a verdade; discurso demagógico do comunista; população não ouve.
311.	01/09	x	Centro de exames; mentiras; aliados mentem; centro de exames funciona; fracasso administrativo; prefeitura de São Luís; inexperiência coloca estado em risco.
312.	03/09	x	Greve de ônibus; mudança não acontece; frustração; perigo; discurso demagógico; face oculta; prefeitura de Caxias; fracasso administrativo; caos municipal; perigo ao Estado; corrupção.
313.	05/09		Empresário gera oportunidade para todos; oposição não gera emprego.
314.	08/09	x	Fracasso administrativo; orações; fé; mudança não acontece; mentiras; frustração; herói que decepciona; “amigo do comunista”; aliados com más administtrações; perigo ao Estado. fracasso administrativo.
315.	10/09	x	Amigo dos comunistas; fracasso administrativo; discurso demagógico; só reclama; não tem atitude; eficiência para o empresário.
316.	12/09	x	Fracasso administrativo; prefeitura Crítica de Balsas; discurso demagógico; decepção; frustração; mudança não acontece; perigo ao estado.
317.	15/09	x	Fracasso administrativo; prefeitura de São Luís; caos administrativo; perigo ao Estado.
318.	22/09		Violência; terrorismo no ônibus; candidato tira proveito dos problemas do estado; discurso demagógico; experiências frustradas; guerra entre facções; irmão do comunista gerenciava estado quando a guerra começou; números falsos na Embratur; fracasso administrativo; política feita com ódio; rancoroso; sentimentos negativos.
319.	24/09	x	Vídeo de presidiário; comunista deve explicações; aproveita-se do caos e violência; comemoração dos incêndios; aliados sob suspeita; coincidências nos tumultos nas eleições; milicianos podem ajudar a candidatura; politsburg; imagens de ônibus queimados; tumultos sociais; face oculta; medo; política política; aparelhamento da Polícia Federal; adversários mantidos sob mira de armas.

<b>Nº</b>	<b>Data</b>	<b>Pal.</b>	<b>Temas</b>
320.	26/09		Mentir, fraudar, enganar, trair, adultera documentos oficiais; face oculta; engana eleitores; perigo; falta de confiabilidade.
321.	01/10		Comunistas atacam seu adversário; crimes contra a democracia; estranhas coincidências; violência; acusações infundadas; vídeo de preso de Pedrinhas forjado; incêndios nos ônibus trazem caos à cidade; interesses ocultos; ataque à família; falta de ética; honra; justiceiro; perseguição.

**APÊNDICE H – Programas eleitorais do candidato Flávio Dino (PCdoB) veiculados no Horário Eleitoral Gratuito de TV**

<b>Nº</b>	<b>Data</b>	<b>Pal.</b>	<b>Imaginário sobre o comunismo</b>
322.	20/08		Riqueza chega para poucos; distribuição de renda; inclusão social; futuro; honestidade; decência; justiça; trabalhador; foco no povo; fé; Deus; sem medo; sem ódio; mudança; virada de página; biografia: professor, advogado, juiz / Líder estudantil, advogado do trabalhador; Combate ao crime organizado, corrupção; ficha limpa; Vida de fé, justiça, honestidade e competência; imagem do papa Francisco.
323.	22/08		Repete biografia; bênçãos de Deus aos maranhenses; riqueza para todos; vida difícil dos mais pobres; mudança; honestidade; fim da corrupção no governo; sede de água e sede de justiça.
324.	25/08		Família; filho dá alegria para seus pais; Justiça e respeito; Igualdade de oportunidades; direito.
325.	27/08		Jornalismo nacional; escândalo do governo; crítica; Incêndios e presídios; licitação para alimentos do Palácio; Dinheiro público tratado com honestidade; Mão firme contra o crime; promessa de presídios seguros e humanizados; combate às drogas; segurança para todos; oportunidade para jovens.
326.	29/08		Repete biografia; homem democrático; novo ciclo pro Maranhão; cristão; indignação com a pobre e sofrimento; fé; religião; governo do Estado deve olhar para mais pobres; mudança de governo; político diferente; fazer justiça para milhões; fé em Deus; força do povo; derrubar monarquia; comparação com Inglaterra.
327.	01/09		Política para poucos; ostentação do atual governo; não cumpre as leis; monarquia deve ter a página virada; biografia; são perseguidos pelos donos do poder; população sofre; nova política é com governador amigo; homem de fé; Eliziane Gama.
328.	03/09		Governador que vai mudar a história do Maranhão; mudança; derrubada da monarquia; professor; Universidade pública; foco na educação; força do povo; novo grande líder; povo segue.
329.	05/09		Libertar o estado do domínio de duas famílias; independência do Maranhão; peça biográfica; palavra é único patrimônio; luta contra império; compromisso; emprego e renda.
330.	08/09		Competência; experiência; ficha limpa; vida na política; política levada a sério; ilha rebelde (referência à capital São Luís); fim da perseguição; Estado sem imperadores.
331.	08/09		Encontro com lideranças evangélicas; campanha "Sou cristão, voto Flavio Dino."; denúncias de corrupção no governo Roseana Sarney; Palácio dos Leões; suspeitas; mudança; fim da

Nº	Data	Pal.	Imaginário sobre o comunismo
			corrupção; mesmos sobrenomes; mesmas denúncias; mancha a história do Maranhão.
332.	10/09		Homem ético, que vai governar com justiça e honestidade; ficha limpa; biografia; competência; contra corrupção; dinheiro público levado a sério; criador da lei anti-nepotismo; propostas; mudança; Agricultor: "Aquele moço tem jeito de gente que tem compaixão pela pobreza. E eu faço apelo pro povo: vamos ter mudança."
333.	12/09		Jingle: Orações; mudança; ter fé; encontro com dona Maria; mãe de Jesus; novo líder; solidariedade; proximidade; coragem para mudar ; Monarquia, poder de pai pra filho; fé guia sua estrada; União de todos; virada de página do Estado; poder para todos. Liderança; contra concentração de poder; democracia; decência na administração pública; Maranhão de todos.
334.	15/09		Peça biográfica repete; dá orgulho para o estado; união de todos; trabalhadores; sindicatos; mudança; Flávio Dino esteve sempre com movimentos sociais; Dino firma compromisso com trabalhadores; repete valores de mudança.
335.	17/09		Riqueza de todos; a hora chegou; mudança; une o Estado; dialoga com empresários; propostas justas; contra desigualdade; ambiente institucional saudável; biografia; competência; justiça.
336.	19/09		Biografia - competência; combate às desigualdades sociais; concentração de riqueza para poucos; Maranhão de todos.
337.	22/09		Derrubada da monarquia; candidato é censurado por mídia de seus adversários; debate eleitoral; perigo de armações do grupo Sarney. Peça Reis Pacheco: grupo Sarney pratica armações para continuar no poder; atenção do eleitorado; Maranhão quer mudar.
338.	24/09		Dino sofre ataques; vídeo de carcereiro; montagem; vileza dos adversários; não dê ouvidos aos ataques. Paulo Abrão, ministério da Justiça, defende Dino e diz que ele está preparado para reverter a crise de segurança Mudança; história; virada de página; 50 anos cansou. Mais preparado; cuidar da segurança do Maranhão; juiz federal; combate ao crime e a corrupção; aplica a lei; Maranhão de paz e mais justiça social; Repete peça Reis Pacheco
339.	26/09		União pelo Maranhão; todos são líderes; mudança; vitória; Ataques dos adversários; grupo Sarney; história se repete; sempre existem ataques; não vai impedir a mudança; Dino alerta para vídeo falso; Repete jingle.

Nº	Data	Pal.	Imaginário sobre o comunismo
340.	29/09		<p>Monarquia; poder de pai para filho; povo excluído; mudança; coroa será do povo; libertar-se dos imperadores; caminho do diálogo; maior aliança; projeto conjunto; Maranhão de todos; combate às desigualdades; povo recebe a Coroa.</p> <p>Peça: Como se libertar desses imperadores?; Caminho do diálogo; fé; Pai nosso; comunhão; partilha; onda vermelha; tsunami da mudança; duas opções muito claras. Continuidade ou mudança.</p>
341.	01/10		<p>Repete peça Coroa e 'Como se libertar desses imperadores?'; recebe cartas do Maranhão; juntos; agradecimento; sensibilidade; proteção de Deus; lutar pela justiça e igualdade; mudança; riqueza de todos.</p>

## **APÊNDICE I - Transcrição da entrevista de Flávio Dino concedida à TV Mirante, edição das 19h**

Data: 22 de agosto de 2014

Sidney Pereira (SP): O estatuto do Partido Comunista do Brasil ele é muito claro, eu anotei, candidato, “os mandatos eletivos alcançados sobre a legenda do PCdoB pertencem ao coletivo partidário. A atuação dos comunistas está a serviço de um projeto político partidário,” segundo norma própria do comitê central. Isso significa que se o senhor for eleito, o senhor vai ter que submeter as suas decisões ao comitê central. Vai ser assim?

Flávio Dino (FD): Claro que não. Pelo contrário, na verdade o nosso mandato, se acontecer, que eu espero que aconteça, será de todos os maranhenses. Na verdade o nosso objetivo é fazer uma grande aliança, uma grande união em favor do Maranhão. O que o nosso estatuto diz é que os partidos políticos, que são garantidos e assegurados pela constituição, têm a sua importância na democracia, mas nenhum governador pode ser governador de um pequeno grupo, de uma família ou de um partido. Você tem que se governador de todos. E esse é o nosso compromisso. Garantir que a lei seja cumprida. O nosso programa é a nossa referência. E há um aspecto muito importante. Eu não sou candidato de 1 partido, eu sou candidato de 9 partidos.

SP: E na hora que o senhor preencheu a ficha de filiação, o senhor não assumiu esse compromisso com o partido?

FD: Sim, eu tenho compromissos que são acima de tudo com a minha consciência, com o povo do Maranhão, com o programa partidário e com o programa político. Na verdade você não pode é acusar os partidos de serem contrários à democracia. Pelo contrário, não há democracia sem partidos fortes e eu tenho muito orgulho de pertencer a 1 partido e ser candidato por 9 partidos.

SP: Ainda segundo o estatuto do partido, ele deixa muito claro que os comunistas visam a conquista do poder pelo proletariado e seus aliados, e tem como objetivo superior o comunismo. Se o senhor for eleito, o senhor vai implantar o comunismo no Maranhão?

FD: Sidney, isso implicaria em revogar a constituição e todas as leis brasileiras, e nenhum governador pode fazer isso. Realmente a pergunta parte de uma premissa segundo a qual o Maranhão seria algo contrário à constituição e às

leis. Meu compromisso, a minha vida toda, é cumprir a constituição e as leis e assim vai ser feito. Eu sou um democrata. O meu partido defendeu a democracia. E eu não entendo. Sidney, porque tanto perseguição, que tem inclusive um sabor de ditadura militar. Eu acho que esse tempo passou. A ditadura faz 50 anos, o nosso partido foi legalizado há 30 e causa-se muita estranheza ao Brasil e ao Maranhão tanta perseguição e tanto ódio a um partido que serve ao Brasil.

SP: Aquilo que o senhor entende como perseguição na verdade é uma intenção de fazer com que o eleitor conheça o candidato bem o candidato em que ele vai votar.

Amanda Couto (AC): Candidato, o senhor já esteve no palanque, aqui no Maranhão, de Eduardo Campos, também de Aécio Neves, e já foram divulgadas fotos do senhor ao lado de Dilma. Isso não confunde o eleitor? Quer dizer que numa campanha vale qualquer tipo de apoio? É isso?

FD: Não, inclusive você viu as fotos, Amanda, porque todas as minhas alianças são públicas. O que confunde é você dizer uma coisa e fazer outra. E eu tenho muito orgulho de ser um candidato com uma aliança ampla. Porque esse momento do Maranhão fazer a virada de página, derrotar esse império oligárquico que está aí há 50 anos, exige uma aliança ampla. Então nós estamos reunindo partidos que apoiam a Dilma, que apoiam o Aécio, que apoiam a Marina hoje, e eu tenho muita alegria de receber a todos.

AC: Como seria um governo com tantos princípios partidários diferentes?

FD: Com o nosso programa que está registrado na Justiça Eleitoral, com os compromissos que eu assumi com a população, porque essa é a nossa referência, nós estamos propondo um programa. 9 partidos concordam com esse programa. A maioria do povo concordando, é claro que esse programa vai ser cumprido.

AC: O PCdoB sempre apoiou Lula, sempre apoiou Dilma, só que esse ano, né, o PT apoia o PMDB. O senhor tinha alguma expectativa diferente em relação a isso?

FD: Pra nós, o PT nos apoia. Porque a maioria do PT está conosco em todos os municípios do Maranhão e por isso eu tenho muito alegria de, entre esses partidos que me apoiam, ter a maioria do PT no nosso estado, que defende o trabalhador e a democracia, e por isso o PT não pode estar ao lado de um regime oligárquico tão contrário aos interesses da população maranhense.

AC: Candidato, o uso da imagem do ex-governador de Pernambuco, Eduardo Campos, na sua campanha, passando no horário político gratuito eleitoral, podia ser considerado como apelação? Ser visto como apelativo pelos eleitores?

FD: Seria na verdade de estranhar se nós não usássemos, porque o Eduardo era meu amigo, companheiro, meu aliado. Tenho muito orgulho de ter tido ele no nosso palanque e nós fizemos uma homenagem justa a ele e à família como democratas e por solidariedade a ele e ao partido que nos apoia.

SP: Candidato, eu tive o cuidado de dar uma olhada no seu programa de governo, lá o senhor propõe em algum momento que vai implantar uma rede solidária em parceria com as igrejas. Como comunista, como é que o senhor pretende convencer por exemplo a igreja católica, os católicos a votar no senhor e apoiar esse projeto?

FD: Primeiro que o estado é laico, na verdade a religião não se confunde com a política e eu sou católico, por isso talvez seja mais fácil até convencer todos os católicos e sou cristão, por isso que há tantos evangélicos do nosso lado. Tenho muita alegria e tenho muito orgulho de ter milhares, milhões de militantes das várias igrejas ao nosso lado, e por isso mesmo nós estamos propondo uma grande parceria na campanha e pra governar, fazer programas sociais, políticas sociais de combate às drogas, políticas sociais visando o combate ao analfabetismo. As igrejas têm e terão um grande papel no nosso governo.

SP: Então é bom esclarecer, né, que a partir do momento que se é comunista fica idéia de que não é bem assim.

FD: Eu sugiro a você, Sidney, a ler o livro do Ato dos Apóstolos, capítulo 4, versículo 32, que lá há uma boa definição do modo de vida dos cristãos e como quem é comunista defende a comunhão, defende a comunidade e é contrário ao império do dinheiro, da ditadura do dinheiro. Então é um bom caminho você ver que é possível sim, como eu tenho a alegria de ser comunista, cristão, maranhense e brasileiro.

SP: Candidato, eu quero que a gente aproveite os 30 segundos restantes para que o senhor fale dos seus projetos prioritários caso seja eleito.

FD: Governar com justiça, com decência, combater a corrupção, revogar esse acordo imoral entre o governo do estado, garantir que o dinheiro público seja aplicado em favor das políticas sociais, virar a página do passado, romper com

o coronelismo e garantir o momento, um ciclo de prosperidade, movimento para todos. Governar com todos para todos em favor do Maranhão.

Fonte: <http://g1.globo.com/ma/maranhao/jmtv-2edicao/videos/t/edicoes/v/flavio-dino-e-o-entrevistado-do-jmtv-2-edicao-desta-sexta-feira/3581850/>

## **APÊNDICE J - Transcrição da entrevista de Flávio Dino concedida à TV Mirante, edição das 12h**

Data: 16 de setembro de 2014

Sidney Pereira (SP): Boa tarde, candidato.

Flávio Dino (FD): Boa tarde, Sidney. É um prazer falar com você. Quero cumprimentar toda a equipe da TV Mirante, cumprimentar, sobretudo, os telespectadores que nos assistem em suas casas.

SP: O tempo da nossa entrevista começa a contar a partir de agora. O senhor diz que o primeiro passo pra implantar uma política moderna e mudar o governo, é mudar o governo e o jeito de governar. Uma mudança de nomes, uma mudança de partidos e de grupos e compôs, pra isso, a frente da mudança. Só que esse frente, ela vem composta de ex-governadores, ex-prefeitos. Isso não pressupõe que a sua candidatura não significa uma mudança tão grande assim, candidato?

FD: A minha candidatura representa o sentimento do povo do Maranhão que não quer mais 50 anos do domínio do mesmo grupo político e esse é um sentimento muito claro porque acabamos de ver aqui agora, antes da entrevista, notícias bárbaras. Corrupção envolvendo tribunal, envolvendo penitenciária, um policial foi assassinado. Esse é o sentido da mudança. Melhorar a vida das pessoas. Nós não podemos mais aceitar que um estado tão rico continue com os piores indicadores sociais do Brasil. E nós reunimos todas aquelas que têm um compromisso com o programa de governo, que foi construído no movimento chamado “Diálogos Pelo Maranhão”, e nós estamos de braços abertos, aceitando a participação de todos que têm compromisso com este programa. E esse programa é um programa de transformações muito nítidas a partir do compromisso de fazer um governo honesto, um governo justo, um governo com políticas sociais e um governo que coloque o Maranhão na direção certa. Todos são bem-vindos. Não me cabe julgar o passado, não sou juiz do passado. Eu sou um líder político que pretende ajudar o Maranhão a viver um outro ciclo. Por isso mesmo nós temos um compromisso, daqui por diante, com esse programa de transformações que está publicado na internet e este é o pacto que nós estamos propondo para a sociedade.

SP: Por falar em compromisso, no seu governo vai haver uma cota partidária? Como é que o senhor pretende acomodar esses interesses num eventual governo do senhor?

FD: Não existe hospital sem médicos, sem profissionais da saúde, escola sem professor, não existe democracia sem partidos. E isso vale para todos os países do mundo de modo que, claro, nós teremos filiados a partidos políticos, nós teremos pessoas sem partido político, teremos pessoas vinculadas às igrejas e há um compromisso, Sidney, fundamental que eu quero aqui sublinhar. Nós teremos pessoas de todas as regiões do Maranhão. Nós vamos garantir que no primeiro escalão haja pessoas oriundas de várias experiências, pessoas que tenham formação técnica e a visão política e social que nós estamos defendendo, e pessoas que venham de várias regiões, do sul do Maranhão, da Baixada, do leste, do oeste, da região Tocantina, do Alto Turi, dos Lençóis, do Munim, enfim, da região central do Maranhão, do Vale do Itapecuru, do Mearim, do Maranhão inteiro, litoral ocidental, da ilha, é claro, pra garantir uma equipe que conheça o Maranhão de verdade.

Junior Albuquerque (JA): Candidato, o senhor, no seu plano de governo, elencou aqui uma coisa interessante, ao meu ponto de vista, de lhe perguntar. O senhor vai garantir água e banheiro de todos os maranhenses e, segundo o Atlas do Desenvolvimento, metade da população maranhense vive sem água potável, sem água encanada e sem banheiro. Como que o senhor pretende desenvolver isso para que todos os maranhenses usufruam de água potável em casa e de um banheiro para suas necessidades?

FD: Esse é um compromisso fundamental porque isso é algo que me dói muito, que me indigna muito, essa injustiça. Há um racionamento de água permanente no Maranhão. Imagine você, uma pessoa, uma senhora, que eu já conversei com várias que passaram a vida inteira carregando água na cabeça. Então nós precisamos de fato enfrentar essa questão. Nós temos um programa chamado “Água Para Todos” que vai ser implementado ainda com mais força no Maranhão a partir da nossa presença no governo do estado, que é um programa do governo federal. Nós vamos usar a Codevasf para isso, que é uma empresa do governo federal que hoje atua no Maranhão em razão de uma lei, que foi proposta pelo deputado Carlos Brandão, meu candidato a vice-governador. Foi aprovada no congresso de modo que nós vamos em primeiro lugar com os recursos da

Codevasf. E segundo lugar, nós vamos sanear a CAEMA, garantindo que ela seja uma empresa pública eficiente e competente, porque as pessoas pagam, é importante lembrar isso. E nós vamos além daquilo que o cidadão paga para ter um serviço que não tem, nós vamos aportar recursos orçamentários estaduais e fazer parcerias com os municípios. E nós vamos cumprir essa meta, é importante você lembrar isso porque nós vamos cumprir essa meta. Até 2018 as pessoas vão ter água em casa.

JA: Hoje, candidato, o que se vê nas ruas da capital é que falta água constantemente e daí, levar essa água e levar esse interesse da sua candidatura em que o povo maranhense tenha abastecimento de água, é possível fazer isso em curto, médio ou longo prazo, candidato?

FD: Nós temos planos pra isso, se o povo me der a honra de governar o Maranhão. Nós vamos fazer as obras que são necessárias. O ITALUÍS 2 já devia ter ocorrido. Infelizmente houve problemas na licitação, de corrupção, e aí o Tribunal de Contas da União suspendeu a licitação alguns anos atrás. Nós precisamos concluir o ITALUÍS 2, no caso de São Luís, e fazer um sistema eficiente no estado todo. Nós temos ricos rios perenes no Maranhão inteiro e essa vai ser a fonte, além, obviamente, das fontes subterrâneas, de poços, e nós vamos garantir esse compromisso que é básico, que é fundamental. Isso é um direito das pessoas.

SP: Candidato, na campanha para prefeito em 2012 o senhor pediu votos e esteve no palanque com o prefeito Edivaldo Holanda Junior. Agora na campanha a gente não vê o prefeito fazendo pedido de voto pro senhor com tanta ênfase. Há uma tentativa de descolamento do seu nome da administração municipal de São Luís?

FD: Eu, ontem mesmo, estive a noite com evento com o prefeito Edivaldo dizendo: "Oh vereadores, todos os prefeitos que me apoiam estão participando da campanha porque sabem do meu compromisso de cuidar das cidades."

SP: Mas esse voto ainda não foi público, assim, a gente não viu a presença do prefeito ainda no programa eleitoral, no palanque com o senhor.

FD: Ele tem estado comigo em vários eventos, não só ele, como todos os prefeitos. Eu quero aproveitar e mandar uma mensagem a todos os prefeitos do Maranhão. Todos os 217 que me apoiam ou não. Nós vamos fazer parceria com todos. Nós vamos pôr fim a essa política atrasada da perseguição, do ódio e do

medo, em que apenas os prefeitos que seguem a orientação do Palácio dos Leões conseguem ser apoiados. Eu vou ser o governador parceiro de São Luís, tenho muito orgulho disso. Anuncio a toda população de São Luís que comigo no governo nós vamos cuidar do Socorrão, cuidar dos buracos nas ruas, do transporte na cidade. Apoiar a prefeitura de São Luís é apoiar todas as prefeituras do Maranhão. Seja aquelas que estão me apoiando, seja aquelas que não estão me apoiando, porque essa é a política democrática moderna que nós representamos.

SP: No recente encontro do senhor com empresários do Maranhão, o senhor fez um comentário sobre um estudo feita pela revista britânica, The Economist, que mostrava o Maranhão como penúltimo estado no ranking dos negócios e o senhor disse, aí eu abro aspas, que: “precisamos implantar o capitalismo no Maranhão.” Como é que seria o capitalismo no governo do PSTU? Desculpa, do PCdoB. Do Partido Comunista.

FD: No caso, o que nós pretendemos é garantir que os empresários sejam respeitados, que nós vamos pôr fim a essa política da propina, do pedágio, da corrupção, das empresas que são protegidas pelo governo do estado, por essas duas ou três famílias que acham que são donas do Maranhão. Quando eu me referi na FIEMA a esse compromisso é exatamente garantir o quê? Que todos os empresários que têm competência, que invistam, que acreditam no Maranhão, podem ter certeza que no nosso governo ninguém vai ser perseguido e podem ter certeza que no meu governo não vai existir empresa da minha família fazendo negócios com o governo. E isso se chama capitalismo. Ou seja, garantir a livre concorrência e quem investe pode investir com segurança e gerar emprego pros maranhenses.

SP: O senhor prometeu que vai criar o Conselho Empresarial do Maranhão para ouvir mais as sugestões dos empresários. Como é que vai ser, por exemplo, a convivência desse conselho com outro conselho que o senhor também promete criar, que é o Conselho dos Direitos, que seria uma espécie de, teria mais um controle social do governo?

FD: Os conselhos de direito na verdade já existem, é uma determinação da Constituição Federal, da constituição do estado do Maranhão, de várias leis. O que nós vamos fazer em relação aos conselhos de direitos, por exemplo, menciono aqui o da criança, ou do idoso, nós vamos valorizar esses conselhos

que estão precisando de uma liderança que faça com que eles cumpram ainda mais o seu papel de ajudar na implementação de políticas sociais. Desde os conselhos tutelares, até os conselhos de direitos. O Conselho Empresarial é uma instância consultiva com as entidades representativas dos empresários do campo e da cidade para garantir exatamente o que eu disse a pouco. Que nós tenhamos investimentos e que os empresários saibam que eles podem acreditar no Maranhão, porque nós precisamos de parcerias com o setor privado para gerar emprego e renda para os maranhenses, de modo que nós queremos um regime baseado na transparência, na honestidade e no diálogo, que toda a minha vida foi feito assim.

SP: O senhor foi candidato a prefeito de São Luís em 2008, foi derrotado pelo então governador João Castelo, hoje um aliado do senhor, em 2010 o senhor foi candidato a governador, outra vez não foi eleito. Por que que o senhor acha que dessa vez o eleitor vai votar no senhor?

FD: Essa é uma decisão do povo, da sociedade, nós estamos pedindo uma oportunidade, uma chance com toda humildade, o povo e a sociedade decidiram o que acharam melhor em 2008 e 2010, cabe-nos aceitar e agora acreditar que a nossa proposta, a visão que a gente tem de que o Maranhão tem que caminhar na direção correta, vai ser acolhida pelos maranhenses. Aproveito exatamente para fazer esse pedido, que a oportunidade que eu não tive agora me seja dada pra que eu possa governar o Maranhão.

SP: Candidato, então vamos aproveitar, portanto, esse 1 minuto e 30 que nós temos para que o senhor fale daquele que será o grande projeto do senhor, caso o senhor seja eleito governador do Maranhão.

FD: Em primeiro lugar, nós precisamos tirar o Maranhão das páginas policiais. Me dói muito ver esse escândalo recente do diretor da Petrobras, que foi preso, e denunciou a senhora governadora Roseana Sarney e o ministro Edison Lobão como participantes de uma quadrilha que estavam desviando recursos públicos. Nós não queremos mais o Maranhão em escândalos. Então o meu primeiro compromisso é fazer um governo honesto com um governante honesto, que combata a corrupção para garantir exatamente que toda a população possa ter ainda mais orgulho de ser maranhense. Quero também assumir o compromisso de garantir que os recursos públicos, a partir desse compromisso de honestidade, vão ser aplicados nas necessidades reais dos maranhenses. Nós

precisamos sim aumentar o número de policiais. Nós temos que acabar com essas facções criminosas, tomando conta das ruas, dos municípios, o crescimento do tráfico de drogas, e pra isso precisamos de mais polícia. Cuidar da saúde, garantindo o tratamento dos profissionais de saúde pra que eles possam servir bem a população. Cuidar da educação, das políticas sociais. É assim que a gente vai governar. Com seriedade, com responsabilidade e acreditando no Maranhão. Peço uma chance, uma oportunidade, conto com todos. Flávio Dino 65.

SP: Candidato, muito obrigado pela presença do senhor aqui conosco.

Fonte: <http://g1.globo.com/ma/maranhao/eleicoes/2014/videos/t/todos-os-videos/v/flavio-dino-e-entrevistado-no-jmtv-1-edicao/3633274/>

## **APÊNDICE L - Transcrição da entrevista concedida por Lobão Filho à TV Mirante, edição das 12h**

Data: 22 de setembro de 2014

Sidney Pereira (SP): Boa tarde, candidato.

Lobão Filho (LF): Boa tarde.

SP: O tempo da nossa entrevista começa a ser contado a partir de agora. O seu pai, o ministro Edison Lobão, ele foi citado pelo ex-diretor de refino da Petrobras, Paulo Roberto Costa, que está preso, de ser beneficiário de um mega esquema de corrupção na companhia. O ministro Lobão negou. De que modo isso compromete a sua candidatura, deputado?

LF: Bom, em primeiro lugar, uma revista de circulação nacional disse que houve excitação. A gente não tem nenhuma comprovação de que isso efetivamente aconteceu e em que contexto aconteceu. O que eu posso dizer a você é que, em 40 anos de vida pública, meu pai jamais se envolveu nesse tipo de acordo, nesse tipo de evento. Tenho a segurança, já tenho dito a todos que, estando comprovada qualquer participação dele num evento como esse, eu renunciaria a todos os meus mandatos, né? Mandato de senador, mandato de governador, sem pestanejar, tal a firmeza e convicção que tenho de que meu pai não tem isso corroborado pela história de vida dele, não tem a menor condição de estar envolvido num negócio como esse. Essas coisas precisam ser investigadas, é preciso ter muita seriedade, responsabilidade no trato com informações como essas. É preciso ter responsabilidade quando se veicula. Isso é óbvio, afetou a minha eleição, mas nós estamos para que esse efeito seja minorado. O tempo é pouco. Temos convicção de que há possibilidade real de vitória e as nossas propostas são muito melhores do que as propostas do concorrente...

SP: Candidato.

LF: O que nos dá a certeza de que estamos no caminho certo.

SP: O senhor foi acusado recentemente, pela oposição, de ter alugado, pro governo do estado, um prédio, um condomínio que o senhor não conseguiu vender e durante muito tempo. Mesmo com esse prédio fechado, o senhor teria recebido aluguel. Isso realmente aconteceu? Se isso aconteceu, foi ético da sua parte?

LF: Sidney, deixa eu dizer uma coisa a você. Primeiro, o que a oposição fala... Fala tanta besteira e tanta mentira o dia inteiro que não muda nada. Mas esse episódio do prédio é bom esclarecer. Foi alugado um prédio meu, um prédio grande em uma avenida de alta circulação para a secretaria de saúde. Esse prédio teve que ser readaptado para poder servir aos objetivos da secretaria de educação.

SP: Mas durante essa readaptação, o senhor recebia pelo aluguel dele?

LF: Mas é óbvio. Se o prédio foi entregue para uso e ele vai ser readaptado por interesse de quem está locando, é óbvio que esse tempo corre e corre sendo remunerado.

Junior Albuquerque (JA): Candidato.

LF: Deixa só eu terminar de explicar...

JA: Pois não.

LF: Nesse episódio, é um negócio comercial inteiramente razoável, com valores razoáveis, nada de absurdo. Mas eu tenho dito a quem fez a acusação que deveria explicar melhor é o fato de ele ter desviado CGU 1,7 milhão e está sendo compelido a devolver o dinheiro em horário público. Aí sim é má gestão. Então eu digo ao mesmo que acusou: o meu negócio foi um negócio comercial feito a preço de mercado e ninguém me compeliu judicialmente a devolver o dinheiro. Ele, no entanto, foi compelido pela CGU a devolver o recurso de quase 2 milhões de reais.

JA: Candidato, eu queria falar com o senhor sobre o sistema prisional. E daí, uma das metas do seu plano de governo é a construção de novos presídios e a ressocialização. É prioridade pensar em ressocializar antes mesmo de socializar por exemplo um menor infrator.

LF: Isso tá no contexto da PAN que diz o seguinte. Você tem que inserir isso no contexto geral, né? No PAN da segurança a gente entende que temos que fazer presídios agrícolas, longe dos centros urbanos. Toda essa confusão que São Luís tá vivendo apenas corrobora tudo o que eu disse desde o princípio. Eu disse desde o princípio que tinha que tirar o presídio de Pedrinhas de dentro de São Luís e colocá-lo o mais distante possível da capital do nosso estado. E, como consequência, os presídios a serem substituídos, que serão, que substituirão esses que existem hoje já terão como foco o trabalho do preso. Não pode haver uma ressocialização maior do que essa, dando um 'abor' ao preso que está ali

confinado o dia inteiro para que ele possa, inclusive, se sentir inserido na sociedade. Então uma coisa é consequência da outra. E aí não se fala com prioridade. É óbvio que a prioridade está na educação dos nossos jovens, está nas escolas, está no momento de evitar através do esporte, por exemplo, através da cultura, de evitar que aquele menor possa ter um direcionamento na sua vida que não seja o melhor.

SP: Candidato, o senhor é do PMDB. De algum modo o senhor não se sente responsável por essa crise que tá aí no sistema carcerário? No fim de semana, por exemplo, explodiu mais uma ação violenta na capital.

LF: Sidney, responsável seria todos aqueles que participam das ações, das medidas, das decisões de governo. Estes são os responsáveis. Fazer parte de um grupo político não lhe torna co-responsável a nada. Agora, quero dizer uma coisa. Vamos dizer que você quer falar sobre esse evento e eu acho importante. São Luís está em estado de pânico. Eu considero que é anormal, não acho normal, que isso ocorra há duas semanas da eleição. Eu tenho convicção de que isso tem origem político-eleitoral-partidária. Não é normal. Bandidos, eu assistir a entrevista agora, a sua reportagem, onde bandidos invadem uma loja de carros e tocam fogo no carro. Eles não foram lá para roubar o carro. Foram lá para tocar fogo no carro. Bandidos entram na fachada do fórum de Paço do Lumiar e detonam diversos tiros contra a fachada. Isso é ato de terrorismo.

SP: Uma vez eleito, qual seria a primeira medida que o senhor tomaria para resolver esse problema?

LF: Só deixa eu terminar essa minha concepção. Tocar fogo em ônibus é ato de terrorismo, ou seja, há um movimento organizado certamente gerado de dentro do presídio e é preciso que se investigue as razões. É preciso que a Polícia Federal entre no assunto, é preciso que a inteligência da Polícia Civil entre no assunto, que o Ministério Público entre, para achar as verdadeiras ações e motivações dessa situação que São Luís está vivendo.

SP: Candidato, me permita então voltar, tocar num outro assunto. O programa de governo do senhor incluiu 40 municípios entre os mais pobres do estado. Segundo a ONU, 3 milhões e 400 mil pessoas não têm o que comer no Brasil. 1 milhão de maranhenses hoje dependem do bolsa família, tá certo? E que essa é uma das maiores proporções de pobres no país. Se o senhor for eleito, qual é... Como é que o senhor pretende resolver isso?

LF: Sidney, em primeiro lugar eu quero fazer defesa do programa Bolsa Família. Eu, no início dessa campanha, num município, acusei o PSDB de que o PSDB, pelas declarações que havia dado antes, iria terminar o Bolsa Família. Aécio Neves me processou no Supremo Tribunal Federal e eu respondo processo por conta dessa acusação que fiz ao PSDB. Eu faço parte de um grupo que o Bolsa Família, que é o PT, que está coligado comigo, e entendo que o Bolsa Família foi algo revolucionário dentro da sociedade maranhense, criando uma massa de consumidores que antes não existia, tirando a massa de brasileiros da faixa da pobreza absoluta. Então, precisamos, de qualquer forma, fazer com que a população possa depender cada vez menos do Bolsa Família, gerando oportunidades de trabalho e aí, através do programa de aceleração do Maranhão, nós vamos fazer sim a inserção do cidadão dentro do meio econômico do estado. Faremos através da agricultura, agricultura cooperativada, familiar cooperativada, através da agroindústria, da pecuária, faremos através do mel, faremos através da piscicultura, da indústria, movimentando a economia.

SP: O senhor lembra que o senhor fez parte da criação desse programa. No entanto, ainda existem pessoas precisando ser incorporadas ao modelo econômico do estado. O que que faz acreditar que o eleitor, dessa vez, vai achar que o senhor, se eleito, dessa vez vai realmente fazer isso? Incluir mais pessoas nesse programa.

LF: Sidney, essa é a minha vocação. Aí é que está a diferença entre as candidaturas. É preciso que o eleitor saiba disso. A diferença está em um empreendedor que está acostumado a gerar empregos, está acostumado a fazer as coisas acontecerem, e o outro candidato que é um meramente afeito ao discurso, à crítica, onde não tem experiência nenhuma de gestão de nada, nunca gerou um emprego, que adota como postura a crítica ao modelo que aí está, sendo que deste modelo que está, metade do modelo o apoia. Então, eu tenho a convicção de que eu sou o candidato preparado pra fazer esses empregos acontecerem.

JA: Candidato, antes que a gente termine com o tempo. Já está se esgotando. Eu gostaria que o senhor falasse sobre o programa que o senhor chama de “Nova Casa, Novo Lar.” É um aprimoramento do programa federal “Minha Casa, Minha Vida”? E como garantir tijolos, água e energia para as famílias que moram

em casebres de palha, que o senhor pretende tirar da palha e do que o senhor chama de taipa?

LF: O termo taipa é um termo muito comumente usado no Maranhão. É preciso, diferente da proposta do outro que diz que vai construir 200 mil casas que custariam 2 bilhões de reais, que o Maranhão não tem nem em 30 anos, é preciso que o Maranhão tenha sim condições de acabar com as casas de taipa.

SP: Candidato, por favor, eu quero aproveitar esse 1 minuto e 30 que nós temos para que o senhor defenda a sua candidatura. Por favor.

LF: Então eu não respondo mais ele não?

SP: Não, por favor.

LF: Eu quero dizer a você, meu amigo e minha amiga que nos assiste, de que eu tenho esperança de construir um Maranhão melhor, diferente do Maranhão da crítica, diferente do Maranhão do discurso vazio. Sou um homem preparado para fazer o que precisa ser feito. Com a segurança, por exemplo, e a autoridade para que eventos como esse da segurança em São Luís hoje não ocorram no governo Lobão. Nós temos convicção de que é chegada a hora do Maranhão seguir para frente, tendo um olhar para o seu futuro e não para o seu passado. Eu tenho a fé em Deus de que o momento do Maranhão, através do governo Edison Lobão, será um momento de felicidade para a sociedade maranhense. Geração de emprego, de oportunidade, de justiça social, de crescimento econômico do nosso estado. Eu estou voltado nesse sentido, com esse objetivo, de fazer um governo histórico dentro do estado do Maranhão. Um governo que possa dar orgulho a todos os maranhenses e que transforme o estado do Maranhão no celeiro de alimentos do Brasil, que transforme o estado do Maranhão em um motivo de orgulho para todos os outros estados da federação. Esta é a minha proposição e o meu propósito de vida a que eu submeto você, meu amigo e minha amiga.

SP: Candidato, muito obrigado pela presença do senhor aqui conosco. Está encerrada a segunda rodada de entrevistas na TV Mirante com os 6 candidatos ao governo do estado. No dia 30 será realizado o debate com participação dos candidatos de partidos que têm representação no Congresso Nacional.

Fonte: <http://g1.globo.com/ma/maranhao/jmtv-1edicao/videos/t/edicoes/v/lobao-filho-e-entrevistado-no-jmtv-1-edicao/3645583/>